

Vinícius Tadeu
Egrégora

REVELAÇÕES

TRILOGIA
VOLUME I

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

FICÇÃO ESPÍRITA

O Egrégora

Revelações

Vinícius Tadeu

CAPÍTULO 1

“Merda, só me faltava isso!”

O palavreado chulo empregado tanto podia ser com relação ao tempo chuvoso, ou à decepção de não estar onde pretendia; ou aos dois juntos.

“Isso lá é hora de estar num lugar desses.” Se bem que eu não sabia que horas eram e nem que lugar era aquele. De fato, o tempo estava ruim demais, não era uma simples garoa, era uma chuva fina, constante, que não chegava a atrapalhar a visão, mas incomodava muito.

“Ainda bem que não tem trovões e relâmpagos!” constatei examinando o céu escuro. “*Meno male*” completei, como se isso fosse ajudar em alguma coisa.

Ali, parado no meio da rua vi um carro se aproximando em alta velocidade “Esse corno vai acabar atropelando alguém.” O carro passou ao meu lado, a menos de um metro, fazendo com que os pneus jogassem água para os lados, e prosseguiu seu caminho até sumir no final da rua ou ser encoberto pela cortina de chuva “Esse bosta deve estar nuns cem por hora.”

Mesmo de relance pude notar que era um carro velho, daqueles caindo aos pedaços, que ninguém consegue imaginar como as autoridades permitem transitar.

“Devia estar prensado como sucata!”

Como se meu comentário fosse mudar alguma coisa. E, naquele momento, nem era isso que importava, só tinha me distraído por alguns instantes.

“O que estou fazendo aqui?” Fiz essa pergunta mesmo sabendo que não havia ninguém para responder, até porque não via viva alma. E mesmo que tivesse, só faltava essa, abordar alguém e perguntar:

“Por favor, poderia dizer onde estou?” Àquelas horas da madrugada, calculei umas três horas, no máximo me tomariam por louco e saíam correndo. Isso se fosse possível fazer a pergunta e eu sabia que não era. Tinha que me virar por mim mesmo, não havia outro meio. Não consegui evitar certo sorriso com aquela idiotice.

“Pareço um bêbado acordando com a chuva gelada!”
O certo é que não me diferenciava muito de um. Questionar onde estava e o que fazia num lugar era coisa de bêbado, drogado ou louco. “Quem sabe eu não seja um pouco dos três.”

Essa dúvida sempre me assolava e não pude evitar novo sorriso e uma gargalhada a seguir.

“Acho melhor bêbado... basta água fria para curar.”
Voltei a ficar sério.

“Tem que haver alguma coisa aqui? Quase sempre tem!” Questionei e respondi a um só tempo, e passei a prestar mais atenção à minha volta, enquanto pensava que os normais sabem onde estão e o que fazem em determinado lugar.

“Ao menos deviam saber!”

Saí do meio da rua para a calçada mais próxima. Do outro lado, reparei que um rapaz vinha vindo cobrindo a cabeça com um já encharcado capuz. Mantinha os dois braços cruzados contra o peito, um sinal claro que sentia o frio provocado pela chuva no corpo já molhado. “*Seria ótimo fazer o teste e perguntar. Como se isso fosse possível.*” Pensei novamente, embora sabendo que era totalmente impossível, mesmo assim voltei a concluir que seria interessante. “*Ainda bem que não posso, ia matar o rapaz de susto.*” Cheguei à conclusão que era mesmo melhor assim.

Ele caminhava ligeiro, quase correndo, com certeza querendo chegar rápido ao seu destino ou, ainda, estava apenas com medo da rua deserta; sequer olhava para os lados. “*A gente não devia ter medo de ruas desertas,*” pensei; “*as com gente é que são perigosas... principalmente as com gente com carros.*” Ou, pior, “*As com gentes bêbadas dirigindo carros.*” Cheguei a esboçar um sorrisinho quando me veio em mente “*Ao menos em situações normais.*”

Enquanto acompanhava o caminhar do rapaz, não pude evitar que me passasse em pensamento que: se referir-me a gentes bêbadas, estava certo ou errado?

Isso me fez lembrar um idiota, metido a letrado, que, certa vez, fez desfeita a uma chegada minha criticando o uso da frase “A gente vamos”, repeti de propósito.

Não pude deixar de lembrar que esse mesmo idiota trancou a esposa nua no hall do elevador e até hoje deve pensar que

ninguém sabe ou que ninguém viu, mas provavelmente por ironia do destino eu estava lá.

Fiquei pensando o que era mais grave, usar um coloquial muito utilizado pelos jovens na linguagem informal ou fazer um papel daqueles com a esposa; além do mais, na linguagem informal o termo existe e é comum, independente de aceitarmos ou não. Mesmo que não deixe de soar estranho quando dito, tal qual quando, de forma contrária, se grita Boca de Álcool ao invés do tradicional *Boca de Arcoo*.

“*Boca de álcoolll*” eu repeti mentalmente a pronúncia, “*Boca de arcoooo*”, acompanhei comparativamente. Após repetir por duas vezes, continuei achando estranha a primeira frase; mesmo que correta. “*A segunda soa mais natural.*” Confirmei em pensamento.

“*Boca de arcoooooo*” Gritei. Sempre chegando à conclusão que, nesses casos, devemos encarar como um apelido do nome; ou do termo correto, para quem preferir.

Até eu estranhei estar com esses pensamentos nessas horas. Mas, também, eu não tinha nada melhor prá fazer ou pensar. Tentei voltar à minha missão, sempre encarava isso como uma; talvez com o propósito de não enlouquecer de vez.

“*Pode ser também minha sina.*” Como sempre, resolvi aceitar, deixar prá lá e concentrar a atenção ao que acontecia à minha volta e ao que existia naquele lugar; já estava me acostumando a não ter o que fazer nesses casos.

O rapaz dobrou a esquina a sua direita e eu voltei a concentrar naquilo que estava fazendo antes; tentar achar alguma coisa que indicasse ou, ao menos, me desse uma noção do que estava fazendo naquele lugar e àquela hora. Não era um apagão mental, mas soava como se fosse um.

Houve um tempo em que achava importante saber onde eu estava, mas depois de ter perdido muitas das vezes tempo demais tentando descobrir o nome de uma rua, pois quase sempre não se encontra placa por perto, vi que não adiantava nada. A placa, quando a encontrava, não trazia o nome do bairro.

O que adianta saber que é a Rua José ou a Rua João quando não se sabe onde ela fica. Não faz a menor diferença, muitas vezes nem para a atendente do guincho que tem o guia

eletrônico de ruas à disposição. Carro quebrado, à noite, em dia de chuva; melhor ter um GPS e torcer para que a rua conste do arquivo ou encarar a chuva até achar um ponto de referência.

Não consegui novamente evitar pensar e me comparar a um bêbado que acorda numa praça qualquer. E, enquanto olhava para um lado e para outro, não pude evitar lembrar e rir da piada do elevador: quando o ascensorista pergunta qual o andar e a pessoa já errou o prédio. “Porque nos dois casos não tem qualquer importância!” Era a óbvia conclusão. Também para o bêbado de nada iria adiantar saber que praça é aquela, se não souber em qual cidade desceu do trem.

“No meu caso seria importante primeiro saber qual era a cidade.” Podia parecer brincadeira, mas não era.

“Pelo menos estou no Brasil!”, deduzi por alguns letreiros e propagandas.

“Ao menos não estou totalmente perdido!”

Não pude evitar o riso quando completei minha idéia de mudança na sinalização de ruas “E porque não acrescentar também o país...” em alguns casos, não nesse, poderia mesmo ser importante. Por isso eu não me importava que rua fosse aquela ou onde estava; era indiferente.

A única pergunta, não poucas das vezes sem qualquer resposta, era o que eu estava fazendo em determinado lugar ou, em outras palavras, o que deveria estar fazendo ali. Sabia que levava algum tempo até fazer sentido; qual um bêbado que acorda em cama estranha. Isso se viesse a fazer qualquer sentido, o que não era raro ocorrer.

Ficar ali simplesmente olhando, subir ou descer a rua, ou mesmo andar sem rumo pelo bairro era indiferente. A única coisa impossível de saber era de onde vim, sabia que podia ter andado vagando inconsciente de um lado para outro.

“Voltar prá onde?” Não tinha a menor idéia do porquê de ter vindo parar ali.

Essas situações não me eram comum, mas eu já estava acostumando; um pouco preocupado pelo aumento da frequência e da lucidez apresentada nos casos, é verdade.

No começo de tudo sempre tomei por sonho, depois por passagens irrealis, daí fenômenos espirituais e, por fim, certo

tipo de consciência noturna; sempre sem saber precisar ao certo o que e porque isso acontecia comigo.

“Mas, se estava ali, era ali que provavelmente devia estar!” E, a muito, já aceitava isso com certa naturalidade. Porém, não sem curiosidade.

Desistir seria uma opção, mas isso nem passou pela minha cabeça. “*Sou curioso demais prá fazer isso.*”

Achava no mínimo interessante. Sabia que ia deixar rolar e ver o que aconteceria depois. “*Na maioria das vezes acontece alguma coisa.*”

Acreditava também que tudo tem um motivo de ser, apenas às vezes não é imediatamente revelado ou, simplesmente, não se entende o que deve ser feito.

Voltei a lembrar do caso da mulher presa no hall do elevador. Eu estava dormindo quando escutei um choro, baixinho, sufocado, resolvi ver o que era. Vi a mulher nua, choramingando, presa num *hall* enclausurado. Todas as portas à sua volta estavam fechadas, a do elevador inclusive.

Sentada num cantinho, vez por outra levantava para acionar o botão de luz quando esta se apagava automaticamente, e vez por outra batia de leve na porta à sua direita implorando aos soluços e fala baixa que a deixassem entrar.

Dava sinais de temer o escuro e estar humilhada pela situação; tremia o tempo todo, a friagem do piso e do tempo fresco devia contribuir para aquele estado.

Ficamos tempos ali até que alguém, a visível contragosto, abriu a porta na qual batia e a deixou entrar no apartamento. Eu fiquei ao lado o tempo todo, quieto, parado e calado; também não sabia o que e nem se podia fazer qualquer coisa. Isso não me pareceria estranho se o hall tivesse outro acesso que não o do elevador e o prédio o ao lado; não o meu.

Nunca soube explicar o que aconteceu e o porquê de ter estado ali, mas sempre procurei uma razão para este tipo de acontecido. Esse e outros que também acostumei a rotular de inexplicáveis.

“Por que estou aqui?” Fiz a pergunta a mim mesmo e continuei olhando à minha volta.

“Por quê?” Continuei olhando e repetindo:

“Por quê?” A repetição me fazia concentrar em tudo que se movia e também no que não se movia.

Olhei o prédio à minha frente. Comum, igual a qualquer outro e aos outros naquela e em outras tantas regiões; mudava apenas a fachada, a cor, o número de andares.

Nada de diferente.

“Ao menos por enquanto!”

Corri a vista de um lado a outro. Foquei a visão no jardim do prédio mais próximo: pequeno, com um gramado e passeio, arbustos, coqueirinhos, plantas baixas, algumas flores; tudo muito igual a qualquer outro. No mais, também normal: uma guarita, um porteiro sonolento ou mesmo dormindo. No interior, luzes apagadas e gente também dormindo.

“Foram os alienígenas!” A voz, vindo de traz, me chamou a atenção num instante, não sem certo susto; confesso.

Voltei a cabeça e, em seguida, me virei por inteiro no rumo da estranha voz.

Vi uma jovem, descabelada, olhos arregalados quase saltando das órbitas, parados, vermelhos, estranhos, aterradores; doidona à simples vista.

Não pude evitar um passo para trás. Ainda sem responder, continuei verificando os detalhes.

Magra, mais ou menos um metro e sessenta de altura, cabelos embaraçados; assimilando a chuva, molhados. Tal qual o vestido de um preto sem gosto, todo amassado, desbotado, contrastando com a pele branca da moça.

Pálida, denotando fraqueza ao primeiro sinal; só a primeira vista, logo iria saber.

Estava descalça. Não usava nenhum ornamento comum às jovens. Que era jovem, não restou qualquer dúvida; uns vinte e poucos anos, foi a primeira conclusão.

“Foram os alienígenas!”

Repetiu a mesma frase anterior que, mesmo dita em tom afirmativo, parecia esperar e exigir uma reação; desta vez o foi com voz mais alta e grave, daquelas que pareciam exigir uma resposta ou mesmo uma pergunta.

O estranho era a forma incisiva, como se quisesse me convencer de algo. Mas, me convencer do que, eu nem tinha idéia do que ela falava. “*Uma drogada,*” pensei, “*só pode ser!*”

Minha idéia dos moradores de rua se limitava a crianças e velhos. “*As mulheres jovens se viram de outra forma.*” Comentei comigo mesmo, baseado naquilo que se vê com mais freqüência no dia a dia das cidades grandes. Não podia ser uma mendiga, embora os trajes levassem a crer.

“*E o cheiro, deve cheirar a cachorro molhado!*” Imediatamente, me pareceu que cheirava. “*Cruzes!*”

“Não adianta querer pegar os alienígenas... já voltaram para Marte... foi de onde vieram... não vão voltar aqui... eu sei.”

O rosto da jovem era fino, alongado, pescoço algo longo, os cabelos apresentam um tom castanho claro e pareciam sujos; não usava brincos, correntes e nem pulseiras.

De uma maneira geral a fala era arrastada, trôpega, a cabeça balançando para os lados enquanto falava fazia com que o som desse a impressão de mais alto e mais baixo.

Agitada, movia-se de um lado a outro sem parar. Isso me permitiu ter uma visão da moça de todos os ângulos possíveis: frente, perfil e costas.

Sua pele branca ao menos no rosto apresentava um sujo em forma de manchas, como se fosse de um cascão não removível pela simples chuva. “*Deve ter dormido encostando a cabeça no chão.*” Foi a melhor conclusão.

As frases eram pronunciadas agitando a cabeça para cima e para baixo, parecendo querer confirmar para si mesmo suas palavras; e, para os lados, quando aparentava estar negando. Isso tudo num frenesi que me lembrou casos de drogados por crack, com seu agitar convulsivo da cabeça e corpo. “*Só pode ser!*” me ocorreu novamente. “*Aquilo destrói o cérebro!*” Sabia que eles sob o efeito da droga não dizem coisa com coisa. Enfim, apenas uma fala sem sentido algum. “*Tudo igualzinho!*”

Por outro lado, se eu acreditasse em assombrações seria uma ótima hora de reconhecer uma. Mas, eu não acreditava. Acreditava em seres que assombravam inteligências pouco corajosas. “*Definitivamente, não é o meu caso!*”

Porém, eu não sabia o que era aquilo ou aquela. Decidi dar corda: “O que os alienígenas fizeram?” Perguntei, já aguardando uma resposta sem nexos.

“Que alienígena?” Durante algum tempo me olhou de maneira estranha. Nessa hora eu é que me senti um drogado, um bêbado talvez; para colocar o caso numa condição mais aceitável por mim.

“Foi influência magnética... da lua!” Apontou o dedo em direção ao céu.

A lua por certo estava lá, mas o tempo chuvoso não permitia ver nada além da escuridão e os claros num ponto ou outro; qual uma névoa branca brilhante das luzes refletindo na chuva. Um halo de um branco mais intenso confirmava aquela indicação. “*É, ela está lá... provavelmente ali mesmo.*” Acabei concluindo. “*Exatamente no lugar apontado.*”

Isso me fez lembrar que hoje era dia 03 de novembro de 2001, noite de lua cheia, agora encoberta pelas nuvens de chuva, mas ainda lua cheia.

Lembrei que a lua tem força sobre a água, basta lembrar as marés. E que o corpo humano é feito de 70% de água. “*Influência deve ter!*” Mas, sobre o que falava aquela criatura eu não sabia. “*Será que ela sabe o que está dizendo?*” Ainda confuso, continuei matutando “*O que ela quer dizer com isso tudo?*” Comecei a gostar da brincadeira, se era uma, afinal eu não tinha nada mais importante pra fazer.

“O que tem a influência magnética com o quê?” Resolvi arriscar uma pergunta.

“O eclipse lunar de fevereiro ainda estava causando muita influência nas pessoas. Foi por isso que aconteceu o que aconteceu. Você sabia que ele causa perturbações magnéticas?”

Eu nem sabia que teve eclipse em fevereiro, se é que teve; muito menos que poderia causar perturbações por tanto tempo, afinal estávamos quase no fim do ano. Que dirá ter acontecido alguma coisa especial; coisas sempre acontecem. Mesmo assim insisti:

“Então, o eclipse aumentou o magnetismo. Mas, o que aconteceu? Com quem ou com o quê?”

“Não sabe o que aconteceu ou tá me tirando. Acha que sou boba ou quer me fazer de boba.”

Estive para falar que podia não ser, mas parecia uma, falando coisas sem nexo. Ou melhor, não boba, mas louca mesmo. Embora soubesse que louco não é upgrade de bobo. Ao menos, não nesse contexto que foi colocado pelos dois lados.

Procurei manter a conversa, mesmo sem saber qual era a razão. “Fale-me da influência magnética e do eclipse, foram eles os culpados?” Na minha idéia a próxima pergunta seria *culpados do que?*

Ela não me deu tempo sequer de terminar de bolar minha estratégia para levá-la a contar o que sabia e cortou meus pensamentos praticamente com um grito: “Que influência magnética, você é louco ou o quê... porra!”

Olhou furiosamente para mim “*Se olhar matasse eu estava morto!*”

“Foi a falta do terceiro elemento.” Ela agora falava em tom doce, quase angelical.

Ela falava em água, lembrei da regra do FON, as ligações intermoleculares e dos diversos fenômenos interessantes da água “*Fon: flúor, oxigênio, nitrogênio;*” Revisei estando certo da seqüência: “*mas o que tem a ver o nitrogênio com tudo isso?*” Sabia que as pessoas afetadas por narcose pelo nitrogênio comportam-se como se estivessem intoxicadas e que ela afeta em muito a capacidade de discernimento; *mas ela falava em falta do terceiro elemento.* E, até onde eu sabia aquilo só acontece quando é inalado sob pressão.

Isso me desconcertou mais ainda, até porque só agora havia percebido que ela vinha mudando de voz a cada insinuação ou a cada resposta.

Até então a remota tese da possessão nem me passara pela cabeça “*Possessão demoníaca?*” Perguntei a mim mesmo, lembrando da pseudo-redundância tida por aqueles que acham que possessão só pode ser demoníaca. Demoníaca ou não, até então eu não costumava aceitar nem como hipótese. Sempre preferia ficar com as explicações tidas como naturais, mesmo que os fatos estivessem mostrando o contrário.

Compreendi que nesse caso estava ficando com dúvidas da naturalidade da coisa. Não se tratava de uma mudança de entonação na voz. Era uma total mudança de voz, de fina para grossa, poderia até arriscar que, de feminina para masculina.

Novamente resolvi arriscar numa pergunta direta:

“Você chega, fala em alienígena, em magnetismo, terceiro elemento; sei lá o que quis dizer com isso.”

Ela fez sinal de silêncio colocando o dedo indicador na boca.

“Você é que esta aqui! Por quê?”

Em seguida, andou à minha volta como se me estudasse da cabeça aos pés.

“O que é ou quem é você?”, voltou a perguntar.

“Eu sou Vinícius Tadeu, desculpe. Por um momento você me assustou, confesso!” Estiquei a mão num gesto cortês, não sem alguma hesitação.

Ela recuou um passo ou dois. Agora, me pareceu verdadeiramente assustada.

“Não se aproxime!” Continuou se afastando.

“Espere,” repeti “espere, não quis assustá-la.”

O olhar agora era de indignação “Não me assustou, simplesmente ninguém nunca tocou em mim.” Parou, completando:

“Fique onde está!”

“Está bem, ao menos diga como devo chamá-la?”

Ela fez uma cara de desentendida que parecia até ser real. Retrucou: “Me chamar por quê?” Olhou desconfiada, e prosseguiu: “Eu já estou aqui!” Continuou: “Sempre estou aqui, onde nasci. Nunca saio!”

Não achei que fosse deboche ou piada, somente acreditei que ela se referia à cidade, por isso, continuei calmamente:

“Você deve ter um nome, como devo tratá-la?”

Notei que ela estava refletindo, provavelmente decidindo se devia ou não atender meu pedido ou bolando algum nome para dar em resposta.

“Se faz mesmo questão, pode me chamar de Ate. Mas, confesso que até aqui não tinha me decidido.”

O nome era fácil, porém, não o achava comum. Achei-o estranho; apenas estranho. Parecia falso. “*Sempre o são nessas ocasiões.*” Simplesmente, aceitei.

“Ate, o que faz aqui, na chuva a essas horas?”

“Olha quem pergunta. Eu sou daqui, já disse.” Voltou a me olhar fixamente. “E você?”

Resolvi enrolar nessa parte e contornei mentindo apenas um pouco. Não quis dizer que não sabia o porquê e parecer um louco, um bêbado de fim de noite, ou pior, um drogado igual a ela. Resolvi mesmo contornar, escondendo um pouco a verdade. Afinal, não sabia com quem ou com o que estava lidando; nem imaginava.

“Confesso que não sei, exatamente.” Respondi.

“Se não sabe o porquê de estar aqui, fica aqui por quê?”

Quis dizer que não sabia para onde ir, o que até certo ponto era verdade. “*Procurar o quê?*” e “*Onde?*” Eram as perguntas que me martelavam a cabeça o tempo todo; nessa e em outras ocasiões semelhantes.

“Aqui é São Paulo, não? Soltei uma pergunta vazia.

“Lógico! Não sabe onde mora não?”

“Eu moro ali?” Apontei o prédio da frente, procurando dar à frase um tom de pouca importância.

“Ali não! A maioria é meu chegado. Eu saberia.”

“Então... naquela casa.”

“Também não, ali mora uma velha sozinha. Uma chata! Reza o tempo todo!”

“Estou brincando, moro naquele prédio ali.” Apontei num rumo onde existiam dois prédios.

“Nem vou perguntar em qual dos dois, porque também é mentira. Na verdade você nem é daqui desta região.”

“Como pode saber?”

“Eu sei! Você não reconhece nada aqui e não sabe nada do que aconteceu aqui! Estou certa?”

Achei que era hora de abandonar o joguinho que estava praticando para confirmar se ela era mesmo daquela região. Agora estava convicto que sim.

“Você sabe onde ou moro?” Quando dei por mim já havia dito. Por um instante o idiota aqui achou que se fosse um demônio ele saberia. Mas, se fosse, também poderia esconder que sabia. “*Pergunta boba!*”

Ate me olhou incrédula. “Deveria saber? Se nem você sabe! Ou tá me tirando novamente?”

Acho que para ela eu estava parecendo o personagem da piada do bêbado que vai de casa em casa perguntado às mulheres se o marido dela está e, a cada resposta sim, continuava o trajeto até que encontrou um sonoro: Não! Não está. Então, com voz pastosa pediu à mulher que viesse ver se quem estava falando não era o marido dela. “*Agora eu é que estou parecendo um drogado.*” Pensei, ainda achando que a hipótese do bêbado era melhor.

Resolvi mudar o tom da conversa: “Eu desisto! Estava sem sono, resolvi caminhar um pouco!”

“Difícil de acreditar! Nessa chuva? O que parece é que ainda não acordou!”

“Como eu disse, saí para andar e fui pego pela chuva.”

“Conta outra, faz mais de cinco horas que esta chovendo sem parar e você tá sequinho.”

Atentei ao detalhe, de fato estava seco. “*Acho que chuva de sonho não molha! Ou molha?*”

Ela voltou a ficar estranha. Em segundos suas feições se modificaram por completo. Olhos esbugalhados, senho franzido, as veias da testa parecendo pulsar a ponto de explodir, lábios trêmulos que parecia expandir o tremor para o corpo todo. Praticamente cuspiu:

“Foi droga, *muinta* droga!”

Cheguei a sentir os respingos de cuspe no rosto. Não esperei sequer o final da frase. Interrompi, dizendo:

“Nem muita droga e nem pouca. Não uso drogas!” Coloquei ênfase na frase final.

“Não foi você que usou idiota. Foram eles.”

“*De novo aquela falação sem sentido.*” Pensei.

“Você não é um drogado, apenas um bêbado. Eu acho.”

Eu sabia que ela tinha razão, pelas atitudes eu devia mesmo parecer um, e por isso procurei relegar a observação.

“Você também não me parece bem. Desculpe-me, cheguei a pensar que fosse um fantasma.”

“Não errou por muito, apenas me fizeram assim.”

“Desilusão amorosa?” Arrisquei perguntar.

“Amorosa? Não conheço esta palavra, fui criada pela desgraça, pela maldade gerada pelo ser humano, pela raiva descontrolada, pelos pensamentos de vingança e, porque não dizer, pelo ódio das pessoas.”

Sabia que a vida errante era sempre fruto da desilusão. “*Seria esse o caso dela?*” Pensando, era muito jovem para esse caso, o mais provável era que estava a brincar comigo. Voltei a indagar: “Você mora ali?” Indiquei o prédio à frente.

“Nasci ali!”

Foi a resposta seca que obtive. Achei estranho, o prédio parecia novinho em folha; recém construído.

“E seu pai... sua mãe?”

“Pais e mães, tenho muitos e, ao mesmo tempo, nenhum. Por quê?”

“Devem estar preocupados, não acha?”

“Eu sou fruto do ódio, mas eu não me importo, o ódio deles me alimenta e isso me basta.”

“Ate, porque você falou, quando começamos a conversa, em alienígenas e magnetismo?”

“Falei? Não sei, já era.” Cravou-me um olhar fixo como se analisasse se eu merecia ou não uma resposta. “Quem acha que foi magnetismo ou alienígenas são uns idiotas. Foi o Padre Voador!”

Nada mais desconcertante, se é que as respostas anteriores já não o eram em suficiência. Enquanto matutava sobre tudo, Ate continuou: “Encontraram balões, tinha balões por toda parte.”

Ela continuou andando de um lado para outro e voltou a falar “Esquece tudo que eu disse. Todos são malucos, não é nada disso.”

Achei que a chuva fazia efeito também nos drogados. “*Estaria ela ficando lúcida?*” Pensei para falar:

“Você se referia a alguma coisa ou a algo acontecido com alguém. O quê?”

Ate pareceu mudar com aquelas palavras e assumiu novamente a postura e comportamento anterior. O que disse a seguir voltou a me confundir.

“É só uma suicida!”

“Suicida! Quem?”

“Falei suicida? Não, uma coitada! Devemos matar os culpados! É isso... você concorda? Se não concorda, você não pensa por mim e nem para mim. Deve ir embora. Você me enfraquece.”

“Matar quem, Ate?”

“Os dois! Por quê? Vai defendê-los? Devia existir pena de morte:” passou a mão aberta no pescoço “degolados... melhor,” fez com a mão como se puxasse alguma coisa acima da cabeça “força;” colocou a língua para fora “igual ao Saddam Hussein.”

Antes que ela continuasse enumerando todos os meios de execução, cadeira elétrica, câmara de gás, injeção letal e tantos outros meios mais, preferi cortar:

“Eu não sei do que você esta falando.”

“Não importa, eu tenho que ir, estão me chamando.”

Dito isso, Ate virou de repente e atravessou a rua sem olhar para os lados. Enquanto andava, resmungava “Malditos sonâmbulos. Só pode ser. Dizem que eles conversam dormindo.”

Eu não tinha escutado ninguém chamar. Mas, achei melhor deixá-la ir, como se pudesse evitar “Quem sabe dormindo ela melhora.”

Durante um tempo fiquei vendo ela se afastar, no rumo do prédio à frente. Um carro passou, acompanhei com os olhos pensando que ela podia ter sido atropelada se o carro tivesse se adiantado um pouco ou ela demorado mais; quando voltei a olhar na direção do prédio ela já não estava mais à vista. “Deve ter entrado.”

“Estranho, eu nem sabia que o Saddam tinha morrido; o que será que ela quis dizer com isso. E, onde entra o padre Bartolomeu de Gusmão e os balões da Passarola nessa história. Estranho mesmo. Bom... Deixa prá lá.”

Continuei ali, por alguns momentos, pensando nos afazeres do dia seguinte. Por um instante achei mesmo que estive bêbado e agora estava de ressaca. Os pensamentos foram ficando cada vez mais confusos, aquela conversa não parecia real e cheguei a duvidar ter existido; o cansaço estava tomando conta do corpo. Fui ficando sonolento, as idéias foram sumindo aos poucos e sem concentração nenhuma. Apaguei.

CAPÍTULO 2

– Diabo de noite, parece um breu!

Palavras soltas como um resmungo de espanto, dito ainda meio dormindo e meio acordado; igual ao dizer daqueles que retomam a vida de relação num ponto inesperado.

– Mas que diabo de noite é essa?

Acordar altas horas da madrugada de uma noite chuvosa não é coisa incomum; nem pelo fato de acordar e tão pouco por ser uma noite chuvosa.

– Inferno Verde!

Agora me referia à floresta, debitando a ela a chuva quase que contínua. Não concordava com o termo para se referir à região; quanto ao verde, tudo bem; o inferno ficava por conta de quem inventou a frase.

“Acho que tinha medo da Amazônia. Não sabia lidar com ela, ao menos não da forma como se devia!” Pensei.

O problema era a escuridão. Não se tratava de uma noite comum; isso eu logo percebi. Era uma ausência total de luz, sequer um ponto luminoso parecia existir.

– Eu nunca vi uma coisa dessas!

Durante alguns minutos fiquei olhando para cima, onde tinha certeza que estava o telhado sem forro. Lembrei-me que era comum ver alguma claridade por entre as telhas, exatamente onde elas se juntam. Aquilo estava me intrigando.

– Pode ser um eclipse.

Sabia ser noite de lua cheia, mas mesmo com o tempo chuvoso haveria alguma luminosidade; sabia, porque era ruim para caçar em noites de lua cheia. E, eu gostava de caçar. Chutei procurando afastar do pensamento a conclusão mais óbvia.

– Somente a cegueira pode causar isso! Comentei receoso e, porque não dizer, com medo de ser verdade.

Relutei contra o que tinha por absurdo, mas parecia o óbvio, e procurei o fósforo; sempre o deixava ao lado da cama, perto da parede, juntamente com o cigarro.

Debruço na cama, a mão bateu várias vezes o chão, num movimento de varredura, até encontrar a parede. Nada, nem sinal das coisas, e eu tinha certeza de tê-las colocado ali quando fui

dormir. Havia até fumado um cigarro antes; eu sempre fumava deitado na cama enquanto repassava as coisas do dia findo.

Desisti de procurar. O fósforo e o cigarro pareciam ter evaporado.

A cama de casal ficava posicionada no lado oposto e à esquerda de quem olha da porta, por segurança, sempre mantida com dois lados encostados nas paredes; um cuidado recomendado onde se tem crianças. Assim, a cama e a parede à direita da porta formavam um corredor sem qualquer obstáculo até o fundo do quarto. Eu sempre dormia deste lado, porque do outro, onde ficava a janela, era preciso pular por cima para deitar; detestaria se tivesse que engatinhar até a cabeceira da cama.

Levantei o corpo para a posição sentado. Com 1,85m de altura sabia que estava mais ou menos no meio da cama e não corria o risco de pisar no maço de cigarros que sempre era mantido próximo à parede; mesmo assim apoiei os pés de leve e em vários pontos, acreditando ser possível tê-los, involuntariamente, empurrado um pouco mais longe. Também não estavam ali.

Ainda sem enxergar fiquei em pé e virei o corpo para a direita no rumo da porta. Caminhei em frente lentamente, mesmo sabendo que não haveria nenhum objeto para atrapalhar. Eu sempre deixava as portas abertas e a intenção era ir direto à cozinha onde sabia ter fósforo; a porta da cozinha ficava no mesmo rumo da do quarto, uma em frente à outra, com o banheiro à direita. A surpresa foi praticamente bater contra uma parede onde deveria existir uma porta aberta.

Não encontrar uma porta no lugar onde se acredita estar deixaria qualquer um desconcertado, comigo não foi diferente. Não se tratava de encontrar uma porta, que se acreditava aberta, fechada; era sua ausência que preocupava.

Sem qualquer idéia do que acontecia fui tateando a parede até encontrar uma porta; aberta, como deveria estar. Sabia da existência de um pequeno hall com cinco portas, formado pelas portas do quarto do qual havia saído, a do banheiro, a da cozinha, a do outro quarto e a da sala; nessa exata ordem quando se começa pela da direita, saindo do quarto e voltando ao ponto de partida.

Com os dois braços à frente, na conhecida posição de andar de um sonâmbulo, cruzei o hall em direção à cozinha. Não

podiam ser mais que alguns passos, talvez três, quatro; cinco, talvez mais; nunca havia contado. Fui contando enquanto andava devagar, achando que os passos curtos estavam me confundindo, quando passou dos dez já tinha certeza de algo errado. A confirmação veio com o encontro de uma nova parede; as duas mãos se apoiaram ao mesmo tempo. “Direção errada!” Por enquanto, parecia uma brincadeira e eu estava levando como tal; fora a possibilidade da cegueira, que eu ainda preferia manter como improvável.

Direita ou esquerda não importava mais, escolhi um lado qualquer e continuei, até porque, à minha direita ou à minha esquerda não significava nada; não mais. Esbarrei em um móvel; um sofá. Isso deu a certeza de estar na sala e ele ficava de frente para a porta de entrada; sempre estive ali. Estava fácil, fui naquela direção. Outra parede. Nenhuma porta. Sem mais o que fazer ou pensar, segui a parede contornando outro canto e um móvel que ao tato não reconheci. Uma nova porta; um novo cômodo. Entrei, terminando por constatar que se tratava de mais um estranho ambiente; nada que tocava me lembrava o que esperava encontrar.

– Desisto!

Falei prá mim mesmo em voz alta, enquanto sentava num canto qualquer, colocando as pernas prá frente e as costas apoiada nas duas paredes. Lembro-me de ter fechado os olhos por alguns instantes; não sei se adormeci. Apenas que quando os reabri, aos poucos, o escuro não era tão negro, dava para ver os móveis e reconheci o quarto em que estava; o de minha filha. Daí prá frente foi tudo muito fácil, levantei, fui à cozinha, o caminho ainda era escuro, mas nem tanto, agora parecia tudo fácil; junto ao fogão apanhei o fósforo e acendi uma lamparina; naquela hora não tinha luz elétrica.

Voltando ao quarto, o cigarro estava ao lado da cama, como deveria estar; ao lado do fósforo. Voltei a deitar enquanto achava inacreditável ficar perdido numa casa de dois quartos, sala, cozinha e banheiro; lugar que havia construído a quatro anos e onde havia dormido muitas e muitas noites. Notei que a chuva continuava caindo, fraca, mas contínua; como quase sempre acontecia.

Antes de pegar no sono novamente, não sei por que, me lembrei de Ate e o estranho sonho.

– Ate.

Voltei a repetir:

– Ate.

Procurava relembrar detalhes de tudo o que tinha por acontecido: “Ou não!”

Na roça um domingo não difere muito dos outros dias, os animais tem que comer da mesma forma; os peões também. A única coisa que foge à rotina é a serraria parada, normalmente não serrávamos madeira aos domingos. Isso dava alguma folga e deixava certo tempo livre. Assim, mesmo tendo acordado, resolvi permanecer na cama e rever o episódio daquela noite.

Aos poucos fui montando o quebra cabeça naquilo que pude. A referência que tinha sido feita à cidade de São Paulo me deu uma pista e refiz mentalmente o trajeto daquela noite durante o inusitado *blackout*. A posição dos cômodos, a ausência de portas nos lugares que deveriam estar e os desconhecidos móveis. Nada batia com os objetos e a posição dos existentes na minha casa.

“É como se eu estivesse num outro local.” Além disso, tinha aquele estranho encontro noturno.

“Ate.” Eu não conseguia entender o que tinha acontecido e a única coisa comum entre o dormindo e o acordado é que, nos dois estados, continuava achando o nome estranho.

“Seria mesmo São Paulo?” E aquele lugar; o que eu tinha a ver com ele e com aquela coisa que disse se chamar Ate.

“Estranho! Uma louca, drogada; ou, seja lá o que for.” Revi mentalmente sua fisionomia.

“Parecia real, mas será que era?” Fiquei matutando essa pergunta até que acabei aceitando que não ia obter resposta alguma; apenas suposições que cada vez mais me pareciam improváveis. Ainda: “Não falava coisa com coisa” Lembrei: “Alienígenas... Padre Voador... Terceiro Elemento...” Conclui que não fazia mesmo sentido algum.

– Bom, ao menos por hora vamos esquecer esse assunto e cuidar da vida.

Um banho gelado despertou de vez a consciência para o dia que começava. Lá fora não tinha sol, estava nublado, mesmo assim o calor já começava a tomar conta de tudo; diferente do tempo noturno, que era sempre mais fresquinho.

Decidi sair, espaiar a cabeça e, para isso, nada melhor que uma pescaria.

– Salgado, tá a fim de comer um peixe *muquiado* lá na beira?

A pergunta foi dirigida a um mateiro que sempre me acompanhava nas pescarias e caçadas; embora essa última opção já há algum tempo viesse evitando.

– Prá já patrão!

Na barranca de rio, ou mesmo nas casas de caboclos da região, é comum comer, no trisca, peixe moqueado. Isso consiste em limpar o peixe sem tirar a escama e, sem temperar, colocar diretamente no braseiro; escama para baixo. Num prato se põe separado, caldo de limão, sal e pimenta vermelha amassada. Para comer é só molhar pequenos pedaços no sal, no limão e na pimenta, a ordem e a quantidade dependem do gosto de cada um. Com uma boa cachaça não tem melhor.

O Tocantins é piscoso, mas não é fácil pegar um bom tucunaré. Mas, sempre se dava um jeito, comprava se preciso fosse; os ribeirinhos sempre tinham algum preso em cercados, ficar sem peixe nunca ficamos, no máximo outro tipo qualquer.

O resultado da pesca não foi dos melhores, muita pinga e pouco peixe não podia dar em outra coisa. Saí caminhando bêbado. Salgado, também bastante tomado, resolveu ficar por lá mesmo.

Eu vaguei de um lado a outro até que me dei por perdido.

– Como posso me perder aqui?

Ainda me lembrava que conhecia bem o caminho. Se bem que sem sol é fácil se perder na floresta.

Refiz mentalmente o trajeto percorrido e concluí que devia estar num determinado lugar, mas estava em outro com certeza; totalmente diferente e estranho para mim.

“Nada bate com nada!” Comparei mentalmente o que via à minha volta com tudo que me lembrava ter visto anteriormente naqueles arredores.

“Lembre-se da cruz.” uma voz interior pareceu gritar “Lembre-se da cruz.” No meu estado, não tinha como reagir àquilo que parecia soar como uma ordem.

– Em nome do pai...

Comecei em voz alta enquanto levava a mão direita à testa. Ao toque do dedo melado de barro os pensamentos clarearam um pouco “A cruz no chão.” Escutei e repeti:

– Ah! A cruz no chão!

E comecei a procurar um objeto para riscar. Quanto estava para quebrar um galho que achei apropriado fui dando conta que a tal cruz, tantas vezes ditas pelos mateiros, era apenas um caminho com aquele formato; uma maneira de não se perder ainda mais na mata andando sem rumo certo.

Escolhi uma direção qualquer e caminhei por quinze minutos em linha reta naquele sentido, andando tão reto quanto meu estado permitia, sempre quebrando alguns galhos finos para marcar o caminho.

– Nada conhecido!

Voltei em cima dos próprios passos ao ponto de partida e prossegui por igual tempo no rumo oposto.

– Diabo! Nada ainda!

Referia a não encontrar referenciais conhecidos.

– O negócio é continuar.

De novo, em cima do rastro, até o ponto da partida inicial; o meio. Virei noventa graus alinhando os braços abertos com a trilha feita pelo percurso anterior; o corpo pendia hora no rumo de um dos braços ora no do outro. Fui em frente, olhei o relógio achei fácil, tinha dois, meio embaçados era verdade “Quinze minutos.”, dei um giro completo “Nada!”. Voltei passando pelo ponto de partida e seguindo em frente por igual tempo. “Não adiantou!” Conclui, antes de aceitar a derrota; desta vez não me preocupei em voltar ao ponto de partida.

Não tinha importância alguma; perdido em um lugar ou outro tanto fazia.

– Prá quem tá perdido qualquer vereda é caminho... e qualquer ponto de descanso também.

Brinquei, mas antes de parar andei mais um pouco a esmo. Pouco depois desisti de vez;

– Curupira! Só pode ser.

Lembrei-me que, nas rodas de fogueira, nas caçadas, os mateiros sempre comentavam; principalmente quando se matava muitos animais. “Faz ficar perdido na mata; cria ilusões, enlouquece.”

– Se eu tivesse ao menos um doce.

Pensei em subornar a criatura.

– Dizem que dá certo.

– Pensando melhor, acho que esbarrei num cipó! É isso!

Comentando daqueles que falam bloquearem o sentido de direção. “Anhangá?” Questionei algo ainda mais confuso: “Inhangá?” Sem saber distinguir a Mãe do Mato daquele que ronda Copacabana, no Rio de Janeiro. “Não importa, é tudo diabo velho. Coisa ruim.” Sentei num canto qualquer enquanto declamava com voz arrastada, quase cantarolando:

– A mente dos que passam, nada lembram, conscientemente... inconscientemente navegam, caminham, sonham...

Repeti por vezes o mesmo trecho, tentando levar em frente, sem sucesso, a poesia.

– Dante Milano!

Eufórico, parecia ter descoberto o Brasil.

Mas, qual um bêbado qualquer, esqueci que a bebida altera o sentido de direção; a verdadeira culpada. Depois de ter andado muito não tinha a menor idéia de onde estava. Continuei sentado. Por um instante acho que dei um descanso aos meus ouvidos; ficou apenas o silêncio.

“Ei pau d’água, acorda.”

“Pau d’água é a mãe.”

“Não me ofende! Devo ter mãe bêbada mesmo.”

Depois de ter retrucado a ofensa vi, mesmo com a vista embaçada, que uma moça bonita estava ao meu lado. Trajava

jeans e camiseta básica branca. Nos pés, que podia ver de muito perto, um tênis também branco.

“Ate? Você tá diferente. Que tá fazendo aqui?”

“Eu que o diga, porque continua aqui na porta do meu prédio. E bêbado, por sinal.”

“Que prédio... eu tava pescando.”

“Pescando? Tá vendo algum rio aqui.”

Foi quando me dei conta de estar sentado numa guia de sarjeta numa rua movimentada. “*Maldita cachaça!*” Já não sabia se a pescaria foi um sonho, se havia ficado ou tinha continuado bêbado; se fiquei ali a noite toda.

“Aqui é São Paulo?”

“Tá ruim mesmo.”

“Que dia é hoje?”

“Domingo, quatorze de dezembro de dois mil e oito. Da era cristã, para ser mais exata.”

“Tá de gozação?”

“Lógico, olha seu estado. Roupa toda suja de barro, tem barro no rosto, nas mãos, nos cabelos; descalço.”

Lembrei de ter tirado a botina e colocado do lado onde estava sentado. Olhei dos lados, não tinha calçado nenhum.

“Devem ter roubado!”

“Roubado o que?”

“Minhas botas. Coloquei aqui.”

“Cachaça é fogo! Como conseguiu se sujar tanto?”

“Foi a chuva. Tem muito barro.”

“Que chuva, isso foi a noite, já tá tudo seco.”
Começou a rir. “Onde você arrumou tanto barro prá se sujar assim? Barro nessa região não tem nem prá remédio.”

Olhei para Ate e ao redor. Ela devia ter razão, não havia qualquer sinal de chuva. E, muito menos de barro. “*E a picada barrenta pela chuva noturna? É... cadê a picada? A mata? E o diabo do Salgado?*”

Recordei que ele tinha ficado na barranca do rio, o problema era onde estava o rio. Lembrei da lama escorregadia, de ter tropeçado algumas vezes, de ter caído sentado; apoiado as mãos no chão barrento para levantar. Até de ter andado de quatro procurando uma árvore para me apoiar. “*Devo ter esfregado as*

mãos no rosto por causa de muriçoca. Aquelas diabas irritam.” Concluí que devia ter limpado a mão na roupa também. Sentia na bunda o molhado da lama. O problema é que a única lama daquele lugar estava em mim. No resto, só asfalto seco.

“Você tá bem?” Ate mudou o tom da voz, dessa vez já não falava com deboche. Achei que merecia a observação inicial, não passava de um bêbado mesmo, agora já não sabia há quanto tempo. Afinal, eu havia feito troça dela também; pelo que me lembrava.

“Desculpe-me pelo que disse essa noite.” Acho que começava a recobrar a razão.

Ate não parecia dar importância, permaneceu encostada num poste elétrico ao lado. Uma menina se aproximou; do lado que ela vinha Ate estava encoberta à sua visão. “Ei mendigo sujo, vá embora, senão falo prá minha mãe chamar a polícia.” Não tinha mais que seis anos; notei que brilhava diferente de Ate e até de mim, mas na hora não soube entender por quê. Não respondi e a menina ao ver Ate se afastou rapidamente olhando uma vez ou duas para trás. Ate nada disse, apenas sorria.

“Conhece a menina?” Perguntei.

“Sim, mora no prédio. Uma pentelha!” Respondeu em tom natural, completando: “Já te disse que conheço todo mundo aqui. Ela não é má, somente repete o que escuta dos adultos. Às vezes se emociona com o que aconteceu, chega a xingar o casal, mas são sentimentos emprestados. Sugestionados. Prá mim não vale, ou, ao menos, não deveria valer. Quase não tem energia.”

“Crianças tem energia de sobra.”

“Não estou falando desse tipo de energia. Esse tipo me irrita, ficam muito barulhentas. Não poucas vezes as mando calarem a boca. Não gosto.”

Conheci varias adolescentes que não suportam o barulho das crianças, normalmente foram as mais barulhentas quando eram menores. Nessa fase, colocam o som no último e acham normal. Aí, os mais velhos é que não gostam. E estes também já fizeram as mesmas coisas; ou pior. “*O ciclo do crescimento se repete.*” Pensei, sem poder evitar um risinho. “*Sempre a mesma coisa!*”

Ate notou, meu riso quase interno devia ter aflorado. “Qual a graça, me conta qual é a piada que quero rir também.” Não pareceu irritada; falou em tom jocoso.

“Você esta diferente. Diferente da minha impressão anterior;” exemplifiquei “mais arrumada, mais calma, mais alegre posso dizer.”

“Estou menos fraca, é por isso, mas é por pouco tempo; falta alimento de verdade, forte, em abundância.”

Não entendi a colocação, me pareceu confusa; fiquei quieto. Ate prosseguiu: “Não sei o que pretende, mas acho que pode me ajudar, temos alguma ligação fraca, mas temos; e isso já o torna meu aliado.”

Eu nem sabia que pretendia alguma coisa ou em que podia ajudar; ajudar no quê? “*O que ela quis dizer com isso*”, novamente me passou pela cabeça a estória do terceiro elemento, do magnetismo e, mesmo com a mente ainda confusa da bebida, lembrava de uma referência a suicídio; embora eu não soubesse quem e nem por quê. Arrisquei:

“Essa noite você me falou sobre alienígenas, o que queria dizer com isso?”

“Esquece. Foram pensamentos de momento.”

“Parecia falar com raiva.”

“Também expressões de momento. Eu sou assim, ponho prá fora. Não reajo ao que recebo; solto o bicho, seja o que for.”

Não me lembrava de tudo que havia dito a ela. Temi ter ofendido em demasia. Não sabia com o que ou com quem estava lidando, achei melhor não arriscar:

“Desculpe qualquer coisa que tenha feito ou falado; confesso que não lembro mesmo.”

“Não tem nada a ver com você. Você é diferente! Por não saber do que se trata não tem pensamentos ou sentimentos quanto ao caso. Minha ligação com você vem de outro lugar, ainda não consegui identificar de onde e nem de quem! Prá mim você, por si mesmo, é um vazio total. Daí o porquê de eu não ter qualquer ação; além do mais, como te disse, não estou no meu estado normal. Não tenho sido alimentada regularmente nos últimos tempos. Tudo muito pouquinho. Só gasto as forças

acumuladas. Apenas um ou outro familiar continua me alimentando com rancor e isso é insuficiente. Para me manter forte preciso de muita energia e de muita coisa forte. Você vai me ajudar, posso sentir que vai; não vai?”

Até então achava que Ate falava de comer porcariadas e de emoções fortes. “*Jovens necessitam estar envolvidos em alguma coisa; atividade!*” Pensei comigo mesmo “*A rotina para eles é um campo mortal.*”

Quem sabe pretende fazer uma boa ação; tentar me recuperar, talvez. Devia me achar uma alma perdida. “*Uma evangélica.*” Concluí, embora os fatos mostrassem o contrário.

Meu silêncio fez com que ela continuasse quese sem interrupção. “Você é diferente, olha aquele cara ali.”

No rumo indicado vi um homem parado, encostado no muro, olhando o vazio, as pessoas passando a sua frente e nem ao menos um olhar; um perfeito zumbi. “*Parece um sonâmbulo.*” Foi minha impressão.

“E é!”

“Como sabe?”

“Não reage a nada, não esta vendo.”

“Não! Como sabe que eu achei que ele era um sonâmbulo? Eu nada disse.”

“Prá mim você disse!”

“Acho que não me curei do porre.”

“Não, você não entendeu. Você quis dizer e disse. Só isso. Eu não preciso mais que isso.”

Tudo estava cada vez mais intrigante. Por essa razão resolvi permanecer calado; até mesmo porque não sabia o que falar.

“Aquele homem se chama Onofre. De tanto pensar não consegue sair daqui; inconscientemente, é claro. Todo dia esta aqui, às vezes durante o dia, às vezes à noite. Está preso ao lugar, não sabe, mas está preso sim. E, enquanto manter esses pensamentos vai continuar preso. De alguma forma ele me ajuda, mas, como não emana qualquer emoção, são pensamentos quase nulos. Quase nada prá mim. O que ele exprime é simples convicção do que acha que é; sendo assim me é quase indiferente, ele apenas desperdiça o próprio tempo.”

“Um introspectivo?”

“Sim! Fica voltado para seu mundo interior, procurando apenas saber se tem ou não razão. Isso, por si, já é falta de razão. Ele deve viver para o mundo exterior onde estão os objetos, as atividades, as pessoas; no domínio das ações.”

Acreditei por um momento que, mesmo se estivesse são não poderia compreender a razão de toda essa conversa, ainda mais não estando. Mas, como estava certo que não estava, dei-me por satisfeito apenas de poder manter o assunto fluindo. Nesse caso, era melhor continuar como um bom ouvinte.

Ate continuou:

“Muitos são iguais a ele. Outros, são bastante reativos, formam suas conclusões e querem impô-las aos demais; têm um conceito próprio de justiça, privada e individual. Violenta! Impiedosa! Macabra! Esses são aos quais dedico minha existência. E, nem podia ser diferente.” Parou por um instante, ficou me olhando como se avaliasse meu interesse; se eu estava captando a mensagem. “Entre uns e outros, tem todo tipo de atividade mental se remoendo. Agora menos, é verdade. A mídia ajuda muito, no momento muito pouco; pode crer.”

“*Uma psicóloga!*” Mudei minha conclusão, ela agora me parecia uma psicóloga ou sei lá o nome dado aos profissionais que acompanham o comportamento humano. “*É muito jovem prá isso!*” Logo em seguida refutei.

Deve ser uma dessas jovens que pretende consertar o mundo. “*Uma visionária!*” Conclui sem muita convicção.

“Passou longe, eu não posso prever tendências e muito menos antecipar mudanças.”

Dessa vez eu tinha certeza de não ter dito nada, muito embora não estivesse certo que visionário significava isso. De novo, preferi ficar quieto; na minha. Estava cansado, a cabeça doía, achava que ia vomitar. Olhei a minha volta, esqueci Ate por um instante. Gente passando, pernas passando ao meu lado, carros indo e vindo na rua, olhei para cima, até o topo do prédio, a maior claridade me deixou mais enjoado; tudo estava rodando. Tive um acesso de vômito e virei a cabeça para o lado.

“Merda!”

O cheiro de peixe com cachaça impregnou o ar à minha volta. Aquilo pareceu me despertar um pouco; a visão foi clareando e o poste no qual eu achava estava encostado foi dando lugar à sapopemba de uma árvore.

À frente um pedaço de galho seco me trouxe a idéia do sinal, curvei o corpo à frente, peguei o pedaço de pau e com ele bati por várias vezes na raiz achatada. O som se fez ouvir diretamente dentro da minha cabeça que parecia querer explodir; mas, com certeza, também foi ouvido ao longe.

Cansei, baixei o braço e fechei novamente os olhos; a cabeça estava explodindo. Fiquei quieto. Devo ter dormido ou desmaiado; não sei.

Despertei com um toque no ombro e uma voz chamando:

– Vinícius acorde. Acorda cara.

Abri os olhos, Salgado estava em pé a minha frente, meio curvado, meio cambaleante.

– Levanta meu... vamos prá casa.

Calcei as botas que estavam ao meu lado.

– Ufa! Não falei que estavam aqui.

– Onde deveriam estar?

– Tinha sumido! Eu falei prá moça que tinha colocado aqui do lado.

– Não tem moça nenhuma. Vamos embora.

– Como me achou?

– Ouvi seu sinal, tava apenas a uns cem passos da barranca do rio. Quando tá assim é melhor dormir um pouco no lugar que estiver. Melhor que sair sem rumo!

Levantei meio trôpego, puxado e segurado pela mão de Salgado que também não estava lá muito firme, balançando para frente e para traz.

– Quer um gole. Completou entregando o litro de Velho Barreiro que já estava bem abaixo da metade.

Tudo que eu podia querer agora era um trago, não me importando com o quanto já tinha bebido. Precisava aclarar as idéias e, com certeza, teria matado o litro se Salgado não tivesse intervindo:

– Deixa um pouco prá mim.

Fala que se seguiu ao gesto de puxar a bebida. Não me importei, já tinha bebido demais mesmo.

Continuamos o trajeto sem muito comentário. O que eu queria era chegar, tomar um banho e deitar. Estava mesmo todo sujo de lama, da cabeça aos pés; e não seria muito exagero afirmar, imundo.

Não demorou em chegarmos à sede da fazenda. O caminhar tinha cortado bastante os efeitos da bebida.

– Salgado, tu da conta de ligar o gerador? Quero tomar um banho quente.

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

– Conta eu dou cara, mas o melhor é tu tomar um banho frio mesmo. Vai se sentir melhor.

Ele devia ter razão.

– Deixa prá lá!

Entre na casa e me enfiei debaixo do chuveiro de roupa e tudo. Salgado tinha razão, me senti melhor após o banho frio; que nem me pareceu tão frio assim. “Afinal, de porre o Salgado entende; deve ter tomado muitos.” Completei “Como se eu não.” Nessa área tinha certeza que não me faltava experiência.

A cabeça doía, “Deve ser por conta da cachaçada ou das porradas que dei na árvore.” Tomei um copo de leite frio e me atirei na cama “Dormir um pouco vai fazer bem.”

A cama pareceu rodar um pouco. Um pouco demais, tanto que parecia não parar de girar. Abri os olhos por uns instantes; o que pareceu melhorar. Fechei novamente. Devo ter dormido.

Num dado momento, senti-me numa velocidade estonteante, os olhos rentes ao chão; tonto, mas consciente do ziguezague por entre as frestas abaixo das portas. Via sem fazer nada; alguém devia saber o caminho a percorrer. Fui, como se diz, de passageiro, simplesmente acompanhando o trajeto até a cama. Acordei! Por uns instantes não consegui mover o corpo. Estava deitado de lado e tive a impressão de poder ver as duas paredes ao mesmo tempo; a que estava atrás e a que estava na frente. “*Estranho!*” Pensei.

Sem nada que eu pudesse fazer, fiquei quieto, atribuindo tudo à bebedeira; aos pouco fui terminando de acordar e de recobrar os movimentos.

Notei que lá fora já havia movimentação do pessoal se preparando para o trabalho. Lembrei que tinha que ir embora. Eu também tinha trabalho lá na obra. Ainda bem que tinha vindo de avião, senão chegaria muito atrasado.

Quando saí da casa Salgado já estava esperando do lado de fora.

– Ei patrão, que manguaça ontem, heim?

Foi o bom dia daquele mateiro, que logo encerrou o comentário sem que eu precisasse falar qualquer coisa.

– Vai prá cidade agora cedo?

– Vou sim! Vê aí o que eu preciso levar.

– Não tem nada não. Aqui tá tudo certo. Volta quando?

– Na sexta. Acho. Eu te aviso pelo rádio. Chama outro ai e dá uma segurada na estrada prá mim.

Passamos pelo refeitório onde uma xícara de café forte, especialmente feita para mim e Salgado, segundo o cozinheiro, encerrou de vez as conseqüências do porre do dia anterior. Só ficaram as lembranças; essas não seriam esquecidas. Agradei o café e continuei meu caminho.

Ali a gente não tinha pista de pouso, eu decolava e pousava o Cessna na estrada mesmo, ele ficava num recuo próximo à estrada, quase na frente da casa. Por cuidado, um caminhão trancava a estrada num ponto e outro fazia o mesmo bloqueio; quinhentos metros à frente.

Enquanto eles se posicionavam acionei o motor e em menos de dez minutos levava o aparelho para perto do primeiro caminhão. Alinhado, cumpri os procedimentos: portas travadas, uma corrida de olhos nos instrumentos, freios acionados, motor a 1750 RPM; completei o cheque do primeiro e do segundo magneto, mistura e ar quente. Trouxe a quinhentos: “Marcha lenta ok, dez por cento de flap, seletora em both, mistura rica, ar quente fechado.” Com o manete todo à frente o motor roncou forte e uma leve vibração percorreu a aeronave; liberei os freios. O aparelho foi ganhando velocidade: Olhei o painel 40, 50, 60 nós; o manche

puxado para trás foi erguendo o nariz. “Climb positivo.” Estava voando. Passei uns trinta metros acima do caminhão. Ainda achava errado usar o caminhão para bloquear a estrada; mesmo com o motorista no volante, motor ligado e marcha engatada e virado de frente para uma vicinal. “E se o motor falhasse e o motorista do caminhão não o retirasse a tempo?” A pergunta também ficou no ar. Mas não falhou e ganhei altura rapidamente, Tucuruí já estava na proa; por isso apenas fui mantendo o curso e recolhendo o flap.

Em meia hora estava pousado no aeroporto local, não sem lembrar os tempos que os aviões pousavam praticamente numa das ruas da cidade. “Até boi tinha na pista!” Isso, segundo diziam os mais antigos. Mas, o ano de 1976 já estava longe. Agora eram outros tempos, a usina estava pronta e operando. Agradei ao tempo bom; dezembro é chuvoso, o sol nesta data é que fugia ao normal.

Pequei o carro no estacionamento do aeroporto e em menos de quinze minutos já estava na hidrelétrica.

Durante o restante do mês e a maior parte do seguinte, tirando um relampejo aqui e outro ali, não tive tempo de pensar mais no assunto e nem em Ate. Ausências prolongadas sempre requeriam uma série de providências, tanto quanto à fazenda quanto ao trabalho; principalmente com referência a esse último, pois havia me decidido a pedir demissão quando da volta das férias. Esse período sem a Raquel também complicava bastante e a saudade da filha pesava o tempo todo.

A viagem estava programada para passar o Natal em São Paulo, passaria um mês por lá e isso incluía a passagem de ano, quase uma tradição. Até que chegou o dia.

CAPÍTULO 3

Pela aviação comercial as viagens são bastante rápidas quando tudo corre bem e na maioria das vezes isso acontece mesmo. Porém, uma intempérie pode afetar o aeroporto de embarque ou de destino; ou outro qualquer que comprometa o percurso total previsto para o avião que vai levá-lo a bordo. Nesse caso, é provável que você fique preso sem embarcar ou, pior, parado em um lugar qualquer quando queria ou precisava estar em outro; num bom hotel é verdade, mas mesmo assim numa situação bastante desagradável. Nessas horas, atrasado para um compromisso importante ou louco para estar com a família, mas bem distante de casa, vai começar a acreditar no que os pilotos dizem:

- O avião é o meio de transporte mais rápido, só que para quem não tem pressa.

Repeti por acreditar ser uma verdade.

Felizmente, dessa vez, não houve nada de errado e o avião saiu no horário previsto e chegou ao Aeroporto Internacional de São Paulo às 22h30min; portanto, na hora estimada de chegada.

Exatamente, entre outras razões, por causa das possíveis mudanças no horário de chegada ao destino eu sempre prefiro pegar táxi, ao invés de pedir para alguém me buscar.

Esta regrinha básica é especialmente válida para uma viagem de negócios. Provavelmente a empresa a ser visitada vai se prontificar a enviar um motorista ou, dependendo do seu cargo e de sua importância para ela, até mesmo um dos gerentes ou, ainda, se for uma empresa de grande porte, um relações públicas que fale fluente seu idioma; em qualquer dos casos é bem provável que nenhum deles o conheça. Acontece que essa pessoa pode ficar presa no trânsito ou de uma maneira ou outra se atrasar. Além do que, pode acontecer de vocês marcarem como ponto de encontro a entrada principal do aeroporto e depois vir a descobrir que existem duas entradas e ambas são consideradas principais. O caso é que,

no final, você vai ficar no mínimo uma hora aguardando-o; tempo suficiente para estar no seu hotel relaxando antes do trabalho de fato começar. Nesses casos, sempre digo, é melhor combinar que o funcionário da empresa ou seja lá quem for o apanhe no hotel em que estiver hospedado.

Dessa vez também não foi diferente e em apenas vinte minutos estava no Hotel Bristol, no centro de Guarulhos, onde minha família estava hospedada há mais de um mês.

– Como foi a viagem?

A pergunta foi feita por minha esposa, Raquel. Mulher bonita, olhos azuis grandes e brilhantes, boca larga e lábios grossos naquela hora delineados por um batom vermelho na mesma tonalidade do cinto e dos sapatos Cavage. Alta, 1,75m de altura, cabelos loiros e longos mantidos soltos e caídos sobre os ombros. Pele clara, pernas longas e bem torneadas; quadril largo e cintura fina ainda mais realçada pelo modelo do jeans que usava.

– Como foi a viagem?

Voltou a perguntar me achando distraído ou cansado. Um beijo no lado do rosto me trouxe de volta à realidade; não que a beleza dela não fosse real.

– Ótima, se bem que ainda prefiro aviões pequenos, você sabe.

Não fiz qualquer comentário sobre o traje que sabia ser novo, ela detestava essas observações na frente de estranhos e naquela hora estávamos praticamente rodeados deles. Também não houve maiores intimidades no saguão lotado.

– Não vejo graça nenhuma em viajar balançando, além que, os aviões grandes são mais seguros e confortáveis; sem contar que são mil vezes mais rápidos.

Nisso eu também concordava, à exceção das mil vezes, se bem que, se pudesse escolher, iria preferir estar em um avião pequeno se os motores parassem.

– O pessoal da fazenda mandou abraços.

Resumi as saudações recomendadas sem citar nomes.

Minha filha de cinco anos se aproximou de mãos dadas com uma nova amiguinha feita no hotel e da qual já havia me falado por telefone. “É mesmo uma bonequinha.”

Trajava roupinhas country, jeans, botas, blusinha xadrez de algodão, alta para a média das crianças de mesma idade, pele clara, cabelos loiros e longos, e olhos azuis; puxou a mãe em tudo na aparência. “De resto uma *tomboy*.” Procurei afastar isso da cabeça; não sem um posterior sentimento de culpa pela comparação.

– Pai, essa aqui é a Nádia. Ela mora aqui!

– Cadê meu abraço?

As duas me deram um rápido abraço e um beijinho no rosto e, da mesma forma como chegaram, correram para um canto do saguão, onde provavelmente estavam brincando antes da minha chegada.

– Como estão as coisas na fazenda e na obra.

Raquel sempre perguntava das duas coisas e também tinha o costume de se referir à usina como obra.

– Tá tudo bem, sem novidades. E você, o que tem feito de bom por aqui?

– Nada importante; fomos à casa do seu pai, no Shopping Internacional, andamos de Metrô; a Marisa adora passear, prá ela que tá crescendo tudo é sempre novidade. Fomos ao shop várias vezes, quase todos os dias; ela adora cinema. Quis assistir duas vezes o filme Tainá. E quis conhecer as Lojas Marisa; comprou um monte de coisas lá, amanhã ela te mostra. Lá é tudo baratinho!

– Ela já não tinha assistido esse filme?

– Já, num *CD pirata*, mas quis ver de novo; disse que o *CD* era ruim. Sabe como ela é; acho que se identifica com a indiazinha.

– Tá certo. Vou subir e guardar essas coisas.

– Pode ficar com esse, mandei fazer dois. Depois eu subo com a Marisa.

Raquel me entregou um cartão que permitia acesso ao apartamento.

Eu tinha jantado no avião e por essa razão apenas belisquei castanhas do Frigobar. Tomei uma ducha, bebi cerveja e assisti o noticiário da noite, quando elas chegaram minha filha estava tão cansada das brincadeiras que não demorou a dormir. Todos nós dormimos.

No outro dia, como estou acostumado a acordar cedo, desci no saguão e, sem vontade de comer nada e bastante curioso, aproveitei para acessar a internet, elas só iam levantar por volta das nove e meia e isso me dava uma boa folga. Dormi com o nome Ate na cabeça e estava curioso para saber o significado desse estranho nome. “Devo achar no Google,” já tinha feito pesquisa muitas vezes nesse site “a gente acha de tudo aqui.” Completei, quando o site terminou de abrir.

– ate.

Repeti enquanto digitava. Em segundos vieram as respostas, mas nenhuma entre elas que fizesse qualquer sentido. “Nada, vamos tentar Ate”, novamente retornou a mesma coisa. Percebi que com letras iniciais maiúsculas ou minúsculas o resultado era o mesmo; nunca tinha me atentado a isso. Tentei alternativas para o mesmo nome “ATE”, corri a tela “Quase igual.” As novas opções também foram descartadas. Tentei como sigla “A.T.E”, de novo nada chamava minha atenção.

Estava para desistir quando resolvi dar algumas opções, digitei novamente “Ate”, apertei Pesquisar e retornou o que já sabia, cliquei em Pesquisa Avançada e digitei *divindade* no espaço destinado a *Com a Expressão*, mas tudo que veio foi referente à palavra *até*.

Resolvi tentar novamente com a palavra *Deusa*.

Qual não foi a surpresa quando vi que existia. A resposta veio colocada em primeiro plano num blog denominado *Meio do Céu*, num artigo intitulado *As Deusas Gregas Menos Conhecidas*.

Não sem certa emoção fui rolando a tela para baixo. Lá estava, li em voz baixa:

– Item quatro. A Deusa Ate. A Deusa Ate é a responsável pela insensatez, pela ruína, pelo pecado, pela discórdia e pela confusão por bobagens. Faz com que se perca o poder do discernimento moral, do julgamento e da ação correta... Ate compelia nações ou pessoas a agirem sob a inclinação de ate: insensatez, discórdia.” Na hora vi que aquilo tinha algo a ver com a Ate da qual queria saber alguma coisa, mas depois viria saber que aquele texto descrevia Ate como se ela fosse mesmo aquela deusa.

Reli o texto novamente e não pude evitar uma exclamação:

– Só se for uma deusa do mal!

Em um rápido pensar concluí que o nome escolhido pelos pais, mesmo que em homenagem a uma pessoa qualquer, não quer dizer que aquela criança vai ter a mesma personalidade da pessoa homenageada. Se bem que acreditava na influência que isso podia acarretar. “Não isoladamente, mas mediante um determinado comportamento.” Comecei concluindo.

Lembrei-me da hipótese de um pai aficionado por futebol que dá ao filho o nome de um jogador famoso. E, depois, passa a vestir o filho dessa maneira, leva-o sempre aos estádios, matricula numa escolinha de futebol, incentiva à prática daquele esporte, faz investimentos, cobra resultados, bombardeia constantemente com narrações dos bem sucedidos naquela área e corta qualquer iniciativa do garoto para outros objetivos; isso vai fazer com que o garoto termine por tomar essa carreira. Se acontecer dessa forma, vir a ser bem ou mal sucedido não vem ao caso, o fato é que vai estar nessa não por opção, mas pela falta dela. “E, mesmo bem sucedido, pode ser um frustrado na vida.” Terminei minha conclusão.

Eu sempre achei que aos pais e aos educadores cabe mostrar às crianças todas as possibilidades existentes e, depois, incentivar aquela que for escolhida pela livre iniciativa dela.

“Afinal, a vida é dela! Aos pais não é dado viver a vida dos filhos!” Filosofoei.

Procurava agir assim com minha filha; quando ela queria ficar na fazenda ficava. Conheceria aquele lado da vida, mas lhe mostraria os outros também. Qualquer decisão posterior era com ela.

Naquela hora o que eu havia conseguido descobrir me bastava e encerrei o assunto; ao menos por ora. No momento achava que estava desperdiçando muito tempo por uma bobagem ou por mera curiosidade.

Estava me preparando para subir quando as moças chegaram e a pequenina pulou nos meus braços em alvoroço, praticamente veio gritando:

– Vamos pro shop, vamos pro shop.

– Bom dia né, dona mocinha.

Eu sempre me referia a ela dessa forma.

– O shopping só abre as onze.

Apontei o restaurante onde serviam o café da manhã.

– Por hora que tal um leitinho, quentinho e gostoso.

Ajeitei-a no colo enquanto dizia:

– Vamos almoçar lá, tá bem.

– No *méc*, quero *McLanche Feliz*.

– Ok! Ok!

Concordei de pronto, sem qualquer referência a comer comida de verdade e aquelas coisas que os pais devem dizer. Ao menos hoje não queria contrariá-la; embora soubesse que se deixássemos ela vivia de lanches. Aqui também eu aplicava a regra geral, mostraria todas as opções, depois ela iria decidir o que tomar por hábito.

Após um dia de shopping acompanhando criança não tem pai que não chegue em casa cansado. Satisfeito, feliz pela alegria do filho, mas mesmo assim cansado. É um corre-corre de um brinquedo a outro, de uma loja a outra, de lanchonete em lanchonete e de sorveteria em sorveteria. O único momento de

descontração é no cinema; um intervalo merecido. Desta vez a convencemos a ver um filme novo *Xuxa e os Duendes*, tinha que aprender a experimentar coisas novas e somente depois decidir se gostava ou não, sem que isso implicasse em afastar as antigas preferências.

Quando retornamos era noite e até no táxi Marisa veio no colo, dormindo. E não acordou mesmo quando a coloquei na cama. Nós também não demoramos a dormir; Raquel também estava morta. Nem deu para aproveitar o verdadeiro desmaio de nossa filha, para dizer a verdade creio que nenhum de nós dois pensamos nisso.

Não pude evitar meio sonolento pensar em Ate e nas descobertas do dia quanto a essa estranha personagem. Adormeci com esses fatos na cabeça. Por um instante senti uma sensação de agonia e um medo forte e irracional. Imediatamente tentei me levantar da cama, mas o corpo não obedeceu aos estímulos do cérebro; senti-me um tetraplégico. Não sem certo desconforto dei conta de um peso enorme pressionando o corpo; como se um braço forte o comprimisse contra a cama. Mas, foi apenas por instantes, no momento seguinte fui dominado por uma paz total. Uma sensação de leveza que foi aumentando, enquanto uma forma de mim foi se elevando até pairar um metro acima do corpo que permanecia estático em decúbito dorsal; o fantasma projetado mantinha essa mesma posição.

Calculei que a imagem real e a projetada quase se comparavam à dupla visão de um bêbado quando deitado de lado ou quando se força os olhos lateralmente estando também deitado naquela posição. A visão do estrábico. Diplopia.

Com esses pensamentos procurei detalhar as diferenças. Daquela posição, olhando para os pés, eu tinha duas visões distintas; uma não era exatamente uma imagem da outra. Em uma via apenas o cobertor e o contorno do corpo até o volume alteado da coberta formado pelos pés no fim da cama; na outra, de forma translúcida, o cobertor não existia, permitindo uma visão

mais precisa. Pareceu-me que os pensamentos também eram em dobro ou davam dois resultados para o mesmo pensamento; não soube explicar.

Mas, concentrado no fato em si, não atentei se a projeção estava mesmo vestida; parece-me que sim. O que era de estranhar porque fui dormir só de cueca.

“Virei um fantasma.” Falei para mim mesmo, mas se eu pudesse olhar o corpo inerte na cama iria ver que a boca não havia se movido nem uma vez.

Em seguida, qual acionado por um comando automático, ou comandado por uma terceira vontade, o fantasma foi deslocado até passar os pés da cama e onde foi colocado na posição vertical enquanto fazia um giro de cento e oitenta graus; o que o deixou em pé olhando para a cabeceira da cama. Corrigindo, eu estava vendo, a visão eu comandava; ao menos ela. E, o pensamento; acho.

Abaixo, na minha frente, duas pessoas dormiam ao que tudo indicava um sono profundo; isso não seria estranho se uma dessas pessoas não fosse eu, a outra era Raquel.

“*Morri!*” Nenhuma conclusão podia ser mais bem adaptada à situação. Embora difícil de aceitar. Minha filha dormia o sono dos anjos na cama ao lado “*Coitada, perder o pai nessa idade.*” Imediatamente me veio à mente as noitadas, cigarro, bebida, os negócios e o nervosismo descontrolado. Isso me pareceu uma procura a culpados, mas só encontrei a mim. Troquei essas idéias pela mais preocupante, a situação da minha mulher ao acordar com um defunto ao lado. “*Vai ser um susto danado! Uma gritaria!*” Não queria estar ali para ver, mas estava.

Não sabia o que fazer, para onde ir, cheguei a brincar com a situação “Vá para a luz!” Só que não vi nenhuma, por isso continuei bem ali, parado; também não sei se sabia como me mover.

De repente um barulho vindo de não sei onde me assustou, ato continuo me senti empurrado contra o corpo. Tentei

inutilmente levantar; somente os olhos pareciam funcionar. Aquele estado durou algum tempo, um ou dois minutos; não sei exatamente quanto. Aos poucos os movimentos foram voltando e me fizeram lembrar a situação semelhante que passei lá na fazenda; isso me tranqüilizou um pouco.

“*Ainda bem que estava enganado!*” Referindo-me ao fato de ter achado que estava morto. Fiquei feliz, primeiro por minha filha, depois por mim mesmo e por minha mulher; naquela hora nenhuma outra pessoa me passou pela cabeça.

Assim que pude, levantei, fui até o Frigobar, peguei um copo de água, abri e bebi praticamente num gole. Não querendo acordar ninguém o melhor foi voltar a dormir. Devo ter demorado a pegar no sono, olhei no relógio várias vezes, a primeira as três em ponto, na quinta e última o relógio marcava quatro horas.

“Ate, você está aqui?” O som de minha própria voz me trouxe novamente à consciência. Não sabia por que a estava chamando, o fato é que estava. E, pensando, não cheguei à conclusão se o termo correto a empregar não fosse invocando; sendo ela uma entidade que achava divina, uma deusa. Continuava confuso, sem saber o que estava acontecendo e o que viria por acontecer. Isso me preocupava e me deixava com certo medo. Curioso é verdade.

Não precisei repetir ao chamado. Ate vinha saindo do prédio, parecia flutuar; um estranho caminhar rente ao asfalto sem que mexesse qualquer das pernas.

Vinha em minha direção era certo. Parou a dois passos de distância. Olhou fixamente antes de responder em tom de brincadeira “É lógico que estou aqui, sempre estou; já lhe disse isso da outra vez.” Girou à minha volta como numa inspeção da cabeça até os pés, despertando minha curiosidade; olhei-me dos pés até onde a vista alcançava, perto do pescoço. “*Gozado, estou vestido!*” Conhecía aquelas roupas e sempre as reservava para ocasiões solenes; muito diferente das que usava para dormir. Por

sinal eu dormia praticamente pelado. “*Ainda bem que não estou nu.*” Pensei.

“Ufa! Parece que jogou a lama fora. E não vou falar que não adoraria se estivesse.” Em seguida, comentou numa clara alusão ao encontro anterior. “Tá um gato!”

Não liguei para a primeira insinuação, acho que porque gostei do elogio, nesses casos, sempre olho para o melhor enfoque, afinal tenho 45 anos e mesmo assim ainda sou vaidoso, só depois me lembrei quem era Ate. Ou quem eu achava que ela era. Tinha dúvidas até de quem era eu. Fiquei sério.

Ela notou e apenas disse: “Liga não.”

“Ate, por acaso você é uma Deusa Grega?” Formulei a pergunta de modo capcioso, mas de todo modo uma pergunta fechada que pedia resposta direta.

Mesmo agora estando bonitinha não achei que ela fosse tomar a pergunta como referência a Afrodite. “*Seria muita petulância.*”

“Fique tranquilo, nem me passa em pensamento. Aliás, chega a me ofender. Amor não faz parte do meu ser.”

Tinha me esquecido que ela podia captar pensamentos.

“Já me chamaram de muitos nomes. Deusa é a primeira vez. Só você mesmo.”

“Se você não é a Deusa Ate, quem então é você? Humana você não é!”

“No momento, nem você é humano. Deixa-me filosofar um pouco: Tudo é energia, até as grandes inteligências o são. Entendeu?”

“Sabe quem é a Deusa Ate?” Insisti.

“Lógico, com certeza ela existiu, só não sei se ainda existe. Provavelmente não. Foi criada, abandonada e esquecida; substituída por outras devo crer. É assim que acontece, vai acontecer comigo também. Tudo e todos no universo têm um

começo e um fim.” Olhou para o alto e deu sinais de corrigir “Ego sum alpha et Omega”

“Não entendi.”

“I am the beginning and the end”

Da primeira colocação só sabia ser latim, da segunda que era inglês; ambas não eram meu forte. Ate entendeu meu silêncio.

“Eu Sou o começo e o fim.” Apontou o céu com o indicador.

“O Criador! Deus!” Agora sim, havia compreendido.

“Demorou em compadre.”

Ate tinha razão, somente Deus não teve começo e não vai ter fim. “*Tudo o mais, provavelmente sim.*” Pensei comigo mesmo. Era próprio da minha criação religiosa, mesmo que às vezes não aceitasse que eu tivesse um fim. Não o meu Eu. Preferia crer que Ele é sim o *fim* para todos nós; só que fim no sentido de objetivo.

Ate sorriu maliciosamente, deve ter captado meus pensamentos, entretanto, não fez qualquer comentário. E, como se diz, trocou o rumo da prosa.

“O que veio fazer aqui, Vinícius.”

“Não sei e, prá dizer a verdade, não tenho a mínima certeza se estou aqui ou se sou mesmo eu que estou aqui; se não estou sonhando. Eu estava dormindo, quer dizer, pouco antes achei que tinha morrido. Depois, me encontrei aqui te chamando.”

“Ser ou não ser, eis a questão.”

“O que quis dizer com isso?”

“Dormir... talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo: Pois quando livres do tumulto da existência, no repouso da morte o sonho que tenhamos devem fazer-nos hesitar: eis a suspeita”.

“Eu morri?” Perguntei quase que afirmativamente.

Deve ter tido pena do meu ar de incredulidade e susto, e amenizou “Não se preocupe, apenas uma forma que simula a morte, ela é muito mais complexa!”; e continuou: “Eu nem sei se

você nasceu. É preciso nascer para morrer, sabia. Deixa prá lá. Procure saber o que o trouxe aqui, só assim vai ficar em paz. Agora tenho que ir, alguém está a me chamar e não posso deixar de atender. Eu dependo disso para continuar minha existência. Tudo que existe tem um propósito, *a vida* não perde tempo com inutilidades. Tudo e todos têm uma missão de *vida* e missões durante a *vida*. Volte quando souber qual é a sua neste lugar.”

“Espere, me responda, por que o nome Ate? Quem te deu esse nome? Foram seus pais, deve ter um pai, uma mãe, essas coisas; nada vem do nada.”

“A resposta à primeira pergunta você já descobriu. Ate porque somos iguais, talvez não na força, mas na forma, no destino e na essência. Por isso adotei esse nome; o que responde à segunda. Quanto a terceira, já te disse que tenho muitos pais e mães; milhares deles prá ser mais exata. Fui.”

Ate simplesmente desapareceu. Não foi embora, sumiu.

No outro dia eu não recordava para onde tinha ido quando Ate desapareceu. “*Ou fui eu que sumi e ela ficou.*” Conclui que tinha perdido a consciência naquele ponto “*Posso até ter ficado lá, com certeza já estava lá quando comecei a chamar por Ate. Cheguei lá de repente e sem saber, quando me dei conta já estava lá; posso muito bem ter saído de lá da mesma forma.*” O que me intrigava era por quê.

Era véspera de Natal e não ia dar tempo e nem eu ia permitir me afastar das tradições. Ceia, presentes, canções natalinas, bebidas e, depois, brigas em família; uma resultante das festas em geral unindo grande número de pessoas.

Eu tinha certeza de não ter bebido muito naquela noite, desta vez não teve as tradicionais brigas, Marisa arriou cedo e resolvemos voltar para o hotel.

Fomos deitar por volta das duas, mesmo assim acordei olhando o relógio que estava no meu pulso, a visão era clara, mesmo no escuro; eram três horas da manhã. Três em ponto, como

se diz. Notei que todas as cores pareciam ter desaparecido, o ambiente estava moldado em várias tonalidades de cinza, do mais claro ao mais escuro; e era transparente.

Olhando para o teto podia ver o andar de cima, a cama, duas pessoas dormindo; mais acima a mesma coisa. Observei vários andares até o teto do prédio, a visão parecia se ajustar ao comando do pensamento. Olhei para frente, para os lados e para baixo sem precisar mover a cabeça.

Eu estava consciente que de fato estava mesmo vendo aquilo, no apartamento ao lado eu via um quadro com cavalos desenhados em cores fortes. “Lindo!” Adoro animais de montaria, foi quando me dei conta de que quando fixava a visão num objeto qualquer ele deixava a transparência, assumia sua verdadeira forma material e imediatamente apresentava suas cores reais; na hora achei que era e depois viria a ter certeza.

Durante alguns minutos fiquei visualizando cada objeto que lá se encontravam a televisão, diferente daquela em nosso quarto, LG, 42 polegadas de plasma ou LCD; eu nunca conseguia diferenciá-las. A cortina em tom lilás degrade com faixas azuis paralelas de duas em duas a cada trinta centímetros; calculei. O sofá em tecido de um azul forte, vivo, ao contrário do nosso, um verde musgo desbotado e surrado. Os abajures ao lado da cama tinham revestimento em tecido amarelo ouro. “*Devem ficar lindo quando acesos no escuro.*” lembrei que minha filha adorava aquela cor e também era apaixonada por cavalos. “*Vai adorar esse quarto.*” Decidi que no dia seguinte tentaria a troca; um motivo para checar as impressões de agora.

Quando fui olhar novamente os objetos para ter certeza da descrição de cada um, qual não foi a minha surpresa ao ver que estava vendo cada um deles ao mesmo tempo. Todos posicionados em cantos diferentes do quarto e à minha frente. “*Como pode ser?*” No instante seguinte estava vendo tudo ao mesmo tempo, todos os quartos do hotel, o restaurante, a piscina, a sala de ginástica. A consciência foi se expandindo cada vez mais e

agora podia ver toda a cidade como se estivesse presente em cada lugar; o prédio de Ate, o apartamento onde ela estava naquele momento, as outras pessoas que a acompanhavam naquele ambiente; muitas, parecia uma multidão e todas pareciam acordadas, se movimentando. O país inteiro estava no meu raio de visão; depois todos os países. O universo se abriu por completo. E, era eu em tudo e ao mesmo tempo. Eu compreendia o infinito e ele parecia íntimo e lógico. Mas, de repente, da mesma forma que veio, essa compreensão desapareceu junto com todos os lugares e coisas à exceção das existentes no meu quarto.

“O universo parecia tão simples, tão fácil de ser compreendido!” Mal havia concluído esse pensamento quando perdi a consciência; recobrei-a sobrevoando a cidade pouco acima dos prédios. *“Duzentos por hora, mais ou menos.”* A velocidade de cruzeiro do meu avião é essa, e estava acostumado a avaliar. A visão anterior da cidade me deu a certeza que rumava para o lugar onde Ate ficava. Meu não havia querer algum; mas estava indo. Não demorei a chegar e praticamente aterrissei em frente ao portão. Ate estava lá me esperando; eu tinha certeza que sim.

“Sabia que viria!” Disse Ate.

“Posso saber como?”

“Estamos em sintonia, ligados um no outro; todas as coisas estão.”

“Como eu não sabia de nada?”

“Sabia sim; tanto que esta aqui. Só não tinha consciência disso.”

Tinha uma coisa martelando minha cabeça e eu precisava perguntar, aproveitei a oportunidade: “Você me disse que escolheu o nome Ate pelos atributos da deusa!”

“Disse! E é verdade!” Ate falou em tom sério, como se não admitisse dúvidas das suas palavras.

“Uma coisa chamou mais minha atenção, por exemplo, *fazer com que percam o poder do discernimento moral*, o que quer dizer? Você faz isso?”

Ela me olhou por instantes, depois falou:

“Prá começar, vamos deixar claro que nem eu sou, e nem a Deusa Ate era, *responsável* pela insensatez. Eu e ela fomos criadas pelas loucuras momentâneas das pessoas que não são loucas, mas praticam atos tresloucados. Os insanos produzem apenas ação e resultado. Não pensam para fazer; simplesmente fazem. A ação dos loucos não tem qualquer sentimento envolvido; nem bom, nem ruim. Não servem aos meus propósitos e aos dos seres iguais a mim. Quer sejamos bons ou maus – *como queira* -, agimos segundo os pensamentos e sentimentos que recebemos, não temos nenhum sentimento próprio; todos nos são fornecidos.”

“Pelas pessoas normais.” Arrisquei.

“Sim! Pessoas normais com pensamentos anormais. Na maioria das vezes não produzem qualquer resultado imediato no mundo material. São simplesmente armazenados aqui; o segredo esta na quantidade e na qualidade. Nesse caso, sim, podemos ser responsáveis pela ruína, pelo pecado, pela discórdia e pela confusão por bobagens; mas, só em parte, nós apenas devolvemos aquilo que nos foi enviado por alguém. Igualzinho, sem tirar, *mas pondo*. Parte do nosso trabalho é enviarmos a ele não somente os próprios pensamentos, mas de contra peso um bocado daqueles dos que pensam da mesma maneira; ou seja, variedades de uma mesma forma-pensamento.”

“Então, o livre arbítrio não nos dá o direito de pensar o que quisermos?”

“Dá? Mas, você colhe o que planta.” Por instantes Ate pareceu avaliar o grau do meu entendimento da questão posta. Não pareceu satisfeita e continuou: “Desculpe, achei que tinha respondido à sua pergunta. São vocês que *perdem* o poder do discernimento moral quando adotam uma única linha de pensamento, desprezando, illogicamente, as variáveis possíveis; e fecham questão sobre determinado assunto que vão prejudicar terceiros e passam a tê-lo como certa e única expressão da verdade.” Ela voltou a me analisar, como se diz, vasculhar meu

cérebro; eu parecia sentir isso. Por instantes pude ver que o meu corpo na cama, se movia agitado; incomodado.

Ela prosseguiu indiferente ao estado do meu corpo lá no hotel; não sei se podia vê-lo ou não. “Quando enviamos outras formas de pensamento geradas por terceiros, estamos lhes prestando um serviço, ou seja, fornecemos subsídios, outras opções – *válidas ou não – críveis ou não* – cabe-lhes, nesse caso, o uso do discernimento para aceitá-las, descartá-las e até buscar outras que melhor se adapte ao caso concreto. Mas, isso é com vocês, nós fazemos o papel do carteiro – *entregamos a correspondência* – o que vocês fazem com o conteúdo não é problema nosso. Se uma carta vier sugerindo que se mate, anônima ou não, e você o fizer, bem que merece a morte. O que não pode é querer culpar o carteiro.”

Senti-me cansado, mesmo assim coloquei: “Discernir não é uma forma de julgar?”

“Como fim, não como meio, antes, é necessário separar, diferenciar as opções que se apresentam e interpretá-las uma por uma, separadamente, com isenção de ânimo e ausência de paixão, para só então formar conclusões...” Olhou-me profundamente “é procurar perceber claro usando todos os sentidos.”

Acredito que Ate sabia de meu cansaço, ficou em silêncio por algum tempo, aguardando que eu tomasse a iniciativa de retomar o diálogo.

Por fim eu disse, tirando não sei de onde: “E a pena. Quem julga tem que impor uma pena. Não?”

“A quem, por direito, foi dado julgar sim. Os demais, devem se contentar com o que aquele decidir; ou não, *quando também por direito lhe couber*. Só assim você poderá viver em paz com a sua consciência.”

“Como sabe destas coisas Ate, em princípio você me disse que era alimentada apenas por pensamentos e sentimentos. Isso é resultado. Conclusão.”

“Digamos que retiro do meu *Arquivo Morto*. Isso acontece quando alguém cria um pensamento maldoso, gerado pela raiva momentânea, e, depois, vai ponderando até chegar a uma conclusão lógica e racional; essa conclusão, mesmo se for errada, sendo aceita por ela como conclusiva, não tem mais energia alguma. Não geram novos pensamentos, nem novas opções, se houverem, não fechou questão sobre o assunto; ainda está inconclusivo.”

Deu uma pausa, para resumir: “Para o autor e mesmo para mim, assuntos encerrados, são fontes apenas de meras informações, conclusões só podem ser lidas, nunca revistas; no sentido de revisadas. Revisar levaria a rever todas as hipóteses novamente, revivendo emoções e sentimentos que devem ser ponderados a bem da clareza. E, mesmo que se chegue à mesma conclusão; ela é nova – *igual* - mas ainda nova.”

Começou uma nova explicação: “Fato diferente do pensamento meramente abandonado e que pode voltar; se não volta, vai enfraquecendo até a extinção por completo e cai no esquecimento. Até então, está para mim e para ele, em aberto. Muitas vezes eu o sigo e, quando termino num beco sem saída, pulo para outro. E, assim por diante, por essa razão eu procuro os em atividade constante e passo a agir por eles. Daí porque, não pude dar respostas a algumas das suas perguntas no começo. Eu não as tinha e nem as tenho agora, eram linhas de pensamento abandonadas incompletas; inconclusivas. Abandonados pelos pais; não órfãos. Há os que morrem na vida física e do outro lado continuam a alimentar os mesmos pensamentos de quando encarnados; são os mais poderosos até certo ponto. Não descansam nunca; e nem eu quero que o façam.” Brincou, ao final, para ficar séria novamente. “Agora vai, você está muito cansado; por isso não vai se lembrar de quase nada do que conversamos. É perda de tempo e desgaste físico para o seu corpo.”

- Vinícius acorda! - A voz não era de Ate, era de Raquel, e pude sentir sua mão fina chacoalhando meu ombro. – Acorda! Você esta tendo um pesadelo!

Acordei suado, o lençol praticamente molhado, a respiração ofegante, parecia ter trabalhado a noite inteira. Atribuí tudo à agitação da festança e há um pouco de bebida. “Estranho sonho, um ser formado do pensamento e sentimento dos outros.” Naquela hora foi o máximo que consegui lembrar ou deduzir. Anotei mesmo no escuro num bloco de recados mantido num dos criados-mudos pelo hotel. “Amanhã pesquise isso?” Pensei.

– É, devo ter tido um sonho ruim! – Falei sem muita certeza do que dizia.

Na hora, não sei se não me lembrava mesmo de tudo ou não quis perturbar Raquel.

– Vamos voltar a dormir.

No dia seguinte, sem saber por que, mas apenas porque isso não me saía da cabeça, pedi na recepção para me mostrarem outro quarto; o ao lado do meu, se possível e vago tivesse. Estava! E foi só entrar que a impressão nítida de que já estive naquele quarto me veio a mente. O quadro, a cortina, o abajur amarelo, até a TV, LCD segundo informação do mensageiro que me acompanhava; estranho.

– “*Déjà vu*”, pensei.

Decidi por mudar de quarto, não sem um pouco de reclamação de minha mulher com um sonoro “*Prá quê? Tanto faz, são poucos dias mesmo. Esse tá bom.*” Ela se referia ao retorno à fazenda. Insisti e a troca foi feita pela camareira à qual dei boa gorjeta antecipada com a condição de deixar tudo arrumado na forma que estavam no quarto antigo.

Fomos à casa de amigos onde passamos o dia e quando voltamos estava tudo na perfeita ordem. No quarto novo; é lógico.

CAPÍTULO 4

Passamos parte da manhã e a tarde inteira zanzando de um shopping a outro e retornamos ao hotel por volta das cinco horas da tarde. Enquanto minha filha corria para procurar a amiga, Raquel permaneceu no saguão para vigiá-las. Isso me dava um tempo de folga e eu resolvi acessar novamente a internet; desta vez no quarto, usando meu notebook conectado à rede sem fio.

“Aqui tenho mais privacidade.”

Mas, no fundo sabia que não queria ser visto pesquisando tal assunto; vergonha mesmo.

Minha preocupação agora era procurar pela existência ou não de seres que se utilizavam de pensamentos e sentimentos emanados por nós.

Teclei *pensamentos sentimentos* e tudo que retornou foram referências poéticas. Em *Pesquisa avançada* tentei *astral*, mas o retorno não correspondeu ao que pretendia.

– Vamos tentar separadamente.

Decidi começar por *pensamentos* e *astral* e de imediato vi que estava no caminho certo. Duas opções: *Medicina Vibracional – Richard Gerber – 1899*, em livros do Google; e *Viagem Astral – Pensamentos que geram energia*, num blog.

Acessei o primeiro e logo no início da leitura pude constatar que estava no caminho correto - citava Tiller e *Einstein* - li em voz alta o trecho que me chamou atenção:

– A esfera astral apresenta algumas propriedades notáveis, uma das quais é o princípio de que os pensamentos astral ou emocionalmente carregados *possuem vida própria*.

Repeti mentalmente as três últimas palavras “Possuem vida própria.”

Meditei alguns segundos sobre o que havia lido e prossegui “No nível energético astral, certos pensamentos, tanto conscientes como inconscientes, podem existir como campos de

energia distintos ou *corpos de pensamentos*, com formas, cores e características singulares.”

Eu era leigo sobre esse assunto e apenas tinha sido arrastado para aquela situação. Não que eu quisesse, mas ao que tudo indicava não havia querer; aconteceu, e isso era um fato.

“Isso pode continuar e não sei onde vai parar.” É preciso que eu me prepare da melhor forma possível; não sabia a quem e nem onde recorrer.

Continuei lendo, dessa vez apenas balbuciando uma palavra ou outra que me chamava mais a atenção e até formei certos conceitos. *“Podem ser vistos por clarividentes.”*

Eu não pretendia me tornar um perito em Medicina Vibracional, por essa razão depois de algum tempo de leitura abandonei o e-book e voltei à minha pesquisa.

O próximo pré-selecionado era o da Viagem Astral “Psicoenergia é gerada pelas emoções e podem produzir efeitos maléficos ou benéficos.” Foi o primeiro e único conceito extraído naquele local.

Continuei a pesquisa por uma infinidade de sites e blogs. Uma frase em especial obtida em um dos sites não me saía da cabeça *“Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei”*, com certeza voltaria a esse site; depois de pular de um site a outro sem melhores explicações, voltei *“www.astrumargentum.org”*.

– Com a disseminação da literatura de falso ocultismo e parapsicologia, *ataques contra a integridade psíquica de outras pessoas estão se tornando perigosamente comuns.*

Levantei um pouco mais a voz quando li o último trecho.

“Será que não sou vítima de um desses ataques.”
Pensei.

Eu tinha por hábito ler em voz alta quando queria memorizar alguma coisa e por essa razão fui lendo enquanto copiava trechos e mais trechos de frases e mais frases.

– Amor é a lei, amor sob vontade.

Gostei da frase, acho que a repeti uma dezena de vezes.

– Há lugares na superfície da terra em que as forças astrais se concentram em massa. Podemos entrar acidentalmente em contato com pessoas que estão, consciente ou inconsciente, lidando com essas forças. Se entrarmos em contato com forças sutis sem respeitar as leis que regem a sua ação, o resultado poderá ser desastroso,...

Um enunciado em particular prendeu minha atenção, passei a refletir enquanto o lia:

“Às vezes a perturbação nos planos sutis se reflete de formas especiais no corpo físico. Um investigador conta ter visto a marca de um casco de animal, como se a pessoa tivesse levado um coice violento; outra, arranhões profundos marcados sob a epiderme, sem quebrar a superfície cutânea, parecendo como se a vítima tivesse estado nas garras de um gato gigantesco. Tais marcas passam pelos estágios normais das equimoses, e vão esmaecendo até se apagarem ao fim de alguns dias.”

Isso imediatamente me fez lembrar um sonho que tive tempos atrás, nele eu estava preso em um buraco e, do lado de fora, pessoas me puxavam pelos braços; dentro, um inexplicável ser me segurava cravando as unhas em minha carne logo abaixo dos sovacos. Enquanto era praticamente arrastado para cima, pude sentir as unhas escorregando até a altura dos quadris, quando finalmente conseguiram me libertar. No outro dia eu tinha quatro marcas de arranhados em cada lado do tronco; uns vinte e cinco centímetros de comprimento. À época concluí que eu não podia ter feito aquelas marcas com minhas unhas, não havia posição possível, e porque elas eram internas, não formavam riscos na superfície da pele como seria normal. “Estavam na vertical.”

Mesmo agora, relembro o fato, ainda achava que marcas de unhas feitas involuntariamente quando dormimos devem sair do lado do corpo com destino ao peito ou à barriga. “Horizontalmente!” Calculei ser óbvia a conclusão.

– Ou, no máximo, de baixo para cima. Aquelas começavam largas na parte de cima do tronco, formando forte equimose, e afinavam na parte de baixo até desaparecerem por completo.

Terminei por concluir como inexplicável e continuei lendo minha pesquisa.

“Quando um ataque oculto é deliberado, sua forma mais comum é uma combinação de telepatia com sugestão.”

Uma frase em especial me chamou a atenção pelo som que produzia quando lida, embora o significado das palavras fosse totalmente diferente; iria ver depois.

– O Khabs esta no Khu, não o Khu no Khabs.

Apesar de parecer uma piadinha rimada, continuando a leitura pude perceber que se referia a transcrições egípcias que falavam da centelha do Fogo Divino no Ente Mágico do iniciado.

“Essas viagens astrais são na realidade sonhos lúcidos em que nós retemos todas as nossas faculdades de escolha, poder de vontade, e discernimento.”

Procurei confrontar os dados da leitura com os fatos que vinha acontecendo comigo nesses últimos dias “Comigo não acontece assim; ao menos não por agora.” Concluí.

“É necessário tomar o máximo cuidado com visões astrais. O plano astral é infinitamente plástico: a substância que o compõe está sempre pronta a assumir as formas do nosso desejo ou do nosso medo.”

Existiam verdades inseridas nos textos, dentre elas, uma me chamou a atenção, tal como dissesse, recolha-te à sua insignificância. Li, de novo em alto e bom tom:

– Um homem disse ao Universo: Cavaleiro, eu existo! – Sem dúvida – replicou o Universo – Mas o fato Não desperta em mim qualquer senso de responsabilidade para consigo.

“Acho que isso quer dizer para eu me virar; afinal é isso que estou tentando fazer. Devo estar certo.”

Aceitei sem muita convicção.

– Elemental Artificial é uma forma criada no plano astral.

Resumi; pelo que entendi das colocações obtidas em Elementais Artificiais.

“Uma sub-variante do Elemental artificial é o *Egrégora*.”

“O *Egrégora* não tem vontade própria.”

“A masturbação – tanto masculina quanto feminina – não é provocada por egrégoras, que se alimentam normalmente de nossa energia devocional; mas se o ato masturbatório toma o egrégora como centro de concentração da mente, esta energia também pode ser absorvida pelo autômato, que assim expande sua existência em outros planos, e se torna ainda mais perigoso.”

– Que raios de egrégora é esse?

Perguntei a mim mesmo, começando a ficar intrigado com as descobertas. “O que é um Egrégora?” Decidi que depois iria buscar essa resposta.

“*Cascões* são restos em decomposição dos corpos astrais dos seres humanos desencarnados. Ou ainda podem ser de outros tipos de entidades.”

“Elementais descritos pelos rosa-cruzes?”

“Anjos e Demônios são da mesma espécie astral.”

“Anjos são dogmáticos e Demônios são rebeldes.”

A hierarquia ia subindo, flamas, anjos, arcanjos, os Elohim ou Deuses, mas nenhuma explicação sobre estes últimos que pudessem me esclarecer sobre o que seria Ate; se é que ela era alguma coisa além de um personagem de sonho.

Aquilo me trouxe até certo ponto, para saber mais deveria voltar ao motor de pesquisa. “O Google!”

Desta vez sabia exatamente o que procurar, portanto, apenas digitei “egregora”. Bastou apertar o enter e em 0,33 segundos 101.000 opções foram disponibilizadas.

Li muitas definições, comentários, palpites e até gozações e, dado ao grande número de desconstruídas opiniões, resolvi salvar em texto as que taxei de mais sérias.

“Em *La Voie initiatique* (A Via iniciática), Serge Marcotoune constata que a energia nervosa se manifesta por raios no plano astral: ‘O astral está cheio de miríades de centelhas, flechas de cores das idéias-força. *Sabemos que cada pensamento, cada intenção a que se mistura um elemento passional de desejo, se transmite em idéia-movimento dinâmica, completamente separada do ser que a forma e a envia, mas seguindo sempre a direção dada.* As idéias-força são os elementos mais elementares do plano astral; elas seguem sua curva traçada pelo desejo do remetente’. (pág. 195) É por isso que precisamos controlar nossos desejos a fim de que eles não pesem sobre nós, acorrentando-nos, imprimindo à nossa aura cores diferentes. A meditação e a prece do iniciado regeneram-no, permitindo-lhe emitir idéias sadias e tranqüilizantes. No astral, os ‘spiritus directores’, os espíritos-guias, canalizam as idéias-força para zonas determinadas.”

“A egrégora se realimenta das mesmas emoções que a criaram. *Como ser vivo, não quer morrer* e cobra o alimento aos seus genitores, induzindo-os a produzir, repetidamente, as mesmas emoções. Assim, *a egrégora gerada por sentimentos de revolta e ódio, exige mais revolta e ódio*”. Dei destaque ao trecho final e descobri que ganhei outra dúvida durante as leituras efetuadas até ali. “O Egrégora ou A Egrégora?” E, mesmo sabendo que não tinha qualquer importância para o contexto fiquei curioso; não sendo importante, deixei para resolver o assunto mais tarde. Por ora queria saber mais sobre o assunto.

A Maçonaria sempre me pareceu uma associação séria e ao ver um site da maçonaria portuguesa resolvi especular com mais afinco. Abri uma nova tela do Explorer e o copiar colar não funcionou, digitei “www.maconariaportugal.com” e com isso passei a fazer pesquisas em dois lugares quase ao mesmo tempo.

Do site português extraí “O Livro da Lei inicia-se com a mais forte de todas as EGRÉGORAS. No princípio, Jafé criou os Céus e a Terra. A Terra estava informe e vazia. As trevas cobriam o abismo e o SUPREMO ARQUITETO DO UNIVERSO pairava sobre as águas. O SUPREMO ARQUITETO DO UNIVERSO disse: ‘FIAT LUX!’ E a luz se fez.” Procurei reproduzir o mais fiel possível o enunciado para mais tarde tentar entendê-lo melhor.

Ainda, “Depende a EGRÉGORA da energia de cada um, para sua manutenção e para atingir a plenitude. Podemos afirmar, sem medo de errar, que ‘A EGRÉGORA’ se realimenta das mesmas emoções daqueles que a criou.”

Continuei salvando trechos, aleatoriamente, sem classificá-los em qualquer ordem de importância: “Como a EGRÉGORA NEGATIVA, podemos citar o período da Alemanha onde o nazismo triunfou. Uma nação transferiu a um homem todo poder, a EGRÉGORA foi formada e manipulada por forças ‘ocultas’ e concedeu a esse homem todo poder.”

No outro Explorer acessei um blog e copiei na íntegra um texto nele transcrito com a ressalva de ser de autor desconhecido. Resolvi que depois buscaria a interpretação mais apropriada e lhe daria o valor devido.

"A egrégora é a energia que resulta do conjunto de vibrações emitidas por cada ser autoconsciente. E também é a soma das vibrações coletivas. Esta energia, também conhecida como Assinatura Vibratória é sua identidade perante a vida. De acordo com o conjunto do que se pensa e sente, e também como fruto das ações, a egrégora pode ser de luz ou sombra.

É importante pensar nisto para que possamos avaliar qual está sendo nossa contribuição para a egrégora do planeta. Existe também uma egrégora para cada estado de espírito. Existe a egrégora do amor, da piedade, do perdão, da fé, da cura, da alegria, da paz, para tudo que há de bom há uma egrégora. *Mas há também a egrégora do medo, do ódio, da discórdia, e muitas outras relacionadas ao que há de negativo.*

Podemos, por nossa vontade, sintonizar qualquer tipo de egrégora, e quando assim o fazemos, estamos puxando esta energia para nossa própria egrégora, como para dentro de um carrinho de supermercado. Podemos sintonizar também a egrégora dos grandes seres de luz que atuam no planeta. Podemos acessar a egrégora de Jesus, Buda, Saint-Germain, de acordo com a devoção que temos por estes seres, e isto ampliará nossa egrégora pessoal, na medida em que soubermos agir de acordo com os ensinamentos destes mestres.

A energia deles tem uma assinatura particular, mas também está associada a uma egrégora maior que é a Energia Crística. Cada indivíduo pode ser mais ou menos útil e qualificado para a ascensão, de acordo com a qualidade da egrégora que está criando. Então, cabe perguntar, qual a egrégora que estamos criando? Quais as energias que estamos acolhendo em nosso campo vibratório? Sintonizar a egrégora do Cristo é a maior missão que pode ser colocada em prática a partir de já, por todos aqueles que anseiam mudar as condições de vida no planeta, e conquistar harmonia em todos os aspectos de suas vidas.”

Coloquei em destaque a parte do texto que mais chamou minha atenção, a egrégora do medo, do ódio, da discórdia “E, com certeza do ciúme também!” Fiz minha ampliação do conceito e continuei a busca por mais informações; ainda não estava satisfeito. Nada explicava se Ate podia ser um ou uma Egrégora; ninguém falava sobre forma.

“Pensa, cria, colhe” e “A Vida é Eterna, as criaturas são transitórias”; em R+C. Nessa hora, imediatamente, lembrei-me das palavras de Ate e da previsão do fim de sua existência.

Novamente em um site da Maçonaria, desta vez no Brasil, recortei partes do conteúdo de um texto bastante extenso: “Consta que a aura dos seres racionais, portanto dos que possuem uma consciência, diferentemente das demais, exibe a característica de impregnar os seres inanimados e *criar* nos ambientes *um corpo* psicodinâmico *assemelhado as pessoas* que ali se reúnem. Sua formação é espontânea e involuntária, ou seja, independente da vontade consciente de seus geradores.” Coloquei em destaque as palavras que formavam a frase “*Criar um corpo assemelhado às pessoas.*”

Repeti estas palavras como se quisesse me convencer da exatidão de seu conteúdo “Isso pode explicar Ate?” No entanto, trazia praticamente impressa outra pergunta “Que grupo formador seria esse?” E, acrescentei: “Com que propósito?”

“Para pertencer a uma egrégora, basta pensar de forma semelhante ao grupo... Esses elementais tem vida própria, e agem independente de quem o gerou... A duração e a capacidade de agir da forma-pensamento animada por um Elemental depende de dois fatores: a intensidade inicial de energia (mental e emocional) que o seu criador humano lhe confere, e o alimento posterior ministrado, através da repetição.” Anotei ter sido retirado de sites sem organização definida e resolvi voltar a um site da maçonaria.

“Egrégora é uma entidade que é criada por pensamentos e sentimentos, que adquire vida e que é alimentada pelas mentalizações e energias psíquicas. É autônoma e se forma pela persistência e intensidade de correntes emocionais e mentais. Pensamentos e sentimentos fracos criam egrégoras mal definidas e de pouca vida ou duração, porém, pensamentos e sentimentos fortes, criam egrégoras poderosíssimas e de longa duração.”

O tempo passou rapidamente e embora eu me sentisse bastante cansado do longo período diante da tela ainda queria prosseguir. Praticamente foi providencial a chegada de Raquel e Marisa. Quando olhei no relógio vi que já eram mais de nove horas da noite.

– Marisa não quis subir para tomar banho, mas pelo menos tomou um prato de sopa incentivada pela amiga.

– Eu tava limpinha!

– Bom, se estava não está mais. Não é?

– É, acho que não.

– Portanto, mocinha. Já para o banheiro.

Raquel entrou com a filha no banheiro, regulou a água quente e voltou para buscar roupas limpas. Enquanto isso resolvi encerrar por enquanto o que estava fazendo. Afinal, estava com a cabeça doendo e com fome também.

Desliguei o aparelho, tendo o cuidado de salvar todas as pesquisas feitas até então.

Quando retornamos do jantar, por volta das onze horas, Marisa apenas se jogou na cama e adormeceu em seguida. Raquel pegou um livro para ler, como de hábito, e ligou apenas o abajur do seu lado.

Eu não pretendia mais mexer no assunto, porém, a curiosidade deve ter sido maior.

– Vou aproveitar para checar uns e-mails.

Na verdade, não queria dar explicações quanto ao que estava fazendo.

Coloquei diversas buscas aleatórias e fui abrindo e fechando páginas, umas por repetitivas e outras por não se apresentarem confiáveis. Já estava para encerrar novamente as buscas quando um texto em especial me chamou a atenção. Salvei, enquanto repetia mentalmente.

“Os pensamentos malévolos, vingativos, coléricos e odiosos, imantam-se de magnetismo inferior e sobrecarregam-se de fluido mental, astralino e etérico de baixa vibração, agindo tão eficaz e rapidamente na atmosfera terrena, que justificam realmente o velho rifão: O mal se propaga mais facilmente que o bem!”

“Enquanto a energia diáfana utilizada pelos bons pensamentos volatiliza-se do perispírito, absorvida pelo éter superior, a substância mental e astralina necessária para sustentar e mover os pensamentos daninhos e pecaminosos adere fortemente à vestimenta perispiritual, formando escórias que, mais tarde, produzem sofrimento ao serem drenadas para a carne, manifestando-se posteriormente na forma de doenças físicas, ou desintegradas nos charcos terapêuticos do astral inferior.”

“O pensamento produz uma série de vibrações no corpo mental e este então projeta uma porção de si mesmo, em perfeita conexão com a matéria mental circundante.”

“Desse fenômeno, gera-se uma forma-pensamento simples e pura, cuja configuração, radiação, brilho e colorido, perduram tanto quanto seja a força ou a convicção de quem a emite. A forma-pensamento, também conhecida por elemental ou elemental artificial, lembra uma entidade vivente, temporária, mas dotada de intensa atividade e animada pela idéia-mater que a gerou. É um produto da própria alma, mas nutrida pela essência

elemental vivificante e eletrônica do corpo. Quando maligna, a forma-pensamento move-se implacavelmente para se impor sobre a pessoa escolhida para vítima, e alimenta-se pela força do ódio, inveja, cólera, despeito, ciúme ou vingança, que encontra em sua trajetória até arremessar-se no seu alento vital selvático.”

Por mais que eu estivesse cansado, com os olhos doloridos e vista embaçada, não conseguia parar de procurar. Resolvi colocar um limite, já passava das duas da manhã e nada indicava que no outro dia eu não tivesse que me submeter a mais uma incursão no shopping.

“Sim, ali prá mim é território inimigo.” Pensei ao lembrar que detestava aglomerações de pessoas. “Mais trinta minutos e só.”

“Há profunda tendência dos pensamentos emitidos por certas pessoas de se atraírem e se combinarem a outros pensamentos de natureza semelhante, resultando um aumento de força, além da produzida pela fonte original. Assim, os pensamentos misturam-se e combinam-se entre si, deixando a sua marca característica nos lugares onde são aglomerados, compondo uma egrégora ou aura constante do que ali se pensa freqüentemente. A egrégora é uma composição astral gerada por uma coletividade, pois o pensamento, o desejo e a vontade são forças tão reais e mesmo superiores às mais potentes energias da Natureza; debaixo dessa influência, a matéria astral, altamente plástica, faz-se compacta e toma forma. Então essa egrégora se torna um campo de influência coletiva, impelindo os que dela se interessam, para realizações positivas no mesmo gênero.”

Parei um instante para pensar “Isso somente quando são boas, as ruínas têm a mesma força; somente as empregam em sentido contrário.” Achei que estava ficando um expert no assunto e já me dava no direito de corrigir textos ou completá-los.

“Egrégora é uma forma astral gerada e alimentada, mental e sentimentalmente, por uma coletividade, pela persistência de motivos, costumes, devoções ou ideais num mesmo ponto ou objetivo.”

“Assim, a egrégora é uma forma mental coletiva alimentada pelos pensamentos semelhantes; ela nasce, cresce e

amplifica-se conforme a alimentação incessante de pensamentos sob o mesmo diapasão mental.”

Já passava das duas e trinta da madrugada, tinha me esquecido por completo de Raquel, olhei para o lado e vi que dormia; devia estar dormindo a horas. Eu também devia dormir e enquanto fechava o Windows aproveitei para definir o termo que havia ficado pendente: O Egrégora ou A Egrégora.

“O Egrégora” Defini de imediato, sem querer perder muito tempo com essa polêmica que eu mesmo havia criado, depois de lembrar que tanto se utilizava uma ou outra forma; embora reconhecesse o predomínio da segunda opção.

“O Egrégora! Soa melhor!”

Peguei no sono rapidamente, não sem antes pensar que merecia um descanso; mal sabia que as atividades daquela noite estavam apenas para começar.

CAPÍTULO 5

Meus olhos se abriram e comecei aos poucos a tomar consciência do que estava a minha volta. Eu estava em pé, no meio de um círculo formado por homens e mulheres que distavam de mim uns três metros, posicionados lado a lado, e se mantinham também em pé. *“Umaz doze pessoas.”* Imaginei.

Não conhecia o lugar, isso eu tinha certeza, nem em imaginação tinha visto algo do gênero, e era improvável conhecer qualquer daquelas pessoas à minha volta. Não havia objetos, apenas o lugar, que identifiquei como sendo uma caverna, e aquela gente; mais nada.

Eu, com certeza, estava ali literalmente no meio delas. Onde, não sabia. Como cheguei lá também era uma incógnita. O último pensamento anterior era no quarto do hotel por volta das três da madrugada.

Simplemente permaneci parado, atônico, indeciso e assustado; porém, encantado com tudo que via.

Olhei para cima e à minha volta, o lugar era uma redoma de pedra pura sem nenhum adorno, a não ser os naturais; o desenho natural da rocha alisada, seus recortes e manchas. Com mais de cem metros de comprimento e uns quarenta de altura e perfeitamente abobadado, o lugar era amplo o bastante para não se sentir em ambiente fechado; mesmo estando em um. Não vi entrada alguma, parecia não existir uma.

Baixei a vista e o piso de cara chamou minha atenção, polido e brilhante parecia ter sido talhado em uma única pedra de granito rosa; não apresentava emendas e nem ranhuras. A limpeza era impecável, nenhum grão de poeira podia ser visto.

Quando voltei a levantar os olhos foi que notei à minha frente, com os olhos fixos em mim, um senhor negro de cabelos grisalhos; a idade era difícil de precisar. *“Dizem que quando pessoas negras quando clareiam os cabelos já passaram dos cem anos.”* Não consegui evitar o pensamento.

Ele trajava um terno de linho branco surrado, puído na gola. Porém, a roupa estava impecavelmente limpa e bem passada e era mantida com todos os botões fechados. A gravata, também branca, apresentava fios soltos nos vincos do nó, um claro sinal de desgaste pelo uso contínuo; por baixo uma camisa branca podia ser vista em partes. Por cima do paletó uma medalha de Nossa Senhora estava pendurada à altura do peito segura por uma fita azul larga que ainda mantinha as marcas da dobra cuidadosa ao guardar; frisos perfeitamente espaçados.

“Marianos!”

“Uma confraria religiosa.”

Foram os primeiros pensamentos que me passaram pela cabeça.

Nada de capuzes pretos ou brancos, nem de velas em castiçais enormes e nenhum cheiro de insenso; sem matraca, sequer altar existia. *“Não pode ser; sequer carrilhão existe!”* Repensei afastando a idéia de um culto reliгиозo.

De relance, foquei todas as pessoas presentes, alguns trajavam ternos de corte atual e cores sóbrias, porém variadas, outras mais ou menos uma roupa esporte igual a minha; camisetas nas mais diversas cores, calças jeans e tênis. O traje não trazia nenhuma referência à idade de cada um, havia jovens usando terno e gravata e senhores de cabelos brancos usando jeans. *“Definitivamente não são de uma confraria.”*

Apenas aquele senhor à minha frente fazia referências a uma.

“O terno é velho e de corte antigo.” Observei.

Meus pensamentos foram interrompidos e meu olhar foi atraído novamente para os penetrantes olhos daquele homem e que continuavam mantidos em mim. Pareciam penetrar na alma.

Por um instante ele correu os olhos pelas pessoas que completavam o círculo começando pela primeira da direita. Como num passe de mágica meu corpo foi girando devagar parando por instantes de frente para cada um deles; a cada parada, um nome.

Todos pareciam ressonar dentro da minha cabeça. “Antonio Santos”; “Carlos Alberto”; “Otávio Rodrigues”; “Romilda”; “Yoshio”. E, assim, um a um foram sendo vistos, fixados, apresentados e tiveram seus nomes e fisionomia praticamente gravados na minha mente.

Completado o giro voltei ao ponto de partida. Doze era o número exato deles; eu havia acertado na minha estimativa inicial. Podia repetir o nome de cada um e associá-los à pessoa se me pedissem. Como, não sei dizer.

Encarei o velho preto de frente; eu o conhecia, tinha certeza. Desta vez, quem falou fui eu: “Seu José?” Um sorriso, uma leve inclinação com a cabeça “Tá *dereito!*” Aquela expressão de afirmação não deixava dúvidas, o linguajar era mesmo de um senhor que havia conhecido quando menino; ele havia morrido a mais de quarenta anos.

“Esse negócio de espiritismo existe mesmo? Eu sou médium?”

“Sim, para a primeira pergunta; não, para a segunda.”

“E o senhor, o senhor está *morto!*”

“Não! Não estou mais. Adotei esta forma porque era a que você conheceu. Eu não sou mais assim.” Sorriu novamente e disse: “Olhe *direito!*”

Fixando a vista fui percebendo a figura de um jovem com pouco mais de quinze anos, pele clara, cabelos loiros cortados em franja, olhos azuis e trajando uma camiseta branca básica, calça jeans e tênis brancos. É com esse jovem que falava agora; a antiga figura do preto velho tinha desaparecido por completo.

“Então eu também não estou morto?”

“Não, não esta! Nem você e nem eu! Eu reencarnei a dezesseis anos atrás. Meu nome agora é Alfredo.”

“Como eu vim parar aqui Alfredo?”

“Nós o trouxemos.”

“Por quê?”

“Você está ligado a nós por laços indissolúveis, mas não é hora e nem temos tempo para essas explicações; tudo virá ao seu tempo. Está em sério perigo e precisa de nossa ajuda! Vamos te ensinar algumas coisas para que possa se defender, infelizmente não podemos protegê-lo o tempo todo. Aqui é nosso ponto de encontro, o seu também, a partir de agora.”

“Que lugar é esse? É uma caverna, não?”

“Um salão, num lugar muito distante de onde esta agora e tão longe quanto onde vive; pode crer.”

“Quem são vocês?”

“Quem somos nós, você sempre foi e será um dos nossos. Apenas até então não tinha conhecimento disso!”

“Por que só agora? Eu tenho quarenta e cinco anos, por que não antes?”

“Tudo e todos têm sua hora. Antes você era muito apegado às coisas materiais e à vida física, e isso causava um bloqueio a essas percepções. Também depende do corpo físico que você encarna e de sua missão na terra. Suas manifestações começaram há pouco tempo, mas nós o aguardávamos com ansiedade. Outra coisa, isso que vem acontecendo com você é espontâneo e nada tem a ver conosco; é coisa sua, do seu próprio Eu. Vamos apenas auxiliá-lo a controlar e utilizar suas novas habilidades da melhor maneira.”

“Responda-me, vocês... digo, nós somos o quê?”

“Pessoas que tem por intuito expandir a consciência cósmica e elevar a percepção espiritual.”

“Eu tenho é?”

“A∴A∴”

O símbolo foi praticamente gravado em minha mente, enquanto nomes ressonavam em vários idiomas que me pareceram um só, pois entendia exatamente o que queriam dizer em cada um deles; ou seja, a mesma coisa: “*Argenteum Astrum*”; “*Ἄστρον Ἀργόν*”; “*Astron Argon*”; “*Arcanum Arcanorum*”; “*Arikh Anpin*”;

“*Angel and Abyss*”. E, mais uma dezena delas ditas a um só tempo.

As próximas palavras pareceram explodir em minha cabeça e não permitiam quaisquer dúvidas; era um resumo de tudo o que veio até ali e do muito que ainda estava por vir num futuro próximo:

“SECRET OF SECRETS”.

Repetidas com o eco de doze vozes ditas ao mesmo tempo fez com que eu vibrasse da cabeça aos pés, tal qual tivesse enfiado a cabeça dentro de um sino após a batida do badalo.

Em seguida, todos ergueram o braço direito mirando o ponto central no alto da abobada, mantendo as cabeças baixas num claro sinal de concentração. Eu fiquei estático, não queria e nem parecia poder me mover. Vagarosamente foram levantando as cabeças e direcionando o olhar para o vértice formado pela linha imaginária dos braços erguidos. Eu podia vê-los a todos ao mesmo tempo, o teto e o piso também. Tentei acompanhar o que diziam:

“Ó Divino Lithos Akrogoniaios, que todos os vórtices que se ligam às estrelas e planetas convirjam em torno da pedra angular que liga todos os Templos e lugares de louvor ao Templo maior na nova criação da humanidade. Ó Filho da Luz, cria em nós um coração limpo de cooperação divina para que os nossos muitos eus possam se tornar o Templo vivo de uma única voz, uma única ação.”

Por um instante senti um facho de luz que saia do vórtice da abobada atravessar meu corpo da cabeça até os pés; eu podia sentir que brilhava igual uma lâmpada acesa. A caverna toda foi inundada desse brilho.

“OTZ CHIIM”, desta vez o som foi formado por 13 vozes, a minha inclusive. Só depois me dei conta que não tinha ouvido anteriormente a frase; ao menos achava que não.

À exceção de Alfredo e eu, todos desapareceram ao mesmo tempo. No entanto, eu ainda podia sentir suas presenças em mim e a minha neles. Toda luz externa desapareceu naquele

instante; agora, apenas meu interior conservava a luminescência ativada pelo estímulo anterior.

Olhei extasiado para Alfredo. Eu me sentia estranhamente lúcido; forte em pensamentos.

“O que foi isso? O que vocês fazem? O que praticam?”

“Calma, a luz foi apenas uma ilusão, cada um de nós transferiu para você um pouco de energia, vai precisar dela; pode crer.”

Eu ainda não havia me acostumado com o garotão à minha frente, mais parecia um surfista queimado do sol, a um não sei o que falando de transferência energética. *Surfboy* ou não, ele me parecia bem informado e podia tirar muitas das minhas dúvidas. Resolvi *começar pelo começo*: “Que lugar é esse?”

“Akakor, uma das ditas cidades perdidas da Amazônia Brasileira.”

“Perto de onde moro? Você sabe onde eu moro, não?”

“Não e Sim. Fica a oeste, quase no mesmo paralelo da sua fazenda, no outro extremo do país.”

“Você falou em cidade perdida, isto não me parece uma cidade. Uma tumba talvez. As portas são passagens secretas?”

“Não existem portas e nenhum humano jamais pisou esse lugar. Estamos abaixo da cidade, muito abaixo, mil metros para ser mais exato. No meio de uma bola maciça de granito encravada na pedra-mãe carbonatítica. Uma pedra perfeitamente redonda de mil metros de diâmetro envolvida por lava vulcânica a milhões e milhões de anos atrás; estamos no centro dela, numa plataforma em meia lua com cinquenta metros de raio.”

“*Errei ao calcular a altura do teto, são cinquenta metros e não quarenta como eu havia avaliado inicialmente.*” Olhei novamente e concluí que estava mesmo enganado, a distância era a mesma para todos os pontos já que estávamos no centro; aguardei que Alfredo continuasse seu relato.

“A cidade, ou o que restou dela, fica na superfície, encoberta pela floresta. Logo abaixo, uma rede de túneis, cavernas e grutas formam um complicado e complexo sistema subterrâneo; vai ter oportunidade de conhecê-lo.”

“Como esse local foi cavado, não parece ser uma formação natural.”

“Não! Não é uma formação natural, foi escavado de alguma maneira há muito tempo; não se sabe como. Não se sabe quem, nem quando e muito menos que tecnologia foi empregada para escavá-lo.”

“Podem ter escavado e depois fechado a passagem de acesso.”

“Impossível, deixariam vestígios na rocha bruta. Percorremos toda extensão, nenhuma marca de corte ou de enchimento posterior foi encontrada. Além do mais, aqui dentro não existe ou existiu nenhum ser vivo do reino animal ou vegetal, nenhum vírus, bactéria ou fungo pode ser encontrado; nem mesmo fossilizado. É um mistério.”

“Como chegamos aqui, vai me dizer que atravessamos mil metros de rocha pura?”

“Mil metros, mas não de rocha pura: quinhentos de granito, duzentos e cinqüenta de rocha vulcânica e outro tanto em camadas argilosa, ferruginosa, sedimentar e uma pequenina porção de solo vegetal; como te disse ela fica bem abaixo da superfície.”

“E como fazemos isso, eu atravessei isso tudo?”

“Sim! Inconsciente, mas atravessou. Preferimos dessa forma, trazê-lo consciente nos daria muito trabalho e levaria muito tempo.”

“Como assim?”

“Deste lado da vida podemos muito, mas não tudo. Daqui você pode voltar para seu corpo em milésimo de segundo, menos que isso, para ser mais exato. Mas, não poderia vir aqui assim, porque nunca esteve antes neste local. Foi preciso muita

energia para arrastá-lo até aqui, por essa razão precisei convocar os irmãos que aqui estavam; eles me auxiliaram.”

“Como isso foi feito?”

“É bastante complexo, não sei se vai conseguir entender.”

“Tente, quem sabe?”

“Do lado de cá o tempo é nosso bem mais valioso, mas vamos lá. Os onze irmãos que aqui estavam e eu, fomos até o quarto onde você dormia e aguardamos que se projetasse no astral; sabíamos que o faria. Quando isso aconteceu você já estava sem consciência, nós o envolvemos com nossos corpos perispirítico e o trouxemos conosco até aqui; quando você recobrou a consciência tínhamos acabado de liberá-lo.”

“Qual seria a outra maneira, a demorada; como você disse antes.”

“Isto não seria alternativa, é inviável até de pensar. Em resumo, de lá aqui são quase dois mil quilômetros, no astral em consciência viajamos à razão de duzentos por hora; assim levaríamos quase dez horas de lá aqui. Só se estivéssemos dopados para dormir tanto tempo assim e isso não traria a certeza de se manter a consciência por período tão longo.”

“Posso atravessar essa rocha para voltar?”

“Pode! Mas, é desnecessário. Quando quiser mesmo voltar é só pensar em estar lá e vai estar.”

“Mas, eu posso atravessá-la, se quiser?”

“Sim, veja.”

Alfredo começou a afundar na rocha pura, parou à altura da cintura, metade de seu corpo agora estava encravado na rocha.

“Eu faço isso também?”

“Sim, concentre-se na vibração da rocha, vai senti-la na área dos pés que estão apoiados nela. Um formigar, compreende?”

“Sim, eu consigo perceber.”

“Agora vá diminuindo sua vibração na altura das pernas e imagine as partículas parando seus movimentos.”

“Minha altura esta diminuindo ou estou afundando?”

“Afundando!”

“Vou ficar preso.”

Quando fiquei com medo de me prender à rocha meu corpo foi praticamente expelido para fora. Quis saber de Alfredo o porquê de isso ter acontecido. Ele me explicou que as vibrações produzem uma espécie de magnetismo; uma repulsão magnética. Quanto mais alta a vibração mais força e que a regra também era válida ao contrário. Segundo ele eu fui repelido pela rocha quando assustado voltei a vibrar numa frequência mais elevada.

“Sei que quer fazer seu trabalho, mas não vou conseguir me concentrar se não souber uma coisa. Como você conseguiu mudar sua forma; o Preto Velho, quero dizer.”

“A forma material é uma disposição atômica mantida coesa por uma força de atração muito forte, difícil de romper. No mundo fora da matéria tudo é fluído cósmico, aqui nossa forma é dada por um tipo especial deste: o fluído perispirítico. Nada pode detê-lo, atravessa o mais duro aço e resiste à explosão da mais poderosa das bombas; somente a vontade pode lhe impor ou modificar a ação e isso inclui a aparência.”

Comecei a afundar novamente, somente para testar.

“Vamos parar de brincar agora, você vai ter tempo para treinar depois. No momento eu tenho que alertá-lo para o que esta acontecendo. Inadvertidamente você entrou em contato com um Elemental que no momento está bastante poderoso e vai ficar cada vez mais perigoso para você e para muita gente; em especial para você”

“Ate?”

“Sim, o Egrégora que se autodenominou Ate para você.”

“Ate é mesmo um Egrégora? Li alguma coisa a respeito e sei que alguns deles podem se tornar bastante poderosos. Mas, por que eu?”

“Você se lembra da Nicinha?”

“Lógico, como poderia esquecer. Dois aninhos. Foi morta por um ouriço de Castanha do Pará.”

“Lembra da sua revolta, sua raiva, e sua ira contra o acontecido. Você queria responsabilizar os pais da menina, mandar prendê-los e até algo pior. Bradou contra os deuses, os santos, xingou a natureza, responsabilizou os políticos, a polícia; tudo. Mandou que cortassem a árvore e lhe queimassem o tronco e galhos. *Esses pensamentos e o seus atos o colocaram na linha de vibração daquele Egrégora!*”

“O que eu devia ter feito, ficado quieto enquanto outras crianças podiam morrer da mesma forma, apenas porque os pais as abandonam perto de uma árvore que pode matá-las?”

“Aceitar o infortúnio, ele faz parte da vida; viver é correr riscos e aquela menina estava simplesmente vivendo.”

“Eu tinha até me esquecido deste caso, nem pensava mais nisso; passou!”

“Não! Você não pode evitar pensar, da mesma maneira que não pode fugir do Egrégora.”

“Devo enfrentar Ate?”

“Enfrentar o problema que criou Ate! Mas antes vou te mostrar como os egrégoras nascem, crescem e como podem morrer; nós não podemos matá-los, mas eles podem morrer.”

Por um momento meus pensamentos se voltaram para o hotel onde estavam minha esposa e filha. Alfredo percebeu “Não se preocupe com elas, alguns irmãos estão lá velando pelo sono delas; não vão permitir que acordem, fique tranquilo.”

Aceitei com naturalidade a explicação. Estávamos no centro da redoma e Alfredo começou a olhar num determinado ponto, minha visão pareceu acompanhá-lo de maneira a ser um só conjunto. O local agora me parecia iluminado por uma luz azul

muito tênue, mais que suave; calma. Eu estava refletido na parede, qual num espelho. Alfredo se pôs a falar:

“Ao contrário do mundo material, aqui o tempo é circular, futuro e passado se encontram a cada momento.” Enquanto falava nossos corpos foram girando em sentido anti-horário, na parede, o meu eu refletido voltava no tempo numa velocidade espantosa; comparei a uma fita de vídeo voltando. Quando parou, vi-me mais moço, dez anos menos, com roupas diferentes, tomando cachaça, bravo, triste também; gostava da meninazinha e não admitia o acontecido. Da minha cabeça saía um raio semelhante ao emitido pela luz vermelha; grosso modo, o laser. O giro foi retomado, agora à direita e vagarosamente; na igual medida de tempo de um relógio imaginário.

Acompanhei qual num filme quando fui me deitar ainda praguejando contra a vida; o raio vermelho ainda mais forte perdia-se em extensão no vazio acima de mim. Foi quando adormeci que pude ver o raio se desprendendo e, agora livre, se retesando até formar uma bola vermelha e brilhante.

“Formou-se uma *ameba astral* ou *verme astral*; como queira assimilar. Acompanhe o que vai acontecer agora.” Alfredo foi me guiando em pensamento enquanto avançava o giro para frente no tempo.

Pude ver outras bolas vermelhas que saíam de outras casas próximas. “São amebas geradas pelos seus funcionários e ribeirinhos instigados por você.” Foi a explicação de Alfredo.

Quais vagalumes no escuro, atraídas pela luz de uma frequência vibratória especial, umas foram se aproximando das outras se fundindo num só bloco. Agora sua intensidade de brilho conseguia quase me ofuscar, contaminando a luz azul tênue do ambiente com seu vermelho sangue. Outros grandes globos chegaram de não sei onde, juntos formavam agora um só corpo.

Alfredo me alertou antes do próximo passo:

“Mantenha-se apenas como observador, afaste de você qualquer emoção e nenhum pensamento sobre o que ocorreu com a menina.”

À simples menção do caso fez com que meu coração, se é que tinha um, pulsasse com mais intensidade. Imediatamente as mãos de Alfredo foram colocadas sobre minha cabeça e o ritmo das vibrações foi voltando ao normal.

“Calma, mantenha-se como um observador apenas. O pior vai começar agora. Fixe seus pensamentos no globo. Devagar e calmamente.”

No começo tudo parecia um zumbido, qual um enxame de abelhas pronto a levantar vôo. Depois, palavras confusas podiam ser ouvidas. Aproximando mais ainda, gritos, choros, xingos, blasfêmias e vociferações de toda sorte podiam ser nitidamente ouvidas.

“O Egrégora esta se formando, alinhando todos os pensamentos e sentimentos recebidos; fundindo as energias recebidas. Se organizando! Você esta acompanhando o nascimento de um ser, um Elemental Artificial do qual você foi o primeiro pai e mãe; com o auxílio dos demais, é lógico. E, vai ver mais a frente, seu primeiro e principal mantenedor.”

Pela primeira vez eu arrisquei uma pergunta: “De onde vieram aquelas outras bolas?”

“Um as eram amebas geradas por pessoas à distância que souberam do ocorrido ali, em sua maior parte instigadas por causos contados e aumentados de boca em boca; geralmente com enfoque no sofrimento da menininha agonizante ou nas mentiras de maus tratos, crueldade dos pais e coisas do gênero que um ou outro acabou acrescentando. Outras, criadas em casos semelhantes, e que não encontraram guarida no local de origem, simplesmente migraram para cá. Pode existir ainda egrégoras coincidentes, mas muito enfraquecidos, que preferiram perder a identidade a deixar de existir; acontece muito.”

Continuamos avançando no tempo, nesse período o egrégora havia tomado a forma humana e mudado de uma a outra mais de uma dezena de vezes.

“Por que isso?” Perguntei ao Alfredo, me referindo à constante mudança de imagem.

“Sempre, o nosso ódio toma a forma do nosso pior inimigo. Está gravado no subconsciente de cada um de nós; é involuntário. Da mesma forma que os nossos medos têm a forma do nosso demônio pessoal. O Egrégora esta escolhendo sua forma, dentre as mais fortes, a que melhor o represente. Uma espécie de vaidade inerente a esse ser. Por fim, vai escolher um nome com o qual se identifica; você vai ver.”

Na próxima parada o Egrégora estava completo, gritava aos quatro cantos que era o Tião Doido; mulato, baixo, nariz achatado, olhos castanhos escuros quase negros, voz embriagada.

Agitado, Tião movia-se de um lado a outro imitando a todo tempo o movimento e a ginga dos capoeiristas; puxava briga. Instigava as pessoas por perto à discórdia, ao enfrentamento, à desunião e à vingança. Não poucas brigas entre amigos foram desencadeadas pelos envolvidos atenderem aos pensamentos emprestados pelo Egrégora.

Nas passagens de cenas da minha casa na fazenda, principalmente quando estavam presentes mulher e filha as brigas também eram constantes; mormente se eu tivesse bebido.

Notei que bastava beber para aflorar os pensamentos de ódio em relação ao caso da menina e a todos nele envolvidos. E, a cada vez, o Egrégora ia ficando mais forte.

Eu estava me estranhando, em mim nenhum sentimento de raiva aflorava mais, senti verdadeiramente que estava errado nas atitudes anteriores.

Não sei quanto do tempo Alfredo fez eu avançar desta vez, porém, quando paramos Tião estava caído num canto próximo a um boteco. Quem o visse o tomava por um bêbado largado,

curtindo a cachaça como se diz, mal balbuciava algumas ininteligíveis palavras.

“Veja” Alfredo nos fez aproximar, estávamos agora em pé bem ao lado do enfraquecido Tião; já não lhe tinha o viço, nem a arrogância e, aparentemente, nem a vontade de o ser.

“Tião. Tião. Tião acorda.” Alfredo repetiu por três vezes, antes que o outro respondesse.

“Quem é Tião. Me deixa dormir.”

“Perdeu a identidade, fraco que está pelo esquecimento do caso.” Foi o comentário de Alfredo enquanto buscava um futuro não muito longínquo. Desta vez as imagens eram do Tião caído, no mesmo lugar anterior, ao lado do boteco. Sua imagem foi ficando cada vez mais disforme, quando paramos, dele nada mais restava que uma forma humanóide, apenas com tocos de braços e pernas, com um tronco e cabeça murchas.”

Foi nesse cenário que me vi chegando no boteco e apeando. O cavalo estirou por duas vezes quando tentei amarrá-lo próximo da porta; o jeito foi prendê-lo numa árvore próxima. Não podia ver os restos do Tião junto à entrada, à época sequer sabia da sua existência e mesmo que soubesse não poderia vê-lo. Tomei uma ou duas pingas com o pessoal, quando sai para voltar para casa não sabia, mas aquele que foi Tião veio se arrastando atrás de mim. Depois pude vê-lo num canto do meu quarto e as imagens seguintes deixavam claro que poucos dias antes da minha partida ainda estava lá.

“Ele ainda está lá na fazenda?”

Fiz a pergunta com grande preocupação.

“Não! Ganhou alguma energia enquanto estava lá; a maior parte durante seus porres. Você não se lembra, mas nessas horas sempre voltavam à sua mente os fatos relacionados à menina; implantados pelo moribundo Tião é verdade. Ele sempre te esperava na cabeceira da cama, sugestionava para a bebida, para o assunto; emprestava-lhe pensamentos hostis. Tal quais os egrégoras enfraquecidos que se juntaram à forma-pensamento da

qual resultou Tião, o que restou dele se juntou a Ate, e transferiu para ela aquela sua forma de pensar e agir. Ate te vê como um aliado importante e sabe muito sobre esse seu lado, vai usar tudo isso. Tenha cuidado.”

“Por que Ate? Não poderia ser outro egrégora qualquer?”

“Essa comunhão de identidades entre egrégoras se dá de diversas formas, nesses dois a semelhança principal foi de terem sido gerados em cima do fato de haver uma menininha morta em ambos os casos.”

“Só mais uma coisa Alfredo, posso ver meu futuro aí?”

“Sim!”

Direcionei a visão à direita até que encontrei o ponto exato que achava ser o agora. Na parede, no replei, Alfredo e eu conversávamos:

“Só mais uma coisa Alfredo, posso ver meu futuro aí?”

“Sim!”

Tentei avançar mais e mais, na tela continuávamos apenas Alfredo e eu parados e mudos.

“Não dá!”

“É isso aí, se ficarmos aqui parados olhando esses registros, esse será todo nosso futuro; nada mais.”

Tinha certeza de haver entendido:

“Não há futuro sem ação dos envolvidos!”

Eu ainda tinha uma coisa a perguntar: “Alfredo, vi quando você daqui falou com o Tião. O chamou e ele respondeu! Ele não estava no passado naquela hora? Podemos interferir ou nos comunicar com as pessoas que estão vivendo o passado?”

“Com pessoas não! Com seres astrais, sim! E desde que também estejamos em astral, podemos nos comunicar a qualquer tempo; se eles quiserem fazer isso, Tião estava fraco demais e não tinha vontade própria por isso foi fácil.”

“Eu também posso fazer isso?”

Alfredo moveu a cabeça afirmativamente enquanto falava: “Há mais uma coisa que precisa saber, Ate existe, mas esta em um tempo sete anos a nossa frente!”

“Como é?” O espanto foi maior quando me lembrei dela haver dito aquele ser o ano de 2008 “*Lembro-me ainda de ter achado que era gozação.*” Voltei a olhar para Alfredo “Isso é possível? Como se explica?”

“Sei que posso provocar a ira dos fantasmas de Einstein, Poincaré, Minlowski e tantos outros, mas viajamos à velocidade da luz e por esse motivo às vezes avançamos ou voltamos no tempo com ou sem a interferência da vontade; da vontade consciente, quero dizer. Sei que a teoria relativística não vai explicar, mas podemos utilizar os mesmos conceitos de espaço-tempo para tentar entender. O importante agora é você saber que quando você esta com Ate está sete anos à frente do nosso tempo atual.”

“Podemos voltar nesse assunto algum dia?” Perguntei sem ainda haver digerido a informação.

“Sim, mas por hoje é só, você deve estar cansado,” e continuou “desta vez vamos ajudá-lo a ir embora, mas não se acostume não.”

No hotel uma figura de mulher passou a mão sobre a cabeça de Raquel, imediatamente ela acordou - Vinícius lembra... Tem alguma coisa aqui. - Palavras que foram seguidas de um empurrão que quase me derrubou da cama.

– Calma Raquel, você estava sonhando! Quer um copo de água?

Acendi a luz do abajur, peguei um copo para Raquel e um para mim também. Estava com sede, muita sede, e, ao contrário das outras vezes, me recordando de tudo quanto havia passado. Voltamos a dormir.

CAPÍTULO 6

Não eram oito horas da manhã ainda quando acordei com uma excitação daquelas, arrastei o corpo para o lado de Raquel que dormia voltada para o seu canto da parede, e procurei me ajeitar encostando-me a ela.

– Quero dormir!

Saiu num resmungo enquanto ela procurava mais o canto da cama.

Não quis insistir e me virei para o lado, olhando a parede oposta à dela. Por um motivo ou outro me veio em mente a figura de Ate, voltei a concluir que ela não era uma Afrodite, mas não deixava de ter lá o seu charme; reconheci.

Devo ter adormecido novamente e quando acordei foi com um pulo de alguém se jogando sobre meu corpo. Uma vez que pelo peso não podia ser Raquel, a conclusão era óbvia; minha filha.

– Vamos perder o café da manhã.

“Até parece, que ela está realmente interessada no desjejum fornecido pelo hotel.” Pensei. Este, embora farto, não devia fazer o mínimo atrativo em minha filha. Ela queria encontrar a amiguinha, era a única razão lógica. Olhei no relógio de pulso; 09h30min. E, a entrada para o café encerrava às dez em ponto; tínhamos que correr.

– Pode chamar sua mãe.

A menina praticamente voou de um corpo ao outro enquanto gritava:

– Mãe, acorda! É nove e meia. É nove e meia.

Cavalgou na mãe como se monta a cavalo e continuou:

– Levanta, vamos perder o café.

Raquel girou o corpo derrubando-a no meio da cama, entre nós dois, enquanto falava.

– Que empolgação é essa, você nunca come nada.

– Vamos, vai.

Foram as únicas palavras enquanto puxava a mãe por uma das mãos.

Sem outra atitude, pois nunca contrariávamos Marisa quando ela queria se movimentar e queimar suas energias acumuladas, Raquel levantou e disse:

– Tá bom, mas tome banho rápido, ainda tem o papai e eu.

Do meu lado, fiquei pensando, nem precisava pedir, Marisa quando quer ir a algum lugar é até capaz de disfarçar um banho; e isso significava molhar o corpo e sair enrolada numa toalha que iria absorver qualquer sujeira.

Não deu outra, nem bem entrou no banheiro e já estava de volta. Havia feito a mãe ensinar como regulava a água do chuveiro na temperatura certa, e não admitia mais ajuda alguma.

Enquanto a mãe trocava a menina, sempre com os tradicionais gritinhos “Tá bom assim”; sempre dados quando estava apressada, eu vi que não tinha tempo para nenhuma idéia especial no banheiro. Mesmo que, confesso, a figura de Ate não me saísse do pensamento, chegando por instantes a imaginá-la nua.

Sem outra opção encerrei meu banho rapidamente e deixei o recinto livre para a vez de Raquel, que também não pôde se demorar muito. E, nem podia, com a filha batendo na porta de minuto a minuto sempre gritando:

– Vamos mãe, morreu no banheiro é?

Sem muito a fazer, Raquel abriu a porta do banheiro e virou para mim:

– Desce com ela, eu estou naqueles dias e vou demorar um pouco.

Marisa nem se importou com os comentários da mãe, naquela hora, a única coisa que queria era descer para o restaurante e isso significava o saguão do hotel e a amiga.

Enquanto descíamos pelo elevador meu único comentário foi que ela teria que tomar um copo de leite antes de brincar.

– Pequeno. Ok?

Uma vez que a amiguinha estava sentada à mesa com os pais, Marisa aceitou comer uns dois pedaços de salsicha enquanto esperava a amiga terminar. Acrescentei uma colherada de ovos mexidos que foram abandonados num lado do prato.

Nem bem a amiga se levantou da mesa, Marisa, que devia estar atenta a esse movimento, se levantou e correu ao seu encontro.

Sozinho na mesa, achei indelicadeza não me aproximar do casal pais da menina.

– Bom dia, meu nome é Vinícius, sou o pai de Marisa.

O homem se levantou e estendeu a mão direita.

– Prazer, Rodrigo. Parece que nossas filhas estão grudadas o tempo todo.

– É, acho que sim. Minha filha fica muito tempo na fazenda, aqui prá ela é tudo novo. É bom que faça amizades.

A mulher, com um gesto de cabeça, fez elogios a minha filha, acrescentando:

– Meu nome é Silvia, adorei sua mulher, ela é muito divertida. Ninguém fica triste ao lado dela.

Concordei com o comentário e não pude evitar um olhar analítico em cima daquela mulher. Alta, loira, seios fartos, olhos azuis; até podia imaginar as pernas e as ancas. Por instantes fiquei receoso, e se ela pudesse ler pensamentos, o termo ancas é usado para as éguas; com certeza não iria ficar satisfeita com esse estranho tipo de elogio. “Ainda bem que ela não é Ate.” Pensei aliviado.

Talvez por isso, ou somente por isso, enrolei o café até que o casal se levantasse da mesa. Quando passaram por mim, não pude evitar a justificativa:

– Estou aguardando Raquel, ela já deve está descendo.

Sem necessitar resposta, o casal continuou seu caminho rumo à saída do restaurante; trajeto esse que não pude evitar acompanhar com os olhos.

“Mulherão!” Foi a definição pensada enquanto a despia em pensamentos.

Minutos depois Raquel entrou no salão do restaurante, estava linda, chamando a atenção das outras mesas, não pude evitar uma pontada de ciúmes; afinal ela havia estado naquele hotel por quase dois meses sem a minha presença. “O que pode ter acontecido?” Não pude evitar pensar.

Sentada na cadeira à minha frente comentou que o casal que acabara de sair eram os pais da amiguinha de nossa filha.

– Eu me apresentei a eles, parecem legais.

– São sim, a mulher dele adora dançar, mais de uma vez me convidou para ir com eles a uma balada. Fique tranqüilo, recusei.

– Até que não seria mal.

– Se quiser ir falo com eles, o hotel tem serviço de acompanhantes para as crianças, a filha deles tá acostumada e a nossa nem vai notar nossa falta, pode crer.

– Tá certo, pode combinar que vamos.

Aquele dia o passeio ao shopping não foi mal, aliás, achei ótimo. Ótimo até demais. Silvia conversou comigo o tempo todo enquanto o marido corria atrás da filha de um lado a outro, função essa que em casa sempre ficava a cargo de Raquel. Assim, tivemos tempo de conversar sobre todos os tipos de assunto, passeios, dança, cinema, e até infidelidade conjugal. Ela era catarinense e por essa razão, quando a sós, a tratava por Catarina em tom de brincadeira; não sem acrescentar que as catarinas são fogo, o que ela sempre retornava com um sorriso maroto.

Almoçamos todos juntos no shopping mesmo, desta vez as meninas tiveram que se contentar em não ir ao Mc Donalds. Foi bom, Marisa incentivada pela amiguinha provou legumes e verduras sem fazer o menor drama.

Depois do lanche da tarde, desta vez no Mc Donalds mesmo, voltamos ao hotel. As mulheres marcaram horário no cabeleireiro e nós homens programamos uma sauna durante o

mesmo período. Rodrigo e eu combinamos contratar dois horários de *babysitter*, eu pagaria um e ele o outro; assim teríamos e daríamos uma folga às crianças.

– Concordo em gênero e número.

Ele completou.

O tempo passou enquanto nos revezávamos entre sauna seca, sauna úmida e a piscina aquecida, dependendo onde estivessem as belas hóspedes femininas; até visitamos a academia, isso só para conhecer. Uma desculpa que não deve ter colado muito, pois muitas das moças já tínhamos encontrado em dois ou três lugares diferentes. Dez cervejinhas depois estava na hora de descer e tomar banho de verdade; tirar uma soneca se ainda fosse possível.

O soninho rápido foi marcado por visões de belas mulheres, todas por mim analisadas nos mínimos detalhes; qual um juiz de concurso de beleza. Até Ate marcou presença e teria vencido subornando o juiz se eu não fosse acordado.

Raquel estava me cobrando o horário, uma desculpa para fazer pergunta sobre o penteado, a maquiagem e a roupa que vestia. Elogiei todos os itens fazendo uma observação ou outra e modificando-as quando percebia não estar agradando. Por fim fui liberado para o banho e cobrado na rapidez em vista do adiantado da hora. Encontraríamos o casal às 23:00 no saguão, onde as crianças permaneciam com a *nanny*.

Silvia estava bela, usava calça jeans muito justa e de cós baixo, que colocava em destaque os quadris largos e as pernas bem torneadas. Os botões de uma blusa xadrez tipo country lutavam para manter do lado de dentro os seios que forçavam a saída. Calculei que seria um verdadeiro milagre aqueles botões agüentarem a noitada. Bota, chapéu e cinto pretos com fivela prateada completavam o traje tipo *cowgirl*. Ela tinha feito chapinha nos cabelos e naquela hora aqueles me pareceram os mais lisos que havia visto em toda minha vida. Estava fascinado.

O lugar escolhido foi o Vila Country, o próprio nome já fazia referência ao estilo de músicas, e para ficarmos por lá ainda mais a vontade alugamos uma van executiva que nos levaria ao local e aguardaria para o retorno. Reservas e ingressos foram adquiridos pelo agente de turismo do hotel e com tratamento vip não tivemos dificuldades de entrar naquele badalado ponto da Cidade de São Paulo.

Rodrigo gostava de dançar solto e se mexia o tempo todo ora em frente da minha mulher ora da dele e até à minha frente tentando me colocar no ritmo; eu me virava como podia, dançar assim nunca foi meu forte mesmo.

Já passava das duas da madrugada e depois de muitos copos de whisky ainda estávamos numa das pistas de dança, todas bastante lotadas, Raquel dançando se aproximou do meu ouvido e disse que iria dar um telefonema para a babá e ver como estavam as crianças; uma preocupação da qual ela não conseguia relaxar. Acenei com a cabeça que tudo bem e continuamos na pista eu, Silvia e Rodrigo.

Ainda dançando, ele falou algo para a mulher e se aproximou de mim:

– Vou fazer um pi.

Em seguida tomou rumo para um dos cantos do salão. Agradei aos céus não terem os homens o costume de acompanhar o amigo ao banheiro, que no meu entender é até proibitivo.

Eu e Silvia continuamos dançando solto, ora lado a lado ora frente a frente, nessa hora a dupla sertaneja passou a cantar uma música do Leonardo. Os casais, um a um, foram tomando seus pares nos braços para acompanhar o ritmo da dança, não me fiz de rogado, estiquei os braços e Silvia veio mansa até colar seu corpo no meu. Os seios duros foram apertados contra meu peito que não pude evitar pensar “Agüenta botão!” parodiando o bordão sertanejo do agüenta peão.

No tal de mexe mexe da dança, e Silvia mexia muito, se a música não tivesse terminado creio que teria explodido e o

vulcão jogado lava para fora; o que obrigaria a ir da pista diretamente ao banheiro. A oportunidade não se repetiu e a dança correu solta com todo mundo junto novamente pelo resto da noite; até dentro da van quando retornamos, elas ainda balançavam sentadas, às vezes com os braços erguidos e jogando o corpo para os lados. Parecia um ônibus de excursão; efeito da bebida com certeza.

A babá avisou que a Marisa quis dormir com a amiga, ao que não fizemos qualquer objeção e nos avisou que a diária dela seria debitada na conta do hotel. Agradei o cuidado e carinho com as crianças, enquanto minha esposa fazia as costumeiras perguntas: se elas tinham dado trabalho, se tinham obedecido e tantas outras mais.

– As crianças são uns amores. Fique tranqüila. Boa noite!

– Boa noite!

Respondi entregando a ela uma nota de vinte reais. Quando entrei Raquel terminava de remover a maquiagem.

– Foi óóóótimo, mas estou mooorta.

Praticamente foi a boa noite de Raquel, enquanto eu ficava ali ao lado sobrando. Os pensamentos não poderiam ir para outro canto, retornaram para a pista e para a música do Leonardo, e para Sílvia; foi assim que adormeci.

Senti um braço feminino primeiro apoiado no meu peito e depois deslizando para baixo até que a mão se encaixou no meio das minhas pernas; apertava e esfregava levemente. “Minha mulher não falha!” foi o pouco que pude pensar enquanto ainda podia. Quando senti o elástico da cueca sendo forçado junto com a mão apoiada na barriga já estava em ponto de bala. Relaxei e me deixei levar aguardando o que viria, senti a cabeça agora apoiada no meu peito ir descendo até a altura da virilha. Um ligeiro movimento dos quadris facilitou a retirada da cueca enquanto um calor forte parecia tomar conta de toda aquela região do meu corpo. Senti o calor úmido provocado pela saliva enquanto duas mãos me

apertavam embaixo dos braços, as unhas cravaram na pele e foram sendo puxadas para baixo até retornarem ao quadril. Não pude evitar um duplo gemido, pelo prazer daquela hora e pela dor das unhas. Desmaiei; como se tivesse esvaziado naquele momento quase todo o meu cérebro.

Acordamos por volta das onze horas com as duas meninas batendo e chamando na porta do quarto.

– Atende você e fala prá elas não fazerem barulho, minha cabeça esta explodindo. Raquel virou para o lado com a nítida intenção de continuar dormindo.

Coloquei um roupão e fui abrir a porta para as crianças.

– Sem barulho, sua mãe está dormindo.

Liguei a televisão enquanto dizia para ficarem assistindo desenho enquanto tomava um banho.

Entrei debaixo do chuveiro com água quase fervendo, enquanto lembrava o lance daquela noite.

– Raquel nunca foi assim. Parecia uma gata, ou melhor, uma onça.

Quando fui fazer a barba, com o braço afastado do corpo e a mão com o aparelho na altura do rosto foi que vi as quatro marcas, muito visíveis, largas na medida de unhas aparadas em corte reto; o estranho é que não havia raspado nenhum, somente a equimose. Olhei do outro lado, a mesma coisa. Lembrei-me imediatamente do caso do buraco, eram iguais, subcutâneas. Lembrei das unhas de Raquel, sempre aparadas em meia lua muito finas na ponta. “Ate?” Senti o sangue gelar, por instantes esqueci a barba, coloquei novamente o roupão e fui até a cama, uma mancha de quase um palmo de largura estava exposta. Puxei a coberta em cima, agora tinha mais que certeza de não ter sido Raquel, ela nunca deixava isso acontecer; nem mesmo engasgando.

As meninas continuavam entretidas com o desenho do pica-pau e antes de voltar ao banheiro para terminar de fazer a barba tive o cuidado de pegar uma camiseta. Sairia vestido, era

melhor assim, as explicações ficariam difíceis. Tinha que me lembrar de dormir de camiseta na noite seguinte, quase quis anotar por não ter mesmo esse costume. “Não! Não vou esquecer.” E nem pude, aquilo ficou na minha cabeça o dia todo.

Resolvemos jantar no hotel aquela noite, os seis, e por mais que eu tentasse parecer animado não consegui. Até Silvia notou a diferença comentando que eu estava cansado de dançar ou não havia gostado.

Justifiquei pela falta de costume de beber, o que com certeza fez minha mulher rir por dentro.

O dia foi todo tomado com visita a parentes e não vimos mais o casal de novos amigos.

Naquela noite eu estava com medo de Ate aparecer ali e por essa razão resolvi ir até ela; ia me antecipar ao mais que provável encontro.

Desta vez não foi na rua, encontrei Ate num quarto de apartamento com cama de casal, móveis em tom escuro e detalhes branco, estava sentada na beira da cama. “Para voltar tão rápido é sinal que gostou.” Falou jogando charme. Não usava nada mais que um robe transparente que deixava à mostra seu corpo jovem, com seios firmes de menina moça. Não pude evitar a excitação, mas procurei controlar.

“Que idéia foi essa de aparecer lá no hotel?”

“Hotel? Eu já te disse que nunca saí daqui. Você que apareceu aqui ontem, meio bêbado e cheio de vontades, convidei você para subir e você veio. O resto você já sabe. Gostou?”

“Como aconteceu aquilo, quero dizer, meu corpo lá no hotel sentindo prazer, pode me explicar?”

“Tudo que você sente aqui, seu corpo sente lá, emoções quero dizer. Vocês estão ligados.”

“E você, como sabe fazer estas coisas, isso é amor e você disse que amor não tem nada a ver com você.”

“Isso é sexo, está mais pro lado da raiva, da dor e do ódio; minha área. Você gostou mais por ter sido diferente, mas o motivo principal foi a dor. Ficaram as marcas de unhas, não foi?”

“Como você fez isso lá no meu corpo, se você estava aqui.”

“Eu fiz em você aqui e você transferiu prá lá; não vem colocar isso na minha conta não.”

“Você já tinha feito isso antes?”

“Não, mas não importa, eu recebo as emoções completas, com ações, gestos, desejos; momentos de carinho não me são enviado, desses nada sei.”

“Então você pode mudar de atitude por completo, quero dizer, agir de um jeito agora e de outro completamente diferente depois.”

“Sim! Basta apenas eu querer adotar um ou outro dos comportamentos que foram usados para formação do meu ser; extratos de experiências humanas das mais variadas.”

Resolvi checar essas informações mesmo sem saber se podia me machucar ou não.

“Se eu pedisse uma *stripper*.”

“Se eu quisesse adotar uma de *stripper*, quer dizer. Tá bom; quero! Pedi tá pedido, não adianta ficar arrependido.”

Em pé em cima da cama Ate começou a rebolar os quadris, baixando e levantando o corpo; deitada, se contorcia igual uma cobra. Os dedos eram constantemente levados à boca chupando-os um a um. Quis pedir para ela parar; não consegui.

Puxando o lençol Ate foi se enrolando nele até ficar totalmente envolvida, embaixo do pano a forma humana parecia ter sido aumentada; esticada. Quando começou a desenrolar pude notar os cabelos lisos, longos e loiros saindo fora do lençol. Rolando devagar na cama ela foi aos poucos se desvencilhando do lençol deixando o corpo de bruços e à mostra um bumbum lisinho, no formato de melancia aberta ao meio; durinho, podia jurar.

Mantendo o rosto voltado para o outro lado virou o corpo mostrando o abdome bem definido, contornado por uma cinturinha fina que terminava num quadril bem largo.

A esse ponto eu nem conseguia atentar que Ate não tinha cabelos loiros e nem por baixo do robe podia existir um corpo daqueles. Novamente devagar o rosto foi virando para o meu lado.

“Silvia!” Um misto de espanto e prazer foi tomando conta do meu corpo.

“Vem pro mexe mexe, vem.”

Nessa hora não havia como conter esse tipo de emoção, praticamente me joguei na cama junto com Silvia, Ate, Egrégora ou sei lá o que. Quando paramos, cansado, eu adormeci.

Acordei no hotel, na cama molhada de suor, tal qual tivesse sido acometido de febre alta; o corpo transpirava em bica. A respiração ofegante, a cabeça tonta e os pensamentos confusos; podia sentir o molhado pegajoso embaixo da cueca.

Precisava de um banho. Olhei no relógio, três da madrugada. Depois, demorei em adormecer novamente; já era dia quando consegui, estava com medo de dormir.

Não era preciso ninguém me dizer, meu corpo estava abatido, casado, parecia ter sido sugado em quase toda sua energia.

Na hora do almoço ao entrarmos no restaurante lotado não faltou olhares para cima de Raquel. Uma pontada de ciúme foi direta na corrente sanguínea e pude sentir o coração disparar. No inconsciente brotavam pensamentos que diziam quase ao mesmo tempo “Olha como aquele rapaz disfarça.” A mesma voz interior mandava que eu olhasse Raquel “Vê como ela o busca pelo canto dos olhos.” Não consegui disfarçar o incomodo, aleguei falta de fome e deixei o restaurante e minha mulher sozinha nele.

No quarto, procurei acalmar e me convencer que aquilo era fruto da minha imaginação, ao mesmo tempo pensamentos contrários gritavam “Desce no restaurante, vai pegar no flagra.”

A voz interior falou mais forte e fui novamente ao restaurante, Raquel permanecia na mesa e o rapaz com certeza tinha ido embora.

– Vou tentar comer um pouco, acho que peguei uma gripe.

– Se tiver febre tem que ver um médico, tem uma gripe brava por aqui.

– Vou comer um pouco e vai melhorar.

Nem bem comecei a comer e as palavras de Raquel me tiraram a fome novamente.

– Sobee pro quarto depois e descansa um pouco, vou aproveitar prá dar uma volta, mas não demoro.

A mesma voz de antes voltou a cutucar o meu cérebro e a atizar meu ciúme “Marcaram um encontro fora daqui, só pode.” E antes que eu pudesse assimilar ou rebater essa afirmação “Até pode ser num dos quartos do hotel em outro andar, vai saber.”

Lembrei a desculpa da menstruação “*Conversa!*”

Em segundos um plano pareceu formar em minha cabeça, fingia subir ao quarto, descia novamente e iria segui-la; dessa vez pegaria os dois. Podia até ser um amante antigo de Belém, ela sempre viajava para lá; quase todos os meses. Devem ter combinado de se encontrarem aqui e passaram dois meses no maior dos amores.

– Sem vergonha!

Colocando o plano em ação tomei o elevador e desci no primeiro andar retornando pelas escadas ainda a tempo de ver Raquel pegando um táxi.

Nem esperei o mensageiro pedir um, atravessei a rua e entrei no primeiro da fila.

– Segue aquele carro.

O primeiro taxi, com o nosso logo atrás pegou o caminho do shopping parando na entrada do mesmo. “Com certeza marcaram encontro em frente ao shopping.” Calculava que o cara

ia passar de carro para apanhá-la. Como ela entrou, paguei ao motorista e desci. Decidi entrar no shopping também.

Não precisei procurar muito, ela a passos lentos andava de vitrine em vitrine e continuou até parar numa loja Boticário onde vi que comprou alguma coisa; saiu segurando uma pequena sacola numa das mãos.

Comprou sorvete num quiosque, parou na porta do cinema, pegou e leu um folheto de filmes e depois dobrou e colocou na bolsa. Isto tudo não durou nem uma hora, retornou à entrada do shopping e tomou um táxi. Também peguei um e acompanhamos o carro da frente até chegarem novamente no hotel.

Disse ao motorista que me levasse até uma farmácia onde comprei um remédio para gripe indicado pelo balconista, retornei ao hotel e encontrei Raquel no saguão.

– Ué! Não foi descansar não.

– Saí prá comprar um remédio, não tava me sentindo bem.

– Porque não ligou, eu fui ao shopping comprar essa loção pra você, teria trazido o remédio.

Entregou-me a loção pós-barba, lembrando que naquele dia era aniversário do primeiro encontro. E eu mal lembrava o dia do casamento.

Desta vez voltei ao quarto e fui dormir de verdade. Uma vez que o remédio estava mesmo ali tomei dois comprimidos dele, afinal achava que de fato eu estava com alguma coisa; se não sabia o que era, podia ser gripe ou resfriado. “Ao menos para relaxar vai servir.” E, deve ter adiantado pois dormi o resto da tarde e a noite toda.

CAPÍTULO 7

No dia seguinte acordei por volta das sete da manhã, um horário tradicional para as minhas atividades rotineiras e ao qual estava bastante acostumado.

Sentia-me bem disposto, alegre, a noite parecia ter se transcorrido em branco, nenhuma atividade cerebral, nenhum sonho; nada.

– Será que me livrei do encosto?

Fiz o comentário no banheiro lembrando que havia dias que não dormia tão bem, embora estranhasse o fato de ter dormido tanto; não me lembrava de outra ocasião como aquela em toda minha vida.

Se pudesse ter visto o que aconteceu naquela noite, veria que meus novos amigos, não o casal, aqueles da A.A., passaram a noite se revezando em círculo à minha volta, enquanto sempre um deles mantinha a mão direita sobre minha cabeça. E, que isso fez com que impedisse a exteriorização do fantasma, bloqueando os constantes chamados de Ate e também todas as sugestões por ela enviadas.

Enquanto tomava um banho pude reparar que as marcas de unhas ainda estavam lá, sabia que se a experiência anterior do buraco se repetisse ainda levaria uns dois dias para desaparecerem; mas não deixariam marcas definitivas e isso me tranquilizava.

Quando descemos para o café Sílvia e Rodrigo já estavam ocupando uma das mesas, sentamo-nos com eles; as crianças tomaram uma mesa ao lado. Já não nos preocupávamos com Marisa, não no que se referia a comer, motivada pela amiga retornou com um prato cheio de guloseimas mas com alimentos nutritivos também; até ovos mexidos tinha. As duas retornaram para buscar suco e voltaram com dois copos quase transbordando; andavam devagar, com cuidado para não derramar. Sorri internamente e balancei a cabeça, podia jurar que isso jamais iria acontecer.

Rodrigo e Raquel levantaram por um instante e se dirigiram à mesa do *Buffet* e, por uns instantes, ficamos apenas Silvia e eu.

– Não tive tempo de te falar, não deu oportunidade, mas na noite anterior tive um sonho muito estranho, muito real, nós dois num apartamento, só que eu era baixinha, cabelo castanho, sapeca prá caramba. Será que já nos conhecemos de vidas passadas. Eu acredito nisso, sabia?

Não tive tempo de fazer qualquer comentário, Raquel voltava para a mesa com duas xícaras de café com leite, uma era para mim. Não tendo mais que se preocupar com a alimentação da filha suas atenções se voltaram inteiras para o meu lado. Rodrigo voltou em seguida.

Rodrigo e eu terminamos o café praticamente em silêncio e nem havia outro modo de agirmos, as mulheres tagarelavam o tempo todo tentando decidir o que fazer no final da tarde; oscilavam entre cinema e compras.

Dada a indecisão das mulheres, Rodrigo sugeriu uma visita à Daslu, e isso foi como oferecer milho para bode; todos os filmes sugeridos foram praticamente esquecidos e os planos se concentraram na loja.

“*Lá vai barão!*” Não pensei; tinha certeza. Mas, não dei importância ao fato, afinal saíamos apenas uma vez por ano, o restante do tempo se limitava a pequenas viagens, a maioria a trabalho perto de casa mesmo.

Novamente foi sugerido o uso de van executiva, a mesma van se possível, mas desta vez as mulheres é que iriam correr atrás da contratação; já conheciam o motorista e isso facilitava tudo. Combinamos para as três da tarde.

A Villa Daslu é uma loja de luxo na Cidade de São Paulo e reúnem muitas das principais marcas de luxo do mundo e não foi difícil perder as mulheres a maioria do tempo. Vez ou outra o celular tocava “Onde vocês estão?” Ora o meu, ora o de Rodrigo, e, assim, fomos revezando pagando contas de loja em loja onde éramos requisitados pelas damas. Não pouca das vezes para pagar as contas das nossas consumidoras mirins; o local tem muitos atrativos para essa faixa de idade também. As crianças estavam adorando e por elas já podíamos programar um retorno à loja;

afinal, na cabeça delas, sempre voltávamos ao shopping, por que não ali.

Isso foi bom para descontrair e o dia praticamente voou, comigo apenas uma insistente palavra vinha em mente a cada vez que não estava ocupado com alguma coisa: “Akakor.”

“Akakor.” Eu não sabia o porquê de estar constantemente me lembrando da caverna, salão ou sei lá o que, o dia inteiro aquele lugar não me saía da cabeça. Bastava eu me distrair um pouco e o nome Akakor voltava, repetido sempre como se uma voz me chamasse.

Num momento de folga entre cheques e cartões de crédito, repassei a visita àquele local “*Aqui é o nosso ponto de encontro.*” E as palavras de alerta “*Você precisa de nossa ajuda.*” Essas frases foram repetidas por mim várias vezes enquanto as confrontava com os últimos acontecimentos; fiz isso todas as vezes que pude, até me convencer que sim. Estava certo que isso me levaria de volta a Akakor aquela noite; eu precisava me encontrar com Alfredo.

Quando retornamos já era tarde, por volta das dez da noite, tínhamos nos alimentado por lá mesmo e o programa agora era dormir e eu não queria outra coisa. Tinha meus planos e minhas necessidades para isso; e isso significava “Akakor” repeti para mim mesmo.

Recobrei a consciência no meio da estranha caverna ou gruta, que na verdade agora sabia não ser nem uma e nem outra coisa; apenas um buraco simétrico escavado em rocha pura. Por um instante, sozinho naquele local, procurei imaginar como teria sido construído. Imaginei alienígenas, uma civilização antiga e com conhecimentos tecnológicos avançado, Deuses, e uma infinidade de probabilidades mais. Corri toda a lateral do círculo perfeitamente delineado e, sem precisar medir, tinha certeza de sua simetria. O mesmo acontecia com a abobada, perfeita, milimetricamente esculpida; sempre com a mesma inclinação. Calculei que um medidor laser fixado no centro, quando girado em sua base, acusaria sempre a mesma medida.

“*Será que existe ar aqui dentro?*” – Pensei.

“Não! É um vácuo perfeito e hermeticamente fechada.”

Ao meu lado, Alfredo disse como se respondendo a uma pergunta minha.

“Podia ele também ler pensamentos?”

“Não os que não me são direcionados. Os outros sim, perguntas sem destinatário certo, inclusive; assim é que nos comunicamos. Como eu te disse a pouco, aqui não existe ar e no vácuo a voz não se propaga; seria impossível qualquer humano se comunicar aqui. E, viver também; somente com trajes espaciais isso seria possível.”

“Como sabia que eu estaria aqui?”

“Eu o chamei aqui, o nome Akakor foi sugestionado para você. Funciona quase igual a sugestão pós-hipnótica; só que muito mais forte, impossível não atender a ela. O mesmo esta acontecendo entre você e Ate.”

“Eu dormi bem a noite passada!”

“Porque nós bloqueamos a comunicação entre vocês dois. Você estava fraco, não podia reagir contra ela; estava entrando no jogo dela.”

“Você sabe o que aconteceu entre nós?”

“Sim! É um jogo muito perigoso, se continuar ela vai te envolver cada vez mais, vai ficar dependente dela o tempo todo; não terá mais vontade própria. Vai transferir para ela toda sua energia, Ate funciona como um vampiro astral; de fato, ela é uma das formas com as quais eles se apresentam. Eles roubam a energia de suas vítimas até elas virarem zumbis; só fazendo o que eles sugerem, mandam ou querem. Eles se alimentam com a energia do seu corpo perispirítico; seres como Ate não podem assimilar energia cósmica diretamente, por isso dependem dos humanos para continuar vivendo; nós sintetizamos a energia que eles precisam. Sendo um ser vivo Ate não quer morrer, para ela você é apenas alimento; não existe qualquer maldade nisso. Tal qual no reino animal; entende?”

“Ate não sente remorsos do que faz?”

“Não! Aliás, seres iguais a ela nem sabem o que é isso. Seria como pensar que o leão sente remorsos ao devorar a gazela. É a lei da natureza e contra essa lei não existem defesas possíveis. A gazela não pode enfrentar o leão, portanto, só pode fugir; o mesmo serve para você.”

“E se eu não for forte o bastante para conseguir me afastar dela?”

“Vai sucumbir a ela! Primeiro ela vai drenar toda sua energia espiritual, depois seu corpo físico vai enfraquecer e terminar por contrair alguma doença; a morte do corpo físico vai ser uma consequência desse estado. Mas, não pense que depois da morte do corpo físico Ate vai deixá-lo em paz, livre da carne você será ainda mais valioso para ela, mais palatável, mais digerível; entende? É lógico que irmãos desencarnados que conhecem o problema e sabem dos riscos vão tentar ajudá-lo - *como estamos tentando fazer com você nessa fase* - mas tudo vai depender de você; da sua vontade. Aqui tudo é dominado pela vontade, porém, no astral o livre arbítrio é empregado com toda sua força; a ninguém é dado interferir diretamente.”

“Como posso evitar que isso aconteça?”

“Autodeterminação! Lembre-se, que pelas próprias leis da natureza a nem todas as gazelas é dado fugir do leão; só algumas, as mais ágeis, mais rápidas, mais atentas; *as mais determinadas.*”

“Não tem alternativas, por exemplo, destruir Ate; fazer um pacto com ela, me aliar a ela, sei lá.”

“Está lembrado do Tião Doido, ao perder a consciência de sua existência ele estava morto para todos os efeitos práticos; ao ser absolvido por Ate, apenas sua energia foi aproveitada, mas nela e para ela. Ele foi extinto para todo o sempre; não voltara novamente à consciência. Se um outro ser for formado semelhante a ele, será um outro ser; não ele, ele acabou. Essa é uma das respostas às suas perguntas. Quanto ao pacto, a natureza mostra que não é possível qualquer acordo entre gazelas e leões; se um leão não mata a gazela é porque não esta com fome, só por isso.”

Alfredo parou por instantes e continuou tentando melhor exemplificar o que havia dito: “O comparativo da gazela com o leão e entre você e Ate é só exemplificativo: o leão não come para ficar maior do que é, tem em si os parâmetros da sua espécie e, instintivamente, aceita como certo e lógico. Ate não, ela não tem limites, não sabe o que é isso, não respeita nenhuma lei

conhecida; vai querer crescer sempre mais, ficar mais forte e mais poderosa.”

Por instantes meu amigo pareceu entristecer, em seu semblante formaram-se as marcas tradicionais da preocupação, coisas que não combinavam com a idade e com sua aparência de surfista. As palavras que se seguiram não podiam vir de um jovem; ou podiam?

“O que vou te dizer agora não se encontra em livro algum e nem foi fruto de qualquer ensinamento ou aviso que me tenha sido passado, é apenas intuição pura: *Um Egrégora criou o universo das coisas, outro vai destruir tudo!*”

Revi mentalmente os textos de um site da maçonaria e cheguei à conclusão que ao menos na primeira parte ele tinha razão. “Torço para que esteja errado na segunda parte da previsão.”

“Eu também, mas não te disse isso para que pense que esse egrégora que esta te atacando seja tão poderoso assim. Quero que entenda que o poder deles pode não ter limites; eles não os têm e nem pretendem.”

“E quanto a me aliar a ela? É possível?”

“Tecnicamente aliança é uma forma de pacto, mas no caso podemos pensar diferente. Creio ser possível você fingir ser um aliado e procurar descobrir de onde vem tanta força. Pode crer, foram necessário milhões de vontades para dar a esse egrégora a força que demonstra ter. Se usar o mesmo meio, mas em sentido contrário, pode enfraquecê-la e dar a ela o mesmo destino do Tião. Isso eu acho possível, se quiser se arriscar terá o meu aval e toda proteção que pudermos dar; seus demais irmãos e eu.”

“Alfredo, você sabe o que deu início àquele egrégora?”

“Sim! Eu sei, e todos nossos irmãos o sabem também, se não te contamos foi porque temos a certeza que isso é o único diferencial positivo; sua proteção máxima. Não sabendo você age com isenção de ânimos e os restos de Tião podem agir como um vírus atenuado dentro do egrégora. Tem que fazer Ate expor tudo que sabe sobre o caso, aí você vai poder ver as várias opções existentes imparcialmente. Do nosso lado vamos continuar cuidando para que você não fique sabendo de nada antes da hora.”

“De que maneira? Sendo um fato importante eu posso ler nos jornais ou ver na televisão.”

“Impossível, lembre-se que no plano físico o fato ainda não aconteceu; na verdade, deste ponto de vista, Ate ainda nem existe. Desse lado, fique tranqüilo, sabemos como! Pode crer!”

Eu não conseguia me acostumar com Alfredo quando ele adotava no palavreado o tipo *surfboy*, seus pensamentos, suas idéias, seu conhecimento e tudo o mais não combinavam nada com o que eu tinha em mente sobre estes rapazes; garotos sem preocupação com a vida, somente diversão, cigarro, bebida e até alguma droga eram um resumo do meu ponto de vista. Porém, sempre concluía que podia estar errado; aquele exemplar ao menos mostrava isso.

“Alfredo, podemos mudar de assunto, você com certeza sabe mais sobre Akakor do que eu; não sei quase nada. Li alguma coisa na Internet, mas é tudo muito vago; não posso negar minha curiosidade.”

“Tudo indica que esse complexo foi criado por extraterrestres, a tecnologia empregada é desconhecida, não existe esqueletos, objetos domésticos ou quaisquer resquícios deles. O fato é que são três cidades Akahim, Akhanis e Akakor, essa é a principal delas, todas são subterrâneas embora algumas construções tenham sido feito na superfície. E, embora distem centenas de quilômetros uma das outras são todas interligadas por túneis largos e altos o suficiente a permitir o vôo de pequenas aeronaves; um pequeno helicóptero poderia voar facilmente por eles. Embora, com certeza, não foram feitos para permitir o vôo de tão rudimentar aeronave. A concentração de energia cósmica aqui chega ao seu ponto máximo, essa sala funciona como uma bateria de reserva de energia. Você deve voltar sempre aqui para se recompor.”

Deu uma pausa para que eu assimilasse as informações dadas até ali e continuou: “História não confirmada pelas autoridades, mas cujos indícios não deixam dúvidas, conta que Hitler enviou uma expedição de mais de dois mil homens para cá; submarino, aviões e muitos equipamentos eletrônicos foram mobilizados para isso. Hitler sabia da existência de pontos de

concentração de energia na terra e que esse era o principal deles. Não devem ter obtido bons resultados!”

Começou a dar detalhes do lugar: “Tais como as câmaras das pirâmides do Egito, só que muito mais sofisticados, os compartimentos principais aqui são lacrados à presença humana. E nunca foram violados! Sejam quem fossem os antigos habitantes desse lugar, deviam ter um sistema de teletransporte ou se utilizavam exatamente do meio supra-humano; como nós.”

“Por que isso não é revelado?”

“É! A pessoas como nós, mas seria impossível provar aos que não atingiram nosso nível evolutivo o que existe aqui embaixo. Quanto à parte externa - *a visível* - existem muitos relatos, você mesmo viu na Internet. Mas, como tudo nesse país, apenas não é dada a divulgação e não se faz os investimentos necessários; não serve como ponto turístico lucrativo, ao menos por enquanto.”

“Desculpe, mas se isso é tudo que você sabe, não sabe muito sobre esse local?”

“Não, não sei não. Cada um de nós dedica sua existência a um fim específico. Eu me dedico à raça negra no Brasil, apóio iniciativas pessoais isoladas, influencio políticos; coisas do gênero. Se quiser saber mais sobre isso aqui terá que investigar, digamos que começa em férias antes mesmo de entrar no trabalho; abraçar um, quero dizer. Entretanto, Romilda, uma das integrantes do nosso grupo tem feito pesquisa aqui; pode ser útil. Você a conheceu da primeira vez!”

Lembrei-me dela, morena alta, magra, rosto fino, olhos esverdeados; era a quinta à direita de Alfredo enquanto o círculo estava formado. Não podia esquecer, como de fato não esqueci nenhum dos integrantes.

“Vou fazer contato com ela. O assunto me interessa.”

Alfredo se referiu a algumas obrigações, lembrando antes de partir que Ate não podia penetrar aquele recinto: “Embora formada de matéria sutil é grosseira, não pode penetrar aqui. Também não se iluda ela pode operar o *espaço-tempo* tanto quanto nós.”

Depois da partida do amigo cheguei a conclusão de que tudo era bastante complicado, do tipo mais fácil fazer que entender.

Pensamentos abertos, fortes e claros me levaram à superfície. Uma floresta densa, daquelas às quais estava acostumado, me cercava agora. Úmida, fechada, misteriosa como todas; mas apenas uma floresta. Nenhum traço de cidade à vista.

Algumas elevações chamaram minha atenção, ao contrário das encostas arredondadas dos morros e montanhas, essas possuíam as laterais algo reta, de perfil quadrilátero, finas nas pontas; não precisava muita imaginação para recordar pirâmides.

Escolhi uma e atravessei a vegetação à sua volta, depois a camada de argila, e cheguei à superfície rochosa. Continuei avançando rocha adentro, a parede era espessa, parecia não terminar nunca. Uma câmara à direita chamou minha atenção. Possuía uma entrada, visivelmente arrombada a marretadas, seu interior úmido igual a parte exterior estava recoberto de musgos e líquens, o odor de mofo predominava, podia continuar a senti-lo se quisesse; preferi não. Por detrás da camada de fungos parasitas pude ver uma parede reta, lisa ainda, apesar do desgaste provocado por erosão mecânica e ataque biológico. O único testemunho encontrado foi a antiguidade; isso não deixava qualquer dúvida.

Fui percorrendo o local de câmara em câmara procurando qualquer objeto ou coisa que provasse ter havido uma incursão nazista naquele local. Nenhuma inscrição poderia ser preservada naquela umidade; isso eu sabia.

Decidi que o mais rápido era fazer uma varredura com a visão nos locais próximos, quer o que fosse encontrar tinha certeza que o lugar certo ainda seria nas câmaras. No piso de uma delas vi um formato arredondado que diferia das rochas e demais coisas existentes em comum por todos os lugares visitados e vistos.

Avancei até lá e vi, abaixo do piso, num buraco recoberto por uma pedra que se encaixava perfeitamente na saliência, um capacete militar. A argila colocada propositalmente à sua volta havia deteriorado qualquer pintura porventura existente no mesmo. Ia saindo quando alguma coisa abaixo da peça me

chamou a atenção; dois pequenos objetos, colocados lado a lado, estavam bem escondidos enterrados dentro do capacete.

Com certa dificuldade consegui identificar dois objetos metálicos muito bem preservados dos ataques do tempo. O primeiro, uma caveira com dois ossos cruzados embaixo; o segundo, uma águia pousada sobre um círculo com a suástica no centro.

“As asas estão tortas!” Fiz o comentário ao notar que a águia parecia ter as asas ligeiramente caídas para baixo; como se estivessem quebradas.

A que categoria militar aquilo pertencia eu não podia dizer, mas a posição das coisas encontradas significava que foram escondidas para marcar a presença de alguém visando a posteridade.

“No que depender de mim vão permanecer aí.”

Continuei por ali por mais algum tempo e cheguei a conclusão que o lugar havia sido submetido a um pente fino e seria impossível encontrar qualquer coisa mais.

Pensei em Romilda e me concentrei na idéia de encontrá-la. A perda momentânea da consciência foi revertida quando cheguei num sítio próximo a região de Atibaia, no interior de São Paulo.

“Interessado em Akakor?”

A pergunta dirigida a mim terminou por aclarar minhas idéias, Romilda, a interlocutora, estava em pé do lado de fora da casa em meio a uma infinidade de plantas floridas de todas as espécies. Vestia uma túnica branca longa que lhe cobria o corpo até os pés; a vestimenta, sem gola, arredondada no pescoço tinha mangas longas e largas, não tinha qualquer bordado ou adorno especial visível.

“Sim! Bonito local você tem aqui!”

“É mais fácil fazer o nosso trabalho quando estamos longe da interferência de outras pessoas. Com o tempo você vai ver!”

“Cada vez mais acredito que tenho muito a aprender com vocês.”

“Encontrou o capacete também?”

“Sabe dele?”

“Sim! Foi a primeira coisa que encontrei. Seja quem for que o deixou lá, sabia como funciona a visão astral e como ela é atraída para as coisas.”

“Como assim?”

“Objetos metálicos enterrados por longo tempo, principalmente os de ouro ou prata criam um campo magnético à sua volta. Nossa visão aberta não enxerga os objetos e sim o campo magnético emitido por eles. Seja quem for que fez aquilo, não quis esconder com terra as peças, mas provocar o aparecimento do campo magnético. Por isso você o viu facilmente; assim o foi comigo e outros também.”

“Detectores de campo de radiestesia podem encontrá-los!” Lembrei-me de já ter lido alguma coisa a respeito e que uma empresa de Santa Catarina, a Mineoro, fabrica estes tipos de aparelhos a muitos anos.

“É a mesma coisa, apenas nossos sentidos são muito mais perfeitos, mas com esses aparelhos eles podem ser encontrados sim. Embora esses emblemas alemães fossem fundidos em cobre ou latão, aqueles são de ouro maciço; usados somente por oficiais de alta patente ou diretamente agraciados pelo Führer. Quem fez isso se desfez de um objeto valiosíssimo para provar que esteve ali.”

“O que Hitler queria ali ou dali?” Perguntei.

“Esta é uma história longa, não se sabe se os nazistas buscavam equipamentos de origem alienígena, organizavam uma rota de fuga ou mesmo um lugar para ser sede segura para um governo global taxado de *New World Order*. A verdade pode ficar escondida para sempre, mas com certeza ela é conhecida por alguns, há os que afirmam que nem tudo pode ser dito. Nós, ao contrário, guiamo-nos pelo princípio: *Deixem a verdade ser dita, mesmo que os céus caiam!* Algum americano disse isso certa vez e nós adotamos como lema. O fato é que Hitler tinha e pode ainda ter uma base na Antártica e sobre isso existem relatos até a atualidade.”

“Hitler morreu!” Me referi, pelo motivo dela ter trazido o fato para o tempo presente.

“Há controvérsias, nos anos cinquenta havia rumores de que Hitler escapou para uma base nazista secreta no Pólo Sul.

Atribuem a Eisenhower a frase: *Não fomos capazes de conseguir uma única evidência tangível da morte de Hitler*. Dizem que quando Truman perguntou a Stalin se Hitler estava morto ouviu um sonoro *não*. O chefe do Conselho Americano de Julgamento em Nuremberg afirmou que ninguém podia dizer com certeza que ele morreu. Isso, entre centenas de outras opiniões balizadas. Morto ou não, um poderoso Egrégora foi criado naquela época e ele está ativo e poderoso até os dias de hoje.”

Eu tinha lido algo a respeito disso na Internet e concordei balançando a cabeça.

Romilda continuou: “O provável, na minha modesta opinião, é que os enviados de Hitler estivessem atrás de objetos que pudessem ser utilizados como armas de guerra, tal como foi mostrado no filme de Indiana Jones e Os Caçadores da Arca Perdida; só que nesse caso estava procurando *O Portal*, uma ligação da terra com o espaço sideral.”

“E isso existe?”

“Eu acredito que sim! Se nós podemos viajar de um lugar a outro aqui na terra em milésimos de segundo; mediante certas condições. Por que também, mediante certas condições, não podemos viajar de um planeta a outro. Já ouviu falar de *wormhole*?”

“Sim! E também em *Star Trek*!”

“É... foi produzido em cima dos mesmos princípios dos buracos de minhoca ou buracos de verme. *Em resumo, um continuum espaço-temporal contendo tais entidades costuma ser considerado válido pela relatividade geral*; um atalho através do espaço e do tempo.”

Romilda sempre olhava para mim fixamente quando queria saber se eu estava assimilando certos ensinamentos ou pontos de vista, como nesse caso. Creio que achou que sim, pois continuou: “Eu particularmente acredito em sua existência e, se existe, é ali que deve estar; a concentração de energia cósmica naquele lugar é extremamente elevada. Eu só não acredito que tenham encontrado, senão teriam se concentrado naquele lugar, tomado posse dele, entende? Se é que é ali mesmo.”

“Não acha estranho que um estadista que buscava a tecnologia a todo custo dedicasse tempo e dinheiro em busca de objetos ou coisas que sequer têm existência comprovada.”

“No começo Hitler podia estar apenas querendo agradar ou motivar seus financistas; banqueiros internacionais pertencentes à Maçonaria de Rito Escocês. Quando Hitler se tornou difícil de controlar e os do trigésimo terceiro grau firmaram com Truman, Hitler já devia ter tomado gosto pela coisa e continuou.”

“Você falou em fuga de Hitler para a Antártica, existe alguma coisa que comprove isso?”

“Na verdade não, o que existe de fato foi uma ofensiva militar na Antártica para descobrir e destruir esta base. Esta operação foi denominada *High-Jump* e encontrou forte resistência nazista e fracassou. Essas forças eram compostas de tropas militares dos Estados Unidos, Grã Bretanha e Austrália; alguma coisa importante devia existir lá, ou existe.”

“Alfredo me falou que você andou pesquisando e descobrindo coisas em Akakor, o que seriam?”

“Quem quer que tenha vivido lá na antiguidade, antes de desaparecer, fez uma varredura no local. Dá a impressão de terem evaporado juntamente com tudo que possuíam. Nunca encontrei objetos quaisquer que dessem uma pista desse povo. O que existe é uma infinidade de câmaras iguais aquela que você esteve, menores é verdade, mas com certeza com a mesma finalidade pois obedecem o mesmo estilo de construção. Qualquer dia vamos lá e te mostro, mas muito existe por verificar, a área a ser pesquisada é de mais de dois milhões de quilômetros quadrados.”

“Tá certo, gostaria sim, obrigado pelo convite.”
Procurei ser gentil, ia precisar de mais informações; com certeza.

“Fui uma das pessoas irmãs que acompanharam Alfredo para velar o seu sono na noite passada. Ele me pediu que o instrísse nos sistemas de proteção. Viajar no astral é bastante perigoso e devemos sempre estar o mais bem preparado possível para o que vamos encontrar; e nunca sabemos exatamente o que poderá vir a ser. Deve aprender a desenhar o pentagrama, a estrela de cinco pontas, quando quiser ou precisar descansar. Para não

permitir a exteriorização do fantasma, desenhe-a nas janelas e portas, com água, usando o dedo indicador. Entendeu?”

“Sim, desenhar com o dedo molhado em água uma estrela de cinco pontas nas janelas e porta.”

“Outra coisa, se for atraído para um local que não tenha programado de maneira consciente e encontrar uma entidade desconhecida, vá embora imediatamente, não converse com ela. Simplesmente vá embora, qualquer lugar de sua escolha, ela não pode segui-lo. Se conversar com ela vai abrir seus pensamentos e ela poderá lê-los. Vai saber onde mora, aonde vai, o que vai fazer; enfim, tudo que ela quiser saber saberá.”

Fiquei por um momento pensando que estava fazendo tudo errado, agora tinha certeza de ter muito que aprender.

“E meu corpo, como posso protegê-lo?”

Romilda me olhou por instantes, sorriu e arrematou brincando “Um olho no peixe, outro no gato,” piscou um dos olhos enquanto franzia a boca para o mesmo lado “sacou!”

“E como faço isso?”

“Simples, concentre-se em seu corpo lá no quarto... vamos, faça o que estou dizendo.”

Procurei ver meu corpo no quarto, dormindo ao lado de Raquel “Estou vendo!” foquei minha filha dormindo na caminha ao lado. “É real?”

“Sim! Ao fazer isso você abriu a segunda visão. Na verdade, neste caso, ela corre pelo cordão até a área de influência dele perto do corpo. O cordão até uns três metros longe do corpo possui todos os sentidos, assim você pode sentir o cheiro lá no quarto e ouvir sons daquele ambiente.”

Ela tinha razão, eu podia ouvir o som da respiração de Raquel e de Marisa. “E se tiver alguma entidade lá, posso vê-la também?”

“Qualquer entidade ou qualquer um de nós, veja.”

Romilda desapareceu da minha frente e no mesmo instante eu podia vê-la no quarto ao lado de minha filha.

“Sua filha é linda!”

Reapareceu à minha frente quase me dando um susto, eu ainda não estava muito acostumado com essas aparições.

“Acho que está na hora de ir Vinícius, não deve forçar. Manter a consciência no astral não permite que descanse direito. Vemos-nos outro dia.”

“O pior é que ainda não sei como se faz isso.”

“Tá certo, dessa vez eu te ajudo.” Romilda se aproximou e colocou uma das mãos sobre minha cabeça.

Se pudesse pensar daí para frente, com certeza tentaria procurar na minha cabeça algum interruptor, pois foi isso que aconteceu; fui desligado.

CAPÍTULO 8

Quando acordei no dia seguinte por volta das sete da manhã lembrava-me perfeitamente da conversa com Romilda, de como havia me mandado de volta e, mesmo não sabendo se era verdade, creditava a ela o sono tranqüilo que tive naquela noite.

Nesse dia descemos para o café um pouco mais cedo e o casal de amigos ainda devia estar dormindo. Como sempre Marisa recusou qualquer tipo de comida e foi com muita insistência que resolveu tomar um copo de suco de laranja.

– Eu falei metade.

Recusou a pegar o copo que eu estava lhe dando e só o fez quando a mãe bebeu o excedente. O café foi rápido, nenhum de nós estava de fato com vontade de comer.

Já estávamos no saguão quando Rodrigo e Silva passaram rumo ao restaurante para o desjejum, Marisa quis voltar com eles ao restaurante.

– Quero ir.

– Deixe-a ir, quem sabe ela come alguma coisa.

Esse argumento fez com que Raquel soltasse de imediato a menina.

– Tá certo, vai filha.

Marisa saiu correndo atrás da amiga enquanto o casal, após um aceno de mão, aguardava na porta do restaurante a chegada da menina que vinha em disparada.

Pouco tempo depois Rodrigo, Sílvia e as meninas saíram do restaurante e vieram ao nosso encontro.

Rodrigo se desculpou por nos deixar a sós, justificando ter um encontro inadiável com o banheiro do quarto. Ele ia para o mesmo lado e deu as mãos para as meninas ficando no meio das duas.

– Vamos, eu faço companhia para as damas até lá.

Raquel e eu tínhamos combinado de almoçar na casa de amigos e mesmo com um pouco de trabalho conseguimos tirar

Marisa da brincadeira para irmos. Tivemos que prometer voltar cedo, essa foi a única maneira encontrada por nós para convencê-la.

– Fala pro Rodrigo que não pudemos esperar e que a noite a gente se fala.

Quando voltamos à noitinha o casal tinha deixado um recado para nós na recepção. Raquel leu e me passou o bilhete dizendo:

– Se não estiver a fim é melhor não ler em vós alta.

Fez sinal com os olhos no rumo de Marisa.

Passsei os olhos pelo bilhete “*Estamos no shopping, se quiserem, encontre-nos lá. Silvia e Rodrigo*”

Olhei para Raquel

– O que você acha?

– Sei lá, to pregada.

– Então fica prá próxima.

Avisamos a Marisa que a amiga tinha saído com os pais. Ela devia estar cansada, pois não questionou. Subimos todos para o quarto, era uma boa desculpa para dormir cedo. Faltava pouco para a passagem de ano e a ceia de réveillon seria na chácara de parentes em uma cidade próxima e eu queria estar descansado.

Ler trechos de um livro ao deitar até pegar no sono era um hábito antigo em Raquel. Eu não tinha esse comportamento, mas naquela noite peguei uma revista e comecei a folheá-la.

Sem nem um pouco de interesse na leitura e crente de não ter nenhum nas matérias, continuei passando as páginas devagar até que um título chamou minha atenção “As mulheres estão traindo mais”. Por instantes apenas reli em silêncio aquela frase, uma, duas, três vezes; chegando à conclusão que isso era verdade.

“Afim elas tem tempo, enquanto o idiota fica se matando de trabalhar!” Aquela não era uma conclusão daquele momento, isso já havia me passado pela cabeça outras vezes e agora a idéia estava confirmada pelos números da pesquisa.

“Traem tanto quanto os homens.”

Detalhes do texto que se referia a mulheres jovens americanas e o índice de 15% de nada serviram para mudar o enfoque dos meus pensamentos.

Lembrei dos dois meses no hotel sozinha, o lance do restaurante e uma infinidade de outras ocasiões que me pareceram propícias. Um conhecido monólogo começava a expor o conflito psicológico pelo qual passava naquela hora; tal qual de outras tantas vezes.

“E se eu inventar uma viagem de um ou dois dias para resolver negócios pendentes?”

“Com certeza ela não vai perder a oportunidade.”

“E seu eu pegar ela com outro?”

“Mato os dois!”

Somente o pensar já estava me tirando o sono e de fato demorei a dormir. O que eu não sabia é que do outro lado alimentava uma ligação iniciada tempos atrás.

Senti a consciência deixar o corpo, ao menos parte dela, e ser arrastada para o meio de um turbilhão de pensamentos; alguns eu reconhecia como próprio, outros, nem sabia de quem eram. Uma infinidade de vozes estranhas parecia debater esse mesmo assunto de maneira diferente, mas com objetivos idênticos.

“Não espere em casa, espere por perto, quem vier trazer vai parar pelas ruas próximas.”

“Aguarde o carro dela num ponto de passagem obrigatória, depois é só seguir.”

“Procure nos estacionamentos vai encontrar o carro num deles, depois é só esperar ela chegar.”

“Vá direto para frente do motel, vigie a saída.”

“Olhe as marcas no corpo.”

Qual um rádio desligado as falas sumiram de repente, no instante seguinte o silêncio total.

Uma visão muda foi tomando forma, um carro esportivo - uma porsche -, com um babaca qualquer sentado ao

volante – um careca, e um mulherão do lado – uma atriz – encostou ao lado do meu carrinho popular – um gol -, eu jovem – bonito – e minha mulher ao lado – uma coitada; o desconforto foi evidente e a raiva da injusta desproporção aflorou. “*Eu devia estar no lugar daquele cara!*”

Sempre tive Raquel por uma mulher bonita, cobiçada, mesmo assim ao lado daquela mulher ela me parecia tão insignificante; feia até.

Uma nova cena foi substituindo a anterior, nela Raquel descia do avião e se dirigiu ao estacionamento do aeroporto, procurou pelas letras indicativas nos postes e em seguida olhou os veículos estacionados caminhando até um deles, a porta foi aberta e empurrada pelo lado de dentro. Ao volante um rapaz jovem, forte, bronzeado se inclinou para beijá-la assim que ela sentou no banco do passageiro; quase dois minutos se passaram. O carro partiu indo direto para um motel próximo, as roupas foram jogadas para o lado enquanto caíam sobre a cama. Um sentimento de perda despontou em meio a uma explosão de raiva e uma ponta de inveja apareceu.

A cena agora apresentava um velho abatido, fraco, cabisbaixo; um fracassado. E, esse velho era eu.

Ia me entregar ao choro quando lembrei os ensinamentos de Romilda que diziam para fugir de qualquer ser desconhecido que encontrasse no astral. “Deve ser um, só pode ser.”

“*Akakor, a caverna.*” Estava agora protegido no interior do salão e mesmo assim as impressões adquiridas a pouco não queriam sair do pensamento. Minha consciência foi retornando à sua plenitude e agora podia contar com todo meu discernimento. Resolvi verificar o que tinha me acontecido.

Avancei de frente para a parede lisa até que meu reflexo aparecesse nela.

“O momento é um vácuo de tempo e espaço!”

As palavras pareceram brotar em minha mente enquanto minha cabeça girava para a esquerda até encontrar o ponto em que, no quarto, deitado, folheava a revista.

No momento em que lia a matéria sobre traição vi um feixe de luz brotar da minha cabeça avançando rápido em direção ao espaço aberto. Acompanhei essa ligação até a outra ponta onde ela se unia a um ser cuja parte visível compunha-se apenas de uma enorme cabeça transparente; milhões de ligações iguais podiam ser vistas por todos os lados.

Podia ver e sentir o fluxo de pensamentos de mim para a coisa e da coisa para mim até ser impossível saber o que pertencia a quem. Mandava um voltavam dez e isso continuamente.

No quarto, o corpo reagia com expressões de raiva a cada pensamento emanado e a cada sentimento despertado.

“Fez bem em fugir!”

A inconfundível voz de Romilda se fez ouvir enquanto ela se posicionava ao meu lado.

“Como sabe?”

“Quando pensou em mim notei que estava em dificuldades, sabia que viria para cá.”

“Eu estava revendo as cenas e por incrível que pareça não tenho qualquer reação a elas.”

“Isso é força deste lugar, fora daqui você iria reagir da mesma forma que reagiu lá, a menos que se livre do problema.”

“E como faço isso? É impossível!”

“Atacando o mal pela raiz.”

“Como assim?”

“Vou começar por contar algo que li em algum lugar, não me lembro onde, o texto começava com o título *A vida é bela* e tratava de sentimentos. Não um sentimento qualquer... o sentimento mais difícil de reconhecer abertamente quanto mais de se expressar. O velho monstro de olhos verdes... o ciúme! Trazia várias perguntas: O que causa o ciúme em você? Se tem ciúme das

posses do seu vizinho? Do sucesso de alguém ou de sua posição na vida?”

Olhou um pouco mais atentamente para mim e continuou: “Vamos, admita ao menos prá você mesmo. Você também já teve esses sentimentos. Não é um sentimento muito agradável, é? Indigno, mortificante, desconfortável. Você quer saber por que sentiu ciúme? Eu aposto que é porque você estava se comparando desfavoravelmente com a outra pessoa. Hummm? Estou certa, não estou?”

Ficou um pouco mais séria que o habitual antes de prosseguir: “Bem, agora que você sabe, nunca mais faça isto! Você estava se concentrando na pessoa errada. Nunca mais perca seu precioso tempo invejando a sorte de outras pessoas. Reveja todos os seus valores, tanto os materiais como os espirituais. Não, de verdade, faça calma e mentalmente uma lista de suas qualidades e quando sentir que esta chegando um ataque de ciúme, reveja esta lista, diga-a em voz alta. Poderia ser assim: Eu sou feliz na minha vida; eu tenho uma profissão que me agrada; eu me interesso pelo problema do meio ambiente; eu tenho uma fazenda que eu adoro. E assim por diante. Concentre-se na pessoa mais importante que você conhece – *ocê!* Tudo bem até aqui?”

Concordei movendo afirmativamente a cabeça.

Romilda prosseguiu em sua aula “Agora, vamos atacar a mais desagradável, a mais dolorosa e, às vezes, até a mais fatal forma de ciúme. Lembra de Otelo? Carmem? Esse tipo. Agora, assassinato é uma solução, uma forma de expressar ciúme agudo, mas existem outras. O mais importante é tirar os sentimentos negativos de seu peito. Não os mantenha dentro de você, porque se fizer isso, mais cedo ou mais tarde eles se voltarão contra você, causando depressão, doença, ou mesmo rugas!”

Continuei calado enquanto Romilda me olhava ternamente como se fosse entrar em delicado assunto.

Por fim ela se decidiu: “Portanto, fale sobre seu ciúme. Conte à pessoa que ama como você se sente. E não tenha

medo de pedir o que você precisa. Pode ser assim: Querida, eu me sentiria menos inseguro se você passasse mais de seu tempo livre comigo. Ou: Amor, eu me sentiria mais feliz se nós nos comunicássemos melhor. Ou, ainda: Eu acho que deveríamos nos olhar mais nos olhos. Seja educado, amoroso, mas não se culpe, não gema. Você tem todo o direito de ser amado do jeito que é. Porque, lembre-se, você é muito especial. Dê um tapinha nas próprias costas. Dê um beijo em você mesmo... Gostou?"

Romilda terminou seu relato e pareceu não ter gostado de meu ar de riso contra o final que taxei mentalmente de meloso e totalmente fora da minha forma de ser. Mesmo assim respondi: "Sim, mas eu não sou invejoso! Isso está descartado."

"Não, tenho certeza que não, contei porque fazia parte da história e como introdução ao que sabia ser o problema real; esse sentimento de inveja foi-lhe emprestado por esse egrégora, mas se continuar conectado a ele vai acabar por desenvolver esse sentimento negativo também."

"Quanto ao ciúme, no sentido estrito da palavra, esse eu aceito. E já tentei tudo isso sobre conversar e muito mais; meu problema é que tenho quase certeza que os fatos são reais e não imaginários. Ela desconversa, se justifica, mas não convence. Está diferente de outras épocas."

"Sendo assim as saídas são poucas: Primeiro aceitar que existe um problema a ser resolvido, segundo entender como funciona e terceiro e último solucionar. Não é fácil, vou te avisando, ciúme tem sido definido como *reação complexa a uma ameaça perceptível a uma relação valiosa ou à sua qualidade.*"

"Como acabo com ele?"

"Atacando o mal pela raiz, já disse. Se for motivado, livre-se dela, se não, livre-se dele; do ciúme, é claro."

"Sim, mas como descubro se é motivado ou não?"

"*Os simples mortais contratam detetives*; nós temos mais facilidades para isso. Porém, descobrir resolve apenas parte do problema. Daí é aceitar, recuperar ou expurgar; não existem

mais saídas. Ou vai fazer parte deste egrégora para o resto da sua vida.”

“Se ela estiver saindo com outro homem prefiro cair fora, não vou mais perder meu tempo com ela. Tenho medo que pegando os dois juntos, numa reação explosiva e imprevisível estrague a minha vida e a dela; nesse caso, o que será de minha filha. Esta decisão eu sempre tive comigo e vou mantê-la; não quero ser injusto com minha filha, mas não vou comprometer minha vida. Ela já conheceu esta vida antes, se quer continuar nela que o faça sozinha. Raquel que se dane, que vá viver com o cara, vá ser sustentada por ele, não vai ser mais problema meu.”

“Sendo assim, sendo essa sua decisão, eu posso ajudá-lo de verdade!”

“Como assim?”

“Da mesma forma que eu estou vendo seu passado, você também pode ver o meu, se eu estiver presente e quiser que isso aconteça; é lógico.”

“O que você sabe sobre Raquel? Andou seguindo ela? Nós não temos mais o que fazer aqui?”

“Há muito tempo a estou protegendo; por você, é claro.” Ficou séria como se tivesse dito algo que não queria dizer. Porém, continuou: “Não vou negar que durante este período tive acesso a muita das informações que esta buscando. Mas, foi consequência; pode crer.”

“Então me mostra.”

“Tá certo! Seja como você quiser. Sabe que aqui a mentira não vinga, portanto, tudo que ver será a pura expressão da verdade!”

Romilda girou o corpo para esquerda parando num determinado ponto; involuntariamente ou apenas com minha aquiescência, não sei, o meu também acompanhou o giro até o ponto de parada.

“Conhece?”

“Sim, trabalha na empresa, o nome é Eduardo!”

“Eu sei, tem uma menininha da idade da sua. Eles têm se encontrado em Belém semana sim, semana não!”

“Deixe-me adivinhar, as crianças ficam com a babá do hotel, não é?”

“Acho que não há muito que adivinhar, mas é isso aí, ficam com a babá do hotel.”

“Quer ver mais?”

“Não, do contrario vou me transformar num *voyeur*.”

“O que pretende fazer, posso saber?”

“Ela que siga o caminho dela. Procurou achou. Por enquanto vou trocar de quarto no hotel até o dia previsto para meu retorno. Ela vai voltar à vida de antes, um pouco melhor financeiramente, mas não muito diferente em destino. Segurança nenhuma; quero dizer.”

“Sinto ter que lhe dizer, mas da nossa parte também; só nos preocupamos com os nossos e nossos objetivos. É assim que tem que ser, infelizmente não podemos cuidar de todo mundo. Você entende, não?”

“E minha filha? Vão abandoná-la também?”

“Cuidar dela é sua obrigação, nos dois lados da vida, não vai poder e nem querer fugir a ela. Se fizer isso vai estender um carma que vem sendo obrigado a cumprir. Depois vou te explicar e vai entender como funciona; e o porquê dele existir.”

“Como sabe destas coisas, isso tá me cheirando a vidas passadas e essas coisas mais. Eu ainda não entendi direito, ou nada para ser mais exato... como Alfredo sabe da vida anterior. O preto; quero dizer.”

“Está bem na sua frente!” Romilda apontou a visão à nossa frente que permanecia parada no hotel onde estavam hospedados Raquel e Eduardo; ambos no quarto dele, enquanto as meninas brincavam lá embaixo com a babá.

“Posso voltar a vidas anteriores?”

“É o seu passado, mas prepare-se, o choque com a realidade é sempre difícil. Lembre-se que não pode mais mudá-lo e

muito menos afastar o real que nele existe; por mais dolorido que o seja. A vida nos faz esquecer a cada reencarnação exatamente para nos proteger de nosso passado, quase sempre não é bom negócio reviver antigas lembranças.”

“Mas ficaria mais fácil consertar as coisas que fizemos de errado.”

“Se pretende consertar alguma coisa, que tal começar pelos erros desta vida antes; você conhece todos. O passado só serve para te dar o porquê dessas coisas terem acontecido da forma que o foram. Nada mais!”

“Diga-me uma coisa Romilda, estamos tratando de um assunto que eu achava tão sério. Separação entende? E, no entanto, o estou tratando com certa frieza até. Lógico que eu preferiria se o resultado fosse outro; mas mesmo assim não me entendo. Isso tem a ver com este lugar?”

“Não, daqui só o império da verdade. Tem mais a ver com duas doutrinas, a primeira diz *Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei*; você conhece bem. A segunda, com certeza conhece também, mas quando aqui desse lado deverá entendê-la no mais poderoso de seu sentido... no inverso... daqui para lá... *tudo o que for desligado no céu também será desligado na terra.*”

“Isto é Bíblico, não?”

“Sim! O Evangelho segundo Mateus, dezoito, dezoito, vinte.”

“Isto não foi dado apenas aos representantes da Igreja Católica.”

“Não! Isto foi dito para todos nós. Não como representantes de ninguém, mas como filhos do Criador, e apenas com o que nos diz respeito. Seria o cúmulo imaginar alguém selando o destino de outro a seu bel prazer; abrindo ou fechando as portas do paraíso e daí por diante. Resumindo se for desligado no espiritual será também desligado no físico.”

Pensei um pouco sobre o assunto antes de fazer qualquer comentário. “Posso entender Céu como sendo o Mundo

Espiritual e Terra como sendo igual ao Mundo Físico? Dois lados, tal como foi dito *Deus criou o céu e a terra.*”

“Sim, mas com uma correção Deus criou *os céus* e a terra!”

“Muitos céus, então?”

“Muitos planos!”

“Quando acordar, no físico quero dizer, vou reagir dessa mesma forma; de quase indiferença.”

“Provavelmente não... você vai sofrer a perda... e, principalmente, o fato de ter sido preterido por outro; mas vai aceitar sua decisão de agora. Isso é inevitável!”

“Tudo que eu ligar no físico será também ligado aqui; aprendi a lição!”

“Já aprendemos isso um milhão de vezes e esquecemos, e vamos continuar errando nas escolhas e aprendendo essa mesma lição por outras tantas vezes quantas for necessário. Lá, no físico, tomado pela paixão e por outros tantos sentimentos e influências, erramos muito nas escolhas. Ainda bem que os laços de lá para cá não são tão fortes quanto os daqui para lá.”

Romilda se aquietou como se estivesse exaurido o assunto.

“Posso trocar o assunto, preciso que me responda uma pergunta, Ate falou alguma coisa sobre *terceiro elemento* e não acho que tenha qualquer ligação com elemento químico. Sabe alguma coisa sobre isso?”

Raquel ficou pensativa por alguns momentos antes de formular uma re pergunta: “Preciso que o coloque dentro do contexto? Há que Ate se referia quando falou sobre ele?”

“Lembrei... ela falou sobre *a falta* do Terceiro Elemento; tal como se a culpa de alguma coisa que aconteceu estivesse exatamente nessa falta!”

“Ficou mais fácil de entender o que faltou do que explicar: o Terceiro Elemento ao qual Ate se referiu atua como união entre duas emoções de polaridade inversa, fazendo com que

essas duas despertem uma terceira eqüidistante dos dois lados originais. Exemplificando, o amor e o ódio e o que vem a resultar em um, digamos, meio termo *A Compaixão*. Mas podem ocorrer também uniões secundárias, por exemplo, entre a compaixão e o medo; podemos ter compaixão pelo que ocorreu com alguém e ao mesmo tempo medo de que a mesma coisa possa ocorrer conosco.”

Tendo me alertado que o assunto era bastante complexo citou o exemplo da água para o vinho; a primeira insípida, inodora, incolor e o outro com qualidades contrárias. Para continuar:

“Se considerarmos vinho e água como dois opostos e a essa mistura acrescentarmos sal, ele vai se dissolver emprestando suas próprias características; mas pode ser recuperado pela evaporação dos outros dois. Assim atua o Terceiro Elemento em nossas emoções.”

Vendo que eu ainda não tinha entendido por completo, mudou para outros ensinamentos.

“*En to Pan*”

Romilda deve ter compreendido que acabava de enterrar o pouco que eu havia entendido. E, sem se importar, continuou:

“Eu uno o Todo”

Meus ares de compreensão não devem ter melhorado muito, sendo assim ela explicou:

“O Terceiro Elemento, em resumo, é o fator humano; no sentido de você *agir* como um ser humano e não o de *ser* um ser humano; isso você nasceu, portanto, se espera que aja como um.”

Ela sabia que devia continuar:

“No caso das idéias, com a tese e a antítese chegamos à conclusão de uma situação, que nada mais é que a síntese dos argumentos favoráveis e dos contrários. Novamente, em outras palavras, o Terceiro Elemento.”

Eu não sabia se ela estava conseguindo em poucas palavras me explicar assunto tão complexo ou se o que foi dito

apenas trazia a tona conhecimento latente. *“A união de múltiplas ações e reações produz a multiplicidade fenomênica do universo!”* Peguei-me pensando e foi captado por Romilda.

“E o absoluto completa o ternário! Representado pelos três pontos da maçonaria!” Pareceu-me incrível, mas ela não completou meus pensamentos; completamos juntos.

Não fiz qualquer comentário quanto isso, simplesmente perguntei: “Por que me sinto tão bem entre vocês se acabei de ingressar no grupo?”

“Você que pensa, quando revir seu passado em vidas anteriores vai ficar sabendo; conversamos novamente depois disso. É tarde e você está cansado, tem assuntos a resolver no físico. Boa sorte.”

“Não está esquecendo nada?”

“Só você mesmo, durma com os anjinhos.” Romilda riu enquanto tocava minha testa com o dedo indicador.

CAPÍTULO 9

O dia passou que eu nem vi, consultei um advogado, anotei instruções, assinei procurações e tirei cópias de alguns documentos que me havia pedido. Naquela noite enquanto Raquel tomava banho e minha filha estava no saguão com a amiguinha, aproveitei para desenhar com água a cruz de cinco pontas na porta de entrada do quarto, na do banheiro e na única janela existente. Depois, quando foi minha vez de usar o banheiro, aproveitei para desenhar também naquela janela; tendo sempre o cuidado de manter a ponta para baixo. Não queria nenhuma manifestação naquele dia e alegando dor de cabeça fui deitar cedo enquanto Raquel ia ter com Sílvia no *hall* de entrada. Também a noite passou voando. Tinha importante decisão para o dia seguinte e resolvi estar bastante descansado. E estava!

Véspera de ano pode ser um dia ruim para tratar de alguns assuntos, porém, para mim, resolvi empregar a máxima *ano novo, vida nova*. Iria mesmo resolver o assunto da separação no primeiro dia mesmo, ou melhor, no último dia do ano.

Assim que levantamos e já trocados para o café da manhã, avisei Raquel que iria conversar com ela sobre um sério assunto tão logo fosse possível. Avisei também que achava preferível deixar Marisa aos cuidados de uma babá até que tudo tivesse sido resolvido em definitivo.

– Pode me adiantar o assunto?

– Não! Vai ter que esperar!

– Marisa, que tal ficar aqui no hotel com a Margarete enquanto o papai e mamãe vão fazer compras?

– O que é que vocês vão comprar?

– Um montão de comida, quer ir?

– Eca!

Marisa sempre reagia dessa forma quando o assunto era comida e este era sempre um meio de deixá-la fora de algum programa.

Por sorte Margarete era a babá de plantão no hotel e uma antiga conhecida de Marisa; a mesma que ficara com ela de outras vezes, por isso não tivemos problema algum com a escolha.

Já no taxi Raquel quis saber aonde iríamos

– Ainda não sei.

Às nove da manhã não havia muitos locais a se escolher e pedi sugestão ao motorista, perguntando por um lugar tranqüilo onde se pudesse conversar sem ser interrompido.

José, era esse o nome do motorista, não precisou de muito tempo para responder:

– O aeroporto internacional, qualquer que seja o assunto sempre é possível arrumar um local lá dentro para tratá-lo; com certeza ali rola centenas de assuntos de todas as espécies todos os dias.

Achei a idéia excelente, até porque seria fácil um táxi para a volta; até dois se precisássemos.

– Tudo bem, pode tocar para lá mesmo.

Descemos pela porta de embarque, mas mesmo sem qualquer bagagem não causamos estranheza a ninguém. Lembrei-me de um restaurante numa das alas que servia *blackfast* diuturnamente. Tipo *self service*, pegamos um suco e um café preto e fomos nos sentar numa das mesas mais afastadas. Um canto praticamente vazio, as poucas pessoas existentes naquele horário se acomodavam nas mesas próximas à entrada.

– O que é de tão sério para precisar sair a essas horas e vir nesse lugar?

– Eduardo.

– E o que tem ele?

– Eu estou sabendo do seu caso com ele e a nossa relação vai terminar por aqui.

– Eu não sei do que está falando. Você tá é doido.

– Doido ou não, nosso relacionamento termina aqui!

Dei um tempo para continuar:

– Admitir eu sei que você não vai, todas as vezes que se sentiu pega arrumou sempre desculpas e se fez de vítima. Acabou! Fim! Sem desculpas e sem nada mais!

– Você tem provas do que está falando? Eu quero ver você provar!

– Não vai haver prova alguma, da minha parte o assunto será encerrado aqui. Só quero saber o que você pretende fazer, onde vai morar... essas coisas.

– Marisa vai comigo!

– Não vou discutir isso, não estou reclamando de você como mãe... e também não estou reclamando como pessoa... estou me livrando da mulher; embora no fundo eu saiba que isso é uma questão de personalidade e essas duas últimas coisas acabam se confundindo.

– Eu vou ficar aqui em São Paulo!

Respondeu Raquel depois de pensar por instantes.

– Faça como quiser, a vida é sua!

Raquel conhecia a realidade de sua situação financeira, casamos com separação total de bens e que meu patrimônio não se vinculava a ela de nenhuma maneira.

A conversa continuou por quase uma hora onde foram tratados assuntos como escola da menina, local de moradia e tantos outros mais.

– Marisa vai sentir sua falta, ela gosta muito de você!

– Eu sei, não vou me divorciar dela!

– Falando em divórcio... deve ser sério. Alguma outra mulher?

– Nada por enquanto, mas vai ter, é lógico que vai, minha decisão é baseada unicamente no seu comportamento como mulher; nada mais.

Antes de sair Raquel disse que iria passar o final de ano com uma amiga, uma que estava quase sempre lá por Belém junto com ela, e que iria levar Marisa junto. Não retruqueei e como eu tinha previsto voltamos cada um num táxi. Tinha decidido que

ficaria no mesmo hotel, porém em outro quarto; daria ordens para mudarem minhas coisas, arrumaria a mala tão logo chegássemos.

Arrumar as malas não foi algo tão demorado, pois costumava viajar *light*, o mais difícil foi carregar a bagagem de todo um passado enquanto passava de um quarto para outro. Marisa adorou a idéia, para ela agora tinha dois quartos para ficar.

Não estava nem um pouco interessado em festas do final de ano, família, brincadeiras, fofocas e todo aquele alvoroço desse tipo de festa. Muito menos fogos, rojões e barulhos desse tipo. Aluguei um carro por intermédio do agente de turismo do hotel e antes das duas da tarde estava indo com destino a Atibaia. Eu não sabia a localização exata do sitio de Romilda, porém tinha certeza que encontraria o caminho.

Já na estrada vicinal, que tomei por mera intuição, fui reconhecendo uma árvore aqui, um entroncamento ali, uma casa acolá, até que cheguei próximo a um riacho onde tinha certeza ser o lugar que buscava.

Desci do carro, abri uma porteira pequena, mas muito bem cuidada, daquela que nem ranger rangia e, assim que comecei a descer pela encosta não muito íngreme, fui notando a mudança da paisagem. Flores por todos os lados, pássaros cantando, e uma sombra amena que parecia convidar ao descanso; quase parei por ali mesmo.

Romilda estava na porta de casa, podia ser impressão minha, mas pareceu que esperava por minha chegada.

– Surpresa com minha vinda?

– Não fale nada por hora, entre e tome um chá, depois conversamos.

Ficamos em silêncio enquanto ela preparava a infusão de ervas e flores, tirou todas de potes transparentes que eram mantidos perfeitamente alinhados sobre uma pequena estante.

– Beba, vai te fazer bem!

Fui tomando a naturalmente doce bebida enquanto meus pensamentos pareciam sumir por completo da cabeça.

Vi-me em campo aberto, solitário, um lugar sem nenhuma brisa ou ruído; sozinho com os poucos pensamentos que me restavam e que aos poucos também foram desaparecendo.

Quando acordei já era noite e o cheiro de um tipo especial de insenso tomava conta do ar a minha volta.

– O que você me deu para beber?

– Uma fórmula minha, especial; mágica!

Agora eu podia olhar e sentir com calma, à luz de velas, a singularidade do lugar. Lá fora o coaxar de sapos e rãs inundavam a noite silenciosa, juntando-se ao cricar de uma infinidade de grilos; vez ou outra interrompidos pelos piados de corujas. As plantas pareciam continuar do jardim para a sala onde estava sentado, mudando apenas o tipo; dentro prevaleciam as orquídeas também floridas.

Não parecia gostar de nada eletrônico, pois não se viam aparelhos desse tipo; nada que usasse eletricidade.

Vestia a mesma túnica com a qual a havia visto quando da visita em astral e, afora uma fita prendendo os cabelos, continuava sem nenhum adorno extra.

O êxtase total da combinação do chá e do lugar devia estar passando, pois acabava de me lembrar que hoje era véspera de ano novo.

– Que horas são agora?

– Umas onze horas.

– Minha filha! Posso ir vê-la?

– Ela está bem, não se preocupe, fui vê-la enquanto dormia; embora saiba muito bem que pode ir vê-la quando quiser e quase que instantaneamente, não o aconselho.

– Posso saber por quê?

– Raquel está com um cara do hotel, uma amiga que fez por aqui, e um amigo dele; já saíram juntos outras vezes.

– E Marisa?

– Esta com eles, desceram para a praia para ver a queima de fogos; um deles tem apartamento naquele local.

– Tá certo! Acho mesmo que é melhor assim; tenho que me acostumar, daqui para frente vai ser sempre assim. E nós, o que vamos fazer, afinal é véspera de ano novo?

– Eu tenho assuntos a tratar, você deve voltar ao salão em Akakor e rever todo seu passado; só assim vamos poder conversar de igual para igual, no momento somente eu sei o que se passou.

– Como é que eu vou fazer isso, estou sem um pingão de sono.

– Não se preocupe, venha deitar.

Romilda me levou até um quarto onde existia apenas uma cama de casal.

– Deite-se.

Ela sentou na beirada da cama e colocou a mão direita sobre minha cabeça, no instante seguinte eu estava em Akakor e na caverna; continuava achando que era uma, ao menos parecia.

“Não sei como ela faz isso?”

Sabia o que tinha a fazer ali e estava ansioso para ver o que existia no meu passado distante, todo o acontecido no dia de hoje agora me parecia tão banal. O período de vida ao lado de Raquel não me interessava mais; página virada.

Nem bem vi meu reflexo ser projetado à minha frente girei 360° à esquerda, apenas uma facho largo de luz pareceu me acompanhar até eu parar. Num quarto um homem e uma mulher deixavam a impressão de haver terminado de manter relações sexuais. Estranhei não conseguir me reconhecer em nenhum deles embora não me parecessem estranhos; lembravam pessoas conhecidas, mas de onde não pude lembrar.

“Ainda tenho muito que ver, vamos lá então.” Girei novamente, desta vez apenas 180° à esquerda. A imagem parou num vazio total, apenas um espectro podia ser visto, vestia traje completo, terno, colete, gravata, chapéu e bengala. De novo não pude me reconhecer, mas sabia que ali não era o mundo físico.

Resolvi continuar, cheguei à conclusão que primeiro tinha que entender como funcionava esta espécie de visão. Desta vez fiz novamente um giro completo à esquerda.

Pessoas falavam de Grande Fraternidade Branca e um homem que os demais tratavam por *Volo Noscere* cumprimentava outro por ter recebido o Grau do Rito na maçonaria; se é que entendi bem o que falavam no idioma inglês. Na parede o símbolo R.·E.·A.·A.· chamou minha atenção. Falavam de uma senhora alemã que tratavam por Anna; pareceu-me ser uma que estava num canto à esquerda, esta também destoava dos demais, lembrei-me do espectro que havia visto anteriormente. Girei novamente a esquerda uma volta e meia.

Pessoas em volta de uma sepultura cavada na terra não deixavam outra interpretação “*Um enterro!*” Ao lado uma pessoa que destoava das demais acompanhava o desenrolar dos fatos; novamente me lembrei dos espectros. Nessa altura eu já não precisava ver para saber de quem era; estava começando a entender como aquilo funcionava. Girei mais ainda à esquerda até a posição 180°, voltei um pouco à direita, uma criança corria na direção de um rapaz não muito jovem, vinha gritando “Tio Joaquim, tio Joaquim, esconda-se, portugueses estão por vir, esconda-se.”

Acompanhei por alguns minutos enquanto o rapaz corria se esconder num poço descendo pela corda do sarilho. Eu podia ver dentro do poço o rapaz encoberto quase até a cabeça.

Fiz dois giros completos à esquerda parando no meio de um ritual que entendi por religioso numa provável comunidade alemã. Uma mulher em especial chamou minha atenção.

Cheguei à conclusão que tinha muito para ver e voltei a girar novamente duas voltas para a esquerda, quando parei vi um homem meio gordo vestido com roupas pesadas que parecia engordá-lo ainda mais; estranhas para os costumes atuais, usava uma capa presa aos ombros e uma espécie de chapéu enfeitado na cabeça. Falava com alguém em inglês, eu entendia muito pouco da

língua e me pareceu ainda mais difícil entender da forma como falavam.

Fui avançando à direita agora parando de tempos em tempos até que uma cena chamou minha atenção. Uma mulher ajoelhada parecia rezar, ao lado dela um homem forte mantinha na mão uma espada enorme, procurava não deixá-la à vista, do outro lado outro homem, um pouco mais jovem permanecia parado quando a um sinal abaixou como se fosse pegar algo. A que rezava virou acompanhando o movimento do jovem, exatamente nessa hora o outro brandiu a espada que de um só golpe decepou a cabeça da mulher.

Com a cena, sem esperar e instintivamente, virei o rosto para a direita e quando parou foi numa cena de enterro numa capela, o defunto extremamente gordo estava irreconhecível ao que eu havia visto lá atrás.

Virei para esquerda duas voltas e meia, dessa vez um grupo reunido falavam um idioma que entendi ser italiano, embora não compreendesse as palavras; vez que um ou outro falava em latim ou misturava com esse quando falava.

Parei um pouco, pela exaustão das idéias que me passavam à cabeça e pelas passagens vividas até ali, sem conseguir me reconhecer verdadeiramente em nenhuma daquelas pessoas; mesmo sabendo que era de fato alguma delas.

Resolvi voltar para o sitio de Romilda, desta vez não tinha ela para me mandar de volta.

“Espero que esteja em casa, senão vou ter um problema.”

Em instantes estava ao lado da cama - *descobri que voltar consciente não era mais um problema* - nela, deitados, Romilda e Eu, lado a lado, mantínhamos a posição dos corpos em decúbito dorsal. Olhei para os lados e nem sinal da Romilda consciente em astral, então resolvi tentar por eu mesmo resolver o problema do retorno ao corpo físico.

“Faça o que quiseres, pois é tudo da Lei”

Tão logo essas palavras vieram-me à mente aceitei como fato que ali era o domínio da vontade. Quis retornar ao corpo e despertei no momento seguinte “Tenho certeza que, se quisesse, teria voltado dormindo e aproveitado o sono.” Mas, não queria, tinha muito que pensar.

Levantei da cama e fui direto à cozinha, um cheiro gostoso de café tomava o ambiente e a minha vontade agora. Em cima da chapa do fogão um bule era o responsável pelo aroma exalado; uma xícara estava ao lado. Tinha certeza que foram deixados a minha espera. Não me fiz de rogado, com o café fumegante nas mãos fui sentar na varanda e o céu coberto de estrelas me fez pensar nas horas. Em seguida meu pensamento refutou qualquer questão sobre o assunto “Horas prá quê?”

Enquanto bebericava lembrei-me das cenas obtidas na caverna e por segundos cheguei a pensar porque não fui até onde estava Marisa e ao descobrir que o motivo real era Raquel e o cara que estava com ela, notei que em astral esse pensamento nem me passou pela cabeça.

– A coisa do outro lado tem objetivos maiores, está pouco ligando para as minúcias do nosso mundinho!

Acabei falando.

– É isso aí!

Disse Romilda enquanto sentava ao meu lado, no mesmo banco.

Distraído, absorto em meu mundo pessoal, não tinha reparado que ela havia se levantado também.

– Acordei você?

– Não, eu estava te esperando ao lado da cama, queria ver como resolvia seu problema de retorno ao corpo físico. Passou com louvor.

– Eu olhei por tudo, como não te vi?

– Outra faculdade que vai desenvolver, lá, só se é visto quando quer. Basta esquecer a forma e apenas a consciência vai permanecer; invisível é claro!

– Vivendo e aprendendo, quer dizer, os dois, morrendo e aprendendo também. Pelo que pude entender temos um ciclo de vida física e logo atrás um ciclo de vida espiritual.

– Um ciclo no físico e um no astral, mas isso apenas como endereço fixo, na verdade vivemos nos dois ao mesmo tempo; apenas alguns não têm consciência disso, mas estão lá e aqui o tempo todo ou quase o tempo todo. A vida é uma só!

– Por que quase o tempo todo.

– Existem outros planos, às vezes nos é dado visitá-los, exatamente isso – *visitante* – nessas horas, ou segundos, não sei ao certo, nossa consciência não está nem no físico nem no astral, tal como o conhecemos, vai muito além; onde, não sei!

– Você disse horas ou segundos, a diferença é grande, daria para perceber, não acha?

– O tempo, na forma como o conhecemos, não existe lá. Poderiam ser dias, meses, anos, séculos; quem sabe? Em Akakor deve ter reparado que a vida como um todo se apresenta não como ciclos e sim mais como um espiral contínua; círculos interligados... compreende?

– Mais ou menos, tudo está acontecendo tão rápido, fico confuso às vezes; parece até que enlouqueci ou vou...

Romilda voltou a me olhar com carinho

– Vamos por partes então. Esqueça o que viu em Akakor com relação a nomes, datas, pessoas, e se concentre nos sentimentos e emoções que foram despertados em você quando via as cenas. Vamos, faça isso.

De imediato uma cena voltou à minha cabeça, a mais marcante, a decapitação daquela mulher.

– Tinha uma mulher sendo decapitada. Era eu!?

– Não! Eu!

– Então, se você foi a decapitada, eu só podia ser...

– O mandante!

– Quem eram eles?

– Nós! Mas detalhes históricos você pode descobrir na Internet! Preocupe-se com o que sentiu.

– Remorso! Na hora fui invadido por esse sentimento e foi estranho, eu não podia ser culpado do que estava acontecendo; nem sabia o porquê do acontecido.

– Na vida trabalhamos apenas sentimentos e emoções, todo o resto é vivido em torno disso e apenas para que isso aconteça. Eu disse que não ia ser fácil, mas sabia também que para rever tudo, segundo a segundo, você precisaria de tanto tempo quanto foi gasto nas encarnações anteriores. O quê, além de ser impossível em uma só vida, estaria vivendo somente para o passado; nós temos que viver para o futuro. Entende?

– Ainda não entendi o remorso.

– Entendeu sim! E tanto que aprendeu que dessa vez, mesmo sendo verdade, com Raquel, reagiu da maneira correta, simplesmente a deixando ir. *Viver e deixar viver*, ela também tem seu aprendizado a cumprir. Daquela vez, mesmo não sendo verdade, mandou decapitar a mulher.

– Cíume?

– Sim! Na mais grave de suas formas... e do seu resultado.

– E aquela mulher decapitada, você, quero dizer; qual foi o aprendizado dela: *Perder a cabeça?*

– Eu brincava com as pessoas, joguei um jogo e perdi; aprendi que os outros reagem segundo nossas ações. A desproporção entre ação e reação muitas das vezes não pode ser medida quando no impacto de outras emoções. Isso sim é um ciclo!

– Nas outras das minhas vidas, você estava presente?

– Em muitas delas, não sei em quantas, não sei quantas vezes destruí sua vida também, no sentido real das palavras; não cortando a cabeça, embora isso possa ter acontecido em passado remoto; não sei! Mas, levando-o à ruína moral, à baixa estima, explorando financeiramente, e uma infinidade de motivos mais.

Fiquei refletindo um pouco, Romilda entendeu e ficou quieta ao meu lado.

– Achei que seria legal ver o passado!?

– Mas não é! É inútil também! Agora que você sabe o suficiente de como funciona as coisas é hora de trabalhar.

– Trabalhar?

– Sim, precisamos de sua ajuda com o Egrégora Ate. Temos pessoas nossas que precisam de ajuda em um futuro não muito distante e vamos prestá-la, mas precisamos de você.

– O que eu posso fazer?

– Encontre-se com Ate novamente e descubra tudo que ela sabe. Lembre-se que os egrégoras não têm pensamentos próprios, usam os que recebem e pautam sua existência por eles. Num egrégora os pensamentos são organizados na forma de uma pirâmide invertida, os pensamentos mais simples ficam na parte de baixo, na visível quero dizer, é sua memória de trabalho. Os mais complexos ficam na parte de cima, é neles que tem que chegar. Numa comparação à vida física, respirar, comer, vestir fica na parte rotineira de nossas ações, o trabalho de evolução de nosso eu maior fica na parte superior; na maioria das vezes nem a nós mesmo é dado conhecê-lo. Felizmente os egrégoras possuem ações traçadas por completo pelos pensamentos e sentimentos que recebem, eles não têm objetivo algum; apenas vivem e querem continuar existindo, vão fazer de tudo para isso. Descubra para nós como ele foi montado e juntos, nossos eus em físico e astral, vamos desmontá-lo.

– Vocês vão poder me ajudar?

– Não quando estiver na mente do egrégora, ali vai estar sozinho. Qual o corpo humano que possui anticorpos que atacam e destroem invasores, os egrégoras também possuem um sistema de defesa que não permitem pensamentos e sentimentos estranhos. Você consegue entrar por causa do Tião Doido, as defesas de Ate não o identificam como um invasor; elas têm você

como parte. Um vírus atenuado agindo ao contrário, mais ou menos isso.

– Devo somente colher informações?

– Sim, não reaja ao egrégora por mais absurda que sejam as colocações e quando estiver lá afaste qualquer emoção e pensamentos contrários. Seja apenas um observador, se fizer assim vai dar tudo certo.

Tantos assuntos novos me fizeram esquecer por completo os compromissos da vida física. As mudanças ocorridas forçavam também uma mudança nos planos originais, o mês de férias e muitas outras coisas mais. Tudo isso me vinha a cabeça quanto Romilda continuou a falar:

– Seu corpo vai estar aqui, protegido por mim, por Alfredo e outros de nós; vamos bloquear as comunicações entre você e ele, não vai reagir ao que esta acontecendo. É mais seguro assim!

– Está certo, vou me encontrar com Ate amanhã à noite, de dia vou ver minha filha. Se eles retornarem da praia, é lógico.

– Vão retornar sim. O rapaz fez reserva no hotel para amanhã; à tarde estarão de volta. Agora vamos dormir, há muito por fazer quando acordarmos.

Deitamos na mesma cama, na mesma posição anterior, lado a lado, mas nenhum outro pensamento senão dormir. Algo me passou pela cabeça já meio sonolenta:

– Diga-me uma coisa, Romilda, quando estive aqui em astral, a primeira vez quero dizer, foi mesmo a primeira vez.

– Não! Estar consciente no astral é recente para você, mas já tinha estado comigo aqui outras vezes, muitas delas, a primeira vez eu o trouxe mesmo inconsciente; um sonâmbulo astral... entende? Depois você voltava de quando em quando, a maioria durante os porres que tomava; achava até bom aqueles porres, assim podia vê-lo e estar com você.

“Hummm!!!”

Estava sonolento e adormeci evitando pensar que ela devia gostar mesmo de mim; de forma alguma queria constrangê-la.

CAPÍTULO 10

Passéi toda a manhã com Romilda conhecendo o sítio e as cercanias, conheci fontes, grotas, nascentes, até uma pequena cachoeira. Ajudei nos tratos de uma pequena horta que ela mantinha logo atrás da casa e fui tendo uma aula das propriedades terapêuticas de cada uma das ervas, verduras e frutas que iam sendo vistas. Recebi também dicas de preparo de chás e saladas mistas que seriam provadas logo depois durante o almoço.

Estranhei o fato de uma propriedade rural não ter nenhum tipo de animal doméstico, porém nada disse. As explicações vieram da própria Romilda quando terminávamos de rodar por toda a vizinhança:

– Eu sinto apenas não poder ter um cachorro ou um gato, mesmo algumas galinhas; coisa difícil em nosso estilo de vida... basta um corpo para cuidar.

Entendi perfeitamente o que ela queria dizer, os animais silvestres são providos pela própria natureza os demais demandam tratos pessoais, comentei:

– Exigem envolvimento!

– É isso aí!

Ela pareceu satisfeita que eu entendesse e compartilhasse sua maneira de pensar sobre o assunto.

Por volta das duas da tarde peguei o carro e fui para Guarulhos. Mesmo com minha insistência Romilda recusou-se a me acompanhar.

– Não vai ficar bem, vai ser mal interpretado e ela vai terminar por achar que estava certa de fazer o que fazia. Vá tranquilo e volte quando quiser, contanto que esteja aqui quando for se meter com o Egrégora.

– Volto ainda essa noite, não vejo a hora de começar o que vocês me deram por trabalho; quero cooperar.

Quando cheguei ao hotel passava um pouco das três e minha filha brincava com a amiga Nádia em um lado do saguão.

Em outro, Raquel estava conversando com Sílvia e Rodrigo estava no bar com alguns hóspedes tomando um drinque.

Minha filha veio correndo até mim

– Papai, papai, fui na praia.

– Que beleza. E aí, tinha muitos fogos?

– Um montão assim, tive que tapar as orelhas.

Gesticulou com os braços abertos e, depois, trouxe as duas mãos às orelhas.

Aproximei-me das senhoras e cumprimentei de maneira cordial avisando que iria subir ao meu quarto. As duas continuaram a conversa enquanto Marisa, Nádia e eu tomávamos o elevador.

Resolvi não contar nada para minha filha até saber o que de fato a mãe havia dito a ela, portanto apenas disse que estaria voltando à fazenda e que ela ficaria com a mãe em São Paulo ao menos por enquanto.

– Quando você volta?

– Ainda não sei nem o dia certo que vou viajar, mas venho te ver antes.

Perguntei se queria ir ao shopping comigo, pergunta que achei idiota porque ela sempre queria ir àquele local. Mas desta vez acrescentei o motivo, iria comprar um celular para ela.

– Um celular só meu, legal. A mamãe da bronca quando atendo o dela; já tomei muitas.

– Sim! Um celular só seu, assim quando tocar vai saber que é para você.

– Vou dar bronca também, se ela atender meu celular.

Ela vai ver.

Nádia entrou na conversa:

– Minha mãe também dá bronca quando mexo no celular dela, fala que as ligações são prá ela e que eu não tenho que meter o bico. Eu não sou galinha prá ter bico! Senão eu seria assim.

Fez com os lábios como se fosse dar um beijo. Enquanto riamos da graça feita pela menina, ela continuou:

– Vou falar pro meu pai comprar um prá mim também.

Enquanto as duas ficaram trocando idéias sobre o modelo do aparelho usando até palavras técnicas: que um modelo não tinha MP3, outro não tinha FM, outros eram ruins de sinal e daí por diante; fui colocando umas roupas numa sacola de viagem, enquanto pensava nos efeitos da mídia televisiva na formação das crianças. Achava bom, amadureciam rápido; embora, confesso isso me entristecesse um pouco.

– Vamos lá meninas. Marisa vai ter que pedir para sua mãe para poder ir ao shopping comigo.

Disse, enquanto pensava que era melhor ela e eu irmos acostumando à nova situação; mesmo que ela ainda não soubesse qual.

– Minha amiga pode ir junto?

– Se os pais dela deixarem. Por mim tudo bem.

Quando o elevador parou no térreo, Marisa pegou na mão da amiga

– Deixa que eu falo... ela vai deixar sim sua boba.

Falou procurando animar a amiga que já dava sinais de choro com medo da mãe negar.

As duas mães estavam conversando no mesmo local quando as meninas chegaram correndo de mãos dadas.

– Meu pai vai no shop comprar um celular prá mim, a Nádia pode ir junto?

Era visível que a interrupção não agradou as mulheres, Sílvia respondeu de pronto:

– Pode sim, avise seu pai.

Raquel não fez qualquer comentário.

Enquanto as garotinhas agora corriam rumo ao balcão do bar fui me aproximando também.

Nádia agarrou o braço do pai

– O pai da Marisa vai comprar um celular prá ela, mamãe me deixou ir junto.

– Arrumou uma prá mim... agora essa aqui vai querer também.

Rodrigo brincou enquanto olhava para a filha

– Vamos comprar um prá você, mas não agora.

A correria agora foi inversa, no rumo das mães, Nádía foi gritando pelo saguão

– O papai vai comprar um prá mim também.

Por fim consegui pegar nas mãos das meninas, enquanto tranqüilizava as mães que não pareciam estar preocupadas.

– Não vamos demorar, uma hora no máximo.

Havia taxi disponível, sempre havia, e eu sempre achava mais cômodo assim, quando era para locais com facilidade para encontrar esse meio de transporte na volta.

– Toca pro shop.

Marisa se antecipou ao motorista. Achei graça.

Não demoramos com as compras e com o celular numa bolsinha de mão que quis comprar, estava louca para voltar para o hotel; dessa vez recusou sorvetes e qualquer outra coisa a que estava acostumada querer no shopping.

A menina estava radiante querendo chegar logo para mostrar o telefone para a mãe. Nem bem o taxi parou na porta do hotel e lá foram as duas, em alta velocidade. Desta vez não foram de mãos dadas, Marisa saiu correndo na frente gritando para mãe:

– Olha meu celular! Olha meu celular!

Desta vez os três ocupavam uma mesa do bar, bebiam cerveja e o papo parecia alegre. As meninas em pé, uma de cada lado de Raquel, comentavam sobre o celular, que era um pós-pago da operadora Vivo e que a vendedora disse isso e aquilo.

– Vou subir e tomar um banho.

Apenas Rodrigo pareceu prestar atenção

– Tá certo, vou estar aqui, se quiser conversar, tomar uma *cerva* geladinha.

Quando desci me aproximei de Raquel e Sílvia que permaneciam na mesa, Rodrigo estava novamente encostado no balcão.

A mãe explicava à filha como funcionava o celular e comentou sobre o presente

– É muito bonito, já agradeceu seu pai?

Disse à menina enquanto o celular era praticamente arrancado de suas mãos por Marisa.

– Eu já disse que sei como é!

Enquanto Marisa respondia um rápido obrigado, a mãe perguntou se eu ia sair novamente.

– Sim, volto amanhã ou depois. E embora eu tenha decidido antecipar minha volta para o Pará não sei o dia certo. Devo viajar ainda esta semana, mas eu aviso. Até mais Silvia, vou me despedir do Rodrigo.

– Até mais.

– Até mais.

As duas responderam quase ao mesmo tempo, enquanto eu me dirigia ao balcão do bar.

– E aí Rodrigo, *cerva* gelada?

– Geladíssima! E você como está? Silvia me falou que Raquel e você tiveram um pequeno desentendimento. Espero que nada sério.

– Coisas da vida.

Respondi simplesmente e acrescentei que estava com pressa para um encontro de negócios. Na portaria pedi que trouxessem meu carro, queria voltar logo ao sítio, a Romilda e ao trabalho.

A viagem de volta não deve ter demorado mais do que quando vim, mas pareceu uma eternidade. Cheguei por volta da seis da tarde e o sol já estava se pondo.

Como sempre, Romilda me esperava próxima à entrada da casa, continuava vestindo a mesma túnica branca ou outra igual. Dessa vez trazia nas mãos um maço de algumas ervas, das quais pude identificar somente o alecrim.

– Fico contente que tenha voltado!

– Por que, achou que eu não voltaria mais.

– Não, nada disso, mas Alfredo esteve aqui, ele também está contente por ter aceitado o trabalho; volta mais a noite para ajudar na proteção.

Durante o jantar, uma combinação de verduras e frutas, muitas delas silvestres e das quais ainda não tinha decorado o nome, Romilda aproveitou para fazer suas recomendações quanto ao caso do Egrégora.

– Vá a Akakor antes, recarregue suas energias, vai precisar delas.

– Pode deixar, estava mesmo pensando em fazer isso.

Fomos deitar por volta da meia-noite, Romilda e eu, qual a vez passada, na mesma cama. As três em ponto, na forma como havia programado fazer, recobrei a consciência em Akakor.

Deitei bem no meio focando um ponto imaginário no centro da abóbada, fiquei assim por alguns instantes; relaxado.

Após alguns minutos nos quais procurei manter uma ausência total de pensamentos e livre de qualquer tipo de emoção, decidi que era hora de enfrentar o problema Ate.

Por instantes veio a minha mente as palavras de um médico que conheci *“Eu presto atenção no relato do paciente, procuro filtrá-los, extraíndo deles os verdadeiros sintomas. Esses sim, isentos de todas as emoções e do achismo é que me são de alguma valia.”*

Recordei ainda do conselho que ele me deu e que passei a empregar no mundo dos negócios com grande sucesso. *“O médico não deve fazer seus os problemas do paciente. Adoecer junto não vai resolver nada.”*

No mundo empresarial apenas troquei médico por empresário, paciente por cliente e adoecer por falir; ficando: *“O empresário não deve fazer seus os problemas de seu cliente. Falir junto não vai resolver nada.”*

Terminei por pautar minha linha de ação *“Não devo fazer meus os pensamentos do egrégora. Pensar e me emocionar junto com ele não vai resolver nada.”* Concluí que a adaptação sofria uma agravante no caso concreto: *“Meus pensamentos e emoções nesse sentido vão fortalecer Ate ainda mais.”*

Em desprezível contagem de tempo estava no quarto que conheci nas vezes passadas. Não podia ver Ate, mas tinha certeza que estava ali, todo o ambiente estava impregnado de sua presença. Podia sentir a força dos pensamentos voltados ao ódio e à vingança brotando de todos os lados e forçando às conhecidas emoções a que levam. Sabia que de nada adiantava gerar pensamentos opostos, eu jamais os teria em força suficiente para neutralizar os contrários. Iria ouvi-los meramente como opiniões, sem me deixar influenciar.

“Quem é vivo sempre aparece!” Ate tomou forma sobre a cama, e que forma, adotou novamente a aparência de Sílvia, bem maquiada – sombra prateada ao redor dos olhos - cabelos bem tratados – lisos ao extremo e mais loiros do que nunca, dessa vez não se preocupou em cobrir o corpo - nem mesmo com alguma coisa transparente; apenas brincos grandes e prateados e sapatos de saltos longos na mesma cor. Pelos do púbis depilado à brasileira. Voz insinuante – libertina até.

A custo consegui desprender meus pensamentos da visão provocativa, dando a ela o valor merecido; o de uma miragem.

Ate reagiu à indiferença em tom mais provocativo ainda, lentamente esticava uma e depois outra perna até formarem 90° com o corpo, encolhendo-as em seguida, uma a uma, dobrando-as até tocarem as nádegas. Levantou o corpo mantendo as pernas ligeiramente abertas e os joelhos apoiados na cama, pés

para os lados formando um W virado para minha posição. Esticou os braços trazendo suavemente as mãos aos seios que passou a apalpar; analisava minha total ausência de expressão corporal; sequer o semblante movia. Esticou novamente o corpo rolando-o até ficar totalmente debruçada sobre a cama, encolheu as pernas e com o apoio das mãos levantou o corpo até a posição de gatinhar; dobrou os braços mantendo o apoio nos cotovelos e baixou a cabeça até encostá-la no colchão, levantando ainda mais os quadris. Olhava-me o tempo todo, ora diretamente, ora com o canto dos olhos; parecia não entender minha falta de reação e a ausência total de qualquer emoção. Passou a demonstrar nítida irritação quando adotou posições menos sutis. Jogou o corpo para um dos lados, rolou ligeiramente apoiando novamente as costas na cama, as pernas foram esticadas e abertas ao máximo até que as mãos puderam tocar as pontas dos pés formando um triângulo quase perfeito; escancarada. Mantendo seguro os pés e fechando um pouco as pernas trouxe-as até a posição de um V travado por trás. Em seguida, sentou na posição de lótus e me encarou “O que esta havendo com você, porque veio então?”

“Vim conversar!”

De um salto pulou fora da cama e adotou a imagem da Ate que conheci, quase o oposto da anterior. Séria, esbravejou: “Conversar? Vá conversar com sua mãe!”

Estava no caminho errado, Ate não iria conversar, contar talvez. Lembrei de um artigo que havia lido sobre perguntas fechadas e perguntas abertas; as primeiras eram sempre respondidas com um sim ou um não, as segundas davam espaço para explicações. “*Em vez de perguntar de quanto foi o jogo, perguntaria como foi o jogo.*”

“O que é ódio, Ate?”

“Como assim o que é? Não sei, nunca odiei ninguém!”

Imediatamente lembrei-me da pergunta sobre o que é a eletricidade, cujas respostas são geralmente o que ela faz: acende

luz e gira motores; mas não o que ela é. Ninguém sabe, compreendi que Ate também não saberia aquela resposta.

Mudei o estilo da pergunta, mas começaria de leve: “Tem alguma coisa sobre ódio?”

A pergunta deu certo, Ate começou:

“Odeio essa *zinha*, é insuportável!”

“Quero que a mãe dessa menina vá para o inferno!”

“Meu marido gosta mais da filha que tem com a outra, ainda deve gostar dela; quero que as duas morram!”

“Aquele desgraçada roubou meu marido e ainda quer botar pose, tomara que a vida deles seja um inferno!”

“Odeio essa mulher, minha mãe é muito mais legal!”

Notei que Ate englobava os sentimentos de raiva, rancor e ódio e pensei que talvez os separasse em diferentes graus apenas com relação à quantidade recebida, um sistema de valoração que ainda não entendia.

Ate me fitou rindo enquanto olhava meu ar pensativo

“Quer mais?”.

“Quero, mas desta vez alguma coisa sobre vingança?”

Ate não se fez de rogada, imediatamente soltou o verbo:

“Ele me bateu, mas quando ele sair eu enfio a mão na cara da filha dele!”

“Ela se acha gostosa, mas basta eu estalar um dedo e ele vai outra vez para a cama comigo!”

“Esse filho da puta fica jogando charme para a ex-mulher, vai ver só vou dar para o primeiro amigo dele que me cantar ou até pro pai dele; vai ver só!”

“Não vou deixar a menina ir hoje, invento qualquer coisa, quem mandou casar com aquela praga!”

“Vou dar um jeito de atrasar o pagamento da pensão, ela vai ter que entrar na linha!”

Ate parecia viver o personagem das falas, estas carregavam toda emoção que fora imposta pelas pessoas que as haviam dito.

“A atriz que todo produtor de cinema procura!”

Sua expressão mudava a cada uma delas, franzia a testa, fazia ar de superioridade, impunha conotação de deboche; até uma fisionomia maquiavélica, me deu a impressão. Tinha que mantê-la falando.

“Pareceram-me poucas pessoas envolvidas, você não pode ser tão simples assim, existem outros ou outras.”

Ate me buscou de cima em baixo, sem entender o que eu pretendia, por fim voltou a falar:

“Outros, lógico que tenho outros. Quer ver?”

Sem que eu precisasse responder, Ate continuou:

“Acabou a paz daqui, eles deviam morar numa favela!”

“Dia de visita, o inferno vai começar!”

“Lá vem putaria de novo!”

“Em apenas um dia perto desse casal se aprende mais palavrões que em um mês na zona!”

“Tomara que se matem!”

“Morram logo e nos deixem em paz!”

“Devolve essa mulher para o puteiro, de onde ela nunca devia ter saído.”

“Tem muito mais, não vai querer que eu fique repetindo tudo, vamos ficar muito tempo aqui.” Ate ficou apenas me olhando, parecia buscar meus pensamentos que desde o início da conversa estavam bloqueados a ela. Não devia entender como, mas nada disse. Ficou calada.

Eu não tinha nenhuma conclusão formada, entretanto, uma coisa era certa, da primeira vez Ate expunha coisas que aconteceram num passado distante e que envolvia apenas um pequeno grupo de pessoas relacionadas entre si. Na segunda, embora ainda se referisse a um passado não muito próximo o

círculo era de pessoas sem relacionamento direito com as primeiras.

Tentei organizar minhas idéias, imaginei o primeiro grupo de pessoas dentro de um pequeno círculo e as outras dentro de um círculo rodeando o primeiro. Duas perguntas nasceram “*O que teria no centro e se haveriam outros círculos depois daqueles.*” Não queria retroceder e por essa razão decidi tocar avante “Ainda me parece um grupo pequeno, você tem mais alguma coisa?”

“Se eu tenho mais, parece piada, ainda nem comecei!”

Fiquei outra vez quieto esperando que ela prosseguisse. E o fez rapidamente.

“Acabaram com o prédio. Quem vai pagar meu prejuízo? Esses merdas deviam apodrecer na cadeia!”

“Nossa rua virou um inferno, esses bandidos deviam ficar presos o resto da vida!”

“Aconteceu em nosso bairro, nós temos que tomar uma providência; vamos linchar os dois!”

Ate me olhou como se perguntando se bastava, olhei também para ela, fiz um sinal com uma das mãos enquanto apenas dizia: “Prossiga, estou ouvindo!”

Ela se preparava para continuar quando um estrondo pareceu vibrar todo o meu corpo astral e me vi interiorizado e acordado, Romilda também tinha acabado de acordar.

– O que aconteceu?

– Que foi isso?

Falamos praticamente ao mesmo tempo.

Romilda respondeu primeiro

– Não sei, ouvi um barulho forte, alguma coisa grande caindo.

– Comigo aconteceu a mesma coisa, pode ter sido uma árvore, está ventando muito.

Procurei tranquilizá-la, já tinha visto muitas arvores caindo lá na Amazônia.

– Seja o que for, já passou.

Demos uma volta pela casa do lado interno e externo e constatamos que estava tudo na perfeita ordem, o que tivesse feito aquele barulho não havia causado danos por ali.

– Amanhã a gente vê o que foi isso.

Romilda e eu sabíamos que todo e qualquer acontecimento estranho próximo ao corpo físico pode provocar a interiorização do fantasma e por essa razão não ficamos abalados pelo fato.

Senti que fosse exatamente naquela hora quando eu estava fazendo progressos com o Egrégora. Fiz um rápido resumo do que havia conseguido e ficamos de voltar ao assunto quando o dia amanhecesse. Ela me explicou que nossos amigos estiveram o tempo todo presentes e que agora deviam ter ido embora.

Fomos deitar novamente e Romilda adormeceu antes, eu continuei com os pensamentos meio perdidos, não queria pensar em Ate, nem em Raquel, muito menos no que seria de minha filha daqui para frente; enfim, adoraria voltar ao nada onde já estive presente ou fazer alguma coisa que terminasse com os pensamentos que teimavam em voltar.

Exatamente nessa hora, confuso e praticamente exausto de pensar, senti um dos braços de Romilda passando por cima do meu peito até se apoiar do outro lado. O corpo dela veio em seguida se apoiando por completo em cima de mim; senti os seios duros pressionarem meu peito e a respiração ofegante rente ao rosto. Quando levei as mãos ao corpo dela foi com a simples intenção de carinhosamente colocá-la novamente na posição anterior, calculei que estivesse dormindo e possivelmente sonhando. Porém, ao posicionar uma das mãos por baixo do ombro e a outra na altura dos quadris, percebi com toda certeza que ela nada usava por baixo da túnica; nem em cima e nem embaixo. Isso mudava tudo, ao menos no tocante à minha força de vontade para repeli-la.

– Respeite sua vontade, eu estou respeitando a minha!

Eu nem precisei esperar que ela terminasse o que estava dizendo e também não sei se entendi direito. Fazia mais de 15 dias que a única coisa parecida com mulher foi Ate, Sílvia virtual, melhor dizendo. Entreguei-me ao sexo, ao amor, e a tudo o mais que passava por minha cabeça naquela hora, mesmo sem poder precisar o quê.

Por quanto tempo não sei, também não sei se foi antes ou depois de adormecer exausto; morto de cansaço físico mesmo. Ora ela parecia uma donzela da corte e ora uma camponesa; algumas vezes a própria Romilda. Um alemão e até outros homens; depois, uma mineirinha ferosa e cheia de denço.

Quando acordei o sol estava alto e as loucuras da madrugada voltaram a me confundir, num misto de sonho e realidade. Não por transar com Romilda; ela bastante atraente e eu de puritano não tinha nada. O mix feminino e masculino, num perfeito bacanal a dois era de fato o motivo da confusão formada em minha cabeça. “Loucura!” Foi a única expressão que encontrei para resumir o assunto.

Estava sozinho na cama e o cheiro de café tomava todo o ambiente. Tomei uma ducha gelada, vesti uma bermuda e sem camisa me dirigi à cozinha.

– Bom dia ou boa tarde.

Falei meio sem graça.

– Bom dia ainda; ainda não almoçamos, mas deve passar do meio-dia.

Respondeu Romilda com a mesma naturalidade de sempre. O que me deixou confuso, se tudo tinha mesmo acontecido ou apenas foi parte de um sonho quase real. Um sonho meio lúcido, porque pelo menos eu não sabia que estava sonhando.

Deixei o assunto de lado e resolvi agir o mais natural possível também.

Romilda me entregou uma xícara de café, comentando que foi mesmo uma árvore que havia caído na madrugada a uns

trinta metros dali. Em seguida me perguntou sobre os progressos com o Egrégora.

– Existe um relacionamento familiar muito tumultuado, um comportamento reprovável e rotineiro de algumas pessoas dessa família que passou a atrapalhar vizinhos. Mas existiu algum fato que repercutiu pesado no condomínio, na rua e no bairro onde moram; pelo que pude captar. Ate ia prosseguir com suas colocações quando eu acordei, creio que vamos ter que esperar mais um pouco para ter alguma coisa certa. - Resumi.

– Fez um ótimo trabalho até aqui e suas conclusões estão mais que corretas. Porém, esse egrégora é muito forte, foi formado de forças vindas de muitas partes; até do Tião Doido, lá do Pará. Mas te aconselho a dar um tempo com Ate, Alfredo ligou e me disse que o Egrégora quase rompeu a barreira que foi formada por eles à volta do seu corpo. Quer que só retome o enfrentamento quando estiver lá na sua fazenda, acha mais seguro assim. Quando pretende ir?

– Prá te dizer a verdade não tenho mais nada me prendendo aqui, com Raquel o acordo verbal está feito e a formalização fica por conta de advogados. Posso ir embora a qualquer tempo, até amanhã mesmo.

– Outra coisa, Alfredo quer alguém do nosso grupo ao seu lado; em físico, quero dizer. Quer que eu vá com você, aceita uma hóspede por uns tempos?

– Será um enorme prazer, quando partimos?

– Quando quiser, eu estou sempre pronta.

Estava empolgado com a idéia de companhia, não queria ficar sozinho naquela fase, sabia que a falta de Raquel ia bater de vez em quando; afinal foram longos anos juntos.

– Vou ver minha filha hoje e podemos partir amanhã, se você estiver de acordo?

Romilda fez um ar de pensativa, daqueles quando se tem algo a dizer, mas não sabe se deve, por fim prosseguiu:

– Tudo bem, só mais uma coisa, Ate está usando seu desejo para com Sílvia para tentar dominá-lo; vai ter que resolver isso antes de partirmos.

– E como faço isso, pode me dizer?

– Quando você esta com sede o que faz?

– Bebo água, mas o que isso tem a ver?

– E o que acontece com a sede?

– Acaba!

– Entendeu?

Romilda me olhou com ar de malícia e continuou:

– Vá até o hotel, eu cuido de afastar Rodrigo, sua ex-mulher e filha não vão estar no hotel, ela e a amiga marcaram de encontrar os rapazes no centro de São Paulo. O caminho vai estar livre, pode crer! Alguma pergunta?

– Como você sabe de tudo isso, como sabe que Sílvia está na minha e como vai fazer para tirar Rodrigo de lá; só isso.

– Sílvia fala muito por celular com uma amiga e quando esta sozinha costuma pensar em voz alta, quando se masturba também, normalmente você é o prato do dia; isso tem formado um vínculo entre você, ela e Ate. Um dos nossos tem acompanhado todos os passos dela e quanto a Rodrigo, deixa comigo, vou sugestioná-lo para ir ao shopping comprar um celular para a filha; é fácil.

– Parece que você pensou em tudo, vou me preparar para partir.

Voltei ao quarto e enquanto me arrumava notei que estava dando muita atenção aos detalhes, barba cortada bem rente, perfume, tênis, camiseta, o melhor jeans; não pude negar que a idéia me agradava. Quando parti para a cidade Romilda não pode evitar o comentário.

– Deu um trato mesmo! Tá chique nos *último!*

Brincou.

Um sorriso e um aceno de mão bastaram; não havia nada a dizer mesmo.

CAPÍTULO 9

Minha chegada ao hotel foi por volta do meio-dia e exatamente da maneira que Romilda havia dito Rodrigo não estava no hotel, tinha ido ao shopping comprar o celular para a filha, que como era de se esperar havia ido com ele; almoçariam por lá e depois iriam assistir a um filme infantil. Minha mulher e filha também haviam saído e só retornariam à noite.

Todas essas informações me foram rapidamente dadas por Sílvia que estava no saguão, sentada em uma das poltronas, folheando uma revista de moda.

O papo logo tomou o rumo da separação, Sílvia estava a par de todos os detalhes, a questão do adultério inclusive.

– Você tá sendo muito radial! Careta!

Frase e palavra que resumiram rapidamente sua opinião.

– Se ela queria continuar levando a vida que tinha antes, um homem hoje, outro amanhã, não devia ter se envolvido comigo. Sempre deixei isso claro prá ela.

– Foi uma escapadinha, uma *vezinha* só!

Sílvia procurou minimizar o acontecido.

– Você sabe que não foi assim e também não importa, uma ou mil vezes, prá mim tanto faz. É uma questão de quebra de confiança; ela que fique com esse cara agora, ou o outro, ou outros se preferir, isso não me importa mais.

– Deixa prá lá. E você, o que pretende fazer da vida?

– Não vai mudar nada, a fazenda, ajudar criar a filha, tentar conservar a amizade com Raquel; é isso.

– Quando volta pro Pará?

– Fecho a conta hoje aqui no hotel, devo viajar amanhã, ainda não sei; não comprei as passagens ainda.

– As passagens?

– Maneira de falar, só isso!

– Não me importa, pior prá Raquel, melhor para as mulheres em geral. E eu sou mulher, o que posso fazer. Vamos subir... eu te ajudo arrumar as malas.

Olhou maliciosamente provocativa e continuou:

– Amiga é prá essas coisas, já que sua mulher, quer dizer *ex* não está presente *prá essas coisas e outras cositas mas*; amiga que é amiga de verdade... deve se prontificar. Subimos?

– Arrumar as malas? Tá certo... vamos então.

Sílvia veio praticamente se esfregando enquanto o elevador subia os dez andares, não dava a mínima para se houvesse câmara ou não. Não era mulher de rodeios e eu nem pretendia que fosse, não era hora de lição de moral; não agora. “Se tiver que ser pudica que comece amanhã.” Pensei.

No quarto, o show *streep* estava ainda melhor coreografado que o de Ate, provável pelo maior número de apresentações da original. Dessa forma foi desnecessário deixá-la chegar até a parte vulgar do show, uma vez que isso poderia levá-la à irritação. O sexo rolou de todas as posições possíveis e imaginárias, algumas das quais nem sabia existir.

Quando descemos, por volta das quatro da tarde, malas na mão, conta fechada e paga, para mim parecia ter encerrado um capítulo da minha vida; curto, mas objetivo. Bom! Mas que não voltaria a acontecer, não com ela; isso eu tinha certeza. Estava livre.

– Me liga?

Sílvia entregou o número anotado entre as marcas de lábios deixadas pelo batom.

– Por favor, diga a minha filha que antes de embarcar passo para me despedir dela.

– Tá certo, venha com um tempinho extra.

Na estrada, o papel escrito e marcado foi jogado pela janela junto com a bituca de um cigarro. O passado ficava para trás, daí para frente só mulheres *silvestres*.

“Basta um corpo para cuidar!”

Mesmo tendo pedido para Sílvia transmitir o recado, liguei para minha filha, não tinha me tocado que a menina provavelmente aguardava uma ligação.

– Alouuu.

– Oi filha é o papai, passei no hotel e você não estava, volto amanhã. Tá tudo bem com você?

– Tá sim! Estou aqui na casa de um amigo da mamãe, quer que eu a chame?

– Não, não é necessário, liguei para falar com você mesmo. Veja você amanhã. Beijós.

– Beijo.

Quando cheguei ao sítio Romilda já estava com as malas prontas, lembrou que por lema ela nunca se preocupava com o que deixava para trás.

– Só existe vida no futuro!

Esse foi o resumo de seu estilo de vida e meu único objetivo dali para frente.

Consegui comprar as passagens para o dia seguinte em um vôo da TAM que saía às 21h20min. Isso me deixava tempo de sobra para passar no hotel e se despedir de minha filha.

Sem nenhum trabalho programado Romilda e eu combinamos de visitar Akakor; uma viagem científica, de pesquisa, como ela gostava de dizer.

Ela me confidenciou que tinha quase certeza de que a Lança do Destino estava escondida naquele local e que tudo se resumia em achar onde.

Eu sabia que, segundo a tradição da Igreja Católica, essa foi a arma usada pelo centurião romano Longinus para perfurar o lado de Jesus Cristo durante a crucificação. Porém, todo meu conhecimento ia até aí. Jamais poderia pensar em uma ligação de Akakor com o famoso instrumento sacro.

– Sabe alguma coisa sobre ela?

– Só o que é!

Tínhamos bastante tempo e por isso ela resolveu me dar algumas explicações sobre o que a levava a pensar daquela maneira, começou seu relato de trás para frente, dizendo que ao contrário do que muitos pensam os Estados Unidos da América não resgataram a lança verdadeira e sim uma réplica quase perfeita que Hitler havia mandado fundir, obedecendo aos mínimos detalhes da original e que essa foi a entregue à Áustria depois da segunda guerra mundial.

– Os EUA sabiam que não se tratava da relíquia original, nenhum governante em sã consciência entregaria tal fonte de poder a outro; por mais amigo que fosse.

Começou por citar os poderes creditados à Lança do Destino:

– Poderes ilimitados e invencibilidade; quem a possuísse se tornaria o Senhor do Mundo.

E que ela esteve na posse de 45 imperadores, além de outros notórios conquistadores, citou alguns:

– Carlos Magno, Otto – O Grande -, Theodosius, Alarico – o rei visigodo que saqueou Roma -, o General Charles Martel, Frederick Barbarossa, Napoleão Bonaparte, Kaiser Wilhelm, os Hapsburgs – na Áustria -, e o que mais nos interessa no momento: Hitler.

Continuou expondo o interesse de Hitler por relíquias sacras às quais se atribuíam poderes e a origem desse interesse:

– No caso especial da Lança Sagrada, Hitler não foi influenciado somente por seus financistas maçônicos, o foi também pelo compositor Richard Wagner, dos nacionalistas, o preferido do Führer e, principalmente, por Heinrich Himmler, membro da Gestapo, profundo estudioso das Ciências Ocultas e seu Mestre Espiritual.

Explicou que em muitas ocasiões Hitler havia se manifestado sobre a relíquia e que por diversas vezes visitou o museu onde esteve guardada na Áustria; e que ele era Austríaco.

Até ali, tudo que eu sabia de antemão era que Hitler era Austríaco, o restante era novidade e eu ouvia com atenção.

Romilda continuou dizendo que diversas vezes Hitler se pronunciou por escrito sobre o assunto, pareceu-me que havia decorado cada palavra; e talvez o tivesse mesmo.

Expos que o jovem Hitler ficava tempo olhando o artefato sagrado e terminou por escrever:

– Eu percebi de imediato que este era um momento importante em minha vida... Fiquei lá, silenciosamente, contemplando-a por vários minutos alheio a tudo ao meu redor. Ela me pareceu conter um significado secreto e profundo que fugiu a minha compreensão, um significado que senti em meu íntimo que ainda não poderia fazê-lo vir a tona de meu inconsciente... *Senti como se eu próprio a tivesse segurado em minhas mãos há alguns séculos atrás* e que eu próprio uma vez a reclamei como meu talismã do poder e mantive o destino do mundo em minhas mãos. Que espécie de loucura era essa que invadia a minha mente e crescia como um tumor em meu peito?

Eu tinha certeza que repetia palavra por palavra as declarações do nazista e que até a entonação dada a uma das frases era emprestada.

Romilda mencionou que o fascínio de Hitler pela Lança de Longino foi relatado em 1912 por um amigo que o acompanhou em uma dessas visitas.

– O Doutor Walter Stein, disse: Naquela ocasião em que primeiro ficávamos de um lado para outro na frente da Lança do Destino, me pareceu que Hitler se encontrava num transe tão profundo que passava por algum tipo de catarse e um total eclipse de seu subconsciente. Posteriormente, numa entrevista à imprensa, o próprio Hitler revelou: Vaguei como um sonâmbulo por onde a Providência me conduziu.

Romilda me perguntou se eu conseguia compreender o fascínio que a Lança Sagrada exercia sobre Hitler.

– Sim! Hitler estava preso ao objeto!

– Correto, tanto que foi sua primeira apreensão quando conquistou a Áustria. Ele nunca deixaria que caísse em outras mãos; inimigas ou não!

Nesse ponto eu concordava com ela em gênero e número, mas pelo jeito ainda tinha mais, gesticulou com a mão para que eu prestasse atenção:

– Tem que saber mais uma coisa: antes de se tornar um objeto de culto do nazismo, já o era de uma seita oculta voltada para rituais mágicos, com o uso de objetos e simbolismos antigos das civilizações perdidas.

Explicou-me que a base nazista da Antártida, um dos pontos de concentração de energia do planeta, era de conhecimento dos aliados e que aí entrava Akakor e a procura do Portal. Mas que antes eu devia saber algumas coisas sobre a preocupação nazista com bens muito menos valiosos; ao menos no entender de Hitler.

– Dois anos antes do fim da guerra os dirigentes nazistas já sabiam que a derrota era inevitável e procuraram transportar para lugar seguro os tesouros acumulados obtidos com os saques em diversos países. Apenas as reservas nazistas somavam cem toneladas de ouro e mais de mil sacos de marcos em notas, quantidade suficiente para lotar treze vagões de carga. Isso tudo sem contar dinheiro Inglês, norueguês, turco, espanhol e português; além de caixas cheias de diamantes, pérolas e outras pedras preciosas roubadas às vítimas dos campos de concentração. Isso sem contar quatrocentas toneladas de valiosas obras de arte da mais diversa procedência.

Não pude me conter:

– Se Hitler se preocupou com uns quadrinhos pintados por sei lá quem, qual não seria sua preocupação com a Lança Sagrada?

– Uma escolta de dois mil soldados, submarinos e navios, responde a sua pergunta?

– Akakor!

Respondi com acerto.

Romilda me falou que bastava de relatos motivadores e que se eu não estivesse convencido não haveria mais nada que o fizesse.

Chegamos à conclusão que ainda era cedo para irmos dormir e por essa razão ela se prontificou a falar um pouco sobre egrégoras.

– Vamos lá, se eu estivesse com sono, esse seria um bom motivo para despertar.

– Sim, vamos lá, vamos começar pela Lei de Causa e Efeito, também conhecida como Lei do Carma; ela estabelece que tudo que é lançado no Universo retorna, cedo ou tarde, ao expedidor. Em outras palavras, tudo que semeamos iremos colher. A energia gerada e irradiada, seja boa ou má, conhece seu gerador e a ele retorna enriquecida por energias semelhantes que encontra em seu trajeto. É por isto que se diz: *quem semeia vento colhe tempestade*. É o que acontece com nossos pensamentos e nossas emoções.

Eu ia falar alguma coisa quando Romilda fez um gesto de silêncio com o dedo indicador e continuou:

– Tenha sempre em sua mente este pensamento: *Eu Sou uma coluna de Fogo Violeta, um foco de luz da energia cósmica que consome tudo o que é negativo*. E, com isso em mente, vá e enfrente o Egrégora; vai vencê-lo, vai ver!

Romilda me parecia em transe quando falava sobre estes assuntos e por esta razão resolvi não mais interrompê-la.

– O Egrégora não vai mentir, a mentira vem daqueles que geraram os pensamentos que ele toma como seus, mas sempre que se deparar com a mentira, no físico ou astral, pronuncie as palavras que vou te dizer e a mentira será traduzida para a verdade no percurso por ela percorrida até seus ouvidos. Eleve seus pensamentos à amada Pallas Athena, deusa da verdade, e seu raio da Verdade Divina, o Quinto Raio, o raio verde da verdade. Visualize a pessoa envolta em uma luz verde limão e diga: Amada Pallas Athena, Deusa da Verdade Divina, Exponha a Verdade,

precisávamos dar um nome a elas para identificá-las, qualificá-las e entendê-las.

O assunto terminou por ali e fomos deitar como de costume.

Chegamos juntos a Akakor e juntos permanecemos por alguns minutos em silêncio no centro da abóbada.

Romilda queria me mostrar outros lugares iguais aquele e durante algum tempo vagamos de um a outro, todos menores, mas com a mesma perfeição de entalhe. Porém, todos vazios, sem sinais ou marcas de nenhuma espécie. Uma civilização porventura existente ali simplesmente desapareceu sem deixar vestígios. O resultado foi o mesmo quando exploramos uma infinidade de tuneis; nada.

Chegou certa hora que ela me falou que iria voltar para o sítio. Não sei se a intenção era que eu fosse junto para os prazeres da carne, se foi não deu certo, resolvi que ficaria mais um pouco. Ela se despediu e partiu.

Voltei para o interior da caverna maior e fiquei em pé bem no centro da cúpula. Conservei aquela posição por instantes.

Resolvi subir à superfície, desta vez na vertical, em linha reta até o topo. Quinhentos metros de granito puro, metros e metros de rocha vulcânica, areia, argila, raízes profundas e o início de uma raiz pivotante que foi se alargando, continuei subindo lentamente, pretendia passar por todo o tronco e sair na copa daquela árvore. De súbito a velocidade aumentou infinitas vezes até eu ser praticamente expelido no espaço aberto bem acima da floresta; senti-me um homem-bala, daqueles que são cuspidos pelo canhão.

Olhando para baixo a floresta parecia apenas um borrão verde, sem que se pudesse distinguir o formato das árvores que a compunha.

“Tem coisa errada?” Foi minha exclamação. Não era veterano em viagem astral, mas aquilo fugia a tudo que eu já tinha ouvido. Também havia tantas coisas que eu desconhecia, rotelei

aquela apenas como mais uma “Como velocidade de cruzeiro já vi maiores!” Usei termos da aviação para as velocidades astrais.

Resolvi descer novamente, a copa das árvores começaram a se tornar nítidas e uma delas se sobressaía às outras. Tomei aquela como ponto de referência.

Ao lado do tronco tinha certeza que aquela era a árvore, exatamente na vertical do centro da cúpula. Identifiquei como sendo um Angelim Vermelho devia passar de 50 metros de altura, enormes sapopemas o ladeavam dando-lhe a firmeza necessária para se manter em pé. Era oco no meio “Quase todo Angelim grosso é!” Comentei sem achar novidade alguma na descoberta.

Estava para desistir ao menos por hora e voltar para o sítio quando a imagem do capacete alemão veio à mente.

Ao mesmo tempo, troncos de árvores meio apodrecidos pelo tempo, com sua superfície abaulada povoaram minha mente. Lembrei o processo de deterioração das árvores mortas, qual em um filme em avanço rápido, primeiro caía as folhas, depois os galhos, em seguida o tronco quebrava próximo ao solo e era corroído sobrando um formato arredondado “Lembram a forma de um capacete!”

Em seguida, vieram detalhes que haviam sido desprezados ou dados sem qualquer importância na vez anterior. As asas do emblema estavam quebradas - *as duas* - tinha que ser proposital. Revi a cabeça da águia “Ela não tinha o bico! Foi limado!” A forma que restou não deixava dúvidas “Uma ponta de lança!”

A hipótese levantada sobre o oficial alemão de que ele havia deixado os objetos para provar que esteve ali poderia estar errada. “E se ele sinalizou o local e *o que estava deixando ali?* Um mapa em charada, feito para ser visto e entendido muitos anos depois. Depois que a árvore morresse. E ela morreria, tinha certeza, todos seres vivos morrem um dia!”

“Será?” A custo decidi que o único meio de saber era fazendo o sentido inverso, descendo pela árvore até a chegar novamente à cúpula do salão.

Entre na árvore, o buraco no centro não era largo o suficiente para um homem, mas uma criança bem poderia descer ou subir por ele; a mim não importava. “Descendo!” brinquei. Minha surpresa foi não sair do lugar, cheguei a sentir uma força me empurrando levemente para cima. Tentei novamente, até aí ainda estava levando tudo na brincadeira “Descendo!”, outra vez não sai do lugar. “O elevador deve estar quebrado!” Foi a última brincadeira da noite, daí para frente tudo ficaria muito sério. Sério demais.

Saí da árvore e desci pela lateral, não precisei descer muito, dois metros abaixo da superfície um objeto metálico pontiagudo estava incrustado no tronco, exatamente no meio do cerne, com a ponta voltada para cima.

Eu precisava contar a Romilda, tinha que dividir a descoberta com alguém; voltei ao sítio eufórico.

Sem me preocupar com as horas acordei no físico e chamei Romilda imediatamente. Ela não pode evitar um sobressalto.

– O que foi que aconteceu?

– Achei a lança!

– Como assim achou a lança?

– Esta incrustada no centro de uma enorme árvore, abaixo da linha de corte, quem fez isso sabia que mesmo se a árvore fosse cortada o fariam mais para cima. Lembrei que nesse caso, o processo de apodrecimento seria igual, apenas mais rápido.

– Tem certeza?

– Não pode haver duas!

– Amanhã cedo vamos falar com Alfredo e à noite vamos todos para lá. Não sei se vai conseguir dormir, mas tente pelo menos.

Lembrei da viagem para Belém, mas isso era o de menos, em qualquer lugar que estivéssemos, longe ou perto, não tinha a mínima importância. Bastava ser tranquilo!

– Dessa vez eu vou te agradecer se me der uma forcinha. Sério mesmo!

– Tá bem, deite-se.

No segundo seguinte de ser tocado na testa eu dormia o sonho dos anjos.

Quando acordei minhas coisas já estavam praticamente arrumadas, Romilda havia cuidado de tudo. Um bom banho, um bom café da manhã e estávamos prontos para a viagem que deveria começar pelo hotel; tinha que me despedir de minha filha.

Desta vez Romilda foi comigo, queria que conhecesse a menina; o resto pouco me importava.

Avisei Marisa pelo celular e quando chegamos ao hotel, por volta do meio-dia, ela me esperava no saguão. Raquel se aproximou e Romilda foi apresentada como uma amiga; e de fato era. Não houve comentários ou insinuações!

– Vou ter que sair, pode ficar com Marisa até a tarde, volto por volta das seis. Tenho um encontro!

Raquel não procurou disfarçar suas intenções e nem achei necessário.

– Tudo bem, nós a traremos de volta nesse horário, meu vô sai um pouco mais tarde; não vai me atrapalhar!

Marisa vibrou com a idéia de passar a tarde no shopping, no trajeto comentou.

– Eles são legais, mas enche o saco ficar brincando sozinha na sala enquanto eles ficam no quarto!

Não demos importância ao comentário e logo ela estava pulando de um brinquedo a outro no parque de diversões do shopping. Lanche, sorvetes, compras e num vai e vem de um lado a outro o dia voou. Romilda a acompanhou na maioria dos brinquedos, parecia se entenderem maravilhosamente bem.

Retornamos ao hotel no horário combinado. Raquel demorou um pouco a chegar, mas nada que atrapalhasse meus planos. A despedida foi difícil para mim, mesmo sabendo que poderia ver minha filha a qualquer hora.

No aeroporto demoramos alguns minutos para devolver o carro à locadora, fizemos o *check in* e fomos tomar um cafezinho; comeríamos no avião.

Chegamos ao hotel em Belém por volta da meia-noite, ficamos no mesmo quarto por questões de trabalho e porque já estávamos acostumados a esta situação. Camas separadas desta vez.

Depois de um banho fomos dormir, a noite prometia coisas mais excitantes que sexo.

CAPÍTULO 12

Encontramo-nos na caverna em Akakor, Alfredo, Romilda e eu. Alfredo achou melhor assim, afinal o vulto da descoberta demandava cuidados especiais para evitar propagação indevida. Não por se desconfiar de qualquer membro, mas por que achava ser necessário primeiro uma confirmação.

“Como podemos confirmar?” Perguntei a Alfredo.

“A maneira como você foi repellido pode ser um indício, nunca vi nada assim antes. Movimentamo-nos em astral com regras fixas, três velocidades, você sabe! Essa regra não muda nunca. Não podemos atravessar a matéria em altas velocidades, quanto menos assim da maneira que contou. Teria que haver uma proteção à volta do fantasma, senão a sensação seria a de queimar dentro de uma fogueira.”

“Eu não senti nada!”

“Por isso mesmo acho que está certo, tem que ser a verdadeira Lança do Destino, seus poderes são imensos.”

Romilda interferiu pela primeira vez na conversa “Que tal irmos olhar, estou curiosa.”

“Vocês vão pela lateral da árvore, eu vou pelo meio, da mesma maneira que você fez.”

Alfredo se posicionou bem ao centro da cúpula e Romilda e eu nas laterais, afastados uns dois metros dele. Iniciamos a subida e podíamos ver-nos nitidamente. O percurso foi tranquilo até próximo à superfície quando Alfredo simplesmente desapareceu num raio de luz. Posicionamo-nos próximo a árvore, eu de um lado Romilda do outro.

“Você viu aquilo?” Romilda perguntou acrescentando “Inacreditável!”

De fato parecia um raio ou um laser branco arremessado ao espaço. Não demorou a que Alfredo retornasse da sua estranha aventura.

“Uau! Nem nas melhores ondas se tem uma emoção igual!” Comentou eufórico à sua maneira de ser.

Formamos um triângulo à volta do tronco e descemos até nos posicionarmos ao lado do objeto. Giramos os três ao mesmo tempo à sua volta. “É mesmo uma lança!” Falamos ao mesmo tempo.

Para ver mais de perto apertamos o círculo até muito próximo e de repente fomos repelidos os três, para cima e para os lados até pararmos a uns dez metros longe da árvore, com o dobro dessa distância entre cada um de nós. Nós três, se unidos por uma linha imaginária, formaríamos um triângulo perfeito.

“Ela funciona como uma antena!” Alfredo foi o primeiro a gritar, em seguida Romilda e eu praticamente repetimos a mesma frase. Alfredo continuou “Um potencializador de energia cósmica!” Quando ele voltou a falar, gaguejava muito, parecia não acreditar nos próprios pensamentos: “Daqui você pode ir a qualquer canto do universo, mesmo que nunca tenha estado lá! Deve bastar nesse caso imprimir a vontade.”

Nessa hora lembrei que o fantasma exteriorizado pode ir à velocidade do pensamento somente a lugares que tenha estado antes; ou voltar deles quando lá levado por seus próprios meios ou por outras forças. Era de fato incrível que se pudesse viajar aos recantos sem fim do universo, mesmo que limitado à direção apontada pela lança; mas a terra muda de posição a todo instante. Não era difícil concluir que, com um pouco de conhecimento da posição dos astros em relação à terra, seria possível ir a qualquer lugar, num determinado dia e hora; voltar não seria problema algum.

Demorou a que nós três, de maneira independente, assimilássemos a importância da descoberta que testes futuros demonstrariam estar correta. Ficamos por um bom tempo em silêncio, cada um – com certeza – fazendo seu próprio roteiro de viagem; da minha parte, a Lua.

“A Lua, sempre quis conhecer a Lua.”

Desta vez foi Romilda quem sugeriu encerrarmos ali as pesquisas, como ela gostava de dizer. Devíamos primeiro participar a descoberta ao grupo e aí sim decidir o que e como seria feito.

A sugestão foi aceita por todos e voltamos cada um para seu lugar de origem. Romilda e eu para a cama do hotel.

Estava excitado demais para dormir e Romilda desta vez se recusou a cooperar, sendo assim só me restou a velha e boa forma do desgaste físico. Fizemos sexo por mais de meia hora até que esgotados dormimos até amanhecer o dia sem pensar em mais nada; sem outros planetas, sem lanças e sem egrégoras.

Levantamos por volta das dez horas, ainda tínhamos um longo trajeto a percorrer, a aviação regional nos levaria a Tucuruí; havia prometido a Raquel que embalaria e enviaria suas coisas assim que chegasse.

A viagem foi rápida e antes do meio-dia estávamos em casa. Nós mesmos embalamos os pertences de Raquel para serem despachados por uma transportadora. Combinei que ela ficaria no hotel provisoriamente e que móveis, utensílios domésticos e roupas de cama e banho seriam comprados novos por lá mesmo. Assim, tudo estava pronto e embalado em caixas quando a transportadora veio fazer a coleta por volta das seis daquela tarde.

Íamos pernoitar ali e no dia seguinte seguiríamos para a fazenda em meu avião.

Alfredo ligou avisando que estava programando um encontro da irmandade para dali dois dias, na noite de segunda para terça, em Akakor, no salão, por volta das três da madrugada.

Isso me deixava com dois dias de folga para trabalhar no egrégora; aquela noite e a noite seguinte. Quando contei Romilda achou uma boa idéia e se prontificou em ligar para Alfredo para preparar um grupo de proteção; desta vez disse que ficaria acordada ao lado do meu corpo, achava melhor assim.

– Os demais cuidam do outro lado!

Ela não se esquecia de que da última vez o Egrégora quase furou o bloqueio.

– O que pretende fazer, bater no Egrégora?

Falei meio brincando e meio sério.

– Não! Em você!

Ela respondeu no mesmo tom e explicou

– Uma agressão física ao corpo obriga a interiorização imediata do fantasma!

Sabia que ela estava certa, o corpo daria os sinais quando em astral eu fosse seriamente ameaçado. Aí ela iria saber que eu estava em risco.

Resolvemos sair para jantar em uma churrascaria que eu costumo frequentar, Romilda adotava uma postura vegetariana por entender que era melhor para a saúde, mas não se recusava a uma carne de vez em quando.

– Seus amigos não vão estranhar você comigo?

– Não, no máximo vão perguntar por Raquel. Vou dizer que ficou em São Paulo, por enquanto fica assim mesmo. Depois eu vejo o que fazer. Vão estranhar mais eu ter voltado antes das minhas férias terminarem, mas não tem nada não; alego problemas na fazenda e pronto.

Às onze horas estávamos de volta e os únicos amigos que encontramos se limitaram a cumprimentar de longe; não foi necessária qualquer explicação.

– A que horas você combinou com Alfredo?

– Às três, assim você descansa de fato um pouco.

Desta vez não precisei pedir, assim que deitei Romilda me deu um beijo no rosto e colocou a mão em minha testa, só acordei às três horas no quarto onde estava Ate.

“Olha quem esta de volta!” Ela estava com sua forma original, pelo menos não iria tentar me seduzir. Fiquei aliviado, não queria enfrentar aquela provação novamente.

Ate tomou a iniciativa “Você me abandonou quando falava de pensamentos que vieram do bairro, eu ainda tinha para

contar da cidade toda, de todo o estado, do Brasil inteiro e até de alguns lugares do exterior. Não está mais interessado?”

“Tantos lugares assim?”

“Sim! Sim! A mídia nos ajuda bastante faz as pessoas reagirem com raiva - *com ódio* - faz cada pai e cada mãe colocar o filho ou a filha no lugar da vítima; cada um cria sua própria fórmula de retaliação e de vingança. Chegam a imaginar a maneira como fariam isso. Alguns ultrapassam a fase de cogitação e chegam a comprar armas para fazer justiça pelas próprias mãos; armas que a maioria nunca vai usar de verdade, mas chegam a este ponto.”

Sabia que ela tinha razão e sabia também que cada um de nós termina muitas das vezes com estas conclusões em pensamento, mas sabia também que a imaginação minuciosa libera energia carregada de emoções ruins. Tinha que fazê-la falar mais, ia sugerir alguma coisa e nem precisei. Ate continuou:

“Não vejo evidências sérias de culpa, mas tenho certeza que foram eles. Basta eu arrumar provas que foi assim!”

“Isso tanto pode provar que foi uma queda como pode provar que foi jogada, vou usar somente a segunda parte!”

“Os fatos anteriores ao crime não indicam nenhuma premeditação, tenho que mostrar que foi num acesso de loucura!”

“Se eles escaparem ilesos, vão achar que praticaram o crime perfeito. Não posso deixar que isso aconteça, vou forjar provas se preciso for!”

“Quer mais?” Perguntou.

“Sim! Tudo que quiser me dizer.” Respondi.

Ela ficou me olhando e disparou:

“Publiquem apenas as evidências que indicam culpa!”

“Falem apenas da parte que dão o casal como culpados!”

“Nossa audiência cresceu quarenta e seis por cento, mantenham o casal como culpados!”

“Subimos vinte e cinco por cento na audiência, não quero saber se foi um sanguinho do nariz ou de um cortinho, digam apenas que há evidências de sangue e que é possível que a tenham matado antes; apenas isso!”

“Reservem quinze minutos do jornal para o caso, não me importa que isso represente quase quarenta por cento do horário todo, mantenham as evidências de assassinato!”

“Estamos usando dezoito repórteres, oito produtores e vinte cinegrafistas para cobrir o caso, temos plantões permanentes em casas de parentes e delegacias. Vão chegar muitas informações conflitantes, coloquem no ar apenas as que provocarem choro ou raiva. As pessoas também, ou chorando, ou berrando, ou ameaçando; só isso. Antes que eu esqueça... algumas rezando também ajuda... não muitas.”

Fiz muito para conter o acesso de raiva, apenas pelo relato já podia vislumbrar dois grupos que poderiam ser julgados culpados por fomentarem a opinião pública. Mas não queria iniciar a formação de um novo egrégora.

Antes que minha capacidade de discernimento fosse comprometida por completo resolvi utilizar o mantra da verdade. Com os pensamentos bloqueados para Ate, nem bem o completei e as informações foram chegando traduzidas; enquanto matinha meus olhos fixos entre as sobranceiras dela e a envolvia mentalmente em uma luz verde limão; repetia: “*Exponha a verdade*” Continuei repetindo todo o tempo.

“Os laudos são confusos!”

“As lesões foram causadas por manobras de socorro!”

“Lesões foram confundidas com asfixia!”

“Lesões da língua e boca foram provocadas pelo emprego das técnicas de ressuscitação!”

“Morreu unicamente por traumatismo craniano!”

“Todas as fraturas da cabeça, bacia e braço foram provocadas pela queda!”

“Quando caiu ela estava consciente!”

“Estendeu o braço numa tentativa de segurar em algo!”

“Peritos trabalharam sob tensão emocional!”

“Alguém revirou o apartamento!”

“O corte na tela é muito pequeno!”

“O pai é lento em iniciativa, não pensaria em acobertar um crime!”

“Pressionados pela imprensa, investigadores e delegados andaram divulgando boatos e meras hipóteses como se fossem informações verdadeiras.”

Ate voltou a me olhar e notou minha compenetração.

“Você esta atento mesmo ou tá fazendo de conta?”

Resolvi fazer um teste expondo versões da mentira e da verdade, pedi a Ate que me dissesse alguma coisa e depois esperasse até que eu pedisse para continuar. Ela concordou, já havia notado que gostava de um joguinho. “Pode falar:”

“Segundo investigações, horas antes de sua morte, durante uma festa, a menina recebeu um safanão do pai.”

Pensei “Exponha a verdade”:

“Não existiu nem o safanão e nem mesmo a festa!”

“Continue Ate:”

“O casal usou uma fralda e uma toalha para estancar o sangue que escorria da testa da menina!”

Novamente: “Exponha a verdade”

“A policia afirma que a toalha não existe!”

“Pode me dizer mais alguma coisa Ate:”

“Havia sangue no sapato da madrastra!”

De novo: “Exponha a verdade”

“Não havia!”

Ate estava dando visíveis sinais de irritação, tentei tirar mais alguma coisa: “Acabou?”

“Acabou a minha paciência com esse joguinho idiota, eu falo e você fica ai com esta carinha de compenetrado.”

Lembrei que meus pensamentos estavam bloqueados para ela, por esta razão, do lado dela havia apenas sua própria fala e tempo mudo. *“Devo ter ficado com cara de idiota mesmo!”* Resolvi mudar. *“Fale sobre o que quiser então.”* Decidi que continuaria usando o tradutor da verdade, uma vez que, por ser simultâneo, Ate não tinha como perceber.

“A menina foi esganada no apartamento!”

“Quatorze minutos seriam insuficientes para tudo que afirmam ter sido feito lá dentro!”

“A menina foi esganada no carro!”

“Ela não teria sido encontrada com vida se tivesse sido esganada no carro!”

A fala de Ate transmitia a emoção tal qual o estado de ânimo do gerador do pensamento que ela utilizava. Estava alertado para o fato de que o Egrégora não mente, qual um gravador repete exatamente o que foi gravado, com a mesma entonação de voz e a mesma carga emocional. Porém, com dados que os gravadores não captam as expressões faciais e corporais; funções essas que ficam a cargo dos vídeos. Desse ponto de vista Ate parecia mais um replay de um filme imitando os protagonistas.

No momento ela estava assumindo características de louca varrida, daquelas que brincam com coisa séria sem o saber, risos desvairados, olhos esbugalhados, movimentos de bobo da corte; engraçada até, não fosse o fato envolvido.

“Por que a menina usava o Linux? Porque ela tinha medo do Windows!”

“Por que ela não tinha internet? Porque o pai dela cortou a rede!”

“O que os irmãozinhos dela pediram de aniversários? Um apartamento no primeiro andar!”

“O que é o que é? Entra pela porta e sai pela janela?”

“O que é o que é? Cai de pé e morre deitado?”

“Foi falta de pó mágico segundo Peter Pan”

“Com essa idade nem eu voava! – Goku.”

“Me superou! Santos Dumont.”

No êxtase representativo da loucura Ate começou a fingir uma brincadeira de roda enquanto cantava com voz infantil: *“Ciranda cirandinha vamos todos avuár vamos dar a meia volta e do sexto andar pular. A rede que tu me deste era fraca e se rasgo, a grama que eu cai era dura e me mato!”*

Aquilo estava me dando nos nervos e eu não podia fazer nada para impedir Ate de prosseguir naquilo que quisesse. A única opção era fugir dali o mais rapidamente. E o fiz!

No hotel Romilda estava ao meu lado, com as duas mãos postas sobre minha cabeça e impedia a chegada de vibrações negativas até meu corpo. Mal esperou eu levantar e perguntou:

– O que aconteceu, você me parece nervoso?

– O que de fato aconteceu eu ainda não sei, mas só posso creditar o que vi e ouvi a programas de televisão que exploram a desgraça. Normalmente em horário impróprio, bagunçando a cabeça das crianças. É assim que pretendemos formar nossos futuros cidadãos? Proibir propaganda de cigarro e bebidas na televisão é bom; mas há outras drogas que deviam ser proibidas também!

Romilda adotou um ar sério

– Não tínhamos combinado que você seria apenas um espectador. Sem qualquer envolvimento emocional com o caso.

– Sim, agüentei até onde pude!

– Quer me contar o que viu e ouviu?

Ela falou com voz suave, dando-me a oportunidade de deixar a conversa para outra hora.

– Se não importar conto amanhã, agora quero dormir, colocar meus pensamentos em ordem. Estão todos bagunçados.

– Tudo bem, ficaremos mais um pouco, eu e nossos irmãos vamos impedir que os pensamentos do Egrégora cheguem até você. Durma bem.

– Colocou uma das mãos sobre minha cabeça e eu adormeci de verdade. Ou pensei que tivesse.

Sonhei que fui visitado por um senhor bastante maduro, uns 70 anos calculei, disse que vinha acompanhando o caso da menina há algum tempo e que cada versão mostrada nos noticiários só estavam servindo para entulhar-lhe a mente. Disse ter trabalhado na polícia, mas que estava aposentado há muito tempo, disse também ter escrito muitos livros. Disse ter efetuado perícias nas quais as provas coletadas mostravam inocentes como autores de crimes; inocentes que foram julgados culpados. Falou também que nesse caso não acreditava que os culpados fossem os execrados pela opinião pública. Em sua opinião ninguém escolado, ao cometer crime tão bárbaro e sabendo das conseqüências, iria carregar uma menina por seis andares até o seu quarto e sair para buscar outras crianças; teriam jogado pela janela do carro para ser atropelada pelo veículo que viesse logo atrás. Concluiu essa parte dizendo que depois era só dizer que ela tinha caído. Afirmou também que existiam faltas nos laudos e exemplificou perguntando se quem cortou a tela era canhoto ou destro. Que não se tinha registro da altura entre o apoio dos pés e o corte na rede de proteção, o que ao menos em tese determinaria a altura da pessoa que a cortou. Que os palavrões e briga ouvidos por pessoas do outro lado da rua, em outro prédio, podia não ser daquele apartamento e nem das pessoas envolvidas. Que as marcas de sangue na menina poderiam ter sido provocadas no contato do corpo com o solo. Alertou que sempre que investigava não excluía hipótese alguma e que o sangue no chão do apartamento poderia ter sido resultantes da investida de terceira pessoa contra a menina, enquanto de fato o pai descia para pegar as outras crianças. E que não afastava a hipótese do casal ter espancado a menina, tirando-lhe sangue e depois a jogaram pela janela imaginando que ela estivesse morta pelo espancamento. Mas que achava essa última hipótese improvável porque sendo pessoa esclarecida sabia que o apartamento o vincularia ao local do crime, sendo mais fácil acreditar que voltasse com a menina ao carro e a jogasse no meio do trânsito. Disse também que quando era perito se desentendeu

muitas vezes com as autoridades que queriam que fossem modificados alguns de seus laudos periciais. Achava também que pelo ser humano ser moldável, no interesse de manter o emprego, algum perito faça seu relatório conforme o apurado na investigação e não estribado estritamente nos rigores técnicos; apenas para agradar o chefe.

Seja como for, esse sonho em forma de relato, ficou gravado em minha mente mesmo depois de acordado.

Na manhã seguinte conforme havíamos decidido anteriormente fomos para a fazenda, eu queria estar de volta à calma daquele lugar, longe da cidade, das grandes aglomerações de pessoas; sequer fui visitar os colegas de trabalho.

Meia hora de vôo e estávamos pronto para pousar na estrada em frente à fazenda, um rasante e dois caminhões foram posicionados como de costume cercando a estrada. Pousei e taxiei o Cessna até o local comumente usado para amarrá-lo. As bagagens foram retiradas por meu parceiro de pescaria e o estaqueamento também ficava por sua conta.

Apresentei Romilda às poucas pessoas que estavam ali naquela hora, as demais estavam na lida com o gado. Ela adorou o lugar, conhecer um lugar em físico e em astral tem enorme diferença, igual a ver um filme de Veneza e visitar Veneza; muito embora em astral também se possa interagir com algumas pessoas.

Depois de um rápido almoço convidei Romilda para conhecer a região, fomos a um povoado próximo, às margens do Tocantins, e no final da tarde sobrevoei a fazenda mostrando as divisas.

Quando voltamos, após o jantar, Romilda me cobrou para falar sobre as atividades da noite anterior com o Egrégora. Resolvi dizer por alto e deixar para contar minhas impressões após a noite de hoje. Tinha um plano para fazer o Egrégora expor tudo o que sabia quanto ao caso e não me queria auto-influenciado com idéias pré-concebidas.

Falei sobre os pensamentos que me foram passados pelo Egrégora e que deveriam ter sido emanados de pessoas envolvidas numa possível investigação de assassinato; sobre os gerados por pessoas da mídia mais preocupados com o Ibope do que propriamente com expor os fatos, e principalmente do que havia mais me chocado: os pensamentos emanados por crianças.

– Fez uso da exposição da verdade?

– Sim! Com grande sucesso e também consegui bloquear totalmente meus pensamentos, Até não conseguiu em momento algum captá-los.

– Eu te falei, ninguém pode ler pensamentos, nem mesmo um Egrégora, muito embora eles possam captar os que lhe são dirigidos; com afinidade quero dizer.

A conversa tomou outros rumos e Romilda me falou que adoraria morar ali, na fazenda, não na obra. Procurou deixar isso bem claro.

Procurei mostrar a ela que a usina era muito bonita, uma verdadeira obra de engenharia, mas nada disso parecia atraí-la. Conteí também de meus planos de deixar o emprego.

Ela gostava mesmo era da energia liberada pela mata à nossa volta. Uma energia que taxava de pura e acrescentou:

– Com essa descoberta que você fez novos horizontes vão se abrir para os projetores astrais. O infinito vai estar praticamente às nossas vistas.

E completou:

– Tem obra de engenharia que faça frente a isso?

– Não!

Fui obrigado a simplesmente concordar com ela, sem mais e nem porquê.

Daí em diante o assunto foi só esse, ela havia se comunicado com Alfredo e ele havia lhe dito que estava disposto a tentar a primeira viagem ao espaço aberto; lua ou outro planeta qualquer que estivesse na mira da lança na ocasião. E também que

queria aproveitar a reunião dos irmãos na noite seguinte; uma passagem segura de volta; segundo disse.

Com tantos assuntos o tempo voou e quando nos demos conta do avançado da hora resolvemos imediatamente irmos deitar. Havia muito por fazer naquela noite.

CAPÍTULO 13

Depois do café matinal não vi mais Romilda o restante do dia, alguns problemas da fazenda requeriam minha presença em outros lugares, quando voltei já era noite e ela me aguardava para jantarmos juntos. Sem eu por perto tinha aproveitado o dia para visitar os vizinhos e estava eufórica com uma infinidade de plantas e ervas cujas propriedades medicinais haviam sido relatadas pelos moradores locais, principalmente os ribeirinhos.

– Você acredita que tomei vinho de patauá e de bacaba, pode crer que vou pesquisar isso, além de gostoso deve ser muito nutritivo.

Se eu deixasse com toda certeza ela iria varar a noite contando de uma e de outra planta. Procurei voltar ao assunto programado para aquela noite; não queria perder um dia sequer ou uma noite, melhor dizendo.

– Avisou Alfredo da visita desta noite ao Egrégora?

– Nem precisava aquele lá é fogo, tem jeito de moleque, mas é só o jeitão, na verdade é responsável à beça.

Estava mesmo cansado de correr o dia todo de um lado a outro, a maior parte do tempo no lombo de um cavalo, por isso disse para ela:

– Se não se importar vou deitar um pouco.

Nem precisava de ajuda para dormir, morto que estava.

Romilda ficou na cozinha fazendo suas anotações; anotava tudo que achava interessante em uma espécie de diário. Quando viu, ou melhor, ouviu que eu dormia foi para o quarto; sentou-se ao lado da cama.

Por volta das três da manhã voltei a me encontrar com o Egrégora Ate.

“Ficou nervosinho ontem?”

“Você estava brincando comigo?”

“Eu nunca brinco, apenas mostrei um lado das coisas que tinha. Se você não gostou paciência!”

“Ate você falou de um casal, pode me expor os pensamentos de um deles?”

Ate tomou a forma de um rapaz “Só uma parte, eu não recebo o que não me interessa!” Disse com voz de homem e se referindo a tipos de pensamentos e emoções.

“Quando chegarmos em casa você vai ver só!”

“Não vou te levar a merda de lugar nenhum!”

“Se tocar nela de novo te quebro a cara!”

“Machucou a menina sua puta!”

“Ainda mato essa desgraçada!”

“Mataram minha filha!”

A fisionomia de Ate variou de séria a raivosa e terminou com cara de apavoramento total. Depois, tal qual pessoa sem atitude, com as mãos na cabeça girava o corpo enquanto zanzava de um lado a outro.

De repente adotou a forma de uma mulher ainda jovem e mudou para voz feminina, voz estridente, gritando o tempo todo.

“Cala essa boca.”

“A porra da tua mãe tá na gandaia!”

“Foi essa merda de anel!”

“Desce idiota. Liga pro seu pai merda.”

“Foi ladrão, essa porra não tem segurança!”

Durante a fala gesticulou com o braço esquerdo como se desse um tapa para trás sem ao menos virar o rosto e continuou gesticulando o tempo todo com ambas as mãos.

Em seguida mudou para uma menina de ar tímido, quase infantil, amedrontada, mas provocativa.

“Você é uma chata! Quero ir prá casa da minha mãe.”

“Cala a boca você!”

“Essa chata me machucou!”

“Ela vai me bater!”

“Papai, papai, papai.”

Sabia que Ate, tal qual um computador pessoal antigo só acessava um arquivo de cada vez, por essa razão precisava escrever e colocar as coisas em uma ordem inteligível. Preferi voltar.

Desta vez agradei a Ate antes de partir e mesmo com sua insistência na minha permanência, retornei para a fazenda.

Fiz um sinal de silêncio para Romilda que estava sentada, levantei, fui até a cozinha, peguei papel e caneta e escrevi todas as falas que pude lembrar. Marquei também o timbre de voz de cada uma, os gestos, e as impressões que transmitiam. Quando terminei entreguei o papel a Romilda.

– Interessante, mas vamos dormir agora. Amanhã procuramos colocar isso numa seqüência.

Com sua ajuda adormeci rapidamente.

Na manhã seguinte avisei Romilda que tinha muitos problemas para resolver na fazenda e que ela fizesse o melhor possível com as informações que tinha passado. Voltaria à noitinha.

Os afazeres do dia a dia não me permitiram pensar mais sobre o assunto, quando voltei já era tarde.

– Veja isso, coloquei numa ordem, no começo é uma discussão entre três pessoas, falam de uma quarta, ausente pelo que se denota das falas. Depois algo de grave acontece, uma das falas desaparece; apenas duas continuam. Falam de uma quinta pessoa, também ausente.

Li o papel que ela me entregou e vi que estava marcado com: fala 1 - homem -, fala 2 – mulher -, fala 3 – criança - ; ainda, de quem falavam marcados como: ausente n° 1 mulher e ausente n° 2 homem.

Talvez devido ao cansaço da correria do dia esqueci-me de falar para Romilda que Ate havia tomado a forma de um homem, de uma mulher e depois de uma criança do sexo feminino; quem sabe a descrição pudesse ajudar.

Mas ficou no esquecimento mesmo. Eu tinha sido informado que ela e os outros sabiam de tudo ou quase tudo, mas às vezes me esquecia disso.

Naquela noite tínhamos compromisso com os irmãos em Akakor e por essa razão preferi descansar um pouco. Romilda resolveu fazer o mesmo. O assunto egrégora ficava mesmo para outra hora.

Às três da madrugada quando chegamos a Akakor nos deparamos com a caverna quase vazia de irmãos e irmãs. Romilda e eu contamos apenas oito projetores ali presentes.

“Será que os demais estão atrasados?” Ela fez esta pergunta exatamente pelo fato de que esperávamos a caverna lotada, sequer os mais chegados ao grupo estavam ali presentes.

Eu conhecia alguns e fui cumprimentá-los, Romilda que parecia conhecer a todos cumprimentou um por um e me apresentou aos que eu não conhecia.

Todos aguardavam a chegada de Alfredo, no nosso grupo o líder, porém corriam boatos entre os demais que um grande líder da irmandade também iria comparecer.

Não passava muito das três quando Alfredo chegou tendo a seu lado uma senhora de idade um tanto avançada; não pude sequer estimar quanto.

O estranho casal, ele com trajes de surfista e ela com uma túnica muito parecida com as que Romilda usava, se posicionou exatamente ao centro abaixo da cúpula e foi Alfredo quem fez as apresentações. O nome dela era Adelle, judia de nacionalidade alemã, ela ficaria encarregada de divulgar ou não perante a irmandade internacional aquela descoberta.

Após as apresentações onde cada um foi dizendo seu nome à visitante enquanto ela os olhava nos olhos um a um, Alfredo continuou:

“Todos vocês devem ter sentido a falta de um ou outro amigo a essa reunião. De início eu havia pensado em contatar todos, o que resultaria em mais de duzentas pessoas aqui presentes

a essa hora. Porém, antes de fazer qualquer contato falei com Adelle e ela me alertou sobre alguns pontos que havia me passado despercebido. Vou passar a palavra a ela e depois respondo a qualquer pergunta de vocês.”

Adelle começou dizendo que veio morar no Brasil no pós-guerra em 1946 e somente voltou para a Alemanha em 1990 e que esteve em Akakor e neste salão uma infinidade de vezes. E continuou:

“Sempre que possível volto ao Brasil, tenho filhos morando aqui, acho um país lindo, infelizmente minha idade não permite viagens à região Amazônica e não aproveitei para visitá-la quando era jovem. O que eu tenho para dizer a vocês é bastante demorado e gostaria que prestassem muita atenção e, depois, pesassem os prós e os contras de qualquer decisão a ser tomada em nome do grupo.”

Parou um pouco de falar e puxou para cima a manga da túnica; e expondo uma tatuagem, continuou:

“Sei que hoje esta na moda tatuar o corpo, mas essa não foi feita porque eu quis, foi o de menos de todos os horrores do Holocausto. Fui prisioneira em Auschwitz de quarenta e três até o fim da guerra; lá perdi parentes, amigos e uma parte da minha vida. Mas esse período não foi o fim e nem o início de tudo. O começo do sofrimento iniciou dez anos antes com a vitória do nazismo sobre a democracia. Nessa época o anti-semitismo se tornou a doutrina oficial da Alemanha; boicote de empresas, comércio, atividades profissionais, confisco de bens como telefones, rádios, toca-discos, máquinas fotográficas. Podia-se ficar somente com os óculos. A água quente foi cortada, o acesso aos elevadores e também às sacadas dos prédios. Para um prédio inteiro de apartamentos foi permitido apenas dois fogões a gás e dois aparelhos elétricos para ferver água. Peixinhos de aquário, flores, plantas ornamentais, tudo foi proibido aos judeus. Hitler sonhava que ao final da guerra todos os judeus estivessem exterminados e quase conseguiu seu intento. Sobrevivi graças às nossas faculdades

especiais que me permitiam saber de antemão quais seriam os passos do inimigo e me antecipar a eles, mas pouco ou quase nada pude fazer pelos demais.”

Alertou-nos a todos que isso tudo fazia parte apenas das privações e que o pior corria paralelamente e iria se intensificar no decorrer dos anos.

“Incêndios a sinagogas, desapropriações, tortura e fuzilamentos; já em quarenta e um começaram os fuzilamentos em massa. Depois de sermos fichados na polícia, confinados nos guetos e obrigados a usar a Estrela de David para identificação, veio o fechamento desses guetos e seus moradores sendo enviados para os campos de Auschwitz e Treblinka. Auschwitz, onde foram marcados e mortos; e onde o termo holocausto foi empregado em seu significado original – *cremação de corpos* – e isto se estendeu a todo território ocupado pelos nazistas; com esses dois campos eu me referi apenas aos judeus alemães. Tendo começado utilizando o termo Holocausto, *conhecido no mundo todo, Shoah para nós judeus alemães ou Porajmos para os grupos ciganos, quis chamar sua atenção para o genocídio perpetrado pelos nazistas*; e com ele encerro o relato sobre a minha pessoa.”

Adelle avisou que agora iria repetir palavras não de sua autoria e logo depois diria quem foi o autor e onde ele entrava na nossa história e nos fatos que estavam acontecendo ali.

“Vocês sabem do que se trata, mas mantenham sigilo. Talvez mais tarde se possa ponderar se foi conveniente ou não termos revelado mais detalhes sobre isso ao povo alemão. Acredito ser melhor nós todos suportarmos isso pelo nosso povo, assumirmos a responsabilidade e, então, levamos o segredo para o túmulo.”

Olhou cada um de nós novamente enquanto dizia “Essas palavras foram proferidas por Heinrich Himmler sobre sua intenção de dar solução final ao *problema judeu*.”

Eu tinha certeza que cada um de nós ali presente conhecia um pouco da história de comandante das SS e de seu envolvimento com o ocultismo; até eu sabia!

Enquanto eu pensava, Adelle voltou a falar: “O que tenho a revelar vai fazer com que vocês cheguem mesmo a duvidar de minha sanidade mental, mas podem ter certeza, estou tão lúcida ou mais do que durante minha juventude.”

Pausou seu relato e olhou cada um de nós antes de prosseguir: “Hitler montou uma base na Antártida onde desenvolveu os discos voadores que vez por vez cruzam a terra de um canto a outro, sem que possam ser perseguidos e muito menos derrubados; os países ainda não têm tecnologia para isso. Sei que devem achar estranho ligar os nazis aos discos voadores, mas é a mais simples e pura verdade. Projetora consciente desde os treze anos, eu e outros iguais a vocês e a mim, nunca conseguimos descobrir de onde veio a tecnologia empregada por Hitler na fabricação dos discos voadores. O certo é que de um momento para o outro a Alemanha nazista se apoderou de tecnologia desconhecida a todos os demais países. Agora tenho a certeza de que a fonte principal esta aqui! Akakor!”

A revelação fez com que um olhasse para o outro a seu lado num misto de incredulidade e espanto.

“O nazismo contava e continua contando com muitos projetores astrais, Himmler era um deles à época, e há muito sabiam deste salão e com certeza o usam até hoje. A Lança do Destino não foi escondida aqui, *foi instalada*. Como vocês já descobriram ou foram informados, para potencializar a energia cósmica existente neste local e direcioná-la. Os nazistas ainda existem na Antártida e em outros cantos do mundo e possuem tecnologia avançada e muito, mas muito dinheiro mesmo; além de homens treinados para o combate e armas sofisticadíssimas para isso.”

Colocou as duas mãos juntas em frente ao pescoço, meio que apoiadas no queixo e pediu: “Não divulguem a mais

ninguém o que encontraram e nem utilizem de maneira desregrada, nós não vamos poder vigiar em físico este local e também não vamos poder contar com as autoridades. Sentindo-se ameaçados com a perda do objeto, os nazistas vão enviar expedições para resgatá-lo e nem nós nem ninguém vai poder impedi-los. Só existe um meio de evitar que isto aconteça: *mantendo segredo de sua descoberta, e limitando esse conhecimento aos que estão neste salão*. É o que vos peço!”

Ficamos todos quietos, emocionados pelos fatos narrados sobre um passado não tão distante.

Alfredo tomou a palavra e deixou claro a todos que assim o fazendo não estávamos traindo os demais irmãos ou protegendo os nazistas. Estávamos protegendo a Lança Sagrada.

Submetido a uma espécie de votação todos concordaram. Alfredo voltou a falar e disse ter armado um esquema para descobrirmos a frequência de uso do local, dias datas e locais que os nazistas visitavam no espaço sideral.

“A direção da lança é controlada pelo nosso planeta por força do sistema de rotação e translação, como minha amiga aqui presente gosta de dizer eles devem utilizá-la apenas para pesquisar novos planetas. Para aqueles lugares onde já estiveram eles não tem a mínima necessidade de utilizá-la; assim não devem utilizar muito. Mas isso não significa que não devemos tomar cuidado.”

Romilda pediu para acrescentar alguma coisa. Alfredo fez sinal que prosseguisse:

“Eles também não têm necessidade alguma daqui para levar a um possível planeta novos projetores, para isso basta ter um número de doze projetores que estiveram lá anteriormente e envolver o passageiro. Funciona entre pontos na terra e, embora sem comprovação, com certeza dá certo entre planetas ou mesmo entre galáxias. O princípio é o mesmo!”

Alfredo falou sobre o plano de manter um projetor de vigia no ponto de aceleração, próximo à superfície 24 horas por dia.

“O feixe de luz será perfeitamente visível e tendo a hora exata não vai ser difícil descobrir qual o lugar escolhido pelo viajante astral.”

Explicou também que nosso grupo sendo formado por 12 pessoas, cada um cumpriria uma jornada diária de 2 horas. E que sendo eu o único do grupo com dificuldades de controlar a separação consciente tiraria turno à noite e seria ajudado por Romilda.

“O plantão começa amanhã e a escala de horários será montada o mais rápido possível e informada a todos.”

Tudo ajustado o negócio agora era matar a curiosidade dos presentes e subimos todos em círculo até quase a superfície e ao redor do tronco. O consenso foi pela autenticidade da relíquia e que um teste deveria ser feito hoje mesmo, com todos os riscos que isso pudesse implicar.

Perguntei a Alfredo se ele iria mesmo “Coisa *Djou* é comigo mesmo *brô?*” Tive que pensar que a resposta foi um sim porque ele desapareceu em seguida, mas na verdade não entendi bulhufas.

Era dia de lua cheia e podíamos vê-la bem posicionada em cima da árvore, exatamente na mira da lança. Este seria com certeza o alvo para Alfredo, não era hora de escolhas, e talvez nenhum de nós quisesse outro como alvo inicial.

Um clarão passou no meio da árvore e desapareceu no espaço acima de nós qual um raio terra-nuvem.

O tempo máximo para retorno tinha sido previamente estabelecido em 5 minutos e o ponto de encontro no salão. Alfredo não brincava em serviço e como ele mesmo dizia até o *surf* prá ele era coisa séria.

Novamente descemos e nos posicionamos em círculo no salão deixando um grande espaço vago ao meio. Como disse Romilda, a recepção tem que ser em grande estilo.

“Estou com as pernas duras, me desculpem!” Foi o grito de vitória do primeiro surfista espacial.

“Aloha!” Romilda fez uma expressão de alívio.

“Como foi?” Eu quis saber.

“Gringo!”

Romilda perguntou como era a lua.

“Estou prá te dizer que não sei, fiquei de lá olhando a terra a maior parte do tempo. A lua é deserta, sem vida, a vida está aqui, mas foi fantástico. Mas a lua é o que menos importa agora, importante é que vamos poder comprovar a *Ordem de Micah!*”

Eu não sabia sequer que existia essa tal ordem, muito menos o que era ou o que significava, mas naquela hora não deveria ter ninguém com paciência para me explicar. Continuei calado.

Experiência feita era hora de voltarmos para casa. Todos. E foi o que fizemos. Não queríamos correr mais riscos de sermos pegos ali.

Apenas ao acordarmos nos demos conta que aquele dia era dia de pagamento na fazenda e dia de compras do pessoal, portanto, folga; serraria parada e só plantão no gado. Sem nada especial para fazer e nada programado com antecedência, convidei Romilda para uma pescaria. Gostava da paz e da tranqüilidade na barranca de um rio; dessa vez meu eterno companheiro não foi convidado. Queria pensar e apenas ela podia me ajudar com isso.

Nem bem chegamos à barranca do rio coloquei Romilda a par do que pretendia, ela aprovou a idéia e o local. Amava a tranqüilidade, não se importava com a pescaria; eu sim!

– Tal como num sonho, as recordações das incursões ao astral são falhas, muitas das vezes faltam pedaços importantes. Um lugar tranqüilo pode trazer de volta passagens esquecidas, mas que estão guardadas aqui dentro.

– Ela comentou, batendo com um dedo na cabeça.

Fogo aceso, anzol na água e fui falando:

– Lembrei da fala de uma mulher em um canal de televisão, num desses encontros com Ate tinha uma televisão ligada em um apartamento ao lado, falava que era difícil cortar uma linha esticada e que quanto mais esticada mais difícil. - Soltei a trava da carretilha e deixei a linha bamba perto de Romilda - Passe essa faca na linha. - Pedi.

Romilda pegou uma faca que lhe entreguei e por três vezes tentou cortar a linha sem sucesso. Quando fisgou o primeiro peixe, um dos grandes, a linha tinha, assoviava. Forçando a ponta da vara envergada até próximo a Romilda pedi que tentasse novamente. Nem bem triscou na linha e lá se foi nosso peixe.

– Qual é a sua? Fácil, fácil; até uma criança faz isso!

– O que disse?

– Que é fácil!

– Não, a outra parte.

– Até uma criança faz isso?

– Exatamente isso!

Enquanto enrolava a linha de volta não pude deixar de lamentar a perda:

– Espero que não tenha mandado embora nossa única opção de almoço.

– Parece óbvio, a tensão é o apoio! - Romilda desconsiderou o comentário e voltou ao assunto.

– Sim! Qualquer pescador sabe disso, e os pára-quadistas também, por essa razão eles têm medo de linha com cerol; já houve muitos casos assim.

Expliquei a ela o que me chocava em um caso tão sério, e era isso que parecia ser aquele, eram pessoas sem conhecimento algum se darem ao luxo de fazer comentários como se estivessem dando informações técnicas. E que outros, que com certeza sabiam serem falsas, ficassem quietos apenas pela conveniência de aquilo endossar sua tese.

– Isso é manobrar a opinião pública em minha opinião. A maioria das donas de casas não pesca e muito menos são pára-quadristas! - Afirmei indignado, continuando - Linhas esticadas não cortam mais fácil porque pessoas são culpadas ou não. É lei de física... só isso. O culpado... ou culpados, se existirem e seja lá do que for, têm que ser procurados de outra forma; não vai ser distorcendo conceitos da física que vamos encontrá-los; ao menos não os verdadeiros culpados.

– Você tem razão! Ao menos quanto à linha esticada! Isso você pegou de Ate?

– Para dizer a verdade não sei! Acho que não, os pensamentos não viriam dessa forma, eu acho.

– Cuidado, do outro lado, no astral, o tempo não corre de maneira linear igual aqui, é circular! E embora não nos seja dado ver o futuro, podemos trazer impressões dele captadas de maneira aleatória. Todo cuidado é pouco para não misturar o tempo real com o tempo futuro, daquele que ainda não aconteceu, mas vai acontecer; das variantes possíveis se tudo fosse diferente. É uma das formas de premonição!

Enquanto falava substituí o anzol e a linha perdida, coloquei a isca e lancei de volta na água. Um ótimo arremesso; não pude deixar acrescentar - É isso aí, vamos lá peixinhos, o convite para o almoço está na água.

Romilda balançou a cabeça achando graça da minha vibração. Não levei a sério, só pescadores entendem.

Ia começar um novo fato quando a linha esticou e pude sentir a pressão na carretilha que começou a soltar linha rapidamente - Esse é dos grandes! - E era. Quase dez minutos de luta entre o peixe e eu. Um tucunaré de dois quilos; com os acréscimos de pescador.

Agora tinha que tratar o peixe, Romilda quis ajudar; recusei - Na barranca de rio só homem prepara peixe. - No estilo ribeirinho, para comer no trisca, tudo se resumia em tirar a barrigada, abrir o bicho e colocá-lo sobre as brasas.

– Está ótimo! - Romilda falou enquanto com as mãos molhava mais um pedaço de peixe no limão, no sal e na pimenta. Adorava as coisas o mais simples e o mais natural possível.

O restante do dia foi banho de rio, risadas e sexo. O banho foi com roupa mesmo, tinha contado a ela sobre os candirus e sua preferência e facilidade para penetrar buracos. Ela preferiu não arriscar. Uma pena!

CAPÍTULO 14

Os peixes trazidos da pescaria foram o prato principal do jantar, desta vez Romilda tomou conta da cozinha e os preparou com uma mistura de algumas ervas onde predominava o alecrim, ficou delicioso; arroz e feijão foram mandados do refeitório pelo cozinheiro. Naquela região o cominho é bastante utilizado e você acaba se acostumando com aquele sabor; nada melhor que variar de vez em quando.

Na manhã seguinte resolvi deixar a fazenda por conta do pessoal e nós fomos fazer compras em uma cidade próxima; por comodidade fomos de avião, uma vez que ela pretendia comprar apenas coisas para a casa.

Passamos o dia em Cameté onde Romilda não cansou de admirar a arquitetura das casas e igrejas e compará-las com a cidade histórica de Parati.

Sendo uma região chuvosa, principalmente no período do final de ano, resolvemos antecipar nossa volta e às quatro da tarde pousamos na fazenda.

Alfredo tinha feito contato e nosso turno em Akakor ficou definido entre meia-noite e quatro da madrugada; eu cumpriria as duas últimas horas.

Fui render Romilda exatamente no horário combinado: “Nada?” Perguntei a Romilda assim que cheguei, achando estranha a posição dela sentada em uma enorme raiz daquele angelinzeiro; não era comum a dois metros de profundidade na terra.

“Nada de nadinha!” Foi o único comentário sobre o assunto. Dava ares de preocupação e não conseguiu esconder seu descontentamento quando voltou a falar: “Alfredo me disse que você pretende visitar o Egrégora após terminar seu turno e que dispensou toda e qualquer proteção desta vez. Isso é arriscado!”

“Consegui bloquear meus pensamentos totalmente, Ate não pôde captá-los uma só vez!”

“Mas você quase perdeu o controle da situação se envolvendo nela!”

“Um erro que não vou mais cometer, fique tranqüila. Ademais com essa vigilância todos os demais ligados a nós estão com o tempo bastante tomado. Veja você, por exemplo, afastou-se do seu trabalho; sei o quanto lhe é importante.”

Ela gostou da minha preocupação e corrigiu-me:

“Eu não me afastei seu bobo, apenas troquei o lugar de atuação. Agora dedico meu trabalho aqui, vou influenciar líderes comunitários locais, instruí-los, formá-los para serem e vigiarem políticos e funcionários públicos. Aqui não há miséria, no sentido real da palavra, mas o índice de desenvolvimento socioeconômico é muito baixo. Vou ajudar melhorar isso, você vai ver!”

Tinha certeza que sim, afinal era uma idealista por natureza.

“Vá descansar um pouco, eu dou conta do recado aqui!”

“Até parece, vou ficar ao lado da cama igual à outra vez, fiz contato com o Luiz, lembra dele, ficará no astral; vai me ajudar. Ao menos você vai ter um mínimo de proteção e não adianta reclamar!”

Eu sabia que não, por essa razão fiquei na minha; afinal proteção nunca é demais.

Pouco antes do final do meu turno chegou Alfredo. Isso de me colocarem em meio a dois experientes e confiáveis projetores foi proposital, não queriam correr o risco de, inconscientemente, eu perambular no astral qual um sonâmbulo e o posto ficar a descoberto; o que pode ocorrer com certa frequência aos iniciantes.

Com a chegada de Alfredo eu estava liberado, antes de partir ele aconselhou “Sentindo-se ameaçado volte para Akakor, no salão, não aqui. Os pensamentos emanados pelo Egrégora não

poderão atingi-lo quando estiver lá, ele é forte e Romilda e Luiz sozinhos não poderão fazer nada para te ajudar; mas ela é teimosa.”

“Que ela é teimosa eu sei, mas sua preocupação maior comigo é por estar gostando de mim; dava para notar.” Pensei apenas para mim mesmo enquanto me despedia. “Não vou esquecer seu conselho, pode crer.”

Ate me recebeu com frieza dessa vez, não queria falar e até evitava me olhar.

“O que foi Ate?”

“Estou fraca, enfraquecendo cada dia mais. O caso caiu no esquecimento mesmo, minha única esperança agora é o julgamento dos dois!”

Pensei comigo mesmo que se ela estava fraca, esse era o momento certo para atacá-la, só não sabia como.

Foi aí que me toquei, Ate falou em um julgamento. Isso significava novo envolvimento da mídia. “Se Ate esta ansiosa, os meios de comunicação em massa devem estar mais ainda; dependem dos índices de audiência. Quanto mais audiência, mais caras as inserções, mais lucro. Uma boa tática de guerra é cortar o fornecimento de suprimentos ao inimigo! Funciona na guerra deve funcionar aqui também!” Pensei. O problema era como fazer isso.

Ate não estava faladeira e isso me dava tempo para pensar, mas por mais que me esforçasse sempre voltava a estaca zero; resolvi ficar invisível para ela e continuar quebrando a cabeça. Os motivos eram muitos, o inimigo era forte, bem aparelhado e com imensa disponibilidade financeira:

“Tá mal!” Conclui meio desanimado por não chegar a nenhuma solução.

“Mao”

Foi como num flash “Técnicas de guerrilha!”

Rapidamente repassei em pensamentos ensinamentos teóricos. “As sete regras essenciais chinesas... e ainda posso acrescentar uma de origem soviética. Como estava me

esquecendo... Lawrence... nesse caso em especial não pode ser esquecido nunca.”

Listei mentalmente:

“Estabelecer uma ligação íntima com o povo!”

“Recuar quando o inimigo atacar!”

“Fustigá-lo ao máximo!”

“Atacar quando o inimigo recuar?”

“Estratégia do um contra cinco!”

“Tática do cinco contra um!”

“Logística: Tudo tomado do inimigo!”

“Grande Mao-Tse-Tung” Não pude evitar o comentário antes de prosseguir:

“Impedir a repressão, dissuadindo à população de informar e ajudar o inimigo; terrorismo sistemático contra os diretamente beneficiados pelos resultados financeiros.”

“Estender ao máximo em superfície!”

O problema é que para fazer tudo isso eu precisava do Egrégora, somente ele mantinha conexões com os milhões de pessoas envolvidas. Foi nessa hora que resolvi juntar táticas de guerra com táticas de guerrilha. Precisava da mídia para cortar a alimentação do egrégora e do egrégora para calar a mídia. *“Empregaria táticas de guerrilha também contra o Egrégora!”*

Ligação íntima seria o primeiro passo. Voltei a ficar aparente.

“Ate os culpados da sua situação são essas pessoas que não te entendem, você os apoiou, incentivou, alimentou-os com seus pensamentos; até tirou de um para dar a outro. E o que recebeu em troca: o esquecimento, o abandono à própria sorte; à morte!”

Ate reagiu violenta “Isso nunca, eles vão ver!”

“Ate, escuta-me, você não pode embaralhar pensamentos nem emoções, mas pode cortar partes não? Muitas das vezes você me passava apenas pequenos trechos e se limitava ao auge da raiva e do ódio!”

“Sim, isso é fácil!”

“Escute isso: “Xingou meus filhos, deve ter batido neles quando eu não estava; se eu deixar vai matá-los. Tem esses pensamentos?”

“De monte!”

“Acrescente a eles um ódio mortal, isso você também deve ter de sobra, e devolva a cada um dos que te formaram.”

“Ódio! Tenho sim! E vai ser um prazer fazer isso, afinal é a minha função!”

“Faça isso a cada segundo, sem parar, até que nos encontremos novamente.”

Voltei a me tornar invisível a ela.

Com isso pensei em disseminar uma sugestão subliminar poderosa o bastante para causar intriga entre milhões de famílias. *“Vão experimentar um pouco do próprio remédio! Só que agora em dose cavalari!”*

No meu plano rapidamente elaborado, assim que começassem os desentendimentos e brigas nos lares atingidos, os meios de comunicação começariam dar cobertura.

Romilda podia me dar uma força sugestionando os repórteres da existência de uma desagregação familiar generalizada e em franca expansão no país e até em alguns lugares do mundo. *“Ela só precisa acender o estopim, a explosão eles mesmo fazem!”*

Contando com os duzentos membros da irmandade instigaremos pessoalmente familiares de jornalistas, repórteres, redatores, editores, diagramadores, produtores, editorialistas, articulistas e até motoristas. *“A vida familiar de cada um vai se transformar num inferno!”*

Quando a mídia em peso estiver envolvida, como se diz, jogando mais gasolina no fogo, convengo Ate a parar com o envio da mensagem subliminar. *“Mas manteremos nossa influência pessoal junto aos responsáveis pela mídia!”*

Em cada casa, em cada lar e em cada família, livres da influência de Ate, a paz vai tender a voltar. As esposas vão

perceber que o marido não é o diabo que estava se apresentando a ela, o mesmo acontecendo com eles em relação a elas.

Vendo a perda de interesse no assunto a mídia vai recuar; se aquietar. Em pouco tempo vão perceber que só persiste degradação familiar em suas próprias casas, mas não vão divulgar; o espírito de corpo vai impedir que isso aconteça.

Quando o grosso das brigas estiver restrito aos integrantes da mídia convenço Ate a voltar a enviar as mensagens. As brigas vão recomeçar por todo canto.

“O pandemônio vai voltar em todos os lares, mas desta vez um vai culpar o repórter que mora ao lado por viver em brigas, outro um amigo que trabalha numa TV ou numa rádio e assim por diante; terminado por envolver a mídia como um todo, mas aí desacreditada aos olhos da opinião pública.”

Lembrei também que todos da irmandade deveriam coletar informações sobre a movimentação dos órgãos de comunicação. Isso seria utilizado em boicotes e sabotagens, como suggestionar um eletricista a cortar a energia de determinado lugar, vândalos a provocarem um curto circuito na rede elétrica ou mesmo fazendo um motorista errar o caminho para determinado lugar ou inconscientemente provocar um acidente de trânsito.

Outros meios deveriam ser usados paralelamente, como desestimular pessoas a dar entrevistas, impedi-las de fazê-lo, ou mesmo fazendo com que as entrevistas virem um vexame. Também fazer com que as pessoas evitem a *aparicidariidade* diante das câmeras de TV esvaziando os locais onde tiverem captando imagens. *“Derrubamos helicópteros se preciso for!”* Confesso que essa idéia não me agradou porque provocaria a destruição de ótimas aeronaves que poderiam ser mais bem empregadas.

“Por fim, fazer com que isso se estenda por todos os cantos possíveis.”

“E o mais importante, causar toda sorte de prejuízos às emissoras de TV, rádio, jornais e revistas que teimarem em

manobrar a opinião pública com sensacionalismo barato. Só vão escapar as que retratarem a verdade nua e crua, mostrarem sempre as duas faces da moeda, deixando o povo formar conceito próprio; mesmo que isso não incremente a audiência.”

Achei que o plano estava bom, à falta de outro seria este mesmo a ser empregado, eu trataria de convencer os demais. Tornei-me visível a Ate novamente.

“Você sumiu de repente!”

“Tive problemas, mas já estou de volta. Como está indo no envio das mensagens?”

“Já repeti milhares de vezes, estou me sentindo mais forte, o retorno foi xingamentos de todas as espécies, centenas de brigas, alguns espancamentos e até uma ameaça de morte!”

“*Espero não ter exagerado.*” Pensei bloqueando o envio de pensamentos a Ate. Decidi que não ia parar, afinal o que estava acontecendo respeitava o princípio do carma “*Quem planta vento colhe tempestade!*” Incentivei Ate a continuar e avisei que voltaria tão logo fosse possível.

Quando retornei ao corpo físico Romilda estava mesmo ao lado da cama acordada, resolvi fazer o mesmo.

– E aí, como foi?

– Um momento. Obrigado Luiz, está dispensado.

Fiz uma espécie de continência ainda deitado na cama, mas muito bem acordado; essa noite não queria nenhum *voyer astral* por perto.

– Excelente!

Respondi à pergunta, excitado e radiante com minhas próprias idéias; não podia e nem queria disfarçar. Puxei-a para a cama, tirei por cima da cabeça sua túnica, e o resumo da missão daquela noite ficou limitado àquela única palavra. Excelente, em todos os sentidos.

Quando paramos o único pensamento que me tomava conta da cabeça era dormir, o dela também; acho!

Durante boa parte da manhã expliquei a Romilda meu plano. No começo ficou receosa daquilo terminar numa tragédia generalizada, ela conhecia bem a força de Ate e com certeza tinha mais detalhes do caso do que eu. À falta de melhores opções resolveu ouvir o que Alfredo achava de tudo isso; depois consultaríamos nosso grupo e então iríamos submetê-lo à aprovação da irmandade. Explicou que era necessário que assim o fosse para obtermos a cooperação de todos. Omiti propositalmente o fato de já haver desencadeado a ação. Ia colher resultados e usá-los como força de argumento na assembléia que com certeza iria ser formada e à qual Adelle estaria presente sem sombras de dúvidas.

Quando voltei dos afazeres no campo fui comunicado que Alfredo havia concordado e dispensado uma consulta prévia ao grupo, achava uma decisão muito importante para ser tomada por uns poucos; essa também era a posição de Adelle. A assembléia foi marcada no salão de Akakor ainda naquela noite; todos haviam sido avisados.

Romilda explicou que não precisávamos nos preocupar com os nazistas em casos de visitas individuais, reuniões e assembléias em Akakor, isso estava sendo feito há muitos e muitos anos e deviam estar acostumados a ela. Além do mais, no assunto a ser tratado não existia nada de interesse daqueles apátridos.

No horário marcado para assembléia chegamos ao salão e como era de esperar mais de duzentos projetores estavam no local. Com a chegada de Alfredo e Adelle um círculo foi formado, em seguida ele se juntou ao nosso grupo e Adelle permaneceu sozinha no centro.

Cumprimentou a todos e agradeceu a Alfredo por permitir que ela falasse diretamente a todos os presentes. Começou dizendo da importância de se tentar demolir um egrégora, não somente por aquele para o qual havia um plano arquitetado, mas também por tantos e tantos outros mais. Explicou que sabia, como

todos nós, de egrégoras que se dissolveram ao longo do tempo, fadados ao esquecimento e à desmotivação dos que o criaram.

“Isso leva tempo, tempo demais, e quando acontece na maioria das vezes o mal está feito de modo irreparável.” Entretanto, lembrou, que até onde tinha conhecimento, seria a primeira vez que deliberadamente e conscientemente se tentaria fazer com que um egrégora se dissolvesse.

“Dissolvido o Egrégora a influência da mente coletiva que os move é desfeita e qual na turba incontrolável, quando dissolvida, os pensamentos individuais afloram e cessa a irresponsabilidade e a inconseqüência dos atos.”

Em um giro olhou acima de todas as cabeças e continuou:

“Sei que nenhum de vocês esta pensando não ter nada com isso! O problema é a acomodação e esperar que as coisas se resolvam por si mesmo; ou pior, esperar que os outros cuidem delas. Todos sabem da Segunda Guerra Mundial - isso não é novidade alguma - o que talvez vocês não saibam, é que no gueto de Varsóvia, com quatrocentos e quarenta mil judeus nunca houve uma reação que pudesse ser taxada como tal; a regra era a passividade! Esperavam por um milagre, o fim da guerra, alguém para salvá-los. Quando foram evacuados para o campo de extermínio de Treblinka, noventa e nove por cento dos judeus que chegavam eram mortos nas duas horas seguintes; esse foi o preço do não fazer nada quando podiam ao menos tentar. Num levante quatorze mil judeus morreram causando apenas dezesseis baixas aos nazistas. Derrota? Não! Seis milhões de judeus foram mortos em campos de extermínio e aqueles quatorze mil foram as únicas baixas em combate e que de fato contribuíram para o esforço de guerra; portanto, uma batalha vitoriosa.”

Adelle girava enquanto falava de maneira que uma hora ou outra estava olhado em sua direção. “Contei esses fatos para lhes dizer que não podemos ficar esperando que tudo se resolva por si mesmo. Vamos à luta, vamos fazer nossa parte do

esforço de guerra para derrotar esse egrégora. *A população vai estar conosco e vamos vencer!*”

Daí para frente Alfredo se juntou a ela e explicou em detalhes o plano esboçado por mim para dissolver o Egrégora. Ao final, todos concordaram e prometeram juntar esforços para chegarmos ao objetivo. Qual tática de guerrilha, cada um escolheria por si mesmo seus alvos.

“A desproporção numérica pode passar em muito cinco deles para um nosso. Arranjem-se em grupos de cinco, ataquem sempre em cinco contra um. Adelle, Romilda, Luiz, Vinícius e eu formamos um grupo. Como tarefa extra Vinícius, em especial, fica incumbido de Ate; nós com a proteção, o Egrégora vai ficar fortalecido e não queremos correr riscos desnecessários.”

Alertou a todos que escolhessem os profissionais de mídia mais importantes primeiro e acrescentou:

“Atirem primeiro nos oficiais!” E continuou: “Sempre quis dizer isso” Gesticulou com o dedo em posição de disparo, deixando vir à tona seu ar moleque para logo em seguida retomar a seriedade.

“Algumas dicas: localizem o caixa dois das empresas e entreguem aos fiscais não corruptos e façam vazar informações sigilosas aos que tem coragem para divulgá-las. Lembre-se que as duas maiores empresas de mídia do país - *ficam numa disputa de comprarem os melhores e mais caros jatos executivos* - onde é sempre usado o dinheiro do povo; uma, com o diretamente arrecadado deles por meio de *doações* e, a outra, com o repassado *via empréstimos* por nossos governantes. Sinceramente, não sei o que é pior.”

Qual Adelle fez um giro completo olhando a todos e continuou:

”Uma boa tática a ser empregada pelos diversos grupos que serão formados é a emboscada. Sim! Emboscada! Emboscada!”

Repetiu por duas vezes seguidas a palavra antes de continuar:

“Não aquela de ficar atrás de um toco por uma semana comendo rapadura e com uma arma na mão. Estamos lidando com a mídia e estou me referindo a emboscada a eventos.”

Deu uma pausa aguardando a assimilação “Vou dar dois exemplos: Em noventa e quatro, na Copa do Mundo de Futebol nos Estados Unidos a Kaiser comprou as quotas de patrocínio das transmissões da Rede Globo de Televisão, a Brahma, marca concorrente, investiu toda a sua verba uniformizando torcidas organizadas e oferecendo material promocional ao redor dos estádios onde acontecia o evento esportivo – o dedo do slogan *a número um* – enormes, com duplo sentido – *seleção número um e cerveja número um* – facilmente aceitos foram vistos com a enorme torcida nos jogos da seleção brasileira; resumindo, a Globo teve que cortar jogadas onde eram vistos os materiais da emboscada prejudicando o telespectador. No outro exemplo, em 2007, a Procter & Gamble executou uma ação de emboscada onde várias pessoas contratadas passaram livremente pela Festa de San Gennaro com a camiseta branca toda lambuzada de molho de tomate; nas costas da camisa aparecia a mensagem: *Manchou? Ariel?*”.

Enquanto Alfredo dava uma pausa, muitos - *que nunca tinham ouvido falar nesse tipo de emboscada* - comentavam com o amigo ao lado. Quando ele voltou a falar a idéia já tinha sido assimilada por todos.

Depois sugeriu que, em qualquer evento relacionado ao caso e coberto pela mídia televisiva, se instigasse o uso de cartazes com dizeres simples:

“Exploradores da Desgraça”

“Jatos de Lágrimas”

Explicou também que as mensagens deviam ser simples, objetivas, e que o provável corte na transmissão não iria afetar em nada o que se pretendia.

“A mídia exclusivamente falada e a escrita que não tem vínculo com as emissoras vão dar destaque ao fato. Isso é o que importa.”

Os questionamentos foram poucos e solucionados, Alfredo marcou uma nova reunião para dali a uma semana com mesmo local e horário. Todos foram liberados.

Cada um voltou ao seu lugar de origem ou aos seus afazeres como de praxe e eu, depois de tranquilizar Romilda, voltei ao Egrégora.

Ate estava disposta, forte, falante, com a pele mais rosada – *e isso era possível* – uma vez que eles empregam instintivamente na aparência seu estado interior.

“Você é o máximo cara. Teve briga de enfrentamento por causa de posições contrárias; várias!”

“É isso aí, continue enviando as mensagens.”

Não queria atrapalhar o trabalho de Ate e na manhã seguinte eu precisava cuidar de meus afazeres, falar com minha filha ao telefone, resolver assuntos com Raquel e uma infinidade de outros. Decidi voltar a dormir.

Romilda acordou super motivada, informou que enquanto eu fui ter com o Egrégora ela foi visitar um repórter que deu larga cobertura à época dos fatos. Tinha localizado uma foto recente da mulher do cara com um *amiguinho* e que estava escondida dentro de um livro; em sonho projetou o livro e a imagem da pessoa envolvida “Foi fácil, ele já devia ter desconfiança, levantou foi até a estante folheou o livro e encontrou a foto; o quebra-pau começou na mesma hora, quando saí a coisa ainda estava fedendo!”

Avisou também que havia conversado com os demais do nosso grupo e que haviam decidido manter-me afastado do caso em si para evitar que vindo a saber fosse nele envolvido de maneira negativa e ficasse vulnerável a Ate. Explicou “Tudo tá correndo tão bem, não devemos arriscar.”

“E eu, o que vou fazer, Ate esta fazendo o trabalho dela e não há nada que justifique eu ficar indo lá, temos que dar um intervalo de uma semana; pelo menos!”

“Ataque as emissoras de TV, descubra uma coisa errada de uma e entregue à outra e vice-versa.”

Gostei da idéia. Faria isso, estava decidido.

CAPÍTULO 15

Tão logo deu dez da manhã eu aproveitei para fazer uma ligação para minha filha, queria saber como estava passando e sobre suas atividades no dia a dia.

Ela estava mesmo ansiosa para falar e contou que tinha ido ver uma escolinha e que adorou; tinha muitos brinquedos e a professora, Tia Maria, era muito engraçada.

Falou também que a mãe andava muito nervosa, implicava com tudo e brigava a toda hora. O que, por certo, era fruto de sua nova situação, principalmente a financeira.

Contou que a Tia Sílvia tinha brigado com o Tio Rodrigo e que eles tinham ido embora do hotel.

Essa última informação era preocupante porque podia ter alguma relação comigo, mas cheguei à conclusão que eu era apenas mais um; se algo ocorreu com relação a isso o foi ou seria por qualquer homem envolvido, não necessariamente eu.

Fiquei sabendo do apartamento que a mãe tinha escolhido e que lá tinha playground, mas não tinha piscina. Disse também que a mãe falou que o dinheiro era pouco para alugar um com piscina.

“Melhor assim!” Pensei acrescentando “Fico mais tranquilo dessa forma.” Sabia que Marisa era bastante espoleta e que a mãe teria que trabalhar. “Nesses casos as crianças acabam ficando por conta dos funcionários do condomínio.”

Adorei saber que mudariam na semana seguinte.

Tinham feito compras e ela havia ganhado um montão de coisas novas. O quarto dela era todo em cor rosa, até a cama e os armários.

– Pai até a televisão é rosinha!

Depois de quase vinte minutos de relatos bastante minuciosos para a idade dela resolveu desligar. Informei que precisava falar com a mãe dela e que iria ligar no outro celular.

– É melhor mesmo, senão acaba com a bateria do meu!

Respirei fundo por duas vezes seguidas e disquei o número do celular de Raquel.

Não precisei esperar muito.

– Raquel

– Sou eu! Preciso saber quanto custou as coisas que compraram, para fazer a transferência do dinheiro.

– Tudo ficou em vinte mil, dezenove e quinhentos para ser mais exata, mas faltam algumas coisas ainda; muita coisa eu paguei com dinheiro que eu tinha na conta, mas tem muita coisa ainda para pagar.

– Tá certo! Amanhã vou à cidade e faço a transferência para sua conta.

Na hora me passou pela cabeça por que não fiz isso ontem; porém, de avião em duas horas eu ia e voltava e eu adorava voar.

– É o que dá não ter internet aí na fazenda!

Raquel aproveitou para alfinetar.

Internet de fato era uma coisa que ainda não tinha na fazenda, mas poderia; embora eu ainda preferisse fazer tudo diretamente no banco. Até por que sabia como era fácil pegar senhas na Internet “Operações com o cartão fica mais difícil!”

Por essa e outras razões concluí por continuar utilizando o cartão para as operações bancárias.

Não pude deixar de pensar que um programinha fácil podia resolver tudo: no teclado virtual três setas ou três mãozinhas numeradas ou coloridas tipo vermelho, azul e amarelo, posicionadas de forma a obedecerem ao mesmo espaçamento dos números na tela, e o operador pudesse escolher com antecedência qual seria a verdadeira; resolveria esse *e o problema de controle remoto da tela*, de câmeras secretas instaladas no ambiente... ou de olho comprido no astral ou no físico.

– Até então vou continuar utilizando o cartão!

Continuava achando mais seguro.

“Ademais, em casa na obra tem Internet, e só servia para Raquel ficar pendurada nela o tempo todo.” Pensei, podendo entender agora os reais motivos.

Ainda bem que a conversa limitou-se a questões financeiras e foi encerrada tão logo se fixou os valores, a forma e o dia da remessa. Desliguei o telefone “Graças a Deus, assunto encerrado, daí para frente só a pensão da minha filha, os gastos dela ficam por conta do outro; ou do capeta!”

Romilda se aproximou quando encerrei a ligação, era bastante discreta nessas questões.

– Têm um tempinho para conversarmos?

– Desde que não seja o Egrégora, Lança Sagrada e Raquel; qualquer coisa.

– Não é! Compreendo como se sente! Você se viu envolvido numa situação que acredita ser nova para você, puro engano; não é!”

Explicou que a união dos irmãos começou no ano 46, relatou dados históricos, princípios e a nomenclatura teosófica.

– Você pertence à irmandade desde imemoráveis tempos, algumas passagens você pôde ver quando ligeiramente vasculhou seu passado. Ao longo dos tempos alguns irmãos se uniram com objetivos específicos formando novos seguimentos, você e eu inclusive. Porém, nossos laços com as origens continuam os mesmos. Agora, de posse dessas informações deve voltar a ele outra vez, com mais vagar, buscando restaurar a consciência dessa parte do seu Eu interior.

Alegando não poder falar mais, apenas mencionou que a Irmandade é guiada por doze mais um Irmãos, dos quais cinco nunca abandonam o templo etéreo e sete vêm ao mundo material quando necessário; atuam no corpo invisível e no visível, nesse último como pessoas comuns, com profissões e atividades normais, nada havendo que os distinga dos outros homens a não ser pela inteligência e cultura acima do normal. Completou seu relato

dizendo que o décimo terceiro permanece oculto do mundo material pelos outros doze. É o Chefe da Ordem mãe e adotou o nome simbólico de Cristão Rosacruz.

– Doze são as esferas necessárias para cobrir a décima terceira!

Isso me fez lembrar que eram também necessários doze projetores para transportar um *passageiro*.

Romilda terminou ali seu relato dizendo que eu teria que descobrir por mim mesmo. E que era necessário que o fizesse.

– Tudo está guardado no seu Eu interior é só deixar aflorar!

Aproveitei para tirar dúvidas e relatei o caso de Ate que quando tentei dar a mão para cumprimentar ela se afastou. Ao que ela respondeu que em astral - um ser para tocar em outro - ambos tem que estar em uma vibração idêntica.

– Tem que haver um querer de ambos os lados!

Completou.

– E a forma astral, ela pode tocar num corpo físico de outra pessoa?

– Pode! Os médiuns espíritas são um exemplo disso, mas os espíritos igualam suas vibrações com as do cavalo; como são tratados na Umbanda.

Lembrei e relatei a ela um caso que me intrigava a tempos. Meu pai, que ainda é vivo, apareceu para mim certa vez, eu estava deitado, porém, acordado e lendo uma revista com o corpo voltado para o lado de fora da cama. A projeção se limitava a uma cabeça cintilante projetada muito próxima à minha e era formada de pontos de luz que se moviam rapidamente, parecia zumbir; quando falou, sua voz alta e clara, e foi recebida diretamente dentro da minha cabeça. Num dado momento a aparição projetou uma mão de igual forma e a levou em minha direção com a nítida intenção de me tocar. Lembro de ter falado para que não me tocasse, não adiantou; ao ser tocado, eu levei tremendo choque e a visão desapareceu na mesma hora.

– É exatamente isso, diferença de vibração. Médiuns têm o dom ou o desenvolvem. Para os demais, ou aprendem a igualar a vibração ou não tem jeito não. Apenas uma exceção: nossa *Alma Gêmea*; essa vibra no mesmo tom.

Olhou para mim por um momento e completou

– E isso se os dois estiverem naquele momento, em astral, e com o mesmo estado de espírito!

Meio sem graça, contou que uma vez fui visitá-la em astral, estava em estado sonambúlico e falava o tempo todo da corrida de Fórmula 1, e que ela me levou em astral até o autódromo. Que ambos sentamos na lateral de um carro F1 que corria na pista; eu ria igual criança e que ela me segurou o tempo todo.

– O que acontece no transporte astral, como fizeram comigo para me levar a Akakor, e que disseram ser possível usar para viagens intergalácticas.

– Nesse caso, doze projetores se concentram para que seus corpos perispirítico abandonem a forma humana e adotem a de uma bola, por pensamentos também sugestionam a décima terceira, a que vai ser transportada, a fazer o mesmo. Depois a envolvem escondendo-a no núcleo. Nesse caso não existem diferenças vibracionais, as esferas possuem todas elas; no núcleo a mais forte e na periferia as mais sutis. Uma se liga à outra no ponto de coincidência vibratória.

Lembrou de um fato relacionado aos nazistas, com o grupo de doze, e como isso podia ter relação com Akakor.

Repetiu a fala de um Chefe de Inteligência das SS, Walter Schellenburg, e a cena que ele havia visto em um castelo usado para encontros secretos:

– Aconteceu que eu entrei acidentalmente no quarto e vi esses doze líderes SS sentados ao redor de um círculo, todos submergidos em profunda e silenciosa contemplação; foi de fato uma visão notável.

Deixou claro que o 13° podia ser o passageiro oculto. “Hitler?” Não pude deixar de pensar.

– Sol Negro!

Olhou meu ar de desentendido e continuou:

– Deutsche Ahnenerbe?

Sorriu ao ver-me boiando, mas não quis cooperar:

– Se não sabe, pesquise. É muito para eu te explicar

agora.

Sorriu novamente para mim com ares de brincalhona.

– Simples assim!

Brincou

– Como vê, tudo é muito novo, muito moderno e muito fácil. Tudo indica que até os nazistas sabiam usar; você também sabe, apenas ainda não recobrou essa faculdade.

– Até parece!

– E o é! Você vai ver!

– Espero que sim!

A aula terminou por ali. O restante do dia foi ocupado em afazeres do físico, até deitarmos após o jantar.

Conforme o planejado, naquela noite voltei a Akakor para cumprir minha parte na vigilância do local e fui informado por Romilda que não houve nenhuma movimentação estranha até àquela hora pelo menos.

Ela quis ficar comigo durante o meu período; queria me contar alguma coisa.

Sorri, achando que era apenas um pretexto para ficar mais tempo ao meu lado, mas não me importei; gostava do papo com relação aos assuntos do astral.

No entanto, o que ela me revelou era bastante importante “Descobri que a principal rede de televisão do país está usando na cidade de São Paulo um terreno que dizem pertencer a um órgão público. Sugestionei um repórter da rede concorrente para investigar.”

Contou também que, conforme foi informada pelos demais, a violência doméstica tinha aumentado em muito e que

todos os dias se vêem manchetes relatando novos casos por todos os cantos.

“Um irmão disse ter sugestionado um médico a relatar sua versão em livro, outro disse que o fez também com uma terceira pessoa e que também estava sugestionando que escrevesse seu ponto de vista.”

“Se a imprensa quer ser livre, a liberdade de expressão deve continuar sendo garantida. Os do povo têm a liberdade de expor seu ponto de vista, o promotor do caso é que não tem; esse deve expor somente as provas em que baseia sua tese; assim mesmo só no tribunal.” Afirmei.

Notei que estava ficando empolgado e procurei me acalmar e corrigir: “Se quiser tratar de ponto de vista pessoal, que primeiro se afaste do caso; venha para o lado dos do povo.”

“Liberdade de expressão é o direito de manifestar livremente opiniões, idéias e pensamentos. É um conceito basilar nas democracias modernas nas quais a censura não tem respaldo moral.” Ela devolveu.

Continuei achando que Romilda era uma espécie de enciclopédia ambulante, mas nada disse.

Ela avisou também que eu tomasse cuidado, pois estava muito perto de tomar conhecimento da realidade dos fatos, e isso iria me expor à influência do Egrégora; como todos.

Pouco antes das quatro da madrugada Romilda voltou ao sítio, ao menos disse que ia voltar.

Quando passei o turno para Alfredo retornei ao Egrégora.

Ate estava eufórica e desta vez o encontro foi na rua; forte, ela se dava ao luxo de vagar pelas imediações. Fiquei pensando o que iria acontecer quando toda força que desencadeamos a fortalecesse ainda mais.

“Meu salvador!” Aproximou enquanto fazia uma espécie de reverência à moda imperial; baixou cabeça e tronco enquanto colocava uma das mãos para trás.

“Parece animada!”

“Animadíssima! Recebo a cada minuto milhares de pensamentos novos, alguns reformulados e, os mais antigos, muito, mas muito mesmo, fortalecidos.”

“Fico contente que seja assim! Continue enviando as mensagens. Hoje também não posso ficar por muito tempo, mas voltarei em breve!”

Por dias todos cumpriram brilhantemente suas tarefas.

Dois meses se passaram desde então. Nesse período tudo avançou conforme o planejado e, infelizmente, algumas coisas não da forma como foram previstas; poucas em relação ao todo.

Ate fez divinamente bem seu trabalho voltado para o mal; o rebu estava instalado.

Nesse período eu consegui repor a consciência de parte do meu passado.

Romilda conseguiu que alguns funcionários públicos da região perdessem o emprego por corrupção; até alguns vereadores foram cassados.

Por outro lado, Raquel teve que vender o carro, estava com os cartões de crédito estourados; o *amigo* sumiu.

Naquela madrugada em Akakor quando me projetei no salão encontrei a irmandade toda formando um círculo à minha volta; Alfredo estava em posição junto aos demais.

No início não entendi a nova organização. Porém, me vi falando aos demais com desenvoltura, cumprimentando cada um não pelos nomes atuais, mas por aqueles nomes que usavam quando os conheci anteriormente; em vidas passadas.

Quando olhei para Alfredo mais de 10 nomes e fisionomias me vieram à mente; o mesmo aconteceu com Romilda. A cada um dos demais ali presentes, eu podia atribuir dois ou três nomes e rostos conhecidos.

“Seja bem-vindo!”

Foram os votos de todos, tal qual estivessem me vendo pela primeira vez. Estavam acostumados a essa abertura da mente; todos, indistintamente, haviam passado pela mesma fase em alguma etapa de suas vidas.

“É bom estar de volta!”

Eu agora não era simplesmente Vinícius e sim a comunhão de todos os *Eus* anteriores. Ao mesmo tempo me via na floresta, solto nela, na idade da pedra e por todas as fazes da história até os dias de hoje.

“Irmãos, é hora de destruímos o Egrégora!”

“Dali mesmo enviei uma ordem a Ate para que parasse de enviar as mensagens.”

“Sim! Amado mestre.” Meio brincando, meio aceitando, Ate apenas colocou um por quê: “Tá tão bom! Tenho mesmo que parar?”

“Sim!” Afirmei, enquanto continuava: “Eu estava certo no começo, não estava?”

Eu sabia que Ate não tinha pensamentos próprios, nem emoções, e havia descoberto que sua única vontade própria era a existencial; qualquer outra podia ser sugestionada.

“Não importa, estou forte mesmo!”

Silenciou.

Incrível, mas a todos pareceu que o mundo se aquietou; ao menos uma parte dele.

“Vão agora e tomem com vigor a segunda parte do plano e mantenham os envolvidos com a mídia sugestionados. Cinco contra um! Os grupos devem agir em conjunto; nessa hora mais do que nunca.”

Todos desapareceram ao mesmo tempo, eu inclusive.

Tudo virou rotina. Certo dia, acordados, Romilda e eu conversávamos sobre os nazistas e Akakor:

– Simplesmente nada! Anos e anos e nada!

– O que você acha?

Romilda me perguntou contando que minha nova fase me balizasse naquele entendimento.

– Não aparecer, algum fato novo os trará de volta. Pode ter certeza disso. Vamos continuar com a vigília.

Naquela noite voltei sozinho a Akakor para cumprir meu turno, havia muita coisa a ser feita, ninguém podia perder tempo, muito menos Romilda; fazia muito que confiavam em minha experiência.

Recostado numa raiz do angelinzeiro, posição que adotava na maioria das vezes, sempre a dois metros da superfície; exatamente na profundidade combinada com os demais, fui atraído por movimentação diferente no salão.

Dentro, uma bola de luz iluminava tudo de um azul cintilante. Abandonei a forma física e desci para lá. Agora podia ver exatas doze bolas de luz se desaglutinarem deixando ao centro apenas uma posicionada bem no meio do piso, abaixo do centro da abóbada; a décima terceira bola.

Cada uma das bolas de luz foi tomando sua forma física, todos trajavam uniformes nazistas; a suástica podia ser vista no ombro de cada um. Todos eram velhos, veteranos de guerra podia se dizer; a idade média devia passar de cem anos.

Ao centro, uma figura ainda mais velha, sua imagem projetada não lembrava ninguém, só se podia supor. E foi o que fiz:

“Hitler!?”

Em dado momento a confirmação, todos ergueram o braço direito com a mão espalmada na altura dos olhos “Heil Hitler” surgiu em uníssono com apenas uma voz dissonante “Mein Führer”, procurei gravar a imagem deste em especial; com certeza havia gravado as dos demais também.

A figura central levantou o braço da mesma forma “Sieg Heil” Logo mudou sua coloração para um tom esbranquiçado e começou a subir escoltado pelos outros doze projetores, num círculo perfeito à sua volta.

Acompanhei a certa distância.

Da mesma forma que aconteceu comigo e já havia visto acontecer com Alfredo, a figura central desapareceu num facho de luz.

“*Hitlergruß*” Comentei para mim mesmo enquanto procurava precisar a hora exata olhando o relógio que mantinha à cabeceira de minha cama; ao lado do corpo físico. Três horas em ponto.

Com a certeza de que Hitler nunca tinha estado antes em Akakor e que o tom esbranquiçado adotado pelo fantasma era a característica dos espíritos dos mortos; voltei ao sítio.

– Romilda, acorde, acorde.

Chacoalhei o corpo dela por alguns instantes antes que se movesse.

– Acorde.

– O que foi! Eu estava no meio de um trabalho!

Olhou para o relógio

– Abandonou seu posto! O que houve?

– Tem que me ajudar a procurar a posição dos astros em relação à Akakor às três horas de hoje, vinte de abril de dois mil e nove.

– O que aconteceu!

– O enterro no mar!

– Como assim, do que esta falando, o que tem a ver o enterro no mar?

– Estão enterrando seus projetores no espaço! Quer dizer, mandando-os para algum lugar no infinito.

– Repovoando planetas!

Romilda praticamente pulou da cama. Agora tudo fazia sentido para ela e para mim também.

– *New World Order*!

Não pude evitar a expressão.

– Precisamos de um mapa estelar! Sei quem pode conseguir isso para nós, mas só amanhã. Isso que dá não ter Internet!

Não sei por que, mas me recordou a Raquel.

Não pude evitar contar tudo, nos mínimos detalhes, independente do avançado da hora.

– Que dia você disse mesmo que era hoje?

– Vinte de abril! Por quê?

– O aniversário de Hitler, é hoje, cento e vinte anos!

Como é possível?

Lembrei-me de alguns documentários:

– Cientistas dizem que já está viva a pessoa que vai atingir cento e cinquenta anos.

– É... Drogas, um sistema de vida controlado, atenção nas doenças, sei lá. Eles fizeram muitos avanços nessa área, usaram de pesquisas monstruosas durante a guerra; mas fizeram avanços!

– Seja como for, estava vivo há alguns minutos atrás, depois eu sei que morreu; ficou esbranquiçado igual os desencarnados que costumamos ver. Só não sei por que Akakor, projetor ou não poderiam levá-lo a qualquer canto do universo que conhecessem. E devem conhecer e se utilizar dos poderes da lança.

– Não! Não podiam não!

– Como assim, fazemos isso a toda hora.

– Com vivos! Não com mortos! A Lei que rege um e outro lado da vida é completamente diferente; precisavam de Akakor; quer Hitler fosse ou não um projetor.

– Os doze projetores que fizeram o bloqueio inicial, mas só poderiam fazer isso enquanto ele estivesse vivo. Eles mataram o corpo numa hora exata, quando estavam em Akakor, depois, o lugar fez o bloqueio; mais um dos poderes daquele lugar que devemos investigar.

– Sabemos que aquele lugar bloqueia toda interferência externa, mas isso.

Ela parou um pouco como se fosse pedir alguma coisa, até que por fim decidiu:

– Posso eu mesma dar a notícia ao Alfredo?

Disse Romilda sem poder esconder a excitação gerada pela notícia.

– Lógico!

– Não se importa de me dar uma força, estou tão eufórica que não se vou conseguir pegar no sono.

– Tá certo! Mas tá ficando folgada!

Dei a bronquinha enquanto passava minha mão por sobre a cabeça dela. Dormiu.

Fiquei por alguns instantes meditando, sozinho com meus pensamentos, sabia que Romilda estava grávida e logo nasceria meu segundo filho.

CAPÍTULO 16

Assim que coloquei Romilda para dormir deitei e adormeci em seguida. Vi-me nova e inconscientemente projetado no salão em Akakor.

Sozinho, posicionado ao centro, não tive dúvidas, o inconsciente havia dirigido a ação. E se meu Eu Superior me trouxe de volta àquele lugar naquela hora o propósito só poderia ser um, buscar o destino de Hitler.

“Me leve para onde a Lança esta apontando!” Com esse pensamento em mente iniciei a subida rumo à superfície. No ponto mais ou menos esperado a súbita aceleração, a inconsciência seguinte, e a aparição em um local totalmente estranho.

Sabia que chegar a um planeta não significa ir diretamente ao centro industrial, tecnológico ou artístico do mesmo, mas onde eu estava definitivamente nada existia e nem parecia ser possível existir. Tudo não passava de um sistema gasoso escaldante; podia notar.

Subi muito acima do planeta, se é que era um, fora da camada gasosa que o envolvia. Se eu achava que o lugar onde estava era grande mudei de idéia quando vi o que estava à minha direita um planeta colossal em tamanho. Parecia uma enorme bola avermelhada deslizando no espaço.

Curioso, acompanhei por alguns instantes e deu-me a impressão que mantinha uma órbita lateral ao vetor percorrido por mim, dava a impressão de se afastar e aproximar ao mesmo tempo. Não entendi por quê.

“No universo de Nebadon há dez mil sistemas de mundos habitados e eu fui cair numa nuvem de poeira e gases.”

Não entendia o que Hitler teria vindo fazer naquele lugar “Um enterro no mar seria mais bonito!” Não pude evitar o comentário.

Olhei para baixo onde só existia uma bola que parecia fumaça densa. Resolvi voltar. Direto para a fazenda.

Quando acordei pela manhã Romilda já estava acordada e enquanto tomávamos café comentei o meu retorno involuntário a Akakor e a estranha viagem ao planeta desconhecido.

– Estranho!

– É... tudo é estranho mesmo, e tava pensando... até a despedida de Hitler foi bastante estranha... sem pompa alguma. Quase um tchau e pronto, lá foi ele. Parece que estava fugindo ou com pressa.

– É isso!

– Isso o quê?

– Pressa! Tinham um horário certo! Preciso!

Pegou um copo e apoiou uma caneta sobre ele, depois colocou uma laranja a alguns centímetros de distância. Ajeitou o copo de modo que a caneta ficasse apontando para a laranja.

– Veja isto!

Romilda rodou o copo um pouco no sentido anti-horário e deslocou a laranja para a direita. Depois voltou a falar “Nem era preciso tanto deslocamento, dada a distância existente entre os dois pontos basta um grau de diferença aqui atrás e o objetivo está perdido por milhões de quilômetros lá na frente.

– Isso significa que eu errei o alvo!

– Sim, por muito, muito mesmo!

Foi nessa hora que lembrei o planeta monstruosamente grande que passava ao lado; falando em distâncias astronômicas é lógico.

– Tava me esquecendo, quando subi acima do que achei ser a atmosfera do planeta vi um planeta enorme se movimentando lateralmente. Parecia mais um sol de tarde, vermelho; mas não era gasoso como aquele que eu estava.

– Esse sim pode ter sido o alvo de Hitler. Mais um motivo para conseguirmos uma cópia do mapa celeste.

– Eu estava pensando, se é assim como você explicou com o copo e a laranja, existem duas velocidades a serem consideradas e uma distância enorme entre os dois pontos.

– É... creio que conta também o movimento de translação da terra e a movimentação do alvo.

– Não é mais fácil perguntar ao teu amigo o que tinha acima das coordenadas daquele lugar? Usei meu conhecimento de piloto para sugerir.

– Sim, voltamos ao mapa astronômico acima daquele ponto, acho que ele pode conseguir isso; traçar um vetor do ponto Akakor ao ponto planeta X. Uma reta X, Y; quero dizer.

– Só está esquecendo uma coisa, não temos um ponto GPS para Akakor e acho que não vai ser fácil descobriremos.

– Creio que podemos primeiro procurar no Google Earth um valor aproximado, depois voamos para lá em seu avião. É possível isso não?

– Calculo que seja em torno de mil e quinhentos quilômetros, vamos voar o dia inteiro, mas é possível sim.

Romilda propôs irmos à cidade mais próxima onde tinha Internet e lá ela faria a pesquisa na qual estava interessada.

Ela queria fazer uma travessia de barco entre a fazenda e a cidade de Baião; queria conhecer o rio. Mesmo sendo apenas uma travessia, quase de margem a margem, levamos uma hora para chegar à cidadezinha e fomos direto a uma *lan house*.

Por sorte um dos micros tinha o programa *Google Earth* instalado e não demorou carregar.

Colocamos para procurar como Akakor e o resultado não podia ser outro; nada no Brasil. Apenas uma referência em Milão, na Itália.

– Descartada!

Falei para Romilda enquanto apontava um local na posição global.

“Vejam... eu acho que é por aqui assim.”

Acionamos o marcador de *waypoint* e anotamos as coordenadas do local 10°5'6,55"S e 61°11'17,62"W.

Verifiquei que se fosse mesmo ali eu estava certo, a medição apontava 1491 km.

– Oito horas de vôo!

Falei para Romilda que a viagem seria muito arriscada, muitas horas de vôo sobrevoando floresta densa; além do que teríamos problemas com combustível.

– Alguma solução?

– Triangular o ponto em astral a partir de lugares conhecidos; não vejo outra saída, mas isso vai ser bastante impreciso.

– Fazemos depois. Mesmo sendo imprecisa vou passar essas coordenadas ao meu amigo e vamos ver no que dá.

– Por que não telefona prá ele, quem sabe pode nos dar algumas dicas. Vai ver a gente tá perdendo tempo, somos totalmente leigos no assunto!

– Onde tem um telefone aqui?

– O posto telefônico é logo ali. Vamos?

Romilda fez a ligação e em instantes uma pessoa atendeu do outro lado da linha.

– João falando.

– João, sou eu Romilda, como tem passado?

– Olá! Estou bem sim e você, por onde tem andado?

– Uma longa história, qualquer dia te conto. João me diga uma coisa, o que você precisaria para me dizer que planeta estava sobre um ponto exato da terra numa determinada hora?

– Dados exatos de posição e horário e um supercomputador. Com certeza você não tem os dois primeiros e eu não tenho o terceiro item necessário; portanto, impossível!

– Difícil assim?

– Você disse exato, isso é difícilimo!

– Vou mudar a pergunta então, esta madrugada, por volta das três que astros podiam ser vistos?

– Uma infinidade deles, depende apenas da distância!
O que é que você está mesmo querendo saber?

– O X da questão é o seguinte, quero saber se um planeta enorme e avermelhado podia ser visto nessa hora.

– Muitos, a menos que esteja buscando o Planeta X.

– Um planeta X, você quer dizer o que me interessa?

– Não sei se é isso que te interessa, mas estou me referindo ao Planeta X, Nibiru, Hercóbulus ou Planeta Absinto. Sua órbita excêntrica o mantém invisível para nós por milhares de anos, dizem que vai poder ser visto a partir de maio de 2011, mas não há confirmação científica a esse respeito. Se for isso você pode pesquisar melhor na Internet, mas não acredite em tudo não!

– Tá certo, vou procurar sim, obrigada.

Romilda desligou o telefone e novamente a enciclopédia ambulante falou mais rápido.

– Como pude me esquecer, vamos voltar, no caminho te conto!

Uma hora de barco era bastante tempo e ela começou me contando que desde a antiguidade, entre os Sumérios, a seis mil anos, já se fazia referência a um planeta chamado Nibiru. Seus habitantes foram descritos como *raça de deuses*; que artefatos, tabuletas cuneiformes de argila e pedra foram encontradas no Iraque e faziam referência a viajantes cósmicos. O planeta de origem desses deuses passou a ser conhecido e buscado, pela NASA inclusive, como 12º planeta ou *planeta da cruz*.

Que o ano Nibiru é de 3.600 anos do nosso, e que muitos livros foram escritos sobre o assunto partindo do que foi decifrado de escritas datadas de 4.000 a.C., *que um fragmento se encontra na Alemanha* e indica que a terra é o sétimo planeta quando se conta a partir de Plutão; e que isso era exato.

– Isso não seria estranho se Plutão não tivesse sido descoberto somente em 1930!

Comentou.

Continuou dizendo que a NASA localizou um maciço objeto cósmico nos céus do hemisfério sul e que esse fato podia justificar a recente reativação de telescópios na Argentina e no Chile.

– Previsões catastróficas existem para o começo de dois mil e doze, intensificando-se quando a Terra se mover entre Nibiru e o Sol. Fala-se que haverá deslocamento dos pólos e inclinação planetária, gerando mega-terremotos e mega-tsunamis em escala global. Especula-se que dois terços dos habitantes do planeta vão morrer devido a essas causas e metade dos sobreviventes de fome e outras causas nos seis meses seguintes.

Quando ela terminou seus relatos eu tive a impressão que sabia disso tudo de antemão. Quando comecei a falar achava que apenas ia complementar o que ela havia dito, mas não foi bem assim, os pensamentos que afloravam iam muito mais além.

– Você sabe que nosso planeta esta ficando cada dia mais violento em todos os aspectos e *isso esta colocando a vida em risco*; coisa que as Grandes Inteligências não vão permitir!

– É, sou obrigado a concordar que sim!

Falou Romilda, me olhando como se estranhasse minha entonação de voz.

– De uma maneira geral o Livre Arbítrio que nos foi dado esta limitado a sessenta por cento do nosso querer; o restante é controlado por elas.

Continuei com as explicações agora dizendo que na irmandade não se pensa em 2012 e sim que o portal se abrirá na manhã de 11/11/2011, às 11h11min; aos 11 graus da posição astrológica vigente. Trazendo luz e não fogo.

– Três milhões de almas estão sendo transmigradas na energia do amor e da luz.

Continuei passando informações que provavelmente vinham do meu Eu Superior.

– Quatrocentos e vinte cinco mil desses novos seres, foram distribuídos por diversas localidades da Terra e vão ajudar a

diminuir os grupos de conflito da humanidade, *permitindo o surgimento de egrégoras de paz*. Esses novos egrégoras vão auxiliar na separação do joio do trigo!

Continuei:

– O Marduk ou Planeta X, se preferir, vibra numa faixa tão baixa, tão ruim, que os espíritos afinados com essa faixa vão ser sugados para lá.

Olhei-a por instantes, como sempre ela fazia quando ia dizer algo que considerava muito importante:

– Muitos não precisarão ser sugados; vão se lançar nele!

Romilda me olhou mais fixamente, antes de propor:

– Hitler?

Ela continuava balançando a cabeça enquanto dizia que concordava com tudo isso, principalmente que milhões e milhões de almas ainda voltadas para o mal seriam transferidas para lá num futuro próximo.

Continuei:

– Sim! Hitler e seus seguidores fiéis devem estar se transferindo para lá também já há algum tempo e devem ter preparado o caminho para ele. Algo me diz que o universo logo vai ter muitos problemas *e a Terra que se prepare*.

O barco estava terminando de atracar e nos preparamos para descer; pular para ser mais exato. O lugar não tinha trapiche para desembarque e a única opção era essa.

Antes que a barra da calça secasse estávamos em casa na fazenda. O assunto agora era o Egrégora, Romilda perguntou o que eu pretendia fazer, havia sido informada que conforme eu havia previsto os conflitos domésticos agora se resumiam aos familiares das pessoas envolvidas com a mídiã.

– Está na hora de liberar o Egrégora novamente e ver quem de fato aprendeu a lição!

Foi o que eu disse e o que pretendia fazer naquela noite.

No meu entendimento, as pessoas cansadas de brigas, e já tendo passado pelo suplício a que se auto-impuseram, buscariam trilhar o bem e o conforto da paz.

Tão logo adormeci fui ter com Ate.

“Você me enganou, há muito que recebo somente energia de uns poucos.”

“Não, não te enganei, tanto que vim aqui para reverter o processo. Quero que volte a enviar suas mensagens a todos.”

“Aí sim, esse é o Vinicius que eu conheço!”

Ate avisou que estava começando a enviar naquele momento, nada mais tendo a fazer ali resolvi voltar ao descanso.

Algum tempo depois, quando voltei ao Egrégora Ate estava fraca, caída em um canto da sala do apartamento. Eu sabia que as pessoas não voltaram a ceder à sua influência e que o pessoal da mídia havia entendido, depois de sofrer na própria pele, o que acontecia quando se fomenta a intriga.

Sua figura se limitava a uma forma humana feminina, magra, maltrapilha, desdentada, boca murcha, pele enrugada; o aspecto de quem tem muito mais de cem anos de idade. Muito mais!

“Ate, está me ouvindo, é Vinicius, lembra!”

“Estou sozinha... todos me abandonaram... nem você me visitou mais... nem se lembram mais de mim... fui abandonada à própria sorte...”

A fala era em sopros, entrecortada, como se precisasse de uma respiração entre uma palavra e outra; lembrou-me os cardíacos.

Lembrei-me do caso do Tião Doido, Ate estava nas últimas, com certeza perderia a consciência logo. Influenciado pela vida física não achei certo perturbar um moribundo, mas Ate não era humana e eu precisava saber de algumas coisas.

“Ate, me fala alguma coisa sobre o ódio.”

“Eu... não tenho nada... estou vazia...”

“Deve ter sobrado alguma coisa, qualquer coisa. Diga algo pelo menos.”

Ate mudou a voz, agora parecia infantil, seu ar era de total apavoramento quando começou:

“Ela vai me bater!”

“Vou fugir!”

“A porta do apartamento está trancada!”

“Vou pela sacada!”

Com muito custo Ate se levantou, foi até a porta da sacada, fez movimentos para abrir a porta balcão; desistiu.

“Também está trancada!”

“Vou sair pela janela, me esconder na sacada do vizinho!”

Foi até a cozinha, voltou como se tivesse pegado algo, foi até um dos quartos, o mais próximo da sacada. Subiu na cama e no vão da janela aberta fez alguns movimentos, dava sinais de pressa e medo, voltou à cozinha, à sala, encostou a cabeça na porta de entrada. Saiu correndo, voltou ao quarto, subiu novamente na cama e se enfiou pela janela como se passasse por buraco estreito, primeiro uma das pernas, depois a outra; ficou segundos no ar como se pendurada em algo, desceu devagar como segurando, apoiou os dedos no beiral por alguns instantes.

“Papai, papai, papai.”

No instante seguinte abriu as mãos e caiu no vazio com as mãos deslizando nas pastilhas da parede tentando se agarrar em alguma coisa.

Aproximei-me da janela, por sobre a cama, lá embaixo, Ate caída, não mais se movia. Desci até lá.

Ate não tinha consciência de mais nada. Era um cascão.

Resolvi ir embora, meu trabalho estava terminado.

Anos depois me vi em uma assembléia da irmandade, passavam ensinamentos e eu aprendia:

“O Ser Intelectual é composto de memória, vontade, imaginação, desejo e razão; e do ser animal que o compõe!”

“A liberdade torna-se suicida quando divorciada da justiça material, da honestidade intelectual, da paciência social, do dever moral e dos valores espirituais!”

MAZNIN, as Escalas da Justiça.

FICÇÃO ESPÍRITA

O Egrégora

Egrégora de Sangue

Vinícius Tadeu

CAPÍTULO 17

Vinícius viu quando o filho deixou o seu quarto, a movimentação dele havia atraído sua atenção; o menininho, quietinho, entrou no quarto do casal, nos pés da cama procurou a ponta da coberta exatamente no espaço entre o homem e a mulher, se enfiou por baixo, e, muito devagarzinho e com jeito, foi engatinhando até se alojar nos braços da mãe. Romilda sorriu e fingiu continuar dormindo deixando que o garoto continuasse pensando não ter acordado ninguém. Conhecía a rotina diária do filho e não precisava olhar no relógio para saber que eram por volta das três da madrugada; uma herança de família à qual, com o tempo, ele iria se acostumar.

- Durma bem mamãezinha, Papai do Céu esta protegendo você!

Disse baixinho o garoto enquanto com as mãos pequeninas afagava o rosto da mãe afastando para os lados os fios de cabelo. Permaneceu nessa tarefa por um ou dois minutos até ter a certeza de que nenhum fio de cabelo estavam sobre os olhos, nariz ou boca, só aí virou de bruços deixando o bracinho esquerdo apoiado sobre o pescoço da mãe.

Romilda sentia o braço do filho como uma pluma, gostava de dormir assim; sempre deixava uma luz de cabeceira acesa numa espécie de incentivo mudo àquela atitude noturna. Sorrindo, e apenas mentalmente acariciando o rosto do filho para não interromper sua rotina, voltou a dormir.

Ao lado, o marido emitiu um duplo sorriso, aguardando apenas mais um detalhe para ter a certeza de tudo estar na mais perfeita ordem; Rodriguinho virou o rosto para o lado do pai, jogou o bracinho direito por cima do pescoço dele, enquanto dizia:

- Durma papaizinho, eu fico tomando conta de vocês.

A voz saiu sonolenta, fraquinha, quase arrastando, ao terminar estava dormindo. O pai voltou a sorrir e relaxou; ali, tudo estava normal como sempre.

Em segundos se viu novamente em um ponto afastado no espaço, por instantes olhou de um lado a outro procurando pelo amigo que deveria estar ali; há cinco minutos havia deixado Carlos naquele local com a recomendação que mantivesse distância da coisa. Nada!

Achou estranha a ausência de comunicação consciente, tentou contato visual vagando de um lado a outro daquilo que parecia ser uma cratera negra sem fim e que encobria todo o céu que deveria ser visto ao fundo.

Por instantes viu um ponto de tênue luz e chegou a tempo de ver quando Carlos era arrastado para o interior da criatura e já às bordas de ser tragado por ela. Sabia da inconsciência do amigo naquela hora e que a única coisa a fazer era trazê-lo de volta afastando-o do local. Procurou manter os pensamentos fortes no filho e na mulher, sabia da importância de manter a concentração na vida física e avançou ao encontro do amigo. O choque provocado pelo contato fez com que Carlos recobrasse uma vaga lucidez.

“Carlos, volte prá casa, sua mulher e filhos precisam de você!”

Viu ainda quando o amigo abriu os olhos ainda sem brilho pelo estado de semi-inconsciência, mas se tranqüilizou em seguida quando o viu desaparecer. Sabia que não o veria mais aquela noite, mas que agora estava em segurança, e procurou rapidamente se afastar para um local que considerava seguro.

Ao longe ficou contemplando a mórbida e disforme criatura, uma espécie de massa escura que sabia ser uma forma-pensamento fossilizada “*Isso deve ter milhares de anos e ainda está ativo! Como pode?*” Pensou.

Era hora de também voltar à sua mulher e filho, e descansar também.

Antes de perder a consciência seus pensamentos se voltaram à filha e a preocupação fez com que o semblante se franzisse um pouco.

- Não! Não!

As palavras ditas quase aos gritos enquanto o homem rolava na cama de um lado para o outro, agitado e gesticulando muito, fez com que a parceira acordasse imediatamente.

A mãe protegeu o filho que estava no meio do casal, puxando para sobre o peito; com a mão na cabeça do menino impediu que ele acordasse.

- Vinícius! - Ela sacudiu o companheiro pelo ombro –
Acorde!

Ainda um tanto assustado e meio dormindo Vinícius sentou-se na cama.

- O que aconteceu?

- Calma, deve ter tido aquele sonho de novo - Romilda se levantou e acendeu a luz do quarto enquanto completava - É aquele sonho envolvendo as crianças?

- Sim! Da mesma forma - enquanto levantava, continuou - A mesma coisa, doze gotas de sangue com o rosto de minha filha tomam a forma de esferas e envolvem nosso filho que desaparece numa bola de sangue.

Gentilmente a mãe colocou o filho novamente sobre a cama e colocou a mão direita alguns centímetros acima da cabeça dele; enquanto levantava deu um beijo na testa do garoto.

- Continue dormindo meu filho!

Sentou por instantes na beirada da cama, terminando por levantar e acompanhar o marido.

Enquanto se dirigiam à cozinha a mulher foi dizendo:

- Tem mesmo certeza que isso não passa de um sonho?

- Eu não tenho certeza de mais nada. É muito estranho, sempre a mesma coisa! Parece não fazer sentido algum e ao mesmo tempo é tão terrível.

Vinícius encheu dois copos com água e entregou um deles à amiga.

Enquanto bebericava, a mulher arriscou um palpite:

- Isso pode ter relação com a movimentação de energia que você vem acompanhando.

- Pode ser!

Ele terminou de esvaziar o copo

- Acho que algo de muito grave está acontecendo!

Esvaziaram os copos em silêncio e voltavam para o quarto quando Vinícius parou por instantes no pequeno corredor.

- Aquela coisa quase sugou o Carlos essa noite!

- Eu sempre tive medo daquilo, há muita energia acumulada lá. Energia negativa, ruim, a face do mal se ele tiver uma!

Romilda levou a mão direita ao queixo, pensativa “Tem vezes que gostaria de sermos apenas uma família normal!” Sem fazer comentários sobre qualquer pensamento, comentou:

- Carlos é inexperiente, sei que não vai adiantar falar para se afastar daquilo, mas vá com Alfredo e nunca se aproxime dela sozinho; ficarei mais tranqüila se souber que o Alfredo esta com você.

- Pode ficar despreocupada, vou falar com Alfredo, ele ficou interessado quando contei dessa descoberta; com certeza vai querer participar das investigações.

Ambos caminharam no rumo do quarto.

- Deite, deixe-me ajudá-lo a dormir.

O outro assentiu e a mulher colocou uma de suas mãos em sua testa.

- Durma.

Qual uma ordem hipnótica o outro pareceu adormecer em seguida. Romilda permaneceu acordada ao lado da cama

mantendo a mão direita aberta a alguns centímetros acima da cabeça do marido e assim permaneceu até o dia amanhecer.

Vinícius acordou disposto, olhou a mulher meio sonolenta enquanto dizia:

- Você não está nada bem - voltou a olhá-la de cima para baixo - na verdade, você está péssima!

Romilda cruzou os dois braços em frente ao peito, enquanto olhava para o teto e batia com a ponta de um dos pés no chão por várias vezes.

- Sou eu, não sou? – ele entendeu o recado.

- Sim, há dias que não consigo dormir! – ela disse, enquanto balançava afirmativamente a cabeça.

- Você tem que descobrir o que esta havendo, senão isso vai acabar com nós dois!

Aproximou-se ainda mais dele:

- Me conte o que esta pesquisando e o que já descobriu até agora - fez uma pausa - vamos aproveitar para conversar enquanto Rodriguinho ainda está dormindo.

- Tá certo... eu não queria preocupá-la até ter uma certeza... ou, ao menos, alguma certeza. Nós sempre soubemos que egrégoras se unem a outros egrégoras resultando num aumento de poder e força; até aí nada de novo. O caso é que elas sempre se uniram a outras da mesma espécie de forma-pensamento. As geradas por pensamentos violentos se uniam a outras também formadas por pensamentos violentos, mesmo que de outra espécie, expandindo e disseminando o mal. Porém, sempre entre indivíduos já propensos à violência. Você sabe, um egrégora gerado por pessoas voltadas à violência contra a mulher pode se unir a um egrégora gerado por pessoas voltadas à violência contra a criança ou contra os animais, fazendo com que o grupo unido pelo egrégora fortalecido passe a ser violento contra as mulheres, as crianças e os animais ao mesmo tempo; e, isso, sem que o indivíduo saiba o porquê desse incremento no seu caráter violento. O problema é que acredito que egrégoras de violência estão se

unindo a egrégoras gerados pela crueldade e pela injustiça, fazendo com que um grupo anteriormente apenas injusto para com os demais, passe a ser também cruel e violento para com esses.”

- Isso é terrível, você tem mesmo certeza disso?

Romilda pegou uma xícara de café que acabara de coar e entregou ao parceiro, enchendo uma para si mesma, antes de continuar:

- Se isso for possível entre esses egrégoras, deverá ser possível também entre outros de outro gênero, levando a uma trivialização da violência e ao que Arendt dizia ser *o vazio de pensamento que possibilita que a banalidade do mal se instale*.

- É isso aí - Vinícius confirmou com a cabeça, enquanto dizia - essa é a minha preocupação!

- E quando acha que isso pode acontecer?

- Já pode estar acontecendo!

- Mamãe, cadê você?

O chamado da criança interrompeu o diálogo dos dois. A mãe atendeu ao chamado do filho e o pai ficou na cozinha terminando o café da manhã.

Minutos depois Romilda apareceu com um garoto nos braços. Cinco anos, forte, pele queimada do sol, olhos claros e cabelos ondulados; alto para a média da sua idade.

- Papai, me leva para andar a cavalo?

Fala grossa, persuasiva, trajava uma calça jeans, botinhas, camisa xadrez e trazia na mão um chapéu panamá com aba quebrada; no pescoço, um lenço vermelho.

- Assim que me der um beijo e tomar seu café.

O pai estendeu os braços no rumo do garoto que fez o mesmo, transferindo-se do colo da mãe para o do pai, enquanto este lhe dava um beijão que foi devolvido de imediato.

- Vamos, tome seu café, se quer ser vaqueiro, tem que ser forte; vamos lá.

Colocou o menino de joelhos sobre uma das cadeiras; tirou o chapéu de suas mãos e o colocou no ombro da cadeira ao lado.

- É, mas vou ser vaqueiro só de gado de leite; não gosto que matem os bozinhos! - O garoto completou.

- Tá bom, só gado de leite então; agora coma! - insistiu o pai.

- É isso aí vaqueirinho, agora comendo – a mãe reforçou.

Enquanto o garoto comia pedaços e pedaços de pães e bolos, os pais olhavam maravilhados. De fato, o garoto tinha uma afinidade com os animais, era comum vê-lo trazer um ou outro animalzinho ferido para casa, podia ser uma formiga sem uma perna ou uma lagartixa sem o rabo; o difícil era fazê-lo entender que o rabo dela cresce sem precisar de cuidados especiais. Uma vez trouxe um pássaro ferido por um choque com um caminhão, cuidou dele por dias a fio e chorou muito quando a ave morreu; fez um enterro formal ao lado da janela do seu quarto, obrigou a presença de todos, vela, caixãozinho e tudo que de direito. Crescia aceitando a morte, mas sem se acostumar a ela.

- Pronto, terminei!

A voz do menino tirou os pais do estado de contemplação.

- Terminou? E o leite? - corrigiu a mãe.

- Ah! É! - virou o que restava no copo num único gole
- Podemos ir agora?

- Sim! Vamos!

O pai pegou o chapéu e colocou na cabeça do filho, levantou o menino posicionando-o de cavalinho sobre os ombros e iniciou a caminhada rumo ao curral.

- Você carrega meu chapéu.

Da porta da casa, a mãe não pode evitar uma última observação - Não traga ele muito tarde não, o sol vai estar forte.

Com um dos braços levantados, sem nada falar, Vinícius fez sinal de positivo e continuou andando.

Num dado momento desceu o menino ao solo, pegou o chapéu, colocou na cabeça e de mãos dadas foram andando lado a lado. Da porta Romilda ainda pode acompanhar o andar dos dois, iguaizinhos, a mesma ginga de corpo, a mesma posição de ombros, coisas que a roupa não pode encobrir; ainda mais quando vestidos praticamente iguais. “Cara de um, focinho do outro.” Recordou da semelhança de fisionomia, quando os dois eram colocados lado a lado e de frente. “Até no gênio!” Pensou sorrindo enquanto entrava novamente na casa.

Os dois rumavam para o curral onde dois cavalos estavam presos, um peão aguardava ao lado da porteira. Não havia ainda selado os animais porque o garoto insistia em acompanhar tudo; aprender, segundo ele sempre dizia. Uma rotina quase que diária.

- Pai, podemos passar na casa do Pedrinho o cachorro dele foi mordido por um porco e quero ver ele.

- Quero vê-lo, mocinho.

- Tá bom! Quero vê-lo. Então, podemos?

- Como quiser.

Demorou um pouco para que o José encilhasse os animais principalmente porque a todo instante tinha que responder às constantes perguntas do garoto e mostrar como se fazia direito determinada coisa; além da sua constante interferência nisso e naquilo.

- Ei Zé, não aperta muito não, coitadinho do cavalo!

- Se eu não apertar garotão, vai ser coitadinho de você, vai se espatifar no chão; agora monta.

O peão, pegando o garoto entre os braços colocou-o em um único impulso sobre a sela.

- Agora segura no pito prá não cair.

- Tá louco é, eu não sou mais criancinha não.

Dito isso, segurou firme as rédeas colocando o cavalo a passo.

- Vamos pai, tá esperando o quê?

- É melhor ir seu Vinícius, esse aí num gosta de esperar não.

- É... é melhor eu ir mesmo. Obrigado pela paciência com o garoto.

- Que nada, nós aqui da fazenda adoramos o menino. É um prazer.

Logo os cavalos estavam pareados e ambos rumavam à casa do Pedrinho; com certeza parada obrigatória de todos os dias daí em diante até que o cachorro ficasse bom novamente.

- Pedrinho, cadê o Totó.

Gritou, colocando as duas mãos em volta da boca, ao mesmo tempo em que o pai o retirava do cavalo.

O outro menino era mais ou menos da mesma idade de Rodrigo e veio correndo ao encontro do amiguinho também gritando – Vem! Vem... eu te mostro - os dois correram rapidamente para um canto da casa onde uma pequena cobertura de palha abrigava o animal - aqui esta ele, num é uma judiação?

Preocupado com a proximidade do menino com o animal ferido o pai acompanhou de perto. Isso, com certeza, porque animais feridos são normalmente mais nervosos e podem, ao sentir dor, rosnar, atacar ou mesmo morder. Entretanto, apesar de ferido, com um corte que tomava toda a perna trazeira direita, e ofegante, provavelmente pela febre, o animal estava dócil, mantendo-se calmo e manso.

- Coitado, deve estar doendo - dizia Rodriguinho enquanto acariciava a cabeça do cachorro - não é mesmo pai?

- Sim, por isso mesmo você deve passar a mão bem devagarzinho e não apertar ele; exatamente para não aumentar a dor.

Foi a chance que Vinícius teve para evitar que o garoto abraçasse o animal e se arriscasse a uma mordida, numa

reação irracional à dor inesperada. Ficaram ali por quase meia hora e não fosse a insistência do pai o menino ainda permaneceria ali por horas.

- Vamos, tá na hora de irmos andando - apontou o relógio de pulso com o indicador da mão esquerda - daqui a pouco temos que voltar e ainda há outro lugar para ir.

- Onde?

Rodrigo quis saber antes de se decidir.

- Na venda do Alfredo, tem bacuri para vender lá.

- Bacuri! Legal! Vamos lá então. Posso trazer uns para o Pedrinho?

- Pode, mas ele pega à tarde lá na sede da fazenda.

O pai ajudou o menino a montar e saíram rumo à venda e aos bacuris.

A fruta de gomos de polpa doce e branca sempre agrada às crianças e com o filho de Vinícius não era diferente. O problema era que os bacurizeiros estavam acabando, derrubados para exploração da madeira; o mesmo teria acontecido com as castanheiras se a lei não tivesse impedido o corte de suas árvores.

- Quero vinte - foi dizendo o menino ao vendeiro enquanto balançava por duas vezes as mãos abertas - bem amarelinhos.

Fez questão de ressaltar sabendo que os de casca com tonalidade esverdeada podem ser meio azedinhos; coisa que o menino detestava.

- Tem bastante hoje Romão?

Perguntou Vinícius, não preocupado com o preço, mas para não deixar outros fregueses sem nada.

- Leve quantos quiser Senhor Vinícius, hoje veio mais de cinco sacos de bacuri; todos madurinhos.

Falou o homem da venda, enquanto colocava uma dezena de frutos sobre o balcão.

- Então vê para mim cinqüenta unidades, vou levar alguns para a criançada lá da fazenda. Tem um saco que eu possa levar?

- Lógico!

Enquanto punha os frutos em um saco, o vendeiro separou um gráudo. Em seguida, bateu com o fruto num lado do balcão e retirou a metade de cima deixando exposta a suculenta polpa branca.

- Esse é especial prá você Rodriguinho, presente da casa.

- Obrigado - agradeceu o menino, segurando o fruto com uma das mãos enquanto com a outra pegava um dos gomos levando imediatamente à boca - tá uma delícia. Continuou, enquanto mastigava.

- Tudo bem dessa vez, mas não conte para sua mãe que comeu fruta sem lavar as mãos; principalmente depois de andar a cavalo e mexer no cachorro – o pai repreendeu.

- Esqueci!

- Nada faz mal prá criança não! - comentou Romão.

- É que esse aqui anda a cavalo acariciando o pescoço do animal o tempo todo - retrucou o pai - vamos, ainda está em tempo, se for continuar a comer pode ir lavar as mãos.

- Tá certo, segura aqui.

- Aqui tem água - adiantou o vendeiro, pegando uma vasilha - esfregue as mãos enquanto eu jogo.

O pai balançou a cabeça por instantes, quando o garoto olhando para um lado e outro e, não encontrando toalha, enxugou as mãos na calça já suja da montaria e de limpar as mãos depois de brincar com o cachorro. Em seguida pediu a fruta de volta. “Ao menos tentar ele tentou.” Pensou Vinícius sem nada dizer e entregou o bacuri.

- Aqui está Senhor Vinícius, cinqüenta bacuris - o vendeiro mostrou um saco contendo os frutos - quer que eu amarre na sela?

- Por favor - o fazendeiro fez menção de tirar a carteira - quer que eu pague agora?

- Não! Não tem necessidade, coloco na conta da fazenda.

- Certo! O Geraldo tem pago as contas certinho? - perguntou Vinícius, referindo-se ao gerente da fazenda.

- Sempre pontual, é um capataz competente!

- Vou indo, senão a Dona Romilda daqui a pouco aparece atrás do filho. Até mais ver.

- Até mais ver - Romão acenou com a mão - tchau Rodriguinho.

- Tchau, Seu Romão - enquanto se ajeitava na sela, o garoto virou para o pai enquanto dizia - que tal um banho no igarapé?

- Vai adiantar eu dizer não?

O garoto apenas deu um risinho, pendeu a cabeça para um dos lados e, soltando as rédeas, abriu as duas mãos com as palmas para cima.

Pararam num riozinho de águas transparentes e Rodrigo arrancou rapidamente as roupas e pulou na água:

- Nossa... tá geladinha, mas tá boa - o menino espalhava água e areia por todo lado “vem pai, a água tá uma delícia!

- Hoje não, quando formos ao rio eu nado com você, tá bom assim? Além do mais já nadamos lá ontem! Vê se não demora, vai ter bronca da sua mãe; tá quase na hora do almoço.

Após algum tempo o garoto resolveu sair da água, vestiu as roupas molhado mesmo; coisa sem importância, com o calor elas estariam secas antes mesmo de chegarem à sede da fazenda.

Já em casa, enquanto o filho tomava um sempre demorado banho quente, o casal conversava na cozinha ao lado de um fumegante bule de café.

- Não se esqueça de ligar para sua filha e vê se pergunta sobre sua ex-esposa; é uma questão de educação - Romilda sempre se preocupava com a distração do marido.

- Vou ligar mais tarde, além disso, semana que vem tem aquela palestra sobre o aumento da violência e vou precisar ir a São Paulo. Vou vê-la!

Enquanto falava Vinícius checou no calendário do celular a data 11 de dezembro de 2014 e voltou a falar:

- A conferência começa numa quinta-feira, minha palestra é na sexta no período da tarde, pretendo chegar à noite de quinta e aí fico por lá o sábado e o domingo pela manhã, embarco à noite e na segunda estou aqui de volta.

- Certo! Mas vai ver sua filha sim, fique um tempo com ela, é importante que não perca o contato; ainda mais que a mãe parece ter perdido o juízo. Bom, desmiolada ela já era; só que agora ficou de vez - Romilda não concordava com o comportamento libertino de Raquel.

- Voltando ao assunto anterior, quando fomos interrompidos pelo nosso queridinho, você acredita mesmo que possa acontecer uma fusão generalizada de egrégoras?

- Temo já estar acontecendo.

- Fusão generalizada como? Por quê?"

- Com a cada vez maior capacidade de penetração, possibilitada pelas novas tecnologias, a mídia de massa tem bombardeado as cidades e vilas mais remotas com toda sorte de violência. Além disso, fomentam e incentivam um consumismo muita das vezes fora das possibilidades destas pessoas. Isso desperta a criação de desejos impossíveis, invejosos e, o pior: pensamentos raivosos. Dado ao pequeno número de pessoas envolvidas isso gera egrégoras fracos, mas em grandes quantidades, que são facilmente atraídos pelos mais fortes gerados nas cidades grandes. Com seu poder atrativo, esses enormes egrégoras, sugam os pequenos e se tornam ainda mais fortes.

Vinícius deu um tempo, coçou a cabeça, passou a mão no rosto e continuou:

- É isso que acredito estar havendo, só que numa escala gigantesca.

- E os egrégoras das cidades realimentam com pensamentos maldosos as pessoas do interior e estas os fortalecem ainda mais com seus novos e maus pensamentos e sentimentos e isso tudo num ciclo vicioso! - Romilda completou os pensamentos do amigo, parou por instantes para continuar - eu não tenho te ajudado muito, cuidar do menino toma um tempão. Adoro, mas quase não sobra tempo prá outras coisas.

- Liga não! Nós não somos responsáveis pelo mundo, temos que fazer o que nos é possível; só isso!

Romilda apenas concordou balançando a cabeça e Vinícius colocou uma nova questão:

- Mudando novamente de assunto, estou pensando em vender todo o gado de corte, ficaremos apenas com as vacas leiteiras e vacas de cria. O menino está crescendo e não concorda com esse tipo de atividade econômica e nós não precisamos disso para viver bem. Se você estiver de acordo vou autorizar o Geraldo a fazer isso.

- Acho melhor mesmo, conheço muito bem nosso filho. Aliás, foi graças a ele que suas serrarias entraram num regime de manejo sustentado da floresta, cortando seletivamente somente árvores velhas.

- É, não posso negar que sim! - o fazendeiro ficou uns minutos em silêncio, período no qual relembrou todo um passado de desmatamento e destruição - agora é hora de mudar outras coisas também. As idéias dele já estão na cabeça dos meninos locais e caçar logo vai ser uma atividade do passado. Você vai ver!

- É isso aí, foi o tempo que você batia no peito e dizia...

- Sou caçador!... - o homem interrompeu.

- Exatamente assim, com sarcasmo e tudo. Ok!

- Tempos passados - Vinícius ficou pensando no filho “Nunca comeu carne...” e quase sorriu quando lembrou “quase vomitou quando ofereceram a ele carne de caça.” De repente seus pensamentos foram interrompidos por passos, virou a cabeça no rumo da porta - olha quem vem vindo aí.

Rodriguinho entrou na cozinha com alguns livros e cadernos na mão - Hora de estudar, pensam que tudo é festa?

- Sua vez, falou a mãe, estou cansada demais. Mas antes, o nosso geniozinho aqui vai comer um pouco - levantou e colocou um prato com ovos, legumes, arroz e feijão e posicionou-o sobre a mesa no lugar preferido do filho – comer comer para poder crescer – falou meio cantando.

- Tá certo, senta aqui garotão.

Rodriguinho comeu toda a comida do prato e em seguida pegou novamente os cadernos.

Pai e filho ficaram por mais de uma hora repassando matérias diversas, mas os assuntos que de fato interessavam ao garoto era manejo sustentado, preservação ambiental e meio ambiente. “Um ecologista nato!” Pensava constantemente o pai enquanto explicava ao menino como funcionavam essas coisas e por que elas podiam ser rentáveis num futuro próximo.

- Então, fica mais barato não estragar do que consertar?

- Resumindo, filho, é isso mesmo! - Vinícius riu enquanto continuava - que tal dormir agora e começar preservando seu corpinho, senão, depois, vai ter que consertar!

- De cavalinho! - e lá foram os dois para o quarto.

Rodriguinho sempre dormia um pouco depois do almoço, não insistia em permanecer acordado por estar cansado e porque sabia que o pai iria para os afazeres diários da fazenda; sabia também que quando ele voltasse sempre encontrava tempo para uma volta pelos arredores.

A mãe que esperava sua vez levantou de imediato, sabia que o filho não iria dormir sem um beijo, ela também não o

deixaria dormir sem passar um hidratante na pele, da mesma forma que não o deixava sair sem passar um bloqueador solar antes. Esperto, o menino não costumava dormir sem escovar os dentes, seu cachorrinho Manteiga que até então permanecia quieto num canto, agora acompanhava a dupla para dormir no quarto de Rodrigo. A rotina de cobrir o cão e falar da janela uma boa tarde para todos seus bichinhos de estimação se repetiu novamente; não ficava de fora nem os de pelúcia.

Rodrigo já estava deitado quando o pai entrou no quarto - Descanse bastante que à noite vamos ter cantoria.

- Que legal! - o garoto respondeu com visível alegria - o Zé vai cantar?

- Com certeza! - abaixou e deu um beijo no filho - agora durma!”

Quando Vinícius voltou já era hora do jantar e o filho aguardava ansioso pelas horas de cantoria. No terreiro os peões já preparavam lenha para uma fogueira e posicionavam os bancos à sua volta.

- Teu filho esta te esperando para comer, não adiantou eu insistir - falou a mãe enquanto colocava algumas panelas para esquentar.

- Ok! Vou tomar um banho rápido e já volto.

De fato foi rápido, Vinícius voltou e sentou ao lado do filho - Estou morto de fome! - olhou para o lado - e você garotão?

Romilda colocou um prato já pronto para o filho e outro para o marido, estava acostumada a isso e conhecia o gosto de cada um. Sentou-se também após colocar alguns legumes em um prato e a família unida jantou em silêncio.

- Terminei! - Rodriguinho sempre terminava primeiro, mas sempre esquecia alguma coisa.

- O suco! - nem bem a mãe falou e o menino pegou o copo de cima da mesa.

- Pronto, agora terminei de verdade! Vamos à cantoria?”

A mãe apenas olhou para o menino e o pai completou:
- Acho que sua mãe vai dizer que ainda falta alguma coisa.

- Já sei, escovar os dentes!

- Garoto esperto, agora vai.

Enquanto Rodrigo saía rumo ao banheiro, os pais continuaram sentados com um sorriso no rosto.

- Acho que é melhor irmos também escovar os dentes, porque quando ele voltar não vamos conseguir fazê-lo esperar mais.

Em minutos pai, mãe e filho caminhavam para um canto do terreiro onde o brilho de uma fogueira trepidava lançando lavaredas e faíscas ao céu.

Posicionados em círculo cinco ou seis peões aguardavam a chegada dos patrões conversando amenidades do dia a dia.

- Ei Zé, vamos deixar de jogar conversa fora e cantar - esse foi a boa noite do garoto. Os peões, já acostumados, apenas riram. O menino correu para um canto onde a viola estava escorada num tronco caído - tá aqui Zé!

Viola na mão, o peão começou a cantar músicas sertanejas, o que continuou noite à dentro até que Rodriguinho adormeceu com a cabeça no colo da mãe e os pés apoiados no pai.

- Bom rapazes, hora de irmos, boa noite a todos!

Os rapazes responderam à despedida e cada um rumou para seus alojamentos ao mesmo tempo em que a família se dirigia à sede da fazenda.

CAPÍTULO 18

Lárisa – Grécia

Bem próximo à porta de um banco um homem, de cor negra e cabelos brancos, apresentando idade avançada e ou o resultado de uma vida anterior desregrada, vestindo um terno preto algo surrado, camisa branca, gravata também preta, porém tudo muito limpo e bem passado, calçando sapatos gastos, mas muito brilhantes, denotando esmero na apresentação pessoal, tal quais aqueles que se vestem para importante missão, levantava na mão direita um exemplar de uma bíblia, onde a capa negra frisada e já quase sem cor demonstrava nitidamente as dobras e o desgaste do uso contínuo, praticamente gritava um chamamento a todos a ouvirem a Palavra do Senhor:

- Arrependei-vos, está próximo o dia de prestarmos contas ao Senhor!

As pessoas se mantinham à distância, formando um círculo imaginário formado pelo cruzamento de uma rua com uma avenida. O homem que se dizia chamar Arquimedes, um ministro da fé, se posicionara no canteiro central existente na avenida. Por esta razão grupos de curiosos se formavam nos quatro cantos de esquina, onde uns comentavam com outros que aquilo era uma afronta; estes, estranhos entre si, mas com a mesma forma de pensar pareciam concordar em tudo.

- Aproximem-se, vocês não podem ficar afastados do Senhor! Arrependam-se dos seus pecados, entreguem-se a Jesus – disse o pregador.

- Outra vez esse cara, isso já está me dando nos nervos!

As palavras foram ditas por um bancário que saía em horário de almoço e se dirigiram ao colega ao lado.

- Deixa prá lá Aahbran é só um louco como tantos outros.

Abadir respondeu ao colega sem muita convicção nas próprias palavras.

- Loucos ou não esses evangélicos estão destruindo nosso país. Olha o que acontece hoje, não temos mais empregos, o

Estado está quebrado, está tudo uma bagunça danada. Se não fizermos alguma coisa em pouco tempo esses evangélicos vão tomar a Grécia de nós!

Aahbran falou com visível cólera, o rosto se tornou vermelho, o semblante franziu produzindo marcas profundas na vertical e na horizontal produzindo uma dupla cruz na região entre os olhos e a parte superior da testa.

- É... você tem razão!

Abadir se limitou a dizer, sem disfarçar a preocupação estampada com as mesmas reações físicas do amigo.

- Vou tomar uma atitude contra isso, vou reunir a turma essa noite mesmo! Você já fica avisado, mesmo horário e local de sempre.

Sem precisar da resposta do colega para entender a concordância do mesmo para com o fato e sua reação a ele, os pensamentos de Aahbran se voltaram para sua infância: o incentivo dos pais e do Estado ao aprendizado sem limites, as escolas de alto nível desde o ensino básico até as universidades, tudo gratuito, os clubes que ainda freqüentava com os amigos, os esportes praticados, o trabalho criativo ao qual se entregava.

- E você, vai querer o quê? a garçonete aguardou alguns segundos antes de voltar a falar - ei moço, estou falando com você, vai querer alguma coisa?

Absorto em seus pensamentos Aahbran não notou que já estavam sentados em uma das mesas de um *cafenion* e que o colega já havia pedido um café. Pego de surpresa apenas respondeu:

- Traga o mesmo para mim também.

- Então, dois cafés - respondeu Aagje, a garçonete que os estava atendendo.

- Como dois cafés, eu não bebo café - reclamou Aahbran, parecendo acordar de um transe.

- Bom, o pedido do seu amigo foi um café. Você disse o mesmo para mim, o que quer dizer mais um café. Concorda?

- Sim... quer dizer, não! Traga-me uma coca, por favor. Desculpe, eu estava distraído.

- Isso eu notei! Emprego? Amor?

Ao lado Abadir apenas ria daquilo que pressentia ser um ostensivo flerte da moça para com o amigo.

- Evangélicos!

Uma única palavra foi colocada pelo rapaz, mas esta carregava consigo todo o peso da sua ira.

- São o câncer da Grécia! - devolveu de pronto Aagje no mesmo tom.

- Sente-se conosco, não tem movimento mesmo - convidou.

- Antes vou buscar um café e duas cocas. Eu também não gosto de café - a moça se retirou para o interior do bar.

Era primavera e a Grécia estava coberta de flores perfumadas, ao longe as montanhas altas impunham sua majestade à paisagem local, o céu de um azul anil não apresentava nuvens, o sol brilhante sem ser escaldante era um convite às mesinhas na calçada onde estavam sentados e pela primeira vez Aahbran sorriu olhando para o interior do bar:

- Como a vida é bela!

O amigo ao lado apenas sorriu novamente sem fazer qualquer comentário, conhecia a fama de mulherengo do colega.

A garçonete voltou com os pedidos, sentou em uma das cadeiras vagas:

- Então, o que eles te fizeram para estragar uma manhã tão linda, dessas que só tem na Grécia? - falou se referindo aos evangélicos que parecia odiar e ao país que tanto amava.

- Não quero falar nisso agora e terminar de estragar um dia tão lindo, que tal me dizer seu nome?

O tom suave na voz fez com que Abadir olhasse primeiro o amigo e depois a moça e, em seguida, balançasse a cabeça de um lado a outro captando a instantânea empatia formada entre os dois.

- Aagje, é esse o nome que meus pais me deram!

- Pois escolheram muito bem, é muito formosa! - disse Aahbran referindo-se ao significado do nome Aadje.

Vendo que o colega passava a galanteador, Abadir apressou por terminar o café e reparando que os dois ainda nem havia tocado no refrigerante procurou justificar:

- Bom! Você sabe que tenho trabalho me esperando e que não podemos ficar ausentes os dois ao mesmo tempo. Vou avisar o chefe que você vai se atrasar um pouco. Aagje é um prazer conhecê-la. Até mais ver.

- Até! - com rápido olhar e breve resposta a moça voltou ao assunto com Aahbran, com certeza não queria quebrar o clima.

O amigo não se deu ao trabalho de fazer qualquer comentário e Abadir se retirou tomando o rumo do banco.

- Eu nunca vi você por aqui! Bem, na verdade eu também não venho muito aqui também, meu pai é dono desse lugar e eu às vezes o ajudo, principalmente quando falta alguém, igual hoje. Vou dar um beijo na garçonete quando me encontrar com ela; por ter faltado ao serviço é lógico, embora não creia que meu pai vá ser da mesma opinião. Eu à vezes passo aqui à noite, é legal, um ponto de encontro de rapazes e moças onde se discute de tudo um pouco, política, religião, agricultura, jogos, até filosofia; coisas do mundo inteiro. Devia vir alguma noite dessas.

- Pode ter certeza que vou vir sim, essa noite tenho um compromisso inadiável, mas amanhã à noite estarei aqui com toda certeza do mundo. Você tem compromisso para amanhã à noite?

- Prá dizer a verdade tinha sim! Cancelo... se prometer que vem.

- Pois pode cancelar, lá pelas dez estou aqui.

- Vai conhecer meu pai, gosta de tudo e de todos... menos evangélicos, só tocar nesse assunto já o faz ficar uma fera.

- Fica tranqüila que vou manter esse assunto fora da cabeça, não quero estragar nosso primeiro encontro. Segundo, quero dizer... contando o de agora. Eu tenho que ir, até amanhã à noite então.

- Até. Vou esperar - Aagje se despediu do rapaz com um beijo no rosto e ficou olhando enquanto ele ia para o trabalho vez por outra olhando para traz.

A garota entrou sorridente o que fez o funcionário do balcão fazer um comentário:

- Agarrou um freguês?

- Freguês não! Namorado! Espero! - olhou de um lado a outro antes de perguntar - meu pai ainda esta no escritório?

- Tá sim! Hoje é dia de organizar as compras da semana, vai ficar por lá um bom bocado ainda.

- Certo, vou lá falar com ele então.

Aagje subiu a escada que dava acesso ao escritório pulando os degraus de dois em dois. Entrou sem bater, dizendo:

- Pai, posso falar com você?

Parece que já está falando. O que há de tão importante para interromper minhas contas? - o homem arrematou em tom brincalhão.

- Um rapaz... lindo... aqui no cafenion... agorinha a pouco.

- Para estar saltitante... escutei como subiu os degraus da escada; deve ser importante mesmo.

- Muito, paixão a primeira vista e acho que ele gostou de mim também. Trabalha num banco aqui perto.

- Ótimo! Pelo menos não é um desses coitados desempregados que enchem as ruas da Grécia. Eles não têm culpa dessa situação, mas ela existe e é grave. - Appolo olhou para a filha esperando que ela contasse o que de fato veio falar.

Não demorou para ela continuar:

- Ele vem aqui amanhã a noite, pode dar um tratamento especial... daqueles... - olhou dengosa para o pai.

- Pode contar comigo, tratamento VIP - riu e baixou a cabeça novamente se concentrando nas contas.

A garota satisfeita voltou-se para a porta e antes de trancá-la disse:

- O senhor é um amor de pai!

O homem apenas sorriu enquanto pensava em quantos tratamentos especiais foram dados a diferentes rapazes nos últimos anos “Quem sabe agora ela acerta!” Voltou a sorrir e às contas.

Naquela mesma noite em uma praça isolada:

- E ai gente?

O rapaz que chegou cumprimentou os demais e se posicionou sentado no encosto de um banco. Ao seu lado mais dois da mesma idade apenas fizeram um leve cumprimento com as

mãos e permaneceram em silêncio. Fumavam tranquilamente como que absortos em seus próprios pensamentos.

Alguns minutos depois chegou Aahbran, vinha a passos lentos, pensativo, com certeza arrependido de ter marcado aquele encontro. Em sua cabeça a garota que conhecera naquela tarde era mais importante que o assunto que o havia impelido a fazê-lo.

Cumprimentou um por um dos rapazes e aguardou a chegada de outro que vinha chegando com passos apressados.

- Oi geral... desculpem o atraso.

Novamente o cumprimento de todos foi apenas o breve movimento de braços levantados e sem muita disposição.

Antes de começar a falar Aahbran concluiu em pensamento que o ânimo da turma estava baixo pela falta de atividades. Afinal, fazia tempo que não aprontavam alguma. Como líder sabia que competia a ele mantê-los ocupados, na sua forma de pensar jovens precisam de desafios “Adrenalina!” Resumiu enquanto falava à turma:

- Pessoal, chamei vocês aqui hoje porque temos que dar uma lição em certa pessoa, não se pode permitir essa afronta aos nossos costumes e ao nosso povo.

Aahbran, que falava a um grupo de cinco amigos em um canto isolado de uma praça pouco movimentada, continuou:

- O Abadir é testemunha desse martírio que temos sofrido e é uma coisa que só tem aumentado. Se permitirmos que isso continue vamos correr o risco de encontrar um evangélico nas portas de nossas casas, se não for dentro dela.

- Diga o que temos que fazer. - foi o comentário de um dos rapazes, já demonstrando alguma animação, enquanto os outros apenas concordavam com um movimento de cabeça.

- Vocês, junto com Abadir, vão procurar saber onde ele vive, depois veremos como agir.

Aahbran fez uma pausa antes de decidir:

- Vamos dar uma lição neste rato como exemplo a todos os demais.

Ninguém fez qualquer comentário e por isso ele mudou de assunto:

- Vamos aproveitar e tratar dos assuntos da faculdade. Afinal também temos aquele professor que tá muito folgado com a nossa turma.

Nisso todos concordaram com ânimo e a conversa continuou voltada às retaliações.

25 anos antes:

Um homem sentado em um banco rústico de uma praça isolada e vazia, um lugar ermo e pouco freqüentado mesmo em dias comuns, mantém a cabeça baixa e os cotovelos apoiados nos joelhos; as mãos cruzadas por sobre a nuca.

Veze por outra sai dessa posição para olhar o relógio que carrega preso ao punho direito, balança a cabeça de um lado para o outro, resmunga alguma coisa e volta em seguida à posição anterior.

Seus gestos que se repetem a cada minuto que passa demonstra preocupação e desespero.

Volta a levantar a cabeça e olhar o relógio, é noite alta, o visor digital mostra 23:59 “Por que comigo?” Pensa e depois repete em voz alta sem se preocupar se alguém estivesse a ouvir:

- Por que comigo?

Balança por repetidas vezes a cabeça e volta à posição de antes.

Seus gestos repetitivos demonstram a angústia que deve estar passando; inconformismo claro com alguma situação que esta acontecendo naquele momento. Não é preocupação por alguma coisa que pode advir em um futuro distante e nem aquela por fatos já passados a muitos idos.

O motivo só pode ser real e desse momento, talvez calcado no medo da repetição de algo que conhece e que teme por muito grave; mas fruto do agora.

Seus pensamentos voam para a Ilha de Quios trinta anos atrás, à plantação de azeitonas e aos tempos de criança. A curiosidade infantil custaria caro, veria mais tarde, quando contrariando ordens dos pais o menino de nove anos se aproximou

da pequena vila altas horas da noite; valente, escondeu-se num canto encoberto por arbustos onde se achava seguro.

Vozes cada vez mais altas de pessoas em algazarra emitindo gritos tresloucados de uma comemoração desconhecida foram deitando por terra sua coragem inicial. Os joelhos começaram a tremer e teve que agachar a ponto de sentar na batata das pernas; as mãos apoiadas em um galho mais grosso tremiam ao ponto de fazer chacoalhar todo o arvoredo.

Em seus pensamentos de correr e voltar à segurança da casa foi repassando os últimos preparativos feitos no dia anterior. O tronco de uma cerejeira silvestre bastante espinhoso bem posicionado no meio da lareira, a faca de cabo preto deixada sempre à mão, as queixadas de porco penduradas pelo pai uma a uma atrás de cada porta de entrada da casa; reviu o feixe de linho colocado pela mãe na porta da frente e lembrou que ela havia tido o cuidado de acrescentar algumas centenas de fios a mais esse ano; ainda conseguia ouvir as palavras da mãe *“No ano passado ficou apenas uma dezena de fios separados, quase terminaram a contagem.”*

“Sim! Agora é que eles não conseguem contar todos os fios mesmo! Sem terminar a contagem não podem entrar na casa.” Seus pensamentos trouxeram uma segurança momentânea até lembrar que tudo aquilo estava distante e ele estava só e sem qualquer dessas proteções. Lembrou que àquela hora seu pai devia estar mantendo o fogo aceso na lareira jogando sal grosso todas as vezes que escutava cessar os estalos dos grãos.

“O sapato velho!” Não precisou muito para enxergar seu sapato gasto e que não lhe servia mais e que estava estrategicamente colocado em cima do criado mudo ao lado da cama e seria colocado para queimar na lareira ao menor sinal de invasão pela chaminé. “Quem ia lembrar-se do sapato?” Seu pai não havia comprado outro par esse ano e os de sua mãe estavam ainda novos. A preocupação com os pais, agora sem a proteção extra, fez com que, por instantes, se esquecesse dos perigos que estava a correr.

Os ramos do arbusto foram bruscamente afastados e a tremedeira que tinha parado segundos antes foi agora substituída por uma paralisia geral. Nem medo, nem nada. Só letargia.

- Estopa ou chumbo?

A voz estridente foi acompanhada em coro por outras não muito diferentes, quais bêbados, possuídos e ou fanatizados gritavam - Estopa ou chumbo?

Na lentidão da quase ausência dos sentidos Palamedes ainda tentou balbuciar “Estopa!”; mas as palavras não saíam. Havia treinado bastante, acreditava ser a única saída ao que viria a seguir acaso não falasse.

- Estopa ou chumbo? - voltou a repetir a primeira voz ainda mais incisiva.

Sem resposta a besta-fera pulou sobre o garoto arranhando-lhe o rosto e o peito com as unhas, gesto que foi seguido pelos demais fazendo com que o garoto caísse ao chão com um bando de feras humanas por cima.

Em sua mente quase inconsciente o menino se viu cercado por seres bestiais; monstruosos, negros, peludos, gigantesco, com orelhas de burro, patas caprinas e cascos eqüinos.

Uns tateavam seu corpinho já inerte, quais cegos, outro, o maior de todos, parecia produzir som cocho quando se locomovia de um lado a outro; tinha dificuldades em chutar. Podia sentir pela pouca intensidade do golpe dado em quase desequilíbrio corporal.

Todos machos, com os membros sexuais enormes, podia identificar pelo contato forçado nas mãos, e ou quando lhes eram esfregados no rosto. Urinavam sem parar e por todo lado; principalmente em cima dele.

Num último estado do que lhe restava de lucidez, lembrou da mãe com a tigela de água benta em uma das mãos e um ramo de manjerição na outra a respingar a casa, cômodo por cômodo.

Não podia ver, mas era o que lá estava acontecendo naquela hora.

- É isso ai mulher, segurança nunca é demais, ainda mais porque o padre não veio esse ano.

A mulher chocalhou o ramo molhado na sala, na cozinha, no quarto do casal, no quarto do menino... “O menino!?” De repente a vasilha escapou de suas mãos, o ramo pareceu pesar

toneladas e o braço caiu rente ao corpo; o grito demorou a sair, mas saiu aos berros:

- Socorro... socorro... - as mãos foram levadas à cabeça de modo a cobrirem as orelhas – socorroooooo... - o som alto foi diminuindo aos poucos até ser substituído por um baque surdo de um corpo ao chão.

Náuplio, o marido, reagiu ao sinal de perigo correndo ao quarto, não sem antes pegar a faca de cabo preto que estava na mesa ao lado. Encontrou a mulher caída, a cama vazia e a janela entreaberta. Não se preocupou com a esposa desfalecida, pulou pela janela qual um corisco, e correu rumo ao vilarejo.

Enquanto corria o homem divagava entre pensamentos de eles terem levado a criança ou dela mesmo ter ido à vila para vê-los. Lembrou palavras do filho “Eu não tenho medo de kallikantizaroi. Quero ver um!” Sabia que só no vilarejo poderia obter ajuda, mas não tinha muita certeza de poder contar com isso. Trocou seus pensamentos por sentimentos de raiva “Menino idiota! Devia tê-lo amarrado na cama!”

Enquanto isso, em seu martírio, o garoto era virado de braços, sua calça arrancada puxada por muitas mãos, e suas pernas abertas por chutes violentos. Quase desmaiado não podia pressentir o que estava prestes a acontecer.

O pai, desesperado, correndo cada vez mais, mesmo ofegante berrava pedidos de socorro que ressoavam na vila, cada vez mais altos, em tons fortes e desesperados à medida que se aproximava mais e mais. Nenhuma porta ou janela se abriu, mas seus gritos fizeram com que o grupo de enfurecidos abandonasse a presa e seguisse seu rumo causando confusão e espalhando o medo por onde passavam.

Por sorte, o medo intuitivo do garoto não lhe permitiu avançar muito adentro na vila e o pai o encontrou desfalecido próximo às primeiras casas. Com o filho nos braços retornou para a segurança do lar; sem poder esquecer o cheiro forte de urina que impregnava o lugar e o garoto.

Encontrou a mulher ainda desmaiada caída ao lado da cama do menino. Entrou pela mesma janela pela qual havia saído momentos antes e após colocar o menino na cama e primeiro tendo

o cuidado de fechar a janela com o ferrolho, o homem procurou trazer a mulher de volta aos sentidos.

- O que aconteceu... cadê meu filho?

- Clímene, está tudo bem agora! Ele está ferido e bastante machucado; ainda desfalecido, mas esta bem!

- Que cheiro forte é esse? - quis saber a mulher enquanto fechava o nariz com os dedos em forma de pregador.

- Kallikantizaroi! - venha, temos que limpar o menino e trocar a roupa de cama.”

Lembrou dos dias que se seguiram: das broncas dadas pelos pais por sua atitude temerária, do corpo dolorido da surra que havia levado dos seres sobrenaturais; do pior pelo qual podia ter passado não fosse a providencial chegada do pai. E, ainda mais, dos pais atirando panquecas doces sobre o telhado na véspera da Epifania, numa demonstração que não ficaram magoados com aqueles que viviam nas profundezas da terra.

Recordou o afastamento dos amiguinhos, dos amigos da família, do isolamento a que todos foram relegados daí em diante; da mudança da família para Larisa. Do seu casamento, da gravidez da mulher e do agora provável nascimento prematuro do filho. “Bem no dia de natal!” E começou a antever tudo que estava prestes a acontecer de agora em diante.

- Sabia que iria encontrá-lo aqui! É muito arriscado ficar fora de casa nesses dias, você mais que ninguém deve saber disso. Vamos, venha para casa, sua mulher precisa de você.

Absorto em seus pensamentos, Palamedes não notou a aproximação do amigo e suas palavras o trouxeram de volta à realidade. Dura realidade.

- Nasceu?

- Infelizmente, sim! A parteira fez de tudo para que ela segurasse, mas foi impossível - Ecleu, bateu de leve nos ombros do amigo numa tentativa muda de compartilhar de seu sofrimento e preocupação, tentou continuar – e...

- E??? fala logo! -quase gritou com o amigo temendo ser o complemento da notícia aquilo que mais temia.

- Nasceu com os pés para frente!

- Não! Isso não! – Palamedes caiu num choro convulsivo, antes de continuar - o que eu faço? - cumpro as tradições? Ou o deixo ser maldito até o fim de seus dias?

Palamedes se referia ao antigo costume de queimarem os pés das crianças nascidas naquelas condições para que não se tornassem também um Kallikantizaroi; o ser que mais temia.

Por instantes esqueceu-se do amigo que havia sentado ao seu lado e que por respeito a sua dor se mantinha em completo silêncio. Não podia imaginar o filho tão esperado correndo desganhado de um lado para outro na última semana do ano sem encontrar paz. Só a visão das unhas compridas e do aspecto animalesco já lhe causava vertigens e só o pensar dele comendo vermes, sapos e cobras lhe causavam ânsia. Podia escutar as batidas do tamanco de ferro sendo usado por ele em um futuro próximo. Quase totalmente fora da razão se via agora colocando Aahbran, esse era o nome escolhido para o bebê, no espeto e girando-o por três vezes no fogo. Três longas vezes. Chegou a conclusão que tudo que havia passado em nada se compararia ao que o filho iria enfrentar; a segregação social, a perseguição, a rejeição.

- Esconda sua mulher e o filho por uns dias - as palavras do amigo a princípio não faziam qualquer sentido - esconda-os por dez dias! De algum dinheiro extra à parteira, isso vai silenciá-la! - como não obteve qualquer resposta Ecleu continuou - a parteira pode vir fazer o *parto* depois da Epifania.

Em seus pensamentos ainda confusos aquelas palavras começaram a fazer sentido - É possível?

- Sim! Conheço aquela mulher, eles estão começando a vida aqui agora, querem abrir um pequeno negócio, forneça os recursos e ela não contara o fato nem mesmo ao marido. Vai ver!

Os dois sabiam do martírio a ser enfrentado por toda a família dado aquele nascimento e queriam a todo custo evitar.

- Combinado! Faça isso por mim, pode dar certo, mesmo porque quase ninguém sai às ruas nesses dias. Pode fazer, combine tudo com ela, faça isso por mim, por minha mulher e, principalmente, por meu filho. Aahbran não tem culpa da falta de programação dos pais! Em segundos repassou o dia que engravidou a mulher, ela não queria manter relações, achava

arriscado, faltavam apenas oito meses para o natal. Amaldiçoou a bebedeira daquele dia, a farra com os amigos e tudo mais.

- Vamos então, não é bom que nos vejam na rua a essas horas, podem desconfiar que alguma coisa está errada.

Ecloi se levantou dando a mão para apoiar o amigo e ambos se dirigiram às suas casas.

Essa foi a última vez que Ecloi e Palamedes falaram sobre o assunto. O *parto* foi feito 15 dias depois pela mesma parteira que prometeu esquecer o primeiro parto. A mãe do bebê praticamente varreu da memória os mais longos quinze dias de sua vida.

CAPÍTULO 19

- Pode levar cem ou mil anos, mas quando todos os egrégoras negativos se unirem teremos na terra outra idade da pedra. O império do mal levará a uma carnificina globalizada: nação contra nação, raça contra raça, irmãos contra irmãos, pais contra filhos; uma matança generalizada como nunca dantes vista! Sobrarão somente os que chamamos de excluídos da sociedade moderna; focos isolados de grupamentos humanos espalhados pelos confins do planeta e totalmente alheios a esse mesmo fim.

- Há alguma coisa que se possa fazer para escapar desse Armagedom - Anne, a mulher que havia formulado a pergunta ao palestrante continuou um tanto constrangida pela risadinha de algumas pessoas existentes no auditório - não sei se empreguei o termo correto?

- Se usou o Armagedom associado a uma catástrofe mundial, empregou-o muito bem; pois é exatamente isso que vai acontecer. - respondeu o escritor, continuando - a resposta à sua pergunta, sobre o que pode ser feito, requer uma análise dos problemas de fundo.

Vinícius, autor de uma dezena de livros sobre entidades pouco conhecidas que povoam o mundo astral, continuou sua palestra para completar os esclarecimentos.

- E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.

A citação bíblica foi colocada pausadamente, enquanto acompanhava a reação de cada um dos presentes. Depois, continuou:

- Isso, como tudo o mais que acontece com um indivíduo ou com a humanidade, está previsto como possível; mas não precisa necessariamente acontecer. Tudo que nós passamos é para o nosso bem e para o nosso crescimento, para nossa evolução;

por isso, se houver agora uma mudança de comportamento, nada disso precisa de fato ocorrer. A vida não perde tempo com inutilidades!

Anne voltou a erguer o braço e dessa vez Vinícius reparou na beleza da moça. Morena clara, alta, magra, olhos castanhos claros; sentada na primeira fila, vestindo uma calça jeans customizada e blusa top tomara que caia branca com o símbolo do movimento ecológico estampado, deixando à mostra um corpo bastante escultural. A demora em atender ao sinal fez com que a moça agitasse um pouco o braço num movimento de leque, isso chamou sua atenção e disse:

- Pode perguntar - olhou novamente a moça, antes de continuar - senhorita Anne.

- O que é iniquidade?

A pergunta fez com que o auditório novamente sufocasse um risinho desdenhoso, havendo até um comentário jocoso de um não identificado participante “E nem é loira!”

Vinícius tinha certeza que a maioria dos presentes também não sabia o significado da palavra e, se o soubessem, era pouco provável que entendessem seu emprego no contexto bíblico. Mas, preferiu colocar a resposta à brincadeira de uma maneira mais categórica:

- Muito boa pergunta senhorita Anne, eu mesmo já parei para refletir várias vezes sobre esse tema, sem, contudo, conseguir compreendê-lo plenamente.

Olhou por cima de todas as cabeças antes de prosseguir:

- Em uma única palavra, iniquidade significa maldade. Entretanto, ali ela esta colocada como a soma da maldade do homem.

Como a turma permaneceu em silêncio, talvez porque se sentiram pegos zombando da própria ignorância, a moça resolveu arriscar uma nova pergunta:

- Você disse que se nós passarmos por esse Armagedom vai ser para o nosso bem; como pode ser isso?

Dessa vez todos permaneceram em silêncio, provavelmente reconhecendo a pertinência da pergunta ou numa manifestação do interesse à resposta. Isso motivou o palestrante:

- O Criador não criou a maldade, até porque era desnecessário, o homem fez isso com louvor. Não apenas criamos o mal, mas o personificamos em nossos demônios: O Diabo; Satanás; Lúcifer e tantos outros.

Vinícius deu uma pausa, colocou água até a metade de um copo, bebeu vagorosamente; enquanto isso o auditório permanecia em um completo silêncio. “Sinal de interesse!” Concluiu em pensamento, antes de continuar:

- Kant enxergava o homem como propenso ao mal, embora com uma disposição originária para o bem - Vinícius bebericou rapidamente no copo antes de continuar - a maldade não é uma invenção de nossos tempos, mas nem por isso podemos nos furtar à responsabilidade da sua criação e sua evoluída existência até os dias de hoje.

Anne voltou a perguntar e dessa vez sequer deu ao trabalho de levantar o braço, estava agora dirigindo o interesse do grupo; havia conseguido impor respeito:

- Se a maldade não é uma invenção de agora, de que maneira posso ser responsável pela sua criação?

“Esperta a garota! Vem seguindo um estilo original e conciso!” Vinícius concluiu em pensamento antes de responder:

- Em tempos imemoráveis, em uma de nossas tantas vidas passadas, ajudamos a criá-la com nossos pensamentos, atos e omissões maldosas; daí para cá a temos alimentado cada vez mais. Em outras palavras, somos pais e mães dos egrégoras formados pela energia ruim que emanamos; mesmo às vezes não dando conta disso e ainda que fazendo em comunhão com outros tantos que pensam e agem da mesma forma.

- É feio perguntar o que é egrégora?

- Feio é fingir que sabe, sem saber! - Vinícius olhou para os demais e perguntou ao grupo:

- Alguém mais não sabe o que é um egrégora?

Todos permaneceram quietos, o que fez mudar a forma de perguntar:

- Quem poderia nos explicar o que é um egrégora?

Instantes de silêncio e depois o comentário de um dos participantes:

- Acho que ninguém sabe o que é isso!

- Isso... Senhor... - não obtendo imediata resposta à pergunta indireta, Vinícius se aproximou da segunda fila onde estava sentado o cavalheiro, posicionando-se a uma distância que desse para ler o nome diretamente no crachá de identificação, completando - Senhor Augusto, esse é o nome que damos a um ser criado unicamente pelo homem. Uma forma-pensamento que não pouca das vezes é muito poderosa. Eles são seres coletivos, ou seja, formados pela união de pensamentos, sentimentos e emoções de duas ou mais pessoas que tenham o mesmo propósito.

- Eu sou criador! - Augusto olhou para um dos lados, para trás e depois voltou a olhar para frente - do diabo, quero dizer!

A face de alguns acompanhou o sorriso cínico do colega.

Vinícius sabia que o ar de deboche deveria ser rompido de imediato se quisesse manter o controle sobre a platéia, por essa razão, antes que o rapaz voltasse a falar, continuou:

- Phaneg escreveu: *Todo coletivo constitui na verdade uma família no espiritual e tem seu chefe. É a este chefe que o Espírito fala.*

Augusto fez menção de falar novamente, mas foi interrompido por uma pergunta de Anne que, dessa vez, não se limitou a esticar o braço e sim se levantar ao mesmo tempo em que colocava a pergunta:

- Phaneg disse alguma coisa sobre a formação do egrégora?

Mentalmente Vinícius agradeceu a providencial interferência da garota:

- Sim! Na verdade ele resumiu tudo em poucas palavras: *O pensamento, a vontade, o desejo, são forças muito reais; mais talvez do que a dinamite ou a eletricidade. Debaixo de sua influência, a matéria astral, que é tão plástica, faz-se compacta e toma forma.*

- Então, o egrégora tem forma? - voltou a questionar a mocinha.

O palestrante compreendeu que a garota estava evitando dar espaço ao outro e era visível que passava a admirar sua esperteza:

- Sim! No caso dos egrégoras ruins podemos dizer que ele toma a forma de nossos medos. E, os bons, a forma de nossos melhores ideais.

- A civilização na Terra é muito antiga, por que somente agora esse risco todo? - Augusto conseguiu perguntar num momento de reflexão da garota.

O palestrante procurou afastar uma primeira má impressão quanto ao rapaz ao ver que isso fazia sentido:

- Se reparar bem, a civilização não é tão antiga assim, ao menos a que chegou aos dias de hoje; vinte mil anos, no máximo cinco mil em organização social semelhante à nossa. Porém, o desenvolvimento tecnológico mesmo se concentra praticamente nos últimos cem anos. Assim, comparada com a presença do homem na Terra, algo em torno de aceitos sete milhões de anos, o mundo moderno é apenas um recém nascido.”

- Mas isso sozinho não explica o aumento da violência que todos nós pressentimos!

A colocação foi feita pela garota, o que fez Vinícius admirá-la ainda mais:

- Sozinho de fato não, mas em parte explica sim, pois essa situação é sempre cumulativa, podemos analisar esse aumento da violência sob vários aspectos, pessoalmente gosto de lembrar

que somos herdeiros de nós mesmos, herdeiros do resultado de nossos atos passados, se o mundo atual é violento, cruel e injusto; nós o fizemos assim. Mas, também, podemos dizer que o mal é político e histórico; entretanto, embora produzido por homens, ele se manifesta apenas onde encontra espaço institucional para isso. Nesse último caso, ele é visto como de ordem cultural, um povo não se torna violento a não ser que possua certa cultura da violência; o que vem a gerar uma população sedenta de sangue, medo e dor.

O palestrante parou por instantes para beber água e continuou:

- Gosto de lembrar que não existe diferença entre os dois conceitos, são apenas maneiras diferentes de dizer a mesma coisa; o segundo caso dá a impressão de se querer transferir para outros a responsabilidade do problema, mas não podemos esquecer que é nossa a escolha política.

Dessa vez Anne olhou primeiramente para os lados e para trás antes de formular sua próxima pergunta:

- Em que setores da sociedade tem havido um incremento maior da violência?

- É geral essa situação, começa com as crianças em tenra idade assistindo a desenhos animados com cenas de violência, depois jogos e esportes violentos e assim por diante. Por um lado, podemos dizer que a violência tem deixado de ser exclusividade masculina para encontrar espaço amplo entre o público feminino.

Pela primeira vez Vinícius fez uso do *data show* e um quadro apresentou índices com um incremento de 62% na violência feminina quando analisadas meninas de 14 a 18 anos por um período de 10 anos, enquanto no sexo masculino ficou em 28% para o mesmo período e faixa etária.

- Como vocês podem ver, os dados falam por si mesmos; são dados obtidos na Alemanha, mas não pensem que é muito diferente no resto do mundo.

Acionou o controle e um novo quadro apareceu; continuou sua explanação:

- Por outro lado, a violência contra as mulheres atingiu índices alarmantes, como podem ver.

Desta vez o texto informava que, no mundo, o fenômeno atingia **pelo menos uma em cada três mulheres, adolescentes e meninas**; segundo dados do Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. Ainda, que na América Latina e no Caribe, **entre 25% e 50% das mulheres eram vítimas da violência doméstica; comprometendo 14,6% do Produto Interno Bruto (PIB) da região**, o que corresponde à cerca de US\$ 170 bilhões, de acordo com dados de 2008 do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Alertou que os dados antigos o eram exatamente para mostrar que o problema não era novo e continuou:

- Como podem ver, a violência, além de uma questão social, é também uma questão econômica!

- Isso sem contar a violência nos estádios com as torcidas organizadas, gangues, pedofilia, e umas tantas outras mais!

A colocação foi feita por um senhor que sentava na última fila.

- Não podemos esquecer a polícia! - uma senhora fez essa observação.

- Está impossível viver nas cidades grandes!

Outra senhora colocou a deixa que Vinícius esperava. Num *click* a tela mudou para outro quadro apresentando que a violência que atinge os jovens brasileiros na faixa etária dos 12 aos 29 anos é maior nas cidades médias; trazia também o Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ) para as principais cidades brasileiras.

- Como podem ver é errado supor que São Paulo e Rio de Janeiro são os lugares mais violentos para os jovens brasileiros.

Enquanto os participantes liam os dados apresentados, o palestrante colocou:

- A violência esta migrando para o interior!

- Por quê?

Vinícius não identificou o autor da pergunta, mas não queria perder tempo com nomes e deixar escapar um momento tão propício para desenvolver seu trabalho, iniciou a explanação:

- A mídia! A mídia de massa possibilitada pela capacidade tecnológica, principalmente a Internet; que é desregrada!

Foi a resposta, enquanto um dos presentes pedia a fala. O escritor apenas gesticulou com o braço direito estendido e mão aberta na vertical.

- Antonio Rodrigues, da Tribuna do Interior. A televisão pode ser responsabilizada por isso?

- Não acredito que exista um componente isolado, a mídia regular não incita mais à violência do que à virtude; em sua maioria pesa o fator econômico tanto na produção quanto na colocação do produto a ser consumido. Em outras palavras, eles produzem para nossas pretensões de consumo! Fazem exatamente o que queremos ver e ouvir!

- A Internet também tem coisa boa?

A colocação inesperada adiantava a linha de raciocínio do apresentador e ele continuou dali:

- Não podemos negar que sim! O problema é que ela é disponível o tempo todo! Na televisão, como foi o enfoque, a programação adulta só está disponível nas altas madrugadas, o que possibilita um maior controle pelos pais.

O escritor estava gostando da participação do grupo, mas não podia continuar nessa linha de pensamento, por isso resumiu:

- O mais grave é nossa passividade diante do que pressagia esse aumento da violência: fazer com que a maldição anunciada para todo o planeta se cumpra! - deu ênfase à última frase.

- Um castigo divino?

A voz já conhecida de Anne voltou a ocupar o auditório.

- Prefiro acreditar que Deus não castiga ninguém, do Livro de Lamentações: *Tu lhes darás a recompensa, Senhor, conforme a obra das suas mãos.* E, aceitar a definição dada no livro Identificando e Rompendo Maldições: *Uma maldição é a recompensa dada por Deus sobre uma pessoa e sua descendência como resultado de sua iniquidade.* O que nos carrega de volta ao início dos debates.

O escritor fez uma pausa, novamente com um gole de água e continuou:

- O Armagedom, como bem colocado aqui pela nossa colega Anne, não é uma questão de se vai acontecer e sim de quando vai ocorrer.

Olhou ligeiramente para a moça e continuou:

- Gostaria da atenção e dos comentários de vocês a alguns versos que vou ler.

Acionou uma tecla no *notebook* e leu direto da tela *“Quando o homem conhecer o fogo solar a humanidade vai correr um perigo mortal. Duas serão as cidades imperiais a conhecer os funerais.”*

A pronúncia em forma de verso levou ao inevitável comentário de um dos presentes:

- Alguém andou fazendo poesia sobre Hiroshima e Nagasaki!

- Cidades corretas, poesia não. Agora escutem o comunicado da Casa Branca ao povo americano à época: *Acabamos de lançar sobre o Japão a força de onde o Sol tira o seu poder. Nós conseguimos domesticar a energia fundamental do universo.*

Como a classe continuasse em silêncio e, provavelmente, meditando sobre alguma relação plausível, Vinícius continuou:

- Escutem agora essa outra: *Carros e carroças de servos e vassalos serão guiados sem cavalos. Pássaros de ferro e de madeira passarão sem deixar esteira.*

Ele deu um tempo para o grupo assimilar o texto e perguntou:

Alguém consegue enxergar alguma coisa dos tempos modernos nesse trecho?

Olhou atentamente para todos.

Anne não se preocupou em levantar a mão e falou com a certeza do acerto:

- O automóvel e o avião!

- Existem muitas poesias misturando o passado com o presente! - colocou Augusto.

Anne interferiu:

- Ele já disse que não se trata de poesia!

- Então o que é? - quis saber o autor da colocação.

- Profecias! - o palestrante repetiu - Profecias!

E somente depois completou:

- Profecias feitas por um vidente italiano do século XVIII, que...

- Lá vem ele com *Notredamos*.

Nessa hora foi interrompido novamente pelo homem de nome Augusto e pela primeira vez o palestrante demonstrou seu desagrado com as constantes interrupções daquela pessoa, provavelmente um resquício do sarcasmo empregado no começo da palestra e que voltava a se repetir; por isso respondeu seco:

- Nostradamus, - deu ênfase ao final do nome e voltou a repetir - Nostradamus, era francês e viveu no século dezesseis. Estas previsões são de autoria do Mago Ladino, como já disse um vidente italiano do século XVIII, que também escreveu: *Atentos a 1999! O mar está louco. Muitas terras tremerão. Um arado profundo passará nas terras do mundo. A Grande Serpente nascerá no Oriente. Quando o milênio estiver no fim, os cristãos serão igualmente pagãos. A única fé estará no dinheiro e no poder; triunfarão o engano, a corrupção e a violência.*

A última frase foi colocada num tom um pouco mais elevado de voz, procurando atrair a atenção da platéia para essa parte do texto.

Continuou:

- Isso tudo foi escrito no início de mil e setecentos, o avião foi inventado em mil novecentos e seis e as bombas foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki em quarenta e cinco. Portanto, duzentos e cinquenta anos depois. E, foi colocado a vocês exatamente porque ele prevê uma escalada da violência.

Em seguida questionou o auditório se o mesmo podia ver relação da previsão com as condições climáticas atuais “Isso apenas para emprestar credibilidade àquelas profecias!” Alertou.

“Terremoto no Haiti!”

“O tsunami nas Filipinas!”

“O Katrina nos Estados Unidos!”

“Destruições na China!”

“Os tsunamis e terremotos que varreram o Japão!”

Esses foram alguns dos melhores comentários dos participantes, o que fez o escritor acrescentar:

- A gente se lembra sempre das catástrofes mais próximas, mas falando em escalada verifiquem no gráfico que vou projetar.

Dito isto, acionou o controle e um gráfico de colunas apresentou um visual vertiginoso do número de terremotos no mundo; saindo de próximo de zero na época de Cristo e terminando em um número superior a 200 nos dias atuais; numa progressão geométrica a partir de meados do século XIV. Com uma observação que nos dias de hoje, em todo o globo, ocorrem 500 mil tremores a cada ano, número que pode chegar a um milhão, conforme o critério de análise, sendo que uns 100 mil deles podem ser percebidos pelos sentidos e ao menos 1000 causam estragos.

- Impressionante! - foi praticamente o comentário geral.

- Vou projetar para vocês alguns fatos que atestam ainda mais esses dados, que devem ser confrontados com as profecias expostas.

Um quadro de textos apresentou números para o ano de 1999: *janeiro - terremoto na Colômbia = 1.230 mortos e 5.300 feridos; julho – enchente na China (Hong Kong) = 240 mortos; agosto – terremoto na Turquia = 20.000 mortos e 43.000 feridos; setembro – China (Taiwan) = 2.500 mortos e 11.000 feridos; setembro – Grécia = 143 mortos e 2.000 feridos; novembro = Turquia = 1.000 mortos e 5.000 feridos; dezembro – enchente na Venezuela = 20.000 mortos.* O escritor voltou a falar enquanto o quadro era exposto:

- Esses não são números finais, existem variações para maior no número de vítimas e outras catástrofes naturais similares não relacionadas. Hodiernamente vocês têm os dados pela mídia diária; noventa e nove é apenas o começo. Um marco!

Mudou o *data show* para um novo quadro, este apresentava textos bíblicos, o que fez com que o apresentador fizesse observações:

- Aqui, não se trata de ser católico ou não; apenas traduz outras linhas de previsões, o importante é que, cientificamente falando, houve um aumento significativo na frequência de terremotos acima de seis graus.

“E haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu. (Lucas 21,11)”

“Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá terremotos em diversos lugares, e haverá fomes e tribulações. Estas coisas são os princípios das dores. (Marcos 13,8)”

“Dos confins da terra ouvimos cantar: Glória ao justo. Mas eu disse: Emagreço, emagreço, ai de mim! Os pérfidos têm tratado perfidamente; sim, os pérfidos têm tratado perfidamente. O temor, e a cova, e o laço vêm sobre ti, ó morador da terra. E será que aquele que fugir da voz de temor cairá na cova, e o que subir da cova o laço o prenderá; porque as janelas do alto estão abertas, e os fundamentos da terra tremem. De todo está quebrantada a terra, de todo está rompida a terra, e de todo é movida a terra. De todo cambaleará a terra como o ébrio, e será movida e removida como a choça de noite; e a sua transgressão se agravará sobre ela, e cairá, e nunca mais se levantará. (Isaiás 24: 16,17,18,19,20)”

Vinícius mudou para outro quadro enquanto apontava um ponto laser para o primeiro item “*The Web Bot Project – calamidade em 2016*” enquanto comentava:

- Para quem ainda não ouviu falar, se trata de um programa de computador para rastrear informações na Internet e originalmente foi criado para fazer previsões sobre o comportamento do mercado de ações; depois se descobriu que ele podia prever outros tipos de eventos. Previu a recente crise econômica, o acidente com o Columbia, blecautes, furacões, tsunamis e até o famoso atentado terrorista contra as Torres Gêmeas em 2001. De lá para cá, aprimorado, previu as destruições que já foram relatadas e das quais vocês estão inteirados.

Apontou o ponto vermelho para outro item “*Maias – 2012 = alinhamento galáctico ou mudança na inclinação da Terra*” dizendo:

- Muitas de suas previsões também já se concretizaram.

Desceu o laser até o próximo da lista onde vários nomes estavam escritos “*Planeta X; Absinto; Nibiru; Hercólubus; Marduk = catástrofe 2011/2016 (O Tsunami Grego ocorreu a 3.600 anos atrás)*”

Vinícius pegou uma cópia do livro *O Egrégora* e mostrou a todos:

- Não vou aprofundar os comentários sobre Nibiru, esse enorme planeta vermelho que se aproxima da Terra, porque já o fiz em demasia nesse meu último livro e matéria em profusão a esse respeito pode ser encontrada na Internet; ficando aí a ressalva da divergência de datas.

- Pelo que andei lendo nenhum cientista explica esse atraso, era para passar em dois mil e doze.

- Espero que nossos meios de transportem não fiquem com inveja, afinal são quatro anos de atraso; isso que é pontualidade – Augusto voltou a dar sinais de sua presença.

O auditório riu até Vinícius interromper:

- Afora a presença de espírito do colega Augusto, o restante não é motivo de riso. E nem de reclamações, pois a Terra ganhou um tempo extra; esse é um atraso bem vindo!

O auditório silenciou novamente e ele continuou:

- Antes que me perguntem, nem os cientistas conseguem dar explicações plausíveis; o melhor consenso é um alongamento na elíptica daquele planeta. Sem interferências tudo é previsível no espaço; o cerne da questão é que ninguém sabe quais seriam estes fatores modificativos no ângulo da elíptica. Bem! Isso é coisa para os astrônomos. Que tal voltarmos ao nosso tópico?

- Sim! Não há porque fundir a cuca nisso – Anne resumiu a opinião de todos.

Vou projetar uma colocação para vocês pensarem, mirou o foco de luz para o texto entre parêntesis: “*Tsunami Grego* é o nome que se dá ao cataclismo que teria destruído a civilização *minoana* e sua colocação ali é porque isso aconteceu quando da última passagem desse planeta pelas proximidades da Terra.”

- A próxima seria no final de dois mil e doze e depois foi projetada para dois mil e dezesseis; como já debatemos.

Na projeção um pequeno mapa da região do Mar Egeu e ilhas pertencentes à Grécia.

O escritor apagou o último quadro.

Novamente Anne tomou a iniciativa:

- Como podemos reconhecer a proximidade desse tempo catastrófico fora desses eventos físicos; pelo comportamento das pessoas, quero dizer?

- Os maus, multiplicado aos bandos, serão possuídos por uma força estranha e levarão a maldade aos extremos. Uma força maligna e misteriosa tomará conta do mundo disseminando o mal e os homens se transformarão em besta-fera; sem exceção de nenhum.

Apontou para Anne:

- Mais alguma pergunta?

- E essa força misteriosa é um egrégora! - sentenciou a moça.

- Sim! O mais poderoso deles, originado da fusão de todos os egrégoras ruins existentes no planeta! Um banco de dados contendo toda forma de maldade existente no mundo, capaz de receber a um só tempo os pensamentos, os sentimentos e as emoções ruins de bilhões de pessoas; um banco onde se você contribuir com um único deles, já será o bastante para ter acesso ao todo. Pensamentos maldosos, emoções de raiva e sentimentos de

ódio que cada um terá como seu, forçando-o a agir de maneira imprevisível, incontrolável e irresponsável; qual a turba, mesmo que individualmente.

Vinícius voltou a olhar novamente para a Anne. A moça entendeu a deixa:

- Existe alguma prova científica da existência desses seres denominados egrégoras?

“Ela esta me testando!” Pensou, antes de responder:

- Prova científica, como tudo que se refere ao outro lado, não! Mas, cientistas que atestam a possibilidade de sua existência, sim! Eles concluíram que os pensamentos são um tipo de matéria plasmável, ou seja, matéria que pode ser modelada, originária do poder mental. Albert Einstein disse a esse respeito “*Do conceito de que a matéria é um fantasma eletrônico, até a idéia de que pensar é uma imagem-pensamento que se materializa, não existe um grande passo.*”

Uma batida na porta chamou a atenção do apresentador que olhou enquanto ela se abria.

- Bem, parece que as pessoas mais esperadas nas palestras chegaram, com suas bandejas de salgados, bolachas, biscoitos e doces, além do leite, do café e dos sucos, então vamos ao esperado *coffee break* e depois continuamos para concluir nossos trabalhos, afinal não estou aqui para falar sobre os fenômenos físicos de um provável cataclismo, que foram colocados apenas para deixar claro que existem desgraças que pré-dispõem o ser humano à violência; mas sim para expor a influência de seres elementais artificiais que interferem no comportamento humano.

O pessoal começou a levantar:

- Só mais uma coisinha, vou deixar aberto um quadro para acompanhar o cafezinho, ele contem um diálogo que, se não acharem que se emprega ao que foi tratado até aqui, com certeza o acharão no mínimo curioso; os que ainda não o conhecem, com certeza!

Acionou o comando do *data show* e se dirigiu também à mesa que a essa altura já estava posta.

Enquanto o pessoal se reunia à volta da mesa, o aparelho iniciava vagarosamente um texto, linha por linha:

“Alemanha – Início do Século 20

Durante uma conferência com vários universitários,

Um professor da Universidade de Berlim

Desafiou seus alunos com esta pergunta:

‘Deus criou tudo o que existe?’

- Sim. Ele criou!

- Deus criou tudo?

Perguntou novamente o professor.

- Sim senhor, respondeu o jovem.

O professor indagou:

- Se Deus criou tudo, então Deus fez o mal?

Pois o mal existe, e partindo do preceito de que

Nossas obras são um reflexo de nós mesmos,

Então Deus é mau?

O jovem ficou calado diante de tal resposta

E o professor, feliz, se regozijava de ter

Provado mais uma vez que a fé era uma perda de tempo.

Outro estudante levantou a mão e disse:

- Posso fazer uma pergunta, professor?

- Lógico, foi a resposta do professor.

O jovem ficou de pé e perguntou:

- Professor, o frio existe?

- Que pergunta é essa?

Lógico que existe,

Ou por acaso você nunca sentiu frio?

Com certa imponência o rapaz respondeu:

- De fato, senhor, o frio não existe.

Segundo as leis da física,

O que consideramos frio,

Na realidade é falta de calor.

Todo corpo ou objeto é suscetível de estudo

Quando possui ou transmite energia,

O calor é o que faz com que este corpo tenha

Ou transmita energia.

O zero absoluto é a ausência total

E absoluta de calor,

Todos os corpos ficam inertes,

Incapazes de reagir,

*Mas o frio não existe.
Nós criamos essa definição
Para descrever como nos sentimos
Se não temos calor.
- E, existe a escuridão?
Continuou o estudante.
O professor respondeu
Temendo a continuação do estudante:
Existe!
O estudante respondeu:
- Novamente comete um erro, senhor,
A escuridão também não existe.
A escuridão na realidade
É a ausência de luz.
A luz pode-se estudar,
A escuridão não!
Até existe o prisma de Nichols
Para decompor a luz branca
Nas várias cores de que está composta,
Com suas diferentes longitudes de ondas.
A escuridão não!
Continuou:
- Um simples raio de luz atravessa as trevas
E ilumina a superfície onde termina o raio de luz.
Como pode saber quão escuro
Está um espaço determinado?
Com base na quantidade de luz presente nesse espaço,
Não é assim?!
Escuridão é uma definição que o homem desenvolveu
Para descrever o que acontece quando não há luz presente.
Finalmente, o jovem perguntou ao professor:
- Senhor, o mal existe?
Certo de que para esta questão
O aluno não teria explicação,
O professor respondeu:
- Claro que sim!
Lógico que existe.
Como disse desde o começo,*

*Vemos estupros, crimes
E violência no mundo todo,
Essas coisas são o mal!
Com um sorriso no rosto
O estudante respondeu:
- O mal não existe, senhor,
Pelo menos não existe por si mesmo.
O mal é simplesmente a ausência do bem,
É o mesmo dos casos anteriores,
O mal é uma definição que o homem criou
Para descrever a ausência de Deus.
Deus não criou o mal.
Não é como a fé ou como o amor,
Que existem como existem o calor e a luz.
O mal é o resultado da humanidade
Não ter Deus presente em seus corações.
É como acontece com o frio quando não há calor,
Ou a escuridão quando não há luz.
Por volta dos anos 1900,
Este jovem foi aplaudido de pé,
E o professor apenas balançou a cabeça
Permanecendo calado...
Imediatamente o diretor dirigiu-se àquele jovem
E perguntou qual era seu nome?
E ele respondeu:
ALBERT EINSTEIN, senhor!"*

E o aparelho continuou reprisando o texto, enquanto todos se deliciavam com as guloseimas oferecidas pela organização do evento e se deleitavam lendo e relendo aqueles ensinamentos.

CAPÍTULO 20

No intervalo Vinícius cumprimentou um e outro participante, pegou um salgadinho, um copo de suco e se retirou para um canto isolado fora do auditório.

Anne se aproximou:

- Posso atrapalhar sua concentração?

- Não atrapalha em nada, na verdade não estava pensando em nada mesmo! - olhou atentamente para a moça antes de continuar - vivo repetindo as mesmas coisas para todo lado... é lógico que tento melhorar cada vez mais... para ver se me ouvem; mas parece tudo inútil.

Calou por alguns segundos e prosseguiu:

- As boas surpresas fazem com que tudo não vire apenas rotina. Isso sim seria ruim!

O escritor não falou de maneira desanimada e sim denotando preocupação, o que foi captado pela moça.

- Fala do mundo em geral, não é?

Ela falou numa entonação de voz que fez com que ele sentisse na frase um pedido de desculpas em nome da humanidade.

- É... você é muito perspicaz!

Anne desconversou ao elogio, como era de se esperar, mas o surpreendeu quando continuou:

- Existia um homem que todos os dias fazia suas pregações numa praça. Todos que passavam apenas olhavam e, quando não mudavam o trajeto, apenas seguiam em frente. E ele continuava sempre sozinho, falando apenas ao vento. Um dia uma senhora que morava em frente e via sempre aquela cena, se aproximou e disse: *Você não se cansa, eles não vão te ouvir; nunca vão mudar.* O homem olhou gentilmente para ela, agradeceu suas boas intenções, e retornou: *Se eu parar agora, eles é que terão me mudado!*

- Ao menos hoje a praça não está vazia! - o homem sorriu, enquanto dizia a frase.

- É isso aí! - a garota fez um ar meio sem jeito e desconversou mudando de assunto:

- Quando você falava sobre a existência do homem na Terra, usou do termo *aceitos* sete milhões de anos.

- Sempre a mesma coisa... o científico versus o teosófico - Vinícius olhou para a garota, chegando a sorrir de seu olhar meigo.

- E...

- Tá bom, *Raças-raiz*.

- E...

Ele riu da maneira original de perguntar, um curto pedido de complemento normalmente utilizado por professores e completou:

- Vamos lá, tudo começa a trezentos milhões de anos com os *Nascidos por Si Mesmos*, depois os *Nascidos do Suor* e em seguida os *Nascidos do Ovo*. Já a próximos dezoito milhões de anos o *Atlante*, terminando na atual raça-raiz a *Ariana* com um milhão de anos. Satisfeita?

- Não! Tem compromisso para o jantar?

O escritor apenas sorriu, a cozinha do hotel tinha nível internacional e seria ali mesmo. Segurou gentilmente a moça pelo braço enquanto se dirigiam à sala de eventos.

Vinícius interrompeu o *data show* que ainda passava o quadro anterior:

- Todos abastecidos e animados?

Um “Agora sim!” aqui, outro ali e a sala estava pronta para continuar os trabalhos do dia.

- Senhores, nós falamos inicialmente sobre a união de egrégoras que está ocorrendo, sobre as previsões catastróficas para a humanidade, os fenômenos naturais, e o aumento da violência. Correto?

- Correto! - Anne novamente se antecipava.

- Falta vermos como opera essa relação entre o indivíduo e o egrégora, a mudança de comportamento para enfraquecer os egrégoras maus e fortalecer os bons, as teorias que tentam explicar a união de egrégoras, o fim previsto se nada for feito e, finalmente, o que se é possível fazer individualmente ou em pequenos grupos para se proteger desse resultado.

O palestrante projetou um quadro onde o primeiro desenho apresentava o espectro de uma luz brilhante, que no quadro seguinte tomava forma arredondada e algo densa de um branco já opaco.

No próximo quadro já era apresentada em uma forma humanóide pouco definida e que pouco diferia de uma formação em névoa espessa; qual uma nuvem estilizada.

No quadro que se seguia, esta forma aparecia algo duplicada, e, no terceiro, as figuras já estavam totalmente separadas uma da outra; um clone perfeito e em tudo iguais.

Como era previsto, ninguém entendeu nada, o que fez com que olhassem uns aos outros num protesto mudo.

Dessa vez, nem Anne fez qualquer comentário, mas com certeza sabia o que era. Olhando para ela Vinícius pensou que não gostaria de jogar pôquer com aquela moça “Nenhuma mudança na fisionomia!” Observou, antes de começar:

- Senhores, a partir de agora vamos remobiliar a casa onde vocês residem; móveis novos e grátis. O que fazer com os móveis velhos?

Desta vez Anne se antecipou:

- Retirá-los!

- Certo! Vender, doar, jogar fora, mas de toda maneira esvaziar a casa. É isso que vou pedir para vocês agora, esvaziem seus pensamentos de todos os conceitos conhecidos sobre o princípio de nossa existência.

Com o laser apontado para a primeira figura, a luz:

- *Toh.le.dhóhth* - olhou por sobre a cabeça de todos os presentes – *gerações* - voltou a dar uma pequena pausa - em hebraico, citado por dez vezes no Genesis.

Acompanhou por instantes as expressões faciais:

- *Fiat Lux!* O Criador trouxe à luz o *Universo das Coisas*.

Pegou um livro de sua autoria e mostrou a todos dizendo:

- *Ao Deus Eu* - alertando que tratava dessa parte naquele livro.

Moveu o laser até a forma em duplicação, mencionando:

- Cissiparidade! O Criador quis dividir conosco parte da responsabilidade da criação!

Olhou para todos, antes de continuar:

- Igual às amebas, porém, uma única vez! Por quê? Porque eram imortais! O custo da reprodução desregrada é a mortalidade... ou a morte! Estamos falando dos *Nascidos por Si Mesmos* e algo em torno de trezentos milhões de anos atrás; embora imensos, eram apenas embriões do corpo físico, da mente... e da alma. Essa única reprodução que lhes foi permitida, dividindo-se em dois, gerando um ser em tudo igual e conforme, lhe seria importante por toda a eternidade. Eles não desapareceram, apenas evoluíram.

- Lembra Adão e Eva, feita de uma costela; mas só que aí foi feita do corpo inteiro – uma senhora comentou.

Vinícius não comentou a observação e olhou para Anne, antes de colocar:

- Alguém... pode me dizer o que nascia naquele momento?

- Nossa alma-gêmea! Sem dúvidas - disse a moça, complementando - embora nunca tivesse pensado dessa forma.

- Sim! O único ser vivente que nos entende tudo por tudo e, inquestionavelmente, nos defende contra tudo e contra todos. O parceiro ideal! - completou o escritor, perguntando:

- Alguém... pode me dizer para que raça eles evoluíram? – ele estava gostando do jogo de perguntas e respostas com Anne e devolvendo as gentilezas da moça na primeira parte do evento.

- Nascidos do Suor? - a garota deitou a cabeça até encostá-la no ombro direito.

- Certo! Alcinhadados de *Sem Ossos*, apresentavam uma mente rudimentar, mas ainda não tinham uma ligação entre a matéria e o espírito; o que viria posteriormente a formar a *mentalidade*. Essas duas formas em princípio de vida são tidas como *raças semidivinas* e, fantasiadas, serviram de base para a maioria das lendas sobre a criação e os semideuses – falou olhando particularmente para a senhora que havia feito o comentário sobre Adão e Eva.

O quadro foi mudado apresentando um mapa do globo terrestre aberto em duas partes:

- O Continente da Lemúria teria afundado devido a alterações geológicas e estaria no fundo do Pacífico ou do Índico.

Com o laser assinalou esses lugares no mapa.

- Os habitantes deste continente eram conhecidos como *Nascidos do Ovo* e eram hermafroditas; um ovo se desprendia de seu corpo gerando um novo ser. Nessa etapa o corpo físico tomou a forma sólida, a reprodução sexuada, e fez-se mortal. Desapareceu convertendo-se na raça Atlante que habitava o continente obviamente chamado de Atlântida e teria sido destruído por um cataclismo. Seus sobreviventes vieram a formar a raça Ariana, raça-raiz da de nossos dias e já dispersos pelo mundo a algo em torno de um milhão de anos.

O apresentador olhou para Anne e disse:

- Você poderia me dizer qual a única importância da apresentação dessa linha evolutiva no contexto dessa palestra?

- As almas-gêmeas! - dessa vez a garota não titubeou e nem fez charme.

- Sim! E exatamente pelo fato de pensar, querer e agir da mesma forma; *as formadoras do primeiro egrégora!* Em outras palavras, foram criadas, se auto-reproduziram, e criaram ao mesmo tempo outra criatura que as acompanharia pela infinidade dos tempos. Nós todos temos, em conjunto com nossa alma-gêmea, o nosso egrégora até hoje, e por mais que participemos de uma infinidade deles, este é o chefe ao qual nosso espírito se reporta. Vocês se lembram de Phaneg?

- Seria nosso banco de dados pessoal? - arriscou Anne, nesse caso meio indecisa.

- Muito mais que isso, além de conter todos os pensamentos, sentimentos e emoções que geramos ao longo de nossas vidas; acumula os de outros que, em um momento ou outro de suas vidas, o fizeram de forma semelhante à nossa. O egrégora funciona como um leva e trás e se você não rejeitar de imediato um pensamento ruim que aflora em sua mente, vai assimilá-lo como seu. Lógico que o mesmo acontece com tudo que é de bom, nesse caso, é de bom tom assimilar mesmo.

Olhou para Anne enquanto dizia:

- Vou pedir à nossa colega Anne para ler o texto de Phaneg, pois vai ser importante para a conclusão dessa parte.

- *Todo coletivo constitui na verdade uma família no espiritual e tem seu chefe. É a este chefe que o Espírito fala.*

Vinícius sabia que a simples mudança de voz bastava para tirar o cansaço que normalmente domina uma platéia quando se embrenha por assuntos complicados. Então, continuou:

- O egrégora original não passa de uma sociedade dirigida pelos sócios que a fundaram meio a meio e que necessita da assinatura dos dois para qualquer operação. Dessa forma, quando você quiser modificar sua linha de conduta recorra imediatamente à sua alma gêmea para, juntos, modificarem seu egrégora. Não é possível de qualquer outra maneira.

- E o que eu faço para encontrar minha alma gêmea? - a pergunta veio de uma mulher já não muito jovem e Vinícius sabia que a conotação era a do parceiro ideal.

- Na vida física nossa alma gêmea pode aparecer concomitantemente, mas pode ocorrer de estar presente apenas no começo, no meio ou no fim de nossas vidas físicas; ou até não, em algumas delas. O consolo é que estamos em sintonia direta com ela, basta pensarmos; para os nossos pensamentos não existem barreiras de distância, de estado, ou de local. Nem sempre caminhamos juntos dada a necessidade de evolução, uma vez que esta é uma vida de experimentação, e não se poderia ficar repetindo sempre e sempre a mesma experiência. Isso retardaria ou mesmo viria a impedir sua evolução.

Acreditando ter respondido à parte física da resposta pretendida pela participante, Vinícius iniciou a parte que realmente interessava:

- O velho ditado que *duas cabeças pensam melhor que uma* vale nesse caso também, essas almas caminham juntas tal qual bois numa canga, um não pode ir para um lado sem a concordância do outro. Se você estiver tendendo para o caminho errado, escute seus pensamentos, com certeza sua alma gêmea estará constantemente indicando o caminho certo.

- Mas as duas podem trilhar o caminho errado! Não podem?

Vinícius não conseguiu localizar a autora da pergunta e, sem se preocupar, respondeu:

- Qual bois na canga, *derrapar*, seguindo numa resultante de força! Mas só por um tempo! Eternamente, não! Na vida física, trilhando caminhos diferentes, uma hora uma delas vai reencontrar o caminho certo e vai procurar puxar a outra para ele. Esse é o motivo e a finalidade de sua criação e existência!

Uma vez que o palestrante fez uma pausa para um gole de água, Anne aproveitou o espaço para perguntar:

- Ela é a nossa consciência?

- Nossa consciência externa, se quer colocar assim, uma hora nosso anjinho nos aconselhando ao bem e outra hora nosso diabinho tentando nos levar ao mau. Mas isso é recíproco; somos também o indicativo do caminho dela, o que nos torna duplamente responsáveis.

- Eu pensei que o egrégora fosse nossa consciência externa!

Dessa vez Vinícius localizou a dona da voz, era a mesma da pergunta anterior, uma senhora de cabelos grisalhos que estava sentada na terceira fila.

- Por favor, minha senhora, qual é seu nome? - o palestrante não quis recorrer à lista eletrônica e nem se aproximar para ler.

- Clotilde, senhor.

- Dona Clotilde, sua pergunta veio a calhar, egrégoras não podem ser consciência de nada, são apenas banco de dados, apenas fornecem informações, não as processam. Não possuem discernimento algum, não aprendem de seus erros porque não erram, apenas executam operações; quais robôs que repetem sempre um ou outro dos tantos movimentos existentes em seus arquivos e para a qual foram programados.

- O palestrante respondeu, continuando:

- Com isso terminamos a relação do indivíduo com os egrégoras. O próximo tópico é a *mudança de comportamento para enfraquecer os egrégoras maus e fortalecer os bons*.

O momento requeria uma maior participação do grupo e ele sabia disso:

- Gostaria que cada um colocasse um item que fortalece os egrégoras maus, vamos começar por nossa colega Anne.

Começando pela moça: *maldade, difamação, calúnia, malícia, perversão, cobiça, contenda, engano, insensatez, deslealdade, soberba, inveja, deslealdade, insolência*; além dos tradicionais: *matar, roubar e furtar*, foram as principais colocações.

O escritor voltou a pedir a participação de todos:

- Gostaria que colocassem agora situações com grande número de pessoas envolvidas e que os itens citados aparecem, voltamos a começar pela Anne.

“Torcidas organizadas!”

“Gangues!”

“Trânsito!”

“Polícia!”

Vinícius interrompeu:

- Está ótimo, já vi que vocês já descobriram o berçário de grandes egrégoras maus. Embora vocês devam estar cansados de saber vou lembrá-los de algumas situações: os pobres da periferia das grandes cidades vêem o Estado como assassino, a polícia mata e põe a culpa na vítima; taxando-a de traficante justificam as invasões, os tiroteios e as chacinas. O trânsito mata mais do que as guerras é uma violência silenciosa que envolve milhões. As torcidas organizadas e as gangues estão relacionadas às mesmas condições: identidade de grupo que se manifesta por sinais de afiliação aí incluídos roupas, bandeiras, tatuagens, corte de cabelo e uma infinidade de outros sinais e é sempre exercida

contra minorias; uma cultura de violência que é deflagrada em momentos incertos.”

Uma pequena pausa deu aos participantes o tempo necessário à assimilação, em seguida o palestrante continuou:

- Toda essa violência é multiplicada por meio da televisão, não que nós tenhamos na maioria das vezes a participação real nesses fatos, mas como testemunhas impotentes; o que causa revolta. O capitalismo também tem sua parcela de culpa, nesse caso representado pela mídia em geral, pois ele exerce uma cobrança muda de comportamento, mostrando condições de uns poucos como regra geral e imprescindível, fazendo com que aqueles que não podem atingir esse padrão se sintam culpados da própria ignorância e pobreza; o que os leva à vergonha e daí à revolta.

O novo quadro acionado mostrando fotos de Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, Nelson Mandela e do Presidente Lula, fez o apresentador antecipar aos pensamentos e aos comentários dos participantes:

- São exemplos de pessoas cujo patrimônio pessoal está a quilômetros de distância dos mais ricos do mundo e são muito mais lembrados e admirados. A história trás um número incontável de outros.

Vinícius acionou o comando e uma única foto foi projetada e comentou:

- Simplesmente Carlos! Simplesmente o *Homem Mais Rico do Mundo!* Entretanto, é bem provável que nenhum de vocês o reconheceu e, se o fizeram, não o ligaram a nenhum fato a não ser o dinheiro!

A um comando a tela apresentou um quadro de um homem meio desnudo sentado dentro de um barril e cercado de cães, logo abaixo um texto identificando a obra e a autoria, Vinícius apenas leu o que estava escrito “*Diógenes sentado em seu barril cercado por cães. Pintura de Jean-Léon Gérôme.*

Pouco abaixo o ano 1860.

- Esse filósofo, o oposto do consumismo, cujos únicos bens eram um alforje, um bastão e uma tigela, ensinava que o objetivo da vida deve ser a busca da felicidade. Mas, uma felicidade obtida apenas pelo autodomínio e pela liberdade. Em resumo, uma filosofia contra o prazer, o desejo e a luxúria; pois isso impede a auto-suficiência. Impede exatamente por serem fontes do incentivo ao querer mais e mais, que nos leva ao consumismo exacerbado. E, que deve ser substituído pela prática da virtude; Diógenes ficou conhecido por carregar durante o dia uma lanterna acesa de um lado para outro dizendo *que procurava por um homem honesto*. Seu desapego é retratado na lenda do encontro com Salomão, o mais rico e o mais poderoso dos reis, com uma infinidade de palácios, mil mulheres entre esposas e concubinas; encontro no qual, o rei, lembrando suas posses, coloca-se a disposição de Diógenes para satisfazer qualquer de seus desejos materiais, obtendo como única resposta que *então se afastasse, pois estava impedindo que a luz do sol chegasse até ele*. Ele também exaltava o comportamento dos cachorros por viverem o presente sem qualquer ansiedade, por aprenderem instintivamente quem é amigo e quem é inimigo e por reagirem com honestidade frente à verdade; *ao contrário dos humanos que enganam e são enganados uns pelos outros*.

O apresentador deu um tempo enquanto tomava água, em seguida prosseguiu, aproveitando o silêncio que reinava no auditório:

- Tudo isso foi colocado não para que vocês pensem em serem políticos, pessoas voltadas exclusivamente à caridade e, muito menos, que pratiquem o desapego total às conquistas da humanidade. Mas, para que enxerguem a necessidade de uma mudança de comportamento.

Vinícius correu os olhos por cima das cabeças e continuou:

- A sociedade moderna impõe, como já foi dito, um padrão de consumo no vestir, no possuir objetos e aparelhos

eletrônicos, carros esportivos e mansões; além da maneira de falar, no domínio de idiomas estrangeiros, e muito mais. Acontece que todos sabem qual é esse padrão esperado de vida, porém, poucos conseguem alcançá-lo; ainda mais nos dias de hoje com a globalização.

Pausou, para dar ênfase:

- Assim, quando o indivíduo não atinge esse *status* tende apenas a ruminar sua impotência, quando deveria reagir a esse modo de vida que valoriza apenas a busca do dinheiro e o poder de compra - voltou a olhar a todos - poder esse conquistado, na maioria das vezes, à custa de um trabalho estafante; que exclui por completo o convívio social e afetivo, e o prazer de criar de fato alguma coisa útil.

Anne levantou o braço:

- Vinícius, isso no plano individual ou em um plano coletivo?

- Tanto faz, o que se faz no individual ecoa no coletivo e vice-versa! O que importa mesmo é que nossos ideais para construirmos um mundo melhor estão comprometidos.

Vinícius olhou para Anne de forma a lhe passar novamente a palavra.

- Essa mudança de comportamento enfraqueceria os egrégoras maus? - a moça colocou de imediato.

- Sim! Esses egrégoras são alimentados na verdade por nosso comportamento, quer esse se manifeste por meio de pensamentos, emoções ou pelos sentimentos que deles advêm. Assim, um comportamento que valorizasse mais a cooperação em detrimento da competição, já seria um ótimo começo!

- E quanto aos egrégoras bons, quem são eles, como podemos fortalecê-los e, principalmente, podemos contar com eles como nossos aliados? - Anne fez a pergunta olhando atentamente para Vinícius.

- Os grandes egrégoras bons são aqueles criados pela fé, não por uma religião considerada em si mesmo, mas pela fé;

única e exclusivamente pela fé. Você pode passar de uma religião a outra e levar consigo sua fé, mas é impossível ir de uma fé a outra levando consigo sua religião; a fé é latente em nosso ser e se manifesta à menor necessidade de apoio. Por essa razão posso dizer que os grandes egrégoras foram criados pela fé de milhões de pessoas e são constantemente por elas alimentados. São exemplos: Fátima, Lourdes e Aparecida; os pensamentos, os sentimentos e as emoções de milhões de fiéis os mantêm sempre fortes. Nós podemos fortalecê-los participando dessa corrente de fé.

O palestrante parou de falar e fez movimentos rápidos com a cabeça de cima para baixo fazendo com que o queixo quase tocasse a base do pescoço, todos perceberam que a colocação que viria o preocupava:

- O problema maior é que esses são egrégoras de lugar, depois é que são gerados e alimentados quase que exclusivamente por uma infinidade de pedidos, sentimentos de esperança na obtenção de resultados e emoções de alegria quando se vêem atendidos e, porque não dizer, frustrações quando não. Por isso, limitados para as necessidades que vamos enfrentar; por pior que isso possa soar aos nossos ouvidos, dada as nossas crenças.

Vinicius acompanhou várias cabeças movimentando em sinal de desaprovação; estava acostumado e por essa razão não se abalou, continuando:

- Mesmo que esses egrégoras se unissem, e de fato poderiam, não disseminariam na humanidade nada de novo, seriam as mesmas convicções endereçadas a um mesmo grupo de pessoas, nesse caso em especial nem sequer uma mudança do objeto da crença, pois sabemos que Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora de Aparecida é a mãe de Jesus; apenas, em caso de fusão desses egrégoras, os fiéis devotos de Fátima, passariam a ser devotos de Lourdes e Aparecida também e isso reciprocamente; o que de uma forma ou outra já o são.

- Nesse caso então, quais são os egrégoras bons que devemos fortalecer e como fazemos isso?

Vinícius notou que a pergunta veio de uma senhora que havia, com gestos da cabeça, discordado da colocação anterior. Por esta razão respondeu:

- Todos os egrégoras bons devem ser fortalecidos, nossos pensamentos devem se voltar exclusivamente para as coisas boas, em outras palavras, *simplesmente pararmos de pensar em coisas ruins*. Os palestrantes da linha de auto-ajuda com certeza vão repetir a vocês que pensar em coisa ruim atrai coisa ruim; do ponto de vista egrégoras, nós os fortalecemos somente em pensar neles. Aqui, vou me valer de uma frase da Madre Tereza de Calcutá... *Vocês nunca vão me ver numa marcha contra a guerra, mas com certeza me encontram numa marcha a favor da paz*; isso se emprega mais do que nunca aos egrégoras, não pense nos ruins, pense nos bons. Em outras palavras, para aqueles que refutam a existência dos egrégoras, tenham pensamentos bons, simplesmente esqueçam os pensamentos ruins. Pense que é bom seu time de futebol vencer com esportividade, não a qualquer custo; pense que é bom preservar o meio-ambiente, não destruí-lo; pense na paz no trânsito e nas estradas; e daí por diante. Todos sabem como ser bonzinhos, o difícil é ser; mas temos que fazer disso um hábito!

O palestrante projetou no quadro uma frase, alertando não ter referências sobre sua autoria, antes de prosseguir.

“Pensar, Sentir, Falar e Agir com retidão, esta é a maneira correta de construir o futuro certo, um mundo novo, equilibrado, harmonioso, justo e perfeito. Sadio para todos os seres, inclusive os animais e vegetais.”

Um novo quadro foi mostrado aparecendo a foto de um agrupamento de pedras, posicionadas na vertical e entalhadas com diversas inscrições, tendo abaixo o texto traduzidos das mesmas. O palestrante fez questão de ressaltar que o idioma português não foi contemplado na inscrição original:

Pedras Guia da Geórgia (Georgia Guidestones)

As dez frases escritas em cada uma das oito línguas modernas são:

- 1. Manter a humanidade abaixo de 500.000.000 em um balanço constante com a natureza.*
- 2. Controlar a reprodução de maneira sábia - aperfeiçoando as condições físicas e a diversidade.*
- 3. Unir a humanidade com um novo idioma vigente.*
- 4. Controlar a paixão - fé - tradição - e todas as coisas com razão moderada.*
- 5. Proteger povos e nações com leis e cortes justas.*
- 6. Permitir que todas as nações regulem-se internamente, resolvendo disputas externas em uma corte mundial.*
- 7. Evitar leis insignificantes e governantes desnecessários.*
- 8. Balancear direitos pessoais com deveres sociais.*
- 9. Valorizar a verdade - beleza - amor - procurando a harmonia com o infinito.*
- 10. Não ser um câncer na terra - Deixar espaço para a natureza - Deixar espaço para a natureza.*

O palestrante voltou a falar:

– Tecnicamente não existe nada que comprove estarem corretos esses avisos, mas não se pode negar que é uma coisa a ser pensada. Cada um deve tirar suas próprias conclusões.

- É assunto a ser pensado em casa e com calma, proponho avançarmos em nosso esquema. Existem teorias que expliquem a união de egrégoras? - Anne dirigiu a pergunta praticamente avançando o tópico da palestra.

Mentalmente, Vinícius agradeceu a interferência tendo em mente que normalmente as pessoas não se consideram más; mesmo quando o são até em demasia e isso as leva a querer debater interminavelmente o assunto. Simplesmente respondeu:

- Sim! Os iguais sempre se atraem no astral, raiva atrai raiva, ódio atrai ódio e violência atrai violência, pelo fato de, na maioria das vezes, uma levar à outra isso pode formar fator de fusão entre elas e, no caso dos egrégoras, entre eles. Porém, a tese desenvolvida por mim, sem qualquer comprovação, devo lembrá-los, é que existe a real possibilidade de cascões monstruosos em tamanho e força, abandonados pelo esquecimento, estejam sendo acordados para se unirem aos atuais egrégoras gerados pela atual onda de violência, dentre eles posso citar os gerados pelos horrores do Holocausto, onde foram vitimados milhões de judeus, porém, sem esquecer outros de mesma época e espécie, principalmente o que ficou conhecido pela alcunha de Holocausto Asiático, onde os japoneses vitimaram milhões de civis e prisioneiros de guerra. Procurei gerar um modesto modelo de simulação que resultou nos esquemas que estão sendo apresentados agora na projeção.

Na tela um egrégora formado por vândalos pichadores se une a um egrégora de torcida violenta fazendo com que os pichadores passem a promover destruições além das pichações.

No quadro seguinte esse ser fortalecido pela união volta a se unir com um de gangues fazendo com que antigos pichadores, agora também depredadores passem a ser também violentos com as pessoas, batendo e matando.

No quadro seguinte, muitos grupos de egrégoras se juntam arrumando força suficiente para sugarem e serem sugados pelos cascões de outrora, fazendo com que esses grupos se voltem com violência contra raças inteiras provocando dizimação e morte em massa. Resumiui:

- A humanidade sempre teve por lema, mesmo que na maioria das vezes inconscientemente, que *desgraça pouca é bobagem* e as guerras tem sido a única saída à fome, às desavenças e à insatisfação geral; a história está repleta de exemplos. Vou projetar uma frase, dessa vez cujo autor é certo, para que pensem e meditem sobre esse assunto no aconchego do lar. Sua colocação é apenas para retratar nosso único futuro se nada for feito agora.

No quadro como uma mensagem de despedida “*Não sei com que armas a III Guerra Mundial será lutada. Mas a IV Guerra Mundial será lutada com paus e pedras. Albert Einstein*”

- Senhores, senhoras, rapazes e senhoritas - o apresentador pronunciou a última palavra olhando para Anne - quero agradecer a atenção de todos e desejar um excelente aproveitamento nas palestras que vão se seguir e deixar aqui a minha admiração e respeito pelos palestrantes que vão dar seqüência aos trabalhos. Meus sinceros agradecimentos.

O escritor permaneceu no auditório enquanto todos se retiravam. Todos, menos Anne, que aguardou um olhar e assim que este ocorreu perguntou:

- Nosso jantar... sai mesmo?

- Com certeza, te aguardo no hall as dez, assim você tem uma hora após o término da palestra da noite. Esta bem prá você assim?

- Ótimo, as dez então!

Um beijo recíproco no rosto selou o compromisso.

CAPÍTULO 21

Vinicius resolveu esperar sua convidada encostado ao balcão do bar próximo do restaurante do hotel. Pediu um conhaque e ficou bebericando enquanto pensava na estranha aproximação dos dois. Para ele não se tratava apenas de Anne ser uma mulher atraente. Apesar de um rosto lindo e corpo escultural, reconhecia, não era bem isso que o atraía nela. Alguma coisa, no momento inexplicável, parecia aproximá-los sem que houvesse a mínima interferência da vontade de ambos. “Impossível fugir!” Acabara de concluir quando sentiu uma pressão sobre o ombro direito e um rosto se aproximando do seu. O beijo no rosto terminou de tirá-lo do devaneio.

- Demorei?

Anne estava ainda mais linda, com certeza havia se produzido para o encontro e Vinicius não pode deixar de notar. E elogiar.

- Você esta linda mesmo, parecia impossível, mas conseguiu se superar; ao menos quanto ao visual da palestra. Muito embora fosse o único que conhecia até agora. Parabéns, você esta deslumbrante!

O escritor compreendia estar se derretendo em elogios; apesar de que, nesse caso, muito merecidos. Notou que ela havia atraído a atenção de todos à sua volta e sentiu-se envaidecido da sua companhia. Entendendo estar sendo indelicado, corrigiu num repente:

- Toma alguma coisa?

- Um martini dry, não sou muito afeita a bebidas fortes! Conhaque? - sinalizou com um movimento de cabeça a pergunta sobre a bebida que estava a tomar; denunciado com certeza pelo formato do copo.

- Sim, gosto de relaxar um pouco depois das palestras, embora, devo confessar, graças a você, esta foi uma das menos estressantes de toda minha carreira; embora essa também não seja muito longa ou antiga.

A bebida veio de imediato e sem que qualquer dos dois precisasse repetir o pedido, o barman atento colocou o martini e se afastou discretamente.

- Atento o barman! - Anne fez o comentário exatamente pelo fato de não termos que repetir o pedido, o que por certo acontece na maioria dos lugares.

- Nesse caso, graças novamente a você, atrai a atenção de todos. Isso fez com que ele se mantivesse à nossa volta e... atento a nossa conversa.

Ela riu descontraída, enquanto acusava o recebimento do elogio:

- Assim vai me deixar convencida!

- Pode acreditar que os elogios são merecidos! Pensei que não fosse se interessar mais pelo jantar a dois, afinal tirou suas dúvidas durante a palestra, ou não?

- Sim! Quanto às raças-raiz. Não! Quanto a sua pessoa - Anne fixou os olhos no escritor.

- E quais seriam essas? - Vinicius tomou um gole de bebida - posso saber?

- Magos brancos? - a moça fez a pergunta mantendo os olhos fixos no homem.

Sem desconversar, mas pensativo, Vinicius bebeu mais um pouco de conhaque, enquanto devolvia a pergunta:

- O que sabe sobre eles?

- Nada! A não ser que existem, espero!

- Então deve saber que eles são um pequeno grupo e que não existe ninguém que conheça um só deles!

Ela não se apresentou surpresa com a resposta e retornou:

- Isso responde sim à existência deles, de todos os setes quero dizer, mas não a segunda parte da pergunta.

Vinicius sabia que era a de ser ele um mago branco e não tinha uma resposta pronta a essa pergunta. Imaginava a moça com outros interesses e por essa razão ficou em silêncio para captar o que mais ela sabia.

- Djou... ela voltou a repetir segundos depois - Djou, uma voz me disse para tratá-lo por esse nome.

O silêncio do escritor foi ainda maior, na verdade nessa hora todos seus pensamentos silenciaram. O tempo pareceu parar a sua volta enquanto seu espírito chegava ao Templo da Irmandade em busca de respostas.

Encontrou o templo vazio, ao menos aparentava estar.

Estranhou, nem o guardião estava presente ou fazia-se propositalmente ausente. Começou a ouvir uma música, no começo vaga e bem ao fundo, mas que foi aumentando de intensidade.

Reconheceu “A Flauta Mágica!” Entendeu tudo num instante.

- Eu não sei por quê? Apenas senti um impulso para chamá-lo assim. Djou. - a voz da moça o trouxe de volta à realidade do momento.

- Eu sei! - foi sua única resposta momentânea, enquanto seus pensamentos se voltavam agora para um passado não muito distante.

“Eu tenho sete anos para prepará-lo como meu sucessor!”

Lembrava ainda as palavras de seu mestre, embora à época não conseguisse ligá-las ao fim daquele ciclo de vida física do mestre.

Sabia que naquele instante começava a sua contagem de tempo. Estaria preparado? Sua família estava preparada para sua partida? Qual o critério de escolha do sucessor? Como os outros seis haviam optado por Anne? Quais seriam seus méritos? Sabia que as respostas viriam com o tempo e que não iria consegui-las naquela hora.

“Confio na escolha de vocês!” - projetou ao alto esse último pensamento enquanto voltava à realidade. E à moça.

- Você sabia! Como? - para Anne a conversa mantinha uma seqüência normal, com as pausas previstas pela surpresa.

- Sabia que iria acontecer mais cedo ou mais tarde! Não que seria você!”

- Voltou a olhar para a moça e gostou ainda mais do que viu. Chegou a agradecer aos demais pela escolha.

- Seria eu o quê? - insistiu Anne.

- Digamos que alguém para eu compartilhar o pouco que sei e uma parceira para a missão da qual me incumbi - Vinícius desconversou em parte.

- Sim, mas você é ou não é um desses magos?

- Calma moçinha, o oculto existia antes da criação do mundo visível, não está você pretendendo desvendá-lo em alguns minutos. Creio que temos um jantar combinado.

O escritor terminou a bebida e Anne preferiu levar seu copo até a mesa do restaurante; mal havia tocado na bebida.

- E então, o que vai pedir?

- Picadinho de mago branco, se não me responder. Estou morrendo de curiosidade. Brincadeira, um frango grelhado e legumes; para mim é o suficiente.

- Vou te acompanhar, menos no picadinho de mago - Vinícius acompanhou na brincadeira.

Ela riu e prosseguiu com amenidades; ao menos durante o jantar.

Durante o cafezinho Anne voltou à pergunta anterior e Vinícius desconversou novamente. Subiram juntos e despediram-se no elevador, não sem antes Vinícius prometer um novo encontro.

Naquela noite ficou a pensar sobre o assunto, embora se achasse preparado não podia negar a surpresa. Tanto quanto à moça, quanto à proximidade do fato. Afinal tinha a convicção que sete anos passavam muito rápido e eram tantos os preparativos. Ainda se lembrava das instruções recebidas quando de sua iniciação.

“O que está escrito, esta feito!”

Adormeceu convicto que o canal de comunicação com a moça estava aberto. Naquela noite teria algumas das explicações.

Encontrou Anne no Baixo Egito, no Delta do Nilo, mais precisamente em Behbeit El-Hagar, olhando para as ruínas do Templo de Ísis. Aguardou alguns minutos ao seu lado, quieto, sem nada dizer, esperando apenas que ela o visse e de alguma forma o reconhecesse.

Estava a pensar “Porque no templo antigo, seria mais normal em Filae, um lugar mais comum ao público leigo!” Esses pensamentos o deixavam curioso quanto a Anne, mas foi tirado de suas reflexões pela interferência da moça.

“Djou ou Vinícius, como devo tratá-lo agora? Qual dos dois é você mesmo?”

“Os dois! Trate-me como achar melhor, Vinícius é apenas um nome, todos nós recebemos um a cada ciclo da vida física; desses já tivemos milhares.”

“Reencarnações?”

Vinicius notou que Anne agia como um sonâmbulo astral, conversava, agia, mas com certeza de nada se lembraria ao acordar. Simplesmente concordou com um gesto.

“E Djou, é de uma de suas reencarnações anteriores?”

“Não! Esse é meu nome no astral, único e pelo qual sou conhecido deste lado. Aqui nós adotamos um nome e uma aparência única, fica mais fácil sermos reconhecidos.”

Procurava explicar mesmo sabendo ser improvável que no dia seguinte ela se lembrasse de alguma coisa. No máximo alguns resquícios de um sonho estranho; bastante estranho nesse caso.

“Sua aparência não difere muito da que conheci na palestra, só que com roupas esportivas.”

“Você me conheceu assim, é a forma que ficou gravada, a roupa esportiva fica na conta de sua imaginação, aqui enxergamos as coisas da maneira como queremos ou sentimos.”

“Fica melhor assim... mais jovem! Devia usar essas roupas.” Riu por instantes, voltou a olhar para ele de cima abaixo e com certeza comparar com o Vinícius palestrante, e terminou por concluir “É, fica muito melhor assim!”

Vinícius também riu “É um caso de se pensar.”

“Posso ver sua forma astral?”

Ele sabia que ela de nada se lembraria no dia seguinte, mesmo assim relutou por instantes, no fim acedeu.

A figura de Vinícius foi perdendo a forma enquanto se transformava em um ser esbelto, magérrimo mesmo, vestido de bata branca do pescoço até os pés; rosto andrógino, tez alva como o linho, olhos de um azul claro quase transparente. Falou macio: “O que acha?”

Anne não pode evitar um risinho “Prefiro a outra forma, mais máscula. Voz grossa!”

“Pode ser, mas não combina em nada no astral onde a força física perde todo significado. Mas lembre-se, é apenas uma forma de apresentação, nada tem a ver com o que somos na

realidade. Nossos pares nos identificam pelas vibrações que emitimos e uma forma de luz com um brilho *sui generis*; ambos com a intensidade de nossos merecimentos.”

“Eu também tenho uma forma astral? E um nome?”

Quis saber Anne.

“Com toda certeza!”

“Posso ver?”

“Eu posso demonstrar se quiser.”

“Quero sim! Estou curiosa!”

Vinícius trocou a forma para uma quase idêntica e uma voz quase angelical soou “Eu sou Mit! Eu sou você aqui!”

Dessa vez Anne se fez séria: nenhum rizinho e nenhuma brincadeira “Um doce!” Ficou por instantes olhando apaixonada pela figura à sua frente.

“*Ela se reconheceu!*” Vinícius pensou enquanto retornava à sua forma original, a que tinha no mundo físico de agora. Quase teve que retirá-la do transe em que se encontrava.

“Todos aqui são assim?” Por fim a jovem perguntou.

“Infelizmente não, lembra-se do Jovem Einstein sobre a escuridão, a daqui esta repleta de seres cuja luz ainda não pode ser medida; alguns sequer pressentidos o são.”

“Eles são perigosos?” Quis saber a moça.

“A escuridão sempre circunda a luz, mas se mantém fora dos limites onde esta alcança. Se enfraquecemos nossa luz, permitimos o avanço dessa escuridão sobre nós; e isso mais e mais até que passamos a fazer parte dela, mas isso não significa que ela nos tomou; nós é que nos integramos a ela. Ou, em outras palavras, nos entregamos a ela.”

“Então a luz que irradiamos nos protege contra tudo e contra todos?” Anne mantinha a sagacidade nas perguntas.

Vinícius deu um sorriso ao lembrar-se da garota na palestra “Quisera ser tão simples assim, a chama de um fósforo pode ser vista a quilômetros na escuridão total, mas mesmo as luzes mais fortes podem se perder junto ao brilho de outras ainda mais fortes que ela. E aí é que mora o perigo, pois vivemos num mundo de seres de luz em várias intensidades e nem todos naquele momento direcionados ao bem.”

“Você disse naquele momento? Por quê?”

“Porque eles vão perdendo energia e luz até enfraquecerem e voltarem a fazer parte da escuridão. Não podemos recarregar das trevas, ali é a ausência de luz e energia. Repouso de seres inertes e inofensivos. Mas isso nunca chega a esse ponto e nem mesmo acontece por longo tempo, normalmente ao notarmos que estamos perdendo energia e luz, voltamos ao caminho do bem e nos recompomos.”

“Você disse um *habitat* de seres inertes e inofensivos! Como eles saem dali ou vão ficar eternamente nessa condição?”

“Saem de lá pela vontade, unicamente pela vontade, a energia e luz pegam emprestada na periferia dos que brilham; um excedente que ateamos fora continuamente. Abocanham essas sobras, se energizam temporariamente, e vão à procura de obter mais por seus próprios méritos.”

“Diga-me uma coisa, eu sei tudo isso?”

“Sim! Isso e muito mais, acontece que na vida encarnada é formado um bloqueio temporário com o fim de podermos aproveitar da nova experiência; isso às vezes pode durar uma vida inteira.”

“Você já me conhecia, quero dizer, daqui?”

“Não! Essa integração também é necessária ao nosso desenvolvimento espiritual; ensinar e aprender ou aprendendo ensinando. Uma troca de conhecimentos que ajuda-nos a avançarmos mais rápido.”

“Então, como sabia minha forma e meu nome?”

“Você irradia isso, quando a olhava eu via a silueta de Mit, cujo nome você me transmitiu junto com seus pensamentos. Aqui não nos comunicamos com o uso da voz, se aparenta é apenas mais uma força do hábito.”

“Mas por que fomos juntados? Por que eu? Por que você? Por que agora?” Anne continuava com sua seqüência de perguntas em busca de respostas imediatas.

“Recorda-se de sua última pergunta, a que ficou sem resposta no nosso jantar ou pouco antes dele?”

“Os magos brancos?”

“Sim! Essa é a resposta!”

“Então eu...”

“Sim! Foi escolhida para ficar no meu lugar assim que eu me for, ou melhor, assim que eu vier para cá. Entendeu?”

A moça caiu em si “E fala isso dessa maneira? São apenas sete anos ou estou enganada?”

“Não, não está! São sete anos sim e se quer saber, quando estou na vida física, tenho essa mesma reação de dúvidas que você agora apresenta. Aqui não, aqui os pensamentos são claros, de uma lucidez espantosa. Tudo parece simples e o é, pode ter certeza. Por enquanto você ainda não esta de posse de todos seus conhecimentos, mas muito em breve tudo será diferente. Vai ver!”

Vinicius notou que a moça apresentava sinais de cansaço e sabia serem estes transmitidos do corpo físico. Aproximou a mão direita aberta até próximo à cabeça de Anne “Vá e descanse!”

A moça praticamente desapareceu e Vinicius ficou a pensar sobre o que estava acontecendo e pela primeira vez pensou em como trataria o caso com Romilda. Pensou no filho. Na filha. Nos trabalhos que estava desenvolvendo. No cascão que achava fossilizado. Em Alfredo.

“Tem alguma idéia do que seja isso?” Perguntou Alfredo assim que viu Vinicius aparecer ao seu lado.

À frente dos dois um enorme cilindro negro, cujas extremidades parecia se abrir qual uma boca enorme, uma concentração de escuridão jamais vista por eles e que barrava a visão de todo o espaço que por certo existia do lado de traz; nenhuma estrela, nem um mínimo de foco de luz podiam ser visto através dele.

Vinicius olhou o amigo por instantes antes de responder “Um cascão, não tenho dúvidas! Resíduo de um egrégora enorme! Hoje acredito que quanto maior eles são mais necessidade de energia têm para se manter ativos. Se falta essa energia entra em uma espécie de *coma de inanição*.”

“Sempre acreditamos que egrégoras se unem a outros!” Alfredo falou depois de refletir.

“Ai é que está o problema. Sempre se unem a um egrégora mais forte, mas o que aconteceria se não existisse nenhum mais forte que ele?”

Alfredo pensou e depois concordou “Você tem razão, com a falta de grandes guerras esse monstro deixou de ser alimentado, suficientemente quero dizer, e isso fez com que ele entrasse num estado letárgico vamos dizer. Mas isso pode ser temporário, não pode?”

“Sim! O que eu temo é que a reunião de egrégoras que está acontecendo termine por criar um com força suficiente para absorver esse. Nesse caso, as duas forças reunidas gerariam um ser de proporção impensável.” Vinícius expos em resumo suas preocupações.

“O mal seria disseminado onde houvesse um pingo de maldade; isso quer dizer em todo canto e em todas as pessoas. É isso?” Alfredo captou bem os pensamentos do amigo.

“Romilda pensa da mesma maneira. O problema é como evitar que isso aconteça.”

Alfredo olhou para Vinícius com o semblante cheio de rugas, um sinal de preocupação muito comum nele “Acho que vocês têm razão de se preocuparem, o caso é mesmo grave, dessa vez não vai ser o caso de pensar que este egrégora se define por si mesmo, como no caso do Tião, e nem de se pensar que podemos esvaziá-lo como fizemos com Ate; pelo menos não de maneira tão simples. Vamos precisar de um fato novo. Algo que faça o povo lutar pela sobrevivência mesmo, digo o povo de uma maneira geral; a humanidade melhor dizendo. Só assim a violência no planeta vai diminuir ao menos pelo tempo necessário para esse egrégora ir para a dormência.”

Vinícius sempre se espantava com as colocações de Alfredo, de fato não conseguia vê-lo apenas como um surfista. Embora parecesse um. Voltou a dizer “Vê o que consegue pensar e depois me diga o que podemos fazer, enquanto isso eu e Romilda vamos bolar alguma coisa.”

“Certo, a gente se vê.” Dito isso Alfredo desapareceu deixando Vinícius novamente com seus pensamentos. Nada havia dito quanto sua nova situação, e nem poderia, dada as diferenças de condições a que se submetiam.

Precisava dormir um pouco e sabia disso, descansar de verdade, longe de qualquer preocupação. Desarmar o espírito

como se costuma dizer nessas horas; não apenas dar descanso ao corpo físico.

Sonhar era a única coisa que não pretendia naquela hora, mas sem Romilda por perto foi a primeira coisa a acontecer quando desligou o consciente.

“*Papai... papai.*” Vinícius atendeu de imediato ao chamamento do filho. O que viu o deixou assustado, sua filha estava arrastando seu filho e, antes que pudesse intervir, ela se dividiu em doze bolas de sangue, envolveu por completo o garoto que desapareceu em seguida. O escritor sentia a agonia tomar conta de todo seu corpo, sentia se contorcer, suar frio, o coração disparar. De repente sentiu tudo se acalmar, podia sentir a presença de Romilda. Voltou a dormir tranqüilo.

Romilda ao ver o parceiro calmo retirou a mão que mantinha sobre sua cabeça e retornou à fazenda e ao filho.

Um novo sonho substituiu o antigo, dessa vez a música de Mozart fazia com que Vinícius sorrisse durante o sono.

O musical trazia-lhe de volta à mente todos os segredos iniciáticos nela inseridos. Os três passos dos ensinamentos místicos, o longo e árduo caminho a percorrer ditado pelos instrumentos de metal, a pedra sendo lapidada de bruta e morta a trabalhada e viva. A abertura da clarividência e a visão dos mudos inferiores e os superiores. A eterna pergunta lhe voltou ao ritmo dos acordes “*É verdade aquilo que vejo? Ou será apenas ilusão?*” Vivenciou a força criada pelo estudo das Leis Divinas e sua capacidade de ser utilizada tanto para construir como para destruir. A regra simples de escrever, ler e falar “*Viver e deixar viver*”, mas difícil de empregar na prática. A prudência como forma de coibir nossa tendência para a bisbilhotice, ciúme, inveja e o ódio. Ao mesmo tempo em sua mente passavam cenas de negligência a essa regra básica que traziam a discórdia, as dissidência e, por fim, a destruição.

Sorriu ainda mais quando recebeu de mãos jovens a flauta mágica chegando a falar enquanto dormia “O símbolo dos poderes do espírito e da divindade adormecida no homem.”

Viu à sua volta três escravos a simbolizar o corpo físico, o vital e o de desejos; todos relacionados com os prazeres inferiores, com o medo e a ignorância.

Ao longe podia avistar três templos: o da Razão, à direita; o da Natureza, à esquerda; e, no meio desses dois, o da Sabedoria. Pode acompanhar os templos se transformando, os laterais tomando forma masculina e feminina e unindo-se ao central gerando um novo ser da união da força, da beleza e da sabedoria.

Por instantes pareceu escutar as palavras de um velho mago a lhe dizer que vivemos cercados de estímulos aos quais reagimos conforme a espiritualidade de cada um e que isso faz parte do trabalho de auto-aperfeiçoamento; o ensinamento, o aviso e ou a cobrança, dita em alto e bom tom e que apenas foram repetidas nas palavras de Sarastro: *“Nestas amplas galerias não se conhece vingança.”*

O alarme do celular tocou ao mesmo tempo em que o musical chegava ao fim e Vinícius acordou repetindo:

- Tã, tã, tãããã...

Levantou alegre enquanto recordava a incursão da noite “Pobre, nu e cego!” Pensou enquanto se preparava para uma ducha.

O escritor riu quando notou que estava a caprichar um pouco demais no corte da barba “Mais do que o usual.” Com esses pensamentos entrou na ducha que já estava a cobrir de vapor todo o ambiente ao ponto de embaçar o espelho.

Banho tomado levou a mão ao armário para pegar uma camisa social “Não! Dessa vez roupa esportiva!” Riu com certo vagar e tirou da mala jeans, camiseta e tênis.

“É... não ficou tão mal assim!” Disse a si mesmo, numa espécie de elogio. Normalmente não usava essas roupas quando em trabalho *“Mas seria esse apenas um trabalho?”* Pensou.

O almoço combinado com Anne seria num shopping local e achou graça quando se notou ansioso para o encontro. Em minutos estava num taxi.

CAPÍTULO 22

Vinícius consultou o horário assim que chegou à Praça de Alimentação, local do encontro marcado com Anne. Verificou estar bastante adiantado e aproveitou a folga para vagar pelo shopping.

Ao passar em frente a uma banca de revista não pode evitar a manchete em um jornal de grande circulação “*Violentos distúrbios na Grécia*”. Vinícius sabia do colapso financeiro que tomou conta daquele país e não se preocupou em ler para saber mais detalhes sobre o assunto. No momento acreditava ter problemas demais e, ademais, tinha o prazeroso encontro com Anne e não queria ter a cabeça voltada para o até então problema dos outros.

Não demorou muito e o celular tocou, era Anne:

- Onde você está?

- Estou aqui no shop mesmo! Estou indo.

Novamente a moça o surpreendeu, de dia parecia ainda mais linda, vestia uma blusinha com decote em V deixando parte dos seios à mostra; o cabelo pendia solto cobrindo os ombros e parte da lateral dos seios. Chegou a pensar como seria bom um vento afastá-lo, mas ali não havia vento algum. Conformou-se.

- E aí? – disse a moça.

- E aí, o quê... posso saber?

- Nenhum elogio hoje?

- Só você mesmo, assim quem vai ficar encabulado sou eu!

O escritor afastou alguns passos após haver se aproximado para um beijo no rosto:

- É, está linda mesmo! Se você não me cobra nem tinha percebido - fez um ar de riso e consertou - mentira, tava boquiaberto, talvez sem fala. É, foi isso!

Ele tinha aproveitado o momento para olhar novamente a mini-saia amarela que ela usava naquele momento. “Tudo perfeito, como o diabo gosta!” Não pode evitar o pensamento.

- Mentiroso! Mas eu vou fingir que acredito. Ok!

Vinícius apenas riu da situação, em seu entender havia sido pego quando olhava fixamente para a garota. Procurou desconversar:

- Quer comer alguma coisa? Beber?

Veza que a moça fizesse gesto negativo para as duas perguntas, continuou:

- Então o quê?

- Conversar! Vamos lá mocinho, tive um sonho estranho essa noite e quero saber sua opinião. Podemos?

- Ok! Vamos à conversa então. Tem mesas ali naquele canto, acho que vamos ficar sossegados lá.

- Pois é... essa noite eu sonhei que estava no Egito e sabe quem estava lá? Você! Muita coincidência não?

Vinícius compreendeu que havia um dedinho dos outros magos por ali, por um motivo ou outro eles estavam preparando um avanço rápido e deixaram a ela um meio-consciente de tudo que havia acontecido.

- Ok! Se quer mesmo saber estávamos mesmo lá. Eu e você olhando do campo aberto as ruínas do Templo de Ísis. Quer dizer, você estava lá, eu fui até lá guiado por seus pensamentos. É assim que a coisa funciona, grosso modo, quero dizer. Antes que me esqueça, devo dizer que já conhecia aquele local, costumo ir lá toda vez que preciso colocar em ordem meus pensamentos... os mundanos, eu quero dizer; para os demais eu uso outro local mais apropriado. É isso!

- Sim, seu moço, se eu estava lá, se você estava lá, então conversamos não é, quero saber o quê?

- Antes eu quero saber algumas coisas! O que você sabe dos magos brancos, a não ser que eles existem? Sabe o que fazem... por que o fazem... coisas do gênero.

Anne fez uma carinha de decepcionada, mas começou:

- O que eu sei é o que tem na Internet... ou seja... o que todo mundo sabe ou poderiam saber... se quisessem. Não podemos pular essa parte, até porque não sei se existe alguma coisa de verdade nisso tudo.

- Tudo o quê? - o escritor a trouxe de volta à pergunta inicial.

- Tá bem... deixa ver... hã... eles são os mocinhos e matam os bandidos e... brincadeira. São apenas sete deles, isso eu já disse e até onde eu captei você já confirmou. Promovem a cooperação e não a competição; amam a verdadeira justiça; praticam viagem astral rotineiramente; eles escondem do mundo sua existência; amam a natureza e... essa parte eu não gostei nem um pouco... são castos. É isso! É tudo que eu sei *até agora* - colocou ênfase nas últimas palavras cravando seus olhos no dele - porque tenho certeza que o senhor vai me falar muito mais sobre eles. Ou estou enganada?

- Em partes! Primeiro que eles não nascem magos brancos, apenas são escolhidos e treinados para suportar uma tarefa... cumprir uma missão. Temporária, devo dizer, até porque precisam também continuar sua evolução. Outra coisa, quer sejam eles homens ou mulheres têm as mesmas necessidades e os mesmos desejos; igual todo mundo. Tem sangue nas veias e tudo o mais.

- *Pera* aí - Anne levantou o braço como se ainda estivesse na sala de convenções - então você está me confirmando que é um mago branco?

- Se eu dissesse que sim você acreditaria? Não deveria pensar apenas que eu estivesse te dando o que quer para conseguir aquilo que eu poderia estar querendo de você.

- Se for o que eu estou pensando até iria gostar. Não me importo. O que quero saber é se me confirma se é ou não um mago branco. Fala sério agora.

- Tá certo, você não teria no momento como saber se eu estou ou não dizendo a verdade. Então, apenas escute, por favor; e deixe o seu interior fazer o resto.

A moça cruzou os braços e ficou quieta esperando:

- Estou pronta, pode dizer.

- Sim! Eu estou *Mago Branco*! Essa condição é temporária como já disse, não a condição de mago, mas de Mago Branco, um mago, no real emprego da palavra, não se faz em uma única encarnação, são necessárias milhares, centenas e dezenas delas; exatamente nessa ordem de aprendizado. Nas últimas dezenas de encarnações, quando atingimos o nível necessário, somos testados por Mestres Superiores; e instruídos por eles quase

que continuamente, sem que, na maioria das vezes, nos darmos conta de que isto está acontecendo conosco. Em outras palavras, eles treinam mão de obra para executar tarefas necessárias com o uso do corpo físico. Somos as mãos, braços e pernas deles no mundo encarnado. Não como possuídos, mas como instruídos. Enquanto Mago Branco cada um tem um protetor no mundo superior, para... digamos... serviços especiais e, na maioria das vezes envolvendo outros magos, por isso são apenas sete. Sete Avatares mantêm Sete Magos Brancos na Terra e isso continuamente e sem que esse cargo fique vago por um único segundo sequer.

- O que vocês fazem? Posso saber?

Dessa vez Anne havia descruzados os braços e estava séria. Séria demais para sua idade. Outra pessoa.

Vinícius continuou:

- Tudo que você disse sobre os magos brancos e tudo o mais que vou lhe contar, são apenas características inerentes daqueles que chegam nesse grau de evolução. O verdadeiro trabalho é o que acabei de te dizer: mãos, braços e pernas de um Avatar aqui na Terra; tarefas especiais e... secretas. Fazemos o que precisa ser feito! Cada um dos Magos Brancos executa trabalhos que são dirigidos pelos Verdadeiros Mestres. Uma ordem muito elevada que traça os rumos da humanidade e zela por ela.

Vinícius parou um pouco e ficou aguardando qualquer comentário da moça.

- Como sabia que podia me contar isso tudo? Ao que entendi todos do outro lado sabem seu nome Djou, qualquer um desses seres poderia ter me influenciado a dizê-lo. Ou não?

A moça olhou para o homem por um tempo considerado antes de continuar:

- Não aceito que me diga que contou apenas porque eu insisti.

- Não foi por sua insistência não. O tempo do outro lado não é contado da mesma forma que aqui e enquanto conversávamos lá no bar do hotel e você citou meu nome eu tive tempo suficiente para ir ao templo checar, digamos, suas credenciais.

O escritor voltou a colocar um tom brincalhão nas respostas. Na verdade queria descontraír a moça; ela estava tensa demais.

- Que templo é esse? Anne perguntou.

- O Templo da Irmandade, ao qual você também pertence; embora não se lembre.

- Mais uma! Agora complicou mais ainda. Na verdade eu estou passada, no começo achei tudo uma brincadeira. Mas agora não sei mais, em minha cabeça tudo começa a fazer sentido; tudo parece tão real - Anne fez rosto de preocupação.

- É normal, seus padrinhos estão trabalhando para abrir seus caminhos; daqui para frente vai se tornar mais lúcida em seus pensamentos. Mas não se preocupe apenas vai saber o que já esta cansada de saber. Só isso!

- Só! E você acha pouco? Eu sou uma garota, gosto de balada, de namorar, me divertir; não quero a carga do mundo nas minhas costas não. Na verdade não sei se quero que isto tudo seja verdade. De fato acho que prefiro pensar em tudo como uma brincadeira. De mau gosto, para ser mais exata.

Vinícius notou que Anne estava apreensiva e com os nervos a flor da pele. Procurou tranqüilizá-la:

- Veja as coisas dessa maneira. Você é o que é... não pode furtar-se a isso, dê tempo ao tempo. Agora vamos comer alguma coisa, eu estou morrendo de fome.

- É melhor mesmo!

Anne se levantou e juntos foram para um restaurante próximo ao local onde estavam.

Não se falou mais em magos brancos, muito menos em magos negros e ao final do almoço Vinícius a informou que precisava visitar a filha. Anne, preocupada como estava, sequer fez perguntas sobre esta condição ou outras quaisquer.

- Eu tenho a palestra da tarde para assistir. Um saco, auto-ajuda; se bem que no momento acho que estou precisando mesmo - se limitou a dizer.

No taxi, depois de deixar Anne no Hotel, rumo à casa da ex-mulher, o escritor foi pensando que naquela noite teria uma conversa mais formal com Anne, ou melhor, com Mit.

- Mamãe, papai chegou!

A menina correu até o portão do condomínio e pulou nos braços do pai, Vinícius por telefone havia informado que estava indo; conforme haviam combinado no dia anterior.

- Você esta uma moça linda!

O pai ficou olhando a filha enquanto pensava “O tempo passa rápido mesmo!” Terminou por concluir sem poder esquecer os sete anos aos quais estaria sujeito daquela data em diante; não pode evitar uma ponta de tristeza.

- Venha, mamãe está lá dentro.

De braços dados os dois entraram no condomínio e foram até o apartamento onde moravam mãe e filha.

- Como está Raquel?

- Bem, levando a vida de qualquer maneira - respondeu a ex-mulher de maneira bastante seca.

Vinícius não fez qualquer comentário, não queria complicar mais a situação. Para evitar mais dificuldades no relacionamento já conturbado não levou presentes para nem uma das duas, havia decidido dar dinheiro à filha e deixar que ela comprasse o que bem entendesse.

- Que tal darmos uma volta pelo condomínio?

Fez a pergunta à filha apenas querendo sair do apartamento, que por sinal verificou estar sujo, desarrumado; abandonado pode constatar.

- Legal, vamos sim!

Pai e filha voltaram a sair do apartamento e começaram a caminhar pelos jardins do prédio.

- Filha, como esta seu relacionamento com sua mãe?

- Não muito bem não, depois que ela separou daquele cara arrumou outros por curto período também. Ela não consegue se acertar com ninguém e acaba azeda.

- Tem te faltado alguma coisa, eu sempre pergunto e você fala que esta tudo bem. Esta tudo bem mesmo?

Embora o pudesse fazer Vinícius não ficava olhando a filha o tempo todo, considerava isso bisbilhotice; o que refutava com vigor. Às vezes chegava a questionar sua posição quanto a isso “E se for para o bem dela?” Sem negar a si mesmo que às vezes o fazia coberto por essa intenção, sempre chegava à conclusão de ingerência. E era isso o que mais repudiava.

- Não adianta você mandar mais dinheiro, ela torra tudo com homem; paga balada, motel, dá dinheiro para eles. Deixa assim mesmo, não liga não; não vai adiantar mesmo.

Vinícius sabia que a filha não deixaria a mãe para ir morar com ele e que também Raquel não iria permitir uma vez que dependia do dinheiro que era enviado para as despesas da menina.

Sentindo-se impotente para resolver essa parte dos problemas da filha, preferiu trocar o assunto para os estudos; perguntou:

- E o colégio, como vão os estudos?

- Agora estou num colégio público aqui perto, ela me tirou do colégio particular dizendo que precisava de dinheiro. Sei que você continua mandando... mas ela gasta tudo.

- Eu vou falar com ela! - Vinícius demonstrava estar enfurecido.

- Não! Ela me proibiu de te contar. Se falar vai sobrar prá mim. O colégio não é ruim não, o problema é que ninguém lá quer estudar; só bagunçar. Também, os professores sabem menos que a gente e só querem o salário, que por sinal dizem que é uma merda; mas vivem disso, vão trabalhar de carro e tudo mais.

Vinícius lembrou que numa pesquisa apenas 2% dos alunos universitários afirmaram pretender a profissão de professor "*O problema é que esses eram exatamente os piores alunos!*" Lembrou.

- Fica tranqüila, vou arrumar um colégio bom; como se fosse uma bolsa de estudos. Dessa forma ela não vai poder interferir. Fica bom assim?

- Sim! É legal, mas você não vai diminuir o dinheiro que manda para ela, ou vai?

- Não, vou continuar mandando o mesmo valor; fique tranqüila. Afinal tem que ter um bom preparo para a faculdade, já decidi o que vai fazer?

- Ainda não! Tenho um monte de planos, qualquer hora eu te conto.

Pai e filha conversaram por mais de uma hora, Vinícius entendeu que não adiantaria deixar dinheiro para a filha; deixaria alguma coisa paga em uma das lojas de moda jovem no shopping e avisaria depois.

Quando retornava ao hotel seus pensamentos se voltaram aos bilhões gastos pelo governo em um sistema de ensino fracassado. Principalmente os das universidades, onde ele gasta bilhões de reais pertencentes ao povo e um médico lá formado não dá uma consulta grátis depois de formado. Chegou a ver em pensamentos uma Ferrari estacionando no pátio da USP pilotada por um aluno a estudar de graça.

Balançou a cabeça de um lado a outro por várias vezes ao ponto do taxista intervir:

- Fiz alguma coisa errada doutor?

- Não! Problemas em casa, só isso!

Parou o balançar de cabeça, mas continuou em pensamento vendo sua situação de tempo definida, sua condição financeira suficiente e impossibilitado de entregar o problema a mãos confiáveis *“Universidades públicas deveriam ser pagas sempre: antes, durante ou depois de cursá-la! No último caso em dinheiro ou trabalho!”*

- Chegamos! – informou o motorista vendo minha distração.

O taxi estava estacionado na porta do hotel e Vinícius foi trazido de volta à realidade. Enquanto entregava uma nota de cinquenta reais ao motorista não pode evitar um último pensamento *“Essa seria a verdadeira Justiça Social!”*

- Fique com o troco! - informou ao taxista.

No hall encontrou Anne sentada em uma poltrona, novos beijinhos e a pergunta:

- Intervalo?

- Não consegui ficar meia hora lá dentro, esse negócio de pensamento positivo não vai resolver meus problemas de agora.

Olhou para Vinícius como se o culpasse de tudo que estava acontecendo com ela naquele momento.

- Tive bastante tempo para pensar enquanto esperava você chegar. E concluí que, nesse instante, quero apenas ser a garota que chegou aqui... uma moça com algumas dúvidas querendo tirá-las com alguém mais velho. Alguém, cujas idéias e fotos ela viu na Internet e gostou. E, se possível ir para a cama com ele e ter alguma coisa de diferente para depois recordar e contar em parte para as amigas. Chocado?

- Não!

- Pois então, no meu apartamento ou no seu?

Subiram para o apartamento de Vinícius. Anne não estava nem um pouco propensa a falar sobre magos brancos e ele no momento estava mais para mago negro que qualquer outra coisa.

Tempos depois, envolta apenas em uma toalha de banho, Anne sentou-se em um sofá que havia puxado próximo à cama onde Vinícius permanecia deitado, ela disse:

Acho que eu e você somos na verdade Magos Negros, a prova foi o que acabou de acontecer. Até onde sei Magos Brancos não agem dessa forma. Ou agem?

- Você não dá trégua mesmo? Tá bom... venha deite-se aqui ao meu lado e tire essa toalha.

Vinícius puxou uma das abas da colcha sobre ele mesmo deixando um espaço com o lençol à mostra onde o travesseiro estava vazio.

- Já!? Quem não dá trégua é você!

- Não é o que você esta pensando. Venha!

Meio relutante Anne tirou a toalha deitou no local indicado e puxou a colcha em cima do corpo.

- Você sabia que antigamente os projetores ficavam nus antes de provocar a viagem astral?

- Mas eu não consigo fazer viagem astral, já tentei, mas não consigo.

- Consegue sim, senão como se lembraria lá do Egito, acontece que nem todos têm consciência disso, ao menos quando voltam. Vamos lá, apenas relaxe e procure não pensar em nada. Nada mesmo.

Vinícius colocou a mão direita pouco acima da testa de Anne e pode sentir as vibrações provocadas pela liberação do fantasma. Em seguida posicionou suas mãos paralelas ao corpo e se projetou em um canto do quarto. Viu Anne deitada tranqüila e o espectro dela em pé, inconsciente, próximo aos pés da cama. Aproximou-se e novamente aproximou o dedo indicador da mão direita próximo à região frontal da testa.

“E aí, quando vamos começar?”

Anne fez a pergunta sem ter percebido que estava em pé olhando para Vinícius.

“Olhe?” Ele indicou com um movimento de cabeça os dois corpos deitados na cama.

Incrédula no início, mas em seguida tomando pé da situação Anne retrucou “Você esta vestido, mas eu estou nua!” Mais preocupada com isso que com o próprio fato que estava acontecendo.

“Nua porque quer, tente se imaginar vestida com alguma coisa que goste.”

Imediatamente sua forma foi coberta por jeans, tênis e uma camiseta amarela.

“Incrível!” E novamente mudou as roupas para um vestido preto de noite e depois para uma saia justa e em seguida uma *leg* a que sobrepunha uma mini-bata branca.

“Terminou?”

“Parece o programa da Barbie para trocar de roupa!”

“Sim! Mas não acho que vai querer perder seu tempo com brincadeiras infantis. Ou vai?”

“É fantástico, podemos ir a qualquer lugar?”

“Sim e não! Que tal voltarmos ao Egito?”

“Vamos sim, não tenho muitas recordações, agora vou poder lembrar quando acordar?”

“Tem mesmo certeza que está dormindo? Mas vai sim, de hoje em diante vai fazer suas viagens em consciência e trazê-la na volta também. Contente?”

“Prá lá de feliz! É tudo que eu sonhava! Então vamos?”

“Dê-me sua mão, vai sentir um pequeno formigamento quando for tocada.”

Anne esticou a mão com aquele cuidado que alguém tem quando vai tocar em algum objeto dando choque, ao encostar não pode evitar o comentário “Uiiiiiii... esse formigamento... se continuar assim acho que vou g... você sabe!”

“Tenho certeza de que se não nos afastarmos daqui vai interiorizar já já.” Olhe, apontou o corpo dela se contorcendo na cama. “A proximidade do fantasma com o corpo físico faz com

que tenhamos dupla reação, num e noutro. Pense no Templo de Ísis!”

“Já!” Disse Anne olhando de um lado a outro “Nem curti a viagem!”

“Não existe uma viagem propriamente dita. Apenas uma desapareição e uma aparição, se é que podemos dizer assim. Aqui podemos programar algumas viagens de verdade, venha. Vamos até as ruínas do templo.”

Por instantes flutuaram no rumo das ruínas próximas, na verdade um amontoado de pedras, algumas vezes passando no vazio ao lado delas “Pode-se passar por dentro dessas pedras?”

“Comece esticando o braço e tocando-as com as mãos.”

Anne esticou o braço livre e logo recolheu “Isso queima!”

“Não atravessamos objetos nessa velocidade, a diferença de vibração causa essa sensação de queimar. Agora já sabe!” Alertou.

Puseram-se novamente em pé, ao centro, rodeado de rochas de vários formatos sobrepostas em sua maioria umas às outras.

“Eu sou a tua mulher bem amada. Não te afastes de mim, clamo por ti! Não ouves a minha voz? Venho ao teu encontro e, de ti, nada me separará!” Anne ria à medida que pronunciava cada palavra.

“Eu acho que no trecho original é *irmã*! Muito embora não importe, porque a fala, segundo consta, foi dita quando ela já era esposa de Osíris; seu irmão de sangue.”

“Você sabia que essa é uma história de amor, ciúme, ódio e abnegação.”

“Sim! E dor, morte, sofrimento e traição! Tudo junto!” O escritor completou.

“Vinícius, porque eu só tenho recordações de fatos da minha vida física, mesmo aqui tudo que me lembro são coisas que eu passei na vida espiritual, não me lembro de nada desse lado e tenho apenas vagas lembranças da outra vez que estive aqui em sonho. Embora olhando tudo a minha volta eu já não tenha certeza de ter sido mesmo um sonho. Por que isso acontece?”

“Em nossa vida física tudo que é captado pelos cinco sentidos, aliados às emoções e sentimentos que nos causam, são armazenados em nosso cérebro por complicados processos químicos conhecidos pela sigla LTP; além disso, temos impressões captadas por nossos sentidos adormecidos e que também são armazenadas da mesma forma sem que nos demos conta disso.”

“Terceira Visão?” Anne tinha por hábito formular perguntas quando dava sua opinião sobre um assunto.

“No fim tudo acabou concentrado naquilo que se convencionou chamar de Terceira Visão, mas colocando exemplos poderia dizer aquilo para o qual os cachorros uivam na escuridão ou para o qual os gatos levantam suas orelhas após a meia-noite. Mas repletos de coisas mais simples também como o sentido de direção que os índios e os mateiros ainda possuem. E coisas assim.”

“Sim! Isso tudo no corpo físico! E aqui, como isso se processa eu não tenho meu cérebro aqui... quero dizer a massa cinzenta!”

“Sempre espirituosa, mas também sempre colocando perguntas precisas!” Vinícius pensou bloqueando seus pensamentos para que não chegassem a ela. “Você continua ligada, digamos... ao seu computador central... conexão a cabo veja.” Mostrou a ela o cordão de prata.

“Isso não arrebenta?”

“Sim, e aí você fica aqui até a próxima encarnação!”

“Deus me livre! Tô muito novinha ainda.”

“Fique tranqüila, nem arrebenta e nem se embaraça é uma conexão de fibra ótica... sem o cabo é lógico.”

Vinícius ficou afastado de Anne enquanto esta contemplava cada pedra como se fosse sua primeira vez e voltou a pensar na impossibilidade do ser humano, com apenas cinco sentidos, querer compreender o complexo universo das coisas. Reviu mentalmente seres que com uma infinidade de sentidos diferentes, mais complexos e mais poderosos, podiam ver de modo muito diferente as mesmas coisas que vemos e estudar os mundos de matéria, energia e vida que povoamos e todos os próximos a ele e que não podem ser vistos apenas com os sentidos que temos na vida física.

“Tudo aqui é lindo!” Disse Anne extasiada. “Quando vim aqui em uma excursão achei perda de tempo e dinheiro; apenas um punhado de rochas jogadas.”

“É que você esta vendo com outros olhos e captando as impressões do lugar! Mas está na hora de avançarmos! Quero ter alguém para conversar de verdade! Venha!”

Anne aproximou-se de Vinícius, dessa vez, quer tenha entendido ou não o que estava para acontecer, não formulou qualquer de suas perguntas. Pode constatar o instante em que Djou manifestou sua presença substituindo a forma anterior. Novamente nada disse adotando pela primeira vez a forma passiva.

Djou aproximou o dedo indicador da área frontal da testa da moça e imediatamente Anne tomou a forma de Mit. Demorou um espaço de tempo para abrir os olhos, como se respirasse fundo antes de fazê-lo; tal qual alguém que acorda de um sono profundo. Por instantes olhou suas mãos e dedos, seu corpo, levou a mão no rosto fino de uma brancura que podia deixar Djou parecendo um lençol amarelado. Olhou ternamente para o amigo, seus movimentos agora eram lentos, precisos.

“Sempre me parece estranho quando somos apresentados a nós mesmos. Acho que já deveria ter me acostumado, mas é sempre tão envolvente. Sempre curto esse momento único!” Mit falava da sensação de tomar conhecimento de seu eu maior enquanto ainda mantém a consciência gerada na vida física atual.

Djou sabia a que ela se referia e sempre se reportava a essa hora a do verdadeiro nascimento para a vida ou, ao inverso, a segunda morte que permite tomar conhecimento do eterno. Ficou em completo silêncio, aquele momento era dela e ele sabia disso e respeitava; silenciou todos os seus pensamentos. Ali aquele momento podia corresponder a um segundo ou um século do tempo na forma como é contado na terra; não havia importância alguma.

No instante seguinte Mit dissolveu sua forma e a luz que passou a emitir podia absorver por completo tudo à sua volta fazendo com que a escuridão que envolvia os dois fosse afastada a quilômetros de distância.

Ofuscado, Djou viu sua forma ser totalmente envolvida e absorvida pela emitida pelo ser a seu lado o que o obrigou a irradiar apenas luz. Por um instante a vibração dos dois seres lado a lado forçou a luz de ambos a tomar forma espiralada, deixando como resultado apenas dois vórtices parcialmente interligados.

Mit iniciou a comunicação entre os dois “Agora posso visualizar as dificuldades que vamos enfrentar juntos. Pode contar comigo!”

Em uma fração de segundo trocaram todas as informações necessárias. Ambos sabiam de suas obrigações daquele lado da vida e não havia tempo a perder. Afinal agora tinham o tempo em físico para o que necessário fosse.

CAPÍTULO 23

Um mesmo fato acontecia em dois locais diferentes ao mesmo tempo, de um lado da cidade Aagje se preparava há horas para o encontro daquela noite. Havia feito as unhas e arrumou o cabelo na melhor manicure e cabeleireira que conhecia; colocou quatro pares de roupa em cima da cama e vez por outra fazia trocas das blusas ora sobrepondo a uma saia ora a um jeans; indecisão essa que como de hábito só seria resolvida mesmo na última hora. Do outro lado da cidade Aahbran havia feito a barba logo no início da tarde e agora estava a refazê-la, achando que de uma forma ou outra ela havia crescido naquele período de tempo. Separou o jeans que mais gostava e uma camiseta de marca que havia ido ao shopping da cidade especialmente para comprar.

Em Lárissa a noite era tépida, sem vento e com céu claro, sem nenhuma única nuvem, de maneira que as estrelas podiam ser contadas no reflexo de qualquer poça de água ou em quaisquer olhos que por um motivo ou outro estivessem muito brilhantes.

O rapaz havia mandado lavar o carro e mesmo assim à tarde havia retocado com um pano lugares onde achava manchas. Agora, trocado e arrumado, cabelo penteado para o lado direito do rosto de maneira a encobrir toda a testa, sentou-se ao volante e regulou o espelho; não sem antes de ver o próprio reflexo, tendo o cuidado de empurrar o cabelo com o dedo até descobrir as sobranças.

A curta viagem conduzindo o veículo com cuidado, contrastando com o jeito caótico adotado pelos demais motoristas, com certeza fazia com que os demais o confundissem com um turista. Mesmo assim, em minutos estava à porta do *Kafenion Apollo*.

As mesinhas colocadas na calçada estavam todas lotadas por jovens de todas as idades e sexo bebericando *ouzo* e conversando os mais diversos assuntos. Passou por entre as mesas e pela primeira vez entrou para a parte interna de um cafenion sem que fosse com a intenção de usar o *toilet*. Ele reparou na decoração no velho estilo com as paredes decoradas com quadros e falsas lanternas, mesas grandes e fortes, assim como as cadeiras à sua

volta; contrastando muito com o estilo moderno adotado no lado externo com mesinhas e cadeiras de PVC colorido.

Desde que encontrou Aagje no dia anterior havia feito uma dezena de ligações para ela, primeiro no cafenion cujo número pegou no cadastro do banco e, depois, na casa dela assim que ela o forneceu juntamente com o do celular. Ela também havia retornado alguma das ligações e por essa razão já haviam conversado o suficiente para ele saber que o pai dela se chamava Appolo, com dois *p*, como ela fez questão de frisar e não na forma como era o nome do cafenion.

- Senhor Aahbran, presumo?

- Sim!

- Por favor, queira me acompanhar, temos uma mesa reservada em seu nome.

O jovem acompanhou o garçom e pode constatar que a mesa ficava em uma das melhores posições, sabia que o lugar à noite, após as 21:00 horas, servia porções típicas e um serviço de *couvert* artístico com músicas tradicionais, funcionando como qualquer das tantas *bouzoukias* existentes na Grécia. Aahbran sabia que uma reserva de mesa naquele cafenion para esse dia da semana, principalmente em frente ao palco, deveria ser feita com meses de antecedência; sabia também que a consumação mínima era de uma garrafa de uísque por mesa, além de uma bandeja de rosas para serem jogadas ao cantor; tudo muito além do que pode gastar um bancário.

Enquanto sentava viu quando um homem na mesa ao lado dava uma nota de cinqüenta euros a uma das *louloudoudes* para que fossem jogadas duas bandejas de flores na cantora que estava se apresentando, dizendo a ela que ficasse com o troco. “*Dez euros de gorjeta para um trabalho que não leva mais que dez segundos!*” Isso fez com que Aahbran pensasse em quanto aquele senhor não gastaria com o artista principal. Ouviu quando a cantora, em seguida ao banho de flores, dedicou uma música ao cavalheiro.

O garçom voltou com uma garrafa de uísque dizendo que trazia em nome do proprietário e Aahbran não pode deixar de se sentir envaidecido pelo tratamento.

Aagje chegou por volta das onze horas e foi direto à mesa reservada para eles.

- Demorei?

- Se demorou valeu a pena! Você esta linda! Mas não demorou não, agora é que esta ficando animado de verdade.

Uma das *louloudoudes* se aproximou com uma bandeja de flores nas mãos e entregou ao rapaz “Cortesia da casa!”

“Sempre quis fazer isso!” Pensou Aahbran enquanto derramava as flores sobre a cabeça de Aagje, não sem pensar que se tivesse que pagar vinte euros talvez seu entusiasmo não fosse o mesmo. Aquilo fez com que a animação aumentasse ainda mais nas mesas. As garotas que vendem as flores passaram a ser requisitadas de um lado a outro. E flores e mais flores eram despejadas nas cabeças das acompanhantes de cada homem presente.

A farra aumentou à medida que a bebida ia sendo esvaziada dos copos, ao ponto de a cantora principal da noite se apresentar com o palco praticamente coberto de flores que eram derramadas de bandejas e mais bandeja.

Como de hábito, no intervalo das apresentações principais, os cantores menos famosos voltaram ao palco e esse era o sinal para dançar, ali mesmo, entre mesas e cadeiras.

Aahbran não se fez de rogado e dançou com Aagje até que foi anunciada a volta da artista. Esse era o novo sinal para que cada um ficasse sentado apenas a ouvi-la cantar.

Terminada a terceira e última apresentação da cantora o palco foi tomado por muitos dos presentes para fotos, enquanto os cantores novos aproveitavam para posar junto à celebridade. Com a saída da cantora a verdadeira festa começou ao som das mesmas músicas agora interpretadas por outras vozes. Cheios de *kéfi*, um estado de espírito que se podia resumir da mistura da vontade com o desejo e o ânimo, provocados em parte pelo excesso de bebida ingerida e o envolver da música, mas que com toda certeza continha bastante do amor daquele povo para com suas tradições e pela Grécia, a dança tomou literalmente as mesas, quer em cima delas ou nas cadeiras do lado, homens e mulheres dançavam freneticamente; situação que se manteria no mesmo ritmo até as quatro horas da madrugada.

Enquanto o pessoal se retirava Aagje chamou o agora namorado para conhecer seu pai que mantinha o controle de tudo de dentro do seu escritório no andar de cima.

- Papai, esse é Aahbran!

- Prazer conhecê-lo rapaz, em casa desde ontem não tem outro nome sendo pronunciado. Gostou da festa? - mentiu um pouco, preferindo esconder que a mulher jamais iria concordar com essas constantes trocas de parceiros da filha. Em respeito à forma de pensar da esposa sempre pedia à filha que evitasse comentários em casa sobre seus namoricos.

- Adorei, para dizer a verdade é a primeira vez que venho nesse lugar à noite. Verdadeiramente adorável.

O pai de Aagje se levantou e delicadamente foi acompanhando os jovens até a porta do escritório enquanto dizia:

- Eu tenho que fechar o movimento da casa e depois descansar um pouco. Jovens iguais vocês devem ter mais o que fazer do que ficar conversando com um velho a essas horas da madrugada. Apareça lá em casa Aahbran.

O jovem casal saiu e foi até onde o carro do rapaz estava estacionado.

- Não repare no meu pai não, ele é assim mesmo, primeiro os negócios.

- Que isso, o velho foi muito legal! Ademais ele está certo eu prefiro mesmo ficar a sós com você - o rapaz disse enquanto puxava Aagje para um demorado beijo.

- Aqui não, o pessoal do estacionamento é amigo dos funcionários do meu pai. Vou te mostrar um lugar legal.

O aeroporto local ficava menos de três quilômetros dali e o trajeto foi coberto com rapidez. Aagje falou:

- Pare ali, entre as árvores, eu gosto de vir aqui quando tem vôo. Esse horário não tem mais nada, mas mesmo assim aqui é legal.

Do outro lado do oceano Vinícius e Anne acordaram depois de uma noite mais que prolongada dormindo, ou melhor, viajando no astral.

- Que horas são? - Anne perguntou antes mesmo de desejar bom dia - confesso que estou completamente perdida em horário!

- Nove e um pouquinho... da manhã!

- Da manhã, isso significa que dormimos quase quinze horas seguidas... ou melhor, pensando bem, dormimos não, é incrível, mas eu me lembro de tudo que fiz essa noite! Fantástico aquele mostrengo que você me mostrou, acha mesmo que aquilo pode acordar?

- É o que mais temo Anne!

- Gostei de ter ido a Akakor com você, eu já tinha estado lá outras vezes, mas desta vez foi diferente. Das outras vezes eu... vamos dizer... estava inconsciente, ao menos como Anne, e ia apenas para me refazer de energia, só isso; somente agora me recordo. Também, não sabia nada da antena, ou melhor, da Lança do Destino; inacreditável. Quero voltar lá com seu grupo alguma vez, quero experimentar fazer essa viagem; nem que seja somente até a lua mesmo.

Anne estava mais falante que o normal agora que tinha poucas perguntas para as quais queria respostas imediatas. Mesmo assim andava de um lado a outro e gesticulava muito enquanto falava.

Vinícius permaneceu parado, deitado, quieto, apenas olhando para ela e só então ela se deu conta de estar nua; quando ela notou ele comentou:

- Aqui as roupas não aparecem somente com a força do pensamento, tem que usar as mãos.

Sorriu enquanto a moça colocava uma de suas camisas que estavam no armário e comentava:

- Deviam deixar roupões, afinal esse é um hotel de nome! - queixou-se.

- Esquenta não, você ficou bem dessa forma. Anne, eu embarco hoje e tenho que estar no aeroporto logo após o almoço, portanto o melhor é tomarmos um bom café e, se você quiser, depois tomamos um lanche; da minha parte vou dispensar comida pesada. Ademais, tenho que passar no shopping, numa dessas lojas de moda jovem, quero deixar pago um presente para minha filha; qualquer hora eu te explico as razões.

- Certo, mas eu vou com você e depois vou também ao aeroporto; faço questão, ademais quero saber mais sobre sua filha e tudo o mais. E, acredito... você deve estar querendo saber mais sobre mim também; dá Anne quero dizer.

Na fazenda Romilda tinha acabado de trocar o filho e o trazia de mãos dadas para a mesa.

- Quando o papai vai chegar?

Perguntada de hora em hora, Romilda tinha sempre a mesma resposta:

- Amanhã cedinho seu pai está aqui! Agora vamos comer alguma coisa, senão você vai estar fraquinho e não vai poder andar a cavalo, venha.

Enquanto o filho comia devagar, com certeza com os pensamentos voltados para o pai, a mulher voltou os seus para os acontecidos na noite. Não podia negar que ser apresentada àquela jovem havia mexido com seus sentimentos. *“É muito bonita, Vinícius deve estar encantado por ela!”* Sem poder saber da condição a que Vinícius estava se submetendo e desconhecendo a real gravidade da situação, seus pensamentos se resumiam aos envoltimentos da vida física.

“Por outro lado, pode ser bom, ou ao menos, mais seguro!” Pensava nos perigos de lidar com o *casão* que ao menos por enquanto parecia adormecido. Temia pelo companheiro e amigo. Havia notado que Anne pertencia a um nível de seres bastante elevados e pensar nisso a tranqüilizou um pouco.

Para não pensar em mais nada começou a retirar a louça da mesa e colocar na pia para lavá-las.

- Não vai falar para eu tomar o suco?

A cobrança do menino a trouxe realmente de volta ao lar, principalmente ao ver que estava colocando o copo cheio na pia, juntamente com os utensílios a serem limpos.

- Sim! Vamos lá mocinho!

Devolveu o copo ao garotinho e decidiu se concentrar no dia a dia, única coisa que de fato podia ser feito no momento.

Na Grécia, Sabázio chegou eufórico à casa de Abadir, mal cumprimentou a mãe do rapaz e pediu licença para subir direto ao quarto:

- Acorda aí vaga... achei onde o cara se esconde!

- Que cara meu, não to sabendo do que esta falando - Abadir levantou ainda meio sonolento e foi direto ao banheiro. O amigo continuou:

- O diabo cara, o evangélico que Aahbran mandou que a gente achasse - retrucou o outro meio magoado por não ter o trabalho valorizado.

- Bom... e daí, o que me conta - Abadir saiu do banheiro escovando os dentes.

- Bem... o cara mora numa esquina não muito longe daqui, fez lá uma cobertura de meia água encostada no muro, é toda feita de papelão com um plástico preto por cima; dentro e em volta, pelo que pude notar também está cheio de papelão. Parece que o cara vive de vender esses troços. Precisamos ir ter com Aahbran.

- Aahbran há essa hora está no maior sono e eu também estaria se não fosse essa sua agonia! - como o amigo fez cara de não entender, Abadir continuou - ontem, ele teve um encontro com a filha do dono do *Kafenion Apollo*, lá mesmo no cafenion; com certeza foi dormir agora cedo e você não vai querer ir acordá-lo só para contar que descobriu onde o preto mora, não é?

- *Pô* meu... conheço a *mina* cara... *mó* gata! - falador Sabázio nem esperou por perguntas para continuar - o cara vai fazer a maior moral com o pai da *mina*, aquele velho só tem uma coisa que ele detesta mais que evangélico... *Kallikantizaroi!* - sem esperar resposta ou qualquer reação continuou - dizem que alguém da família dele ajudou um uma vez e tudo que eles têm devem a isso e que essa é a maldição deles.

- Vamos parar com baboseiras, se Aahbran souber disso você vai estar encrencado - Abadir deu por encerrada a conversa e os dois desceram para tomar café.

Anne e Vinícius terminaram o café, ele pegou sua mala e foram de taxi para o aeroporto passando pelo shopping onde

Anne o ajudou na escolha dos presentes para a filha; nesse período algumas coisas eles haviam conversado. Ele agora sabia que ela trabalhava de assistente social em uma multinacional e por isso foi mandada à conferência; segundo ela disse as empresas grandes querem aparentar uma preocupação com o aumento da violência. Ela também foi colocada a par da atual situação de Vinícius: Romilda e o filho; a ex-mulher e a filha adolescente; a fazenda e uma série de coisas do dia a dia.

No aeroporto, ainda muito cedo para o *check in*, eles sentaram lado a lado em um dos bancos existentes no hall. Anne foi a primeira a falar:

- E nós, como ficamos? Não vou negar que a princípio pensava apenas em uma aventura de momento. Agora, depois de todas estas modificações em minha vida e em apenas um fim de tarde e uma noite... que para mim mais parecem séculos, sei que estamos muito envolvidos; para dizer a verdade; muito mais que pretendia de início!

- Também para te dizer a verdade, achava que minha vida já estava estabilizada da forma como estava até agora. Agora não sei mais nada, sinceramente. Um envolvimento emocional a essa altura do campeonato não estava nos meus planos. Vou concordar com você quanto ao envolvimento profundo que existe entre nós, não sei de onde e nem consigo presumir; na verdade, não faço a mínima idéia.

O escritor aparentava preocupação e a moça percebeu.

- Eu também estou confusa, acho que o melhor é darmos tempo ao tempo. Ademais, durante um período só vamos nos encontrar no astral e lá pude notar que essas preocupações não existem, os objetivos são claros e não se confundem com o que estamos passando aqui no físico. Pode ser que seja só uma atração de momento.

- É, pode ser, você é uma mulher linda e inteligente e eu posso ter ficado encantado com isso tudo. Vamos deixar rolar, como dizem vocês jovens! - Vinícius brincou antes de pegar a mão de Anne - vamos a uma lanchonete, assim o tempo passa mais rápido e não ficamos remoendo pensamento!

- Sim! É melhor assim!

A Grécia mal havia limpadado a sujeira e reparado os estragos provocados pelos distúrbios violentos gerados pelo aniversário da morte do jovem Aléxandros Grigorópulos e o mês de dezembro já era preparado para nova onda de violência. Essa, de origem mais remota e ainda mais antiga do que aquelas que marcaram o movimento anticapitalista, do qual a mais atual vítima da violência estatal era tida como símbolo.

A política de privatizações, o aumento da pobreza e do desemprego na verdade eram os problemas de fundo nessas e em outras manifestações anteriores.

O inconformismo e a atribuição da responsabilidade de tudo que acontecia estava resumido em faixas *“Assassinos! O governo é o culpado!”* No mais, um jovem havia sido arrancado de seu sonho e representava o sentimento de todos os demais e era gritado em um só coro: *“Não nos lanceis bombas lacrimogêneas, nós choramos sozinhos. Temos sonhos. Não nos mateis.”*

Milhares de jovens, com os sonhos truncados pela impossibilidade de acesso às oportunidades espalhadas por um mundo cada vez mais globalizado, vêem os antigos valores herdados pela tradição perderem sentido e, os novos, mostrados como ideal de vida, cada vez mais distantes e inalcançáveis. E não se conformam. E enfrentam ou se entregam à passividade da desmotivação.

Como meio de fuga de uma realidade inaceitável e apenas para provarem a si mesmos que são fortes e podem enfrentar o que vier, terminam por se unirem em grupos cuja intenção inicial é desafiar, enfrentar e modificar o poder constituído. Frustrados, procuram descarregar sua ira sobre minorias, nas quais descarregam a culpa pelos seus problemas.

Aahbran estava naquele momento lembrando o jovem morto aos apenas 15 anos de idade. Havia acompanhado os noticiários várias vezes e tinha em mente fazer algo verdadeiramente heróico, afinal era filho de uma terra de heróis. Também queria impressionar os pais de Aagje. Pouco antes havia sido informado que haviam descoberto o paradeiro do negro.

Pegou o telefone – Abadir! Vou passar ai e vamos pegar o Sabázio; vamos ver onde se esconde aquele infeliz.

Em poucos minutos um carro parou na porta da casa de Abadir e os dois prosseguiram até um bairro não muito longe daquele local. Sabázio avisado estava esperando na calçada e nem bem o carro parou pulou para dentro enquanto falava:

- E aí moçada... e aí Aahbran, já pensou no que vamos fazer com o cara?

- Calma aí meu, mostra onde é o local.

- Ok! Vire na *Rousvelt* e vá em frente, lá perto da pontinha da mata, onde encontra a *Illodorou*.

- Tá certo! Vamos lá!

- Ali, aquele caixão coberto!

- Aqui quando à noite é bastante escuro - disse Abadir - já passei aqui algumas vezes.

- Bom, tá visto! - disse Aahbran enquanto virava o carro para dar uma volta no triângulo formado pela mata e depois retornando pela *Rousvelt* para voltar à *Nikitara*.

- E aí Aahbran, o que vamos fazer com o cara? - afoito Sabázio não agüentava esperar pela decisão do amigo. Queria ação.

- Vamos com calma, eu vou ver; no fundo o cara me parece mais um coitado mesmo! Vai ver que é louco!

- No fundo... no fundo mesmo todos eles são.

- O que quis dizer com isso Sabázio? - Aahbran perguntou ao amigo sem entender.

- *Kallikantizaroi!* O que mais podia ser!

CAPÍTULO 24

No espaço aberto o cascão começou movimentos de torção, contorcendo e girando em torno de um eixo imaginário posicionado no sentido do comprimento. Sua forma anteriormente lisa foi se deformando gerando rugas seguidas de sulcos espiralados. De seu interior brotava o rugido de mil trovões e qual um vulcão prestes a explodir começou a soltar uma névoa escura e densa pela extremidade voltada para Terra. Depois qual em uma cusparada de catarro ou uma golfada de vômito mandou rumo ao planeta uma massa disforme de energia escura. Em seguida voltou à forma e ao silêncio anterior.

Na Terra milhares de luzes vermelhas tomaram o rumo da estranha massa de energia que acabava de ser precipitada. Em instantes o negrume as absorveu em seu interior e uma reação de raios, relâmpagos e faíscas coloriu o núcleo de vermelho vivo igual o da lava incandescida.

Segundos depois todas as luzes voltavam à posição anterior trazendo como resultado visual uma alteração de cor e brilho.

Em São Paulo a ex-mulher de Vinícius se remoia “Aquele desgraçado podia ter deixado algum dinheiro para a filha.” Raquel fazia mentalmente as contas que tinha para pagar e a data em que havia prometido efetuar o pagamento confrontando com o dia em que ele depositava a pensão da filha. Sem cartões de crédito, há muito bloqueados pelas operadoras por falta de pagamento, a maior parte de seus compromissos eram com pessoas conhecidas: uma mulher que vendia produtos de beleza; outra que vendia roupas; dinheiro emprestado da vizinha; compras em cartões de amigas. “*Esse mês não vai dar de novo para pagar as mensalidades atrasadas do antigo colégio da Marisa!*” Não precisava de calculadora para saber que o dinheiro seria insuficiente para todas as contas. Não pode deixar de pensar no período em que não tinha preocupações financeiras e ter saudades, mas sabia que era um tempo sem volta e isso a enraivecia.

- Mãe, o papai ligou... disse que deixou um montão de presentes para mim numa loja do shopping. É só eu ir pegar - a garota vinha sorridente e saltitante correndo do pátio direto para a sala da casa.

A mãe que estava sentada em um sofá fumando, apenas respondeu:

-É!? Que bom *né!* Você *tava* mesmo precisando.

Vendo o pouco entusiasmo da mãe a garota se calou e nem chegou a convidá-la para ir ao shopping buscar “Vou sozinha ou com uma amiga, já estou acostumada mesmo!” A garota pensou enquanto entrava em seu quarto tendo o cuidado de trancar a porta. Deitada na cama encostou a cabeça no travesseiro enquanto muda deixava algumas lágrimas correrem.

Na sala sua mãe continuava seu martírio “O desgraçado sabia que eu estava precisando de dinheiro, essa monstrinha deve ter falado prá ele; só pode!” Em seus pensamentos já não sabia ao certo se mesmo não pagando o colégio teria o suficiente para pagar as contas prometidas, algumas haviam sido deixadas do mês anterior para pagar nesse. “Eu prometi que pagava!” Repassou mentalmente a quanto tempo estava nessa agonia. O futuro parecia tão incerto.

“Pior! Não existe o que esperar do futuro! O mundo está cheio de desempregados... não tem futuro para mais ninguém!” Em seus devaneios não podia enxergar a diferença, ela não era nenhuma desempregada porque nunca fora uma empregada, nunca havia trabalhado e nem ao menos tinha procurado um emprego em toda sua vida.

Os olhos foram se fechando lentamente e passagens de sua vida foram vindo à mente “Sim! Meus pais compravam de tudo e eu recebia muitos presentes de namorados e pretendentes.” Se via jovem e bela sem se dar conta que estes tempos haviam passado; agora, passada dos 40 anos de idade não era uma mulher feia, mas sem a necessária produção tinha poucos atrativos a oferecer a homens mais exigentes e, normalmente, eles é que tinham dinheiro e ela sabia disso.

Adormeceu tomada pelo cansaço das muitas noites mal dormidas, a anterior inclusive, e uma angústia tomou conta de toda sua alma: sentiu a dor da perda dos últimos parentes; os

amigos chegados também quase já não existiam; nenhum vizinho a que pudesse verdadeiramente atribuir esse nome. Sentimentos que sabia ser o de todas as pessoas que conhecia e que de alguma forma sabia ser também os das demais.

Números gigantescos eram impressos em sua mente e a confusão entre a realidade e as lembranças que lhe eram impingidas se cruzavam “Setenta milhões de desempregados no mundo! Que chances eu tenho?”

Agora se via a espirrar, tossir e esquentar. “*Doente! Sem ninguém a quem recorrer!*” Sabia de milhões morrendo nessas condições sem que nada pudesse ser feito “*Não existe o que fazer! Somente sucumbir a ela!*” O medo da dependência do sistema público de saúde ignorava a impossibilidade dos governos para resolver a situação.

“Que adianta... se escapar disso... morro de tiro!” A fala baixa, entrecortada por gestos de sustos, entre quase suspiros, deixava à mostra o medo de uma bala perdida, um tiro na nuca ou... do paredão de fuzilamento. Nos surtos confusos a câmara de gás parecia uma boa opção.

“*Tudo, menos de fome!*” Na agonia, vertigens e um sentir dos músculos sendo corroídos para manter os órgãos vitais em funcionamento. O cérebro febril parecia falar e entender ora ucraniano e ora chinês, agora uma bala, uma gripe, mesmo a espanhola, seriam melhor opção; até a peste negra lhe passou por aceitável.

Acordou assustada. Levantou e foi direto ao banheiro. Lavou o rosto. “O que eu faço meu Deus?” Em seu íntimo parecia estar em uma encruzilhada sem saída. Novamente a desesperança e a total falta de confiança em um futuro que parecia não mais existir.

- Aquele maldito! Essa maldita! - falou em voz alta que ressonou na casa pela porta entreaberta do banheiro.

- Mãe... você disse alguma coisa? - com a porta meio aberta Marisa pode apenas perceber que a mãe havia dito alguma coisa e não o que ela propriamente havia falado.

- Nada não! - Raquel gritou enquanto continuava procurando culpados para sua situação atual.

Em Lárissa um celular mal chegava ao segundo toque quando a voz de Aagje se fez ouvir:

- Oi amor!

Aahbran ligou para convidar Aagje para um cinema de última hora, apenas queria estar com a garota e o filme seria apenas um pretexto. Ela também não tinha interesse nos motivos, fossem eles quais fossem; estar com o rapaz era a única coisa que queria naquele momento. O convite foi aceito com rapidez e combinaram de se encontrar na porta do cinema que ficava a apenas duas quadras dali.

- Saudades!

Praticamente pronunciaram ao mesmo tempo enquanto um beijo praticamente selou o final da palavra.

- Vamos então, já tirei os ingressos!

Aahbran foi dormir pensando na agradável companhia de Aagje, mal haviam visto o filme ao tempo de intermináveis carícias e beijos.

Adormeceu com um sorriso no rosto que logo foi mudando para uma feição de preocupação. A testa foi sendo enrugada e logo depois os dentes estavam serrados em uma expressão de ódio.

Em seus pensamentos agora brotava uma raiva incontida que começou com uma ligeira antipatia aos evangélicos quando ainda era criança, assimilando o pensar dos amiguinhos; todos eles filhos de pais ortodoxos radicais. E que depois foi se transformando, à medida que crescia, em uma intolerância fomentada pela opinião dos pais, amigos, pessoas mais velhas e uma forte influência da mídia.

Via-se sendo despedido do emprego enquanto um evangélico estava sendo colocado em seu lugar. O pai de Aagje dizendo colérico que não queria desempregados na família. Engrossando as fileiras dos que procuram por emprego viu Aagje se afastar *“Você não fez nada para evitar que isso acontecesse. A culpa é sua!”*

Em sonho uma lata de *spray* apareceu em suas mãos *“Vou pintar de branco esse safado!”* Quando se preparava para pintar notou que a mão esquerda portava um isqueiro, alguém tinha

posto o objeto ali, ele não fumava e não se lembrava de ter comprado um, mas isso não importava; levou o isqueiro na frente do jato de tinta e o acendeu. O fogo cobriu o homem, enquanto ele posicionava a chama no rumo do rosto, os braços cruzados à frente nada impediram e o evangélico correu como que atingido por um jato de lança-chamas; caiu pouco à frente como uma tocha humana, agonizou, e terminou imóvel. Estava morto!

No rosto de Aahbran um sorriso ficou estampado “*O emprego está a salvo e... Aagje também!*” E continuou em um sono tumultuado até o amanhecer.

Enquanto isso acontecia um avião pousava no Aeroporto de Tucuruí no Pará, no interior Vinícius acompanhava o taxi da aeronave. O pernoite em Belém e a proximidade de casa só tinham aumentado a ansiedade. A saudade da fazenda e dos seus era visível e nem bem o avião silenciou os motores ele já estava em pé no corredor recolhendo a bagagem de mão do bagageiro superior.

Na sala AIS preparou a notificação de vôo para a fazenda e em seguida se dirigiu ao pátio onde sua aeronave estava estacionada. Amarras soltas, motor acionado, decolou para um vôo de pouco mais de meia-hora, tempo no qual abraçava o filho enquanto um funcionário cuidava para recolher o monomotor ao hangar.

- E ai garotão, ainda sabe andar a cavalo?

- Só sei *né*... até parece que vou esquecer em poucos dias.

- Fez boa viagem? - Romilda se aproximou beijando o companheiro no rosto.

- É sempre bom voar! Tudo certo por aqui?

- Tudo certo sim, só o Rodriguinho que perguntava de hora em hora quando você ia chegar e quase correu para a estrada quando ouviu o avião.

Descansou um pouco e quando acordou os cavalos estavam prontos para o passeio da tarde, Rodriguinho havia se antecipado e estava esperando no curral ao lado do vaqueiro.

- Hoje eu é que encilhei os cavalos, quer dizer... ele me ajudou um pouquinho - o menino apontou o homem ao lado.

- É seu Vinícius, eu ajudei um pouquinho só!

- Tá certo, tá certo. Então vamos lá!

O filho foi colocado sobre a sela e ambos saíram em marcha, dessa vez com destino ao rio. O dia estava quente e nada melhor que um banho para se refrescarem.

À noite Vinícius conversava com Romilda. O filho, cansado das brincadeiras no rio e do demorado passeio a cavalo, agora dormia.

- Anne tem um grau bastante elevado, não? - ela fez a pergunta procurando evitar qualquer impressão física quanto à moça.

- Sim! Ela pode me ajudar com o egrégora que vai se formar. Eu vou apresentá-la a Alfredo essa noite e juntos vamos tentar saber o que aquele cascão esconde de tão grave.

A mulher sabia da gravidade da situação e em seus pensamentos apenas passavam as dificuldades que a humanidade havia suportado no passado e, ao que tudo indicava, estava para enfrentar novamente em um futuro próximo.

- Alfredo suspeita que a coisa esta recebendo energia de fora do planeta, só assim para se explicar sua manutenção - Romilda informou.

- Pode ser, o Planeta X está se aproximando, sabemos que ele é extremamente negativo. Pode haver alguma ligação, acho que é um caso a investigar.

Romilda não pode evitar que a preocupação ficasse estampada em seu rosto e a expressou em palavras:

- Podíamos arrumar alguém para dormir com o Rodriguinho, assim eu ficava livre para ajudar vocês.

- Quero você fora disso, ademais se acontecer o que estamos pensando ele vai precisar da proteção direta de um de nós. Aí, nesse caso, ninguém melhor que você!

- É... eu sei! Por isso não vou insistir.

- Que tal dormirmos então, não há um segundo a perder.

Mal haviam deitado e os olhos treinados de Romilda puderam notar uma pequena diminuição de brilho no amigo e sabia que ele havia partido.

Anne já estava em Akakor, naquele momento estava no centro da abóbada olhando para cima, mas percebeu a chegada de Vinícius “Tudo que me contou é fantástico, não consigo imaginar uma viagem ao espaço sideral, isso é mesmo possível fazer com segurança?”

“Sim, Alfredo é o que mais entende sobre esse assunto, você vai conhecê-lo.”

Nem bem Vinícius terminou de falar e Alfredo estava ao lado deles “Sim! É fantástico e seguro! Pode crer!”

Como entre quaisquer jovens as apresentações se limitaram a um oi e em seguida se disseram prontos para o objetivo do dia: visitar o cascão para uma observação mais detalhada de tudo que por lá acontecia.

A coisa enorme continuava inerte, passiva, como que aguardando algum evento a despertá-la. Dessa vez decidiram contorná-la, circulá-la por completo.

“Isso é maior do que eu imaginava.” Comentou Alfredo enquanto praticamente voavam pela interminável lateral do cone. Quando atingiram a outra extremidade, outra vez foi Alfredo a falar, dessa vez sua voz denotava preocupação, tal qual um aviso “Veja aquilo, o espaço ai atrás parece se mover qual uma onda em nossa direção.”

Vinicius notou que a comparação não precisava vir de um surfista, de fato uma dobra vinha naquela direção em velocidade espantosa. “Vamos nos afastar!”

Ao tempo em que os três se dispuseram a uma distancia que acharam seguro, a estranha onda atingiu a entrada do cone qual uma flecha empurrando um tecido negro e desaparecendo em seu interior.

Em seguida os três acompanharam o estranho ser se torcer e depois tossir uma carga negra rumo à Terra. O estranho espetáculo deixou os amigos momentaneamente sem fala. Vinícius foi o primeiro a compreender o que estava acontecendo “A coisa está recebendo energia de algum lugar do espaço.”

“Olhe,” apontou para um ponto no infinito “aquela luz avermelhada, a diferente das demais.”

Um calafrio tomou o corpo de Vinícius quando reconheceu o estranho planeta a que o outro se referia. “Nibiru!”

“O quê?” Quis saber Anne.

“O Planeta ‘X’! Vinícius esteve muito próximo a ele tempos atrás, depois te conto.” Completou Alfredo.

Quando a coisa se aquietou novamente todos desceram novamente à Terra e puderam constatar a contaminação que aquilo estava provocando nos egrégoras.

“A coisa é mais grave que pensei,” Falou Vinícius “temos que nos preparar para o pior!” Completou.

“Vamos precisar pensar e agir rápido!” Alfredo sempre falava sério quando o assunto o era.

“Eu ainda não sei de tudo, mas pela preocupação de vocês deve ser sério mesmo.” Anne reagia da mesma forma que Alfredo aos problemas, hoje estava muito longe daquela moça que Vinícius conheceu dias atrás.

Como acontece em todos os lugares e com todas as pessoas que trabalham, estudam e ou têm seus afazeres domésticos, a rotina diária continuou por toda a semana.

Porém, tudo se modifica nos finais de semana e isso normalmente devolve a todos os verdadeiros prazeres da vida.

Na Grécia, aquele, um sábado de céu límpido e temperatura amena, acrescido do fato de logo mais a tarde ter um encontro com Aahbran, fazia com que Aagje se esmerasse em sua produção. Roupa nova, de marca, havia pedido dinheiro para o pai para isso e estranhou não ter que escutar os eternos sermões quanto ao exagero de gastos; pintura retocada nos cabelos, unhas feitas e pintadas na cor preferida e depilação daquela manhã. Estava pronta para o encontro.

Enquanto esperava lembrou que quase não haviam se falado durante a semana e que ele não havia ligado nenhuma vez e apenas retornou duas de suas ligações. “Devia estar ocupado!” Pensou, justificando.

Por seu lado, o rapaz, não fosse o lembrete da mãe tinha se atrasado no horário marcado. Mal tomou um rápido banho e pegou do armário a primeira roupa, depois de passar rapidamente um pente no cabelo.

Em casa, ponto de encontro combinado, a moça ia do quarto à sala e minutos depois retornava ao mesmo, indecisa em ligar para o rapaz. “São trinta minutos de atraso!” Ao mesmo tempo em que o prazo parecia uma eternidade, consertava em seguida com argumentos de não ser tanto assim. Nem bem decidiu fazer a ligação que estava postergando, a campainha da casa foi tocada por alguém.

- Só pode ser ele - correu para atender a porta, enquanto completava em pensamento “tem que ser!”

- Oi! Atrasei, me desculpe! - Aahbran justificou-se rapidamente.

- Não tem problema não, isso acontece - aceitou, enquanto trocavam um rápido beijo na boca.

Por instantes Aagje não pode evitar a decepção pela aparência pouco produzida do moço, pensamentos que afastou logo em seguida “Não importa, é lindo de qualquer jeito!” E se animou de imediato não vendo motivos para estragar a noite.

- Vamos, então!

- Vamos sim, mas se não importar vamos para um lugar tranqüilo, tive muito trabalho durante a semana e dormi mal todas as noites; não estou a fim de balada hoje – disse o rapaz.

Crente que o convite se referia a iniciar mais cedo o término da noitada em um dos tantos motéis da cidade, respondeu de pronto:

- Vamos sim! Só nós dois é melhor mesmo!

Mas ela não pode disfarçar sua desilusão quando o rapaz estacionou o carro próximo ao aeroporto, no mesmo local do primeiro encontro.

Ainda assim, procurou justificar a atitude como falta de dinheiro; sabia que os bancários não ganhavam muito e ele tinha os gastos com a faculdade, embora não pagasse mensalidade. No fundo não se importava, tinha ótimas recordações daquele lugar; e lugar era o que menos importava no momento.

Com Aahbran se mantendo calado a maior parte do tempo, recostado na porta oposta à dela, coube a ela puxar todo tipo de conversa e se aproximar ao máximo, escorregando vez por outra no banco até encostar as costas no peito do rapaz.

- Como foi sua semana? O que fez de bom?

- Nada não, apenas bastante trabalho no banco, as coisas da *facu*, só isso!

Embora o dissesse dessa forma ele não pode evitar que pensamentos viessem, mostrando que de fato havia muitos afazeres no banco, mas que a maior parte sob sua responsabilidade ficou por fazer; de uma maneira ou outra o serviço não rendeu.

Lembrou também de ter faltado dois dias na faculdade simplesmente por achar que eram aulas chatas e que não estava disposto a elas.

“É assim mesmo, responsabilidade da vida adulta, chega a hora de todo homem!”

Aagje após tentar de uma maneira ou outra animar o rapaz para o que de fato estava querendo, terminou por achar estar sendo injusta para com ele e procurou se envolver com seus problemas e preocupações e tentar ajudar; se possível.

- E ai, você me disse que estava à beira de uma promoção, deve ser por isso que estão te dando mais e mais tarefas; um teste. Só pode ser!

- É, pode ser, mas aumento que é bom nada.

- Acho que é assim mesmo, meu pai sempre fala que primeiro ele dá mais serviço ao funcionário, depois o encargo e só depois o cargo; diz que o salário melhor é sempre consequência.

- Ele deve ter razão - concordou o rapaz sem muito ânimo - o bom é que o salário melhor viesse primeiro.

- Mas aí seria colocar o carro na frente dos bois!

- Pode ser, mas pela miséria que pagam nós trabalhamos demais.

- Sei não, nos dias de hoje um trabalho igual ao seu é um privilégio. Tá cheio de gente procurando emprego.

- Prá quem sabe trabalhar tem vaga em todo canto.

A moça não quis insistir na conversa, embora se achasse com razão. Então disse:

- Vamos trocar de assunto... e a *facu*, tá gostando?

- Não muito não... não sei se fiz a escolha certa.
- Da última vez você estava animado com o curso, dizia que ele representava uma garantia de ascensão profissional.
- É... mas à medida que vai se aprofundando é que vamos vendo que não é aquilo que a gente quer... que não tem nada a ver conosco.
- Se você sair agora vai perder quase quatro anos, e vai sair para fazer o que? Já pensou?
- Ninguém falou em sair, tanto faz terminar esse ou outro curso, é tudo a mesma merda.
- Trabalhar a vida inteira com algo que não gosta destrói qualquer pessoa! Já pensou nisso? O melhor é você procurar alguma coisa que goste de fazer?
- Um amigo meu se formou nesse final de ano e vive dizendo que até esse ano ele era um estudante e que vai começar o ano como um engenheiro desempregado. Adiantou?
- Ele está começando errado... se é que não disse isso brincando; todo ex-estudante tem mania de dizer isso, mas falam da boca prá fora. No fundo, no fundo, não vêem a hora de começar a trabalhar e poder criar alguma coisa na área que escolheram. Como você disse antes, se forem bons mesmo o emprego vai pintar.
- Não quero mais falar sobre isso, podemos trocar de assunto?
- Prá que assunto, falamos do trabalho e dos estudos; namorar você não está afim! Só falta querer falar sobre a Grécia e nosso clima fantástico... vai meu... deixa isso para os turistas.
- Você tá uma chata mesmo, o melhor é irmos embora
- Aahbran ligou o carro e minutos depois deixava Aagje na porta da casa dela.
- Um beijo então... me liga amanhã! Vamos programar alguma coisa.
- Vou ver o quê.
- O rapaz deu um beijo na moça e saiu com o carro meio sem rumo. Quando viu estava passando perto da estranha cabana do negro e não pode evitar um comentário:
- Não sei como as autoridades deixam, isso emporcalha a rua!

Depois, sem ter o que fazer, tocou para casa e se trancou no quarto. Foi dormir para mais uma noite de pesadelos. Levantou por volta das três da tarde do dia seguinte, depois de um sono fracionado entre acordar e voltar a dormir por várias vezes.

No Brasil, na Grande São Paulo, o tempo chuvoso da noite não dava sinal de acalmar durante o dia. Raquel pouco havia dormido e levantar às oito da manhã exatamente por não conseguir pegar novamente no sono a enfurecia.

- Marisa, acorde! Pretende passar o dia inteiro na cama?

A menina acordou e olhou no relógio de cabeceira antes de responder:

- São oito horas mãe... e hoje é domingo... esqueceu?

- Não esqueci não, o que não quero é vagabunda nessa casa! Trate de levantar já!

- Já vou!

A mocinha vinha notando a mudança de comportamento da mãe. Há tempos já não tinham qualquer tipo de diálogo, tudo que ela fazia dava a impressão de ser errado; também não tinha nenhuma liberdade. Era proibida de sair com as amigas e, às vezes, até de freqüentar a área de lazer do condomínio; acabava tendo que fazer uma companhia muda para Raquel que a maior parte do tempo ficava sentada no sofá, fingindo ver um programa de televisão ao qual não prestava qualquer atenção. Sabia disso porque quando fazia um comentário ela sempre respondia com um *“O quê? Disse alguma coisa?”* Já tinha ouvido falar em depressão, achou que a mãe estava padecendo desse mal, mas não comentou sobre esse assunto *“Ela sempre reage mal à menção de doença”* continuou pensando para concluir *“-só pode ser.”*

Nem bem havia aberto o chuveiro e a mãe bateu na porta berrando:

- Vê se não demora, energia custa dinheiro... e dinheiro não cai do céu!

- Não cai do céu não... cai do meu pai!

- O que você disse sua sem vergonha, eu me mato prá te educar para escutar essas coisas, você vai ver quando sair.

Raquel berrou enquanto forçava a porta trancada com intenção de abri-la.

A menina sentou-se no vaso e ficou chorando baixinho. Esperaria a mãe acalmar, como sempre fazia.

Ainda tinha no corpo as marcas dos beliscões que recebeu da última vez que desobedeceu à mesma ordem e o tapa na cara ainda doía, recebido quando tentou argumentar.

Na Grande Amazônia, na região da fazenda, o tempo também estava chuvoso; impossível para uma pescaria ou uma cavalgada.

- È... hoje não tem nada para fazer!

- Nada é? - Rodriguinho se aproximou com um monte de cadernos e livros nas mãos - por acaso estudar não é nada?

Romilda e Vinícius olharam um para o outro.

- O dia vai ser longo... você primeiro - Vinícius afastou uma cadeira da mesa - sente-se professora - e riu enquanto completava - vou checar algumas contas da fazenda, venho te render em duas horas.

Em seguida saiu para a varanda com um livro de anotações nas mãos.

CAPÍTULO 25

O natal daquele ano foi passado na fazenda mesmo, Vinícius havia decidido que não iriam viajar e Raquel preferia não sair dali; Rodriguinho gostou porque seriam mais dias de folga do pai para pescarias, cavalgadas e banhos de rio e igarapé. E o foi!

Na passagem de ano também ficaram sem sair, o que se resumiu em mais atividades locais.

Nas duas datas o casal ligou para Marisa e ficou sabendo que a mãe dela estava cada vez pior, a menina chegou a pedir para vir morar na fazenda; fato que o pai considerava impossível porque Raquel tinha a guarda judicial da filha. Os dois irmãos mataram saudades ao telefone e o menino não cansou de chamar a irmã para vir morar com ele.

Na Grécia Aahbran e sua turma terminaram as festas com duas passagens pela polícia, envolvidos nos tumultos e depredações conseqüentes dos protestos contra o desemprego; fato que ocorreu em Lárissa e se repetiu na maioria das grandes cidades. Os pais dos rapazes tiveram que pagar os prejuízos causados ao erário e a particulares, mas preferiram acreditar serem coisas da juventude e da bebida em excesso; justificada pelas comemorações daquelas datas. De fato também acreditavam que a manifestação pela insatisfação era correta; fosse ela como fosse afinal a culpa era do próprio governo.

Por outro lado, os constantes encontros no astral, ora entre Djou e Mit, ora entre Vinícius e Anne, só fizeram com que os dois sentissem falta de se verem no físico.

Justificando ter que comprar novos maquinários de ordenha, uma vez que estavam redirecionando a atividade econômica da fazenda para leiteira, ele programou para a primeira quinzena de janeiro uma viagem a São Paulo.

Romilda sabia que o motivo principal seria Anne, mas não queria culpar o marido por isso; preferia ver o fato como uma simples atração física. Há tempos doía-lhe mais a cada vez maior aproximação dos dois no espiritual, lugar que antigamente ocupava em primazia. Sem saber do real motivo desse envolvimento, terminava por sofrer calada. Vez por outra tentou tirar de Vinícius o porquê, mas esse sempre respondia com nítidas evasivas. Mas não conseguia culpar Anne de nada, gostava da garota, na verdade tinha verdadeira paixão por ela; uma irmã mais nova, talvez. Sempre chegava a essa conclusão e torcia por Anne. Por que, não conseguia saber. *“Gostaria de ter mais contato com ela... sei tão pouco... como posso gostar tanto?”* Ficava sempre se perguntando.

Do seu lado, ele também sofria uma vez que estava impedido de contar e dividir com qualquer pessoa, à exceção de Anne, sua condição de *Mago Branco* e de seu destino traçado de antemão; e por forças superiores. Mesmo assim, às vezes chegava a contestar essa obrigação de segredo, para logo concluir que isso não mudaria nada *“Isso apenas a faria sofrer por antecipação! O que não tem cura, curado está!”*

Veria Anne e falaria com ela *“Quem sabe ela não tenha uma solução... a cada dia apresentava-se com um grau mais evoluído.”* Pensou.

O dia da viagem chegou e, dessa vez, teve que fugir à sua regra básica de viagem, porque Anne fez questão de buscá-lo no aeroporto; não houve argumentos que a impedissem. De lá foram direto para o hotel, o mesmo onde haviam se encontrado pela primeira vez. Satisfeita ao menos temporariamente as necessidades do físico e nada havendo naquela forma a tratar sobre assuntos do astral, a conversa tomou o rumo dos familiares, começando por Romilda.

- Então, como você vê, não é o fato de nós termos um caso que a faz sofrer. É essa condição de eu não poder dar explicações... isso faz com que se sinta preterida... entende?

- Sim! Eu posso resolver isso, só não posso te dizer como, vai ter que confiar em mim.

Novamente Anne lhe pareceu mais séria que o usual, mesmo de quando incumbida de uma missão importante, por mais que equela o fosse; atribuiu à maior abertura de seu eu interior.

Também não questionou sua decisão, estava se acostumando a agir dessa forma com ela.

Vinícius cansado da viagem e da intensa atividade de momentos antes tirou uma espécie de cochilo, tempo no qual Anne se pôs a rever seu encontro do dia anterior com um velho que a havia tratado por Mit... sua visita ao templo, e o som da Flauta Mágica; sabia que sua contagem também havia sido iniciada. Daquele momento em diante ela passou a manter um segredo que não poderia contar, nem mesmo a ele... na verdade dois, estava grávida... esse ela contaria durante o jantar; havia pedido ao hotel uma mesa especial e à luz de velas.

Tinha os olhos cheio de lágrimas quando aproximou a mão direita da testa de Vinícius e viu quando esse entrou em um sono profundo. Deitou ao lado, posicionou os braços paralelos com o corpo, provocou a separação, e foi ter com Romilda.

Na fazenda a mulher estava ao lado da cama olhando ao filho e a si mesma, não se arriscaria a um afastamento; zelosa que o era.

Anne ficou logo atrás olhando mãe e filho deitados lado a lado, ele com o bracinho por cima do pescoço da mulher.

Sentindo uma presença no local Romilda se voltou em instantes ficando frente a frente com Anne. Pode receber a dupla vibração e levou a mão ao ventre de Anne, reconheceu a sintonia; a mesma da sua. Soube de imediato que sua alma gêmea estava se preparando para voltar ao mundo físico por intermédio de Anne; abraçou a moça e ficou colada com ela por um longo tempo. Quando se afastou um pouco, mesmo querendo ficar da forma como estava, foi que recebeu o choque maior.

“Você vai cuidar dele, é um menino, eu não vou estar aqui!” Escondeu o restante das informações que possuía sem poder evitar uma mudança vibracional e um estado lagrimejante próximo aos olhos.

Romilda entendendo nela a tristeza por saber que iria em breve deixar o filho que ainda nem tinha tido, também começou a formar lágrimas e voltou a abraçar a moça e o ser que lhe era mais importante entre todos os existentes.

“Agora eu tenho que ir, fique tranquila, Vinícius esta comigo no hotel.”

“Eu sei, e agora que entendo, peço desculpas por minha bisbilhotice. Vá com Deus!”

Anne desapareceu para reaparecer no Templo da Irmandade.

Chamou pelo guardião, da última vez ele não se fez presente. Tão logo um ancião se manifestou ao seu lado, ela começou:

- Por que eu fui desobrigada do segredo?

- Somente em parte dele, a que disse a ela, mesmo propensa a contar que o filho e o marido morreriam não o pode. Os segredos são por nós velados como a um defunto e esses não podem ser levantados. Agora vá minha filha, nada tens a fazer aqui, sua vida é lá! O seu guia a acompanha!

Não era um aviso ou mensagem, era uma ordem e Anne se viu novamente no quarto, ao lado do corpo físico. Interiorizou-se.

- Você não veio de tão longe para dormir! - acordou Vinícius com a mais simples das intenções humanas.

No jantar, preparado com requinte pelo pessoal do restaurante, com tudo controlado pela *hostess*, Anne deu a notícia a Vinícius.

Radiante ele convidou a todos os presentes para um drinque com champanhe, decidiu que no dia seguinte ligaria para Romilda para dar a notícia. Não precisou, nessa noite, tão logo deixou o corpo encontrou Romilda no quarto:

- Vim lhe dar os parabéns, leve Anne para a fazenda, adoraria passar uns tempos com ela!

- Levo sim! - Vinícius notou a modificação nos ânimos da amiga, mas não fez qualquer comentário. Ela estava contente e isso lhe bastava. Sabia que Anne tinha tudo a ver com essa mudança. Agradeceu mentalmente.

Uma semana passou rapidamente e Vinícius tendo terminado as compras dos equipamentos e materiais para implantação do sistema automatizado de ordenha decidiu que era hora de voltar para a fazenda; Anne iria com ele.

A moça conseguiu no trabalho um mês de férias e esse seria o período de sua permanência na Amazônia. Ela sempre teve vontade de conhecer aquela região, passar uns tempos por lá, e agora a oportunidade se apresentava. Chegaram na fazenda numa quente manhã de segunda-feira.

Terminada as apresentações, Rodriguinho, já afeiçoado à moça, andava de mãos dadas com ela mostrando seus animais de estimação: um porquinho ferido pelos maiores, uma galinha de perna quebrada, um pato com a asa machucada em brigas e, sem poder faltar e acompanhando a dupla por todo canto, o único não ferido ou doente; o cachorro Manteiga.

- Rodriguinho, traga a Anne para almoçar, você vai ter muito tempo para mostrar tudo; ela vai ficar um mês conosco.

Foi preciso várias chamadas da mãe até que o garoto, convencido pela moça resolvesse retornar a casa.

- É, minha mãe fala assim, mas um mês passa rápido.

De fato, os dias foram passando e 30 dias, que a princípio parecia bastante tempo, foram se acabando. Era hora de Anne voltar à sua vida anterior. Todos sabiam que esse momento ia chegar, mas até então tinham evitado pensar sobre o assunto. Naquele período Anne e Vinícius chegaram a viajar por vezes às cidades vizinhas e dormirem por lá uma ou duas noites; ambos consideraram mesmo umas merecidas férias e, vez que nada se modificava de maneira significativa no astral, não mais o visitaram, aceitando a trégua.

Naquela noite, véspera da partida de Anne, Raquel tomou a iniciativa da conversa; a moça àquela hora já estava dormindo no quarto de Rodriguinho, como em todas as outras noites.

- Anne não vai poder auxiliá-lo durante o período de gravidez, as fortes emoções que estão por vir e sabes que virão, podem ser prejudiciais à gestação da criança.

- É... já pensei nisso! E qual é a saída?

Conhecendo Romilda, ele sabia que normalmente tinha o desenrolar de um assunto pensado antecipadamente.

- Anne fica aqui cuidando de Rodriguinho e eu volto a te ajudar em astral, ela se afeiçoou ao garoto e sabes que podemos

confiar nela. A trégua esta acabando, Alfredo me disse que a violência esta aumentando rapidamente no mundo inteiro.

- Não acredito que tenha havido uma trégua propriamente dita, ao menos não do outro lado da questão; nós é que nos demos uma. Unilateralmente, quero dizer. Prefiro debitar esse período como de preparativos para a batalha final, assim não o vejo como tempo perdido e fico mais tranqüilo comigo mesmo. Por outro lado, essa sua idéia de arrumar alguém para cuidar de nosso filho já é antiga, antes eu rejeitava por não ter alguém à altura, mas agora é outra coisa, Anne pode enfrentar qualquer ameaça vinda de um egrégora. E você sabe que virão!

- Sim, eu sei! Vou ficar tranqüila sabendo que ela esta com ele, mais ainda que comigo. No momento ela tem a força de duas Romildas, senão mais.

Ela se referia ao filho que Anne esperava e cujo nível de desenvolvimento conhecia muito bem. O *mais*, colocado daquela maneira, significava que realmente pensava estar Anne em um estado evolutivo muito mais elevado que o dela. Mas não tinha qualquer ponta de inveja em suas palavras, tinha a certeza de alcançá-lo algum dia.

- Você notou que Rodriguinho, depois que ela chegou, não veio mais à noite em nosso quarto?

- Sim! A afeição é mútua, devem ter ligações antigas; estranhei Anne não ter tocado no assunto.

- Pode ser que não queira... ou não saiba... ou, ainda, que não queira saber! Quem sabe?

- Então, como ficamos?

Vinícius via somente uma solução, mas não queria ser ele a propô-la.

Romilda não precisou pensar para falar:

- Simples... trocamos de quarto; eu passo a dormir com meu filho... desde agora! Chame-a e converse com ela, sei que vai aceitar numa boa, da mesma forma que eu estou propondo... E aceitando.

- Acho que é um assunto que primeiro deve ser tratado entre as mulheres envolvidas. Chame você e explique sua posição a ela.

- Tá certo... eu vou!

Enquanto Romilda se levantava, colocava o lenço e ajeitava rapidamente os cabelos, a porta do quarto se abriu.

- Não vai ser necessário, me desculpem, mas eu estava exteriorizada e pude acompanhar toda a conversa. Não só estou de acordo, como é a única saída que eu vejo. Rodriguinho não pode transferir para mim o apego que tem pela mãe, o laço deles tem que ser reforçado cada vez mais, principalmente no final do ano quando vai de fato começar os problemas com o egrégora.

- Só tem uma coisa... - Raquel iniciou a falar, fazendo com que os dois olhassem para ela ao mesmo tempo - ... eu levo meu travesseiro!

Os três riram quase a um só tempo. Romilda deu um beijo no rosto de Anne e foi para o quarto do filho.

Na Grécia, o namoro dos jovens prosseguia, embora Aagje viesse notando as contínuas modificações do rapaz para pior. Enamorada pelo jovem procurava motivá-lo e afastá-lo das companhias que acreditava o estarem prejudicando. Por seu lado Aahbran cada vez mais se metia em confusões e arruaças e, no emprego, há tempos não se dedicava ao trabalho com a atenção necessária. O moço, sempre revoltado com tudo, passava dias sem dar notícias à moça, que apenas tolerava por estar apaixonada.

Naquele dia tinham se encontrado para irem ao cinema, mas até o estilo deles havia mudado, assistiam agora a um filme onde predominavam as cenas de violências. Durante o tempo todo mal se tocaram e vibraram muito quando a vingança levada a cabo foi o desfecho final da tragédia.

Aagje, sem perceber, estava se acostumando ou mesmo gostando daquela nova situação e reforçada em suas antigas idéias achava mesmo que era necessário dar um basta ao constante avanço da comunidade evangélica na Grécia. Filha de pais ortodoxos radicais tinha herdado muito de sua maneira de pensar e agir. Com o tempo foi assimilando as idéias do namorado ao ponto de incentivá-lo a algumas retaliações. Porém, continuava achando que tinham um papel na sociedade e que a disciplina e a dedicação aos estudos não podiam ser abandonadas; coisas que

Aahbran vinha relegando. Somente nisso agora eram suas desavenças.

Na casa da ex-mulher de Vinícius, em São Paulo, a situação havia mudado por completo. Mãe e filha agora saíam juntas para baladas com Raquel disfarçando a idade da filha por meio de maquiagem pesada e roupas sensuais; que aliado ao pouco controle das casas noturnas estava dando certo. Vez por outra ela mesma incentivava a filha a ficar com rapazes bem mais velhos; quando não a levava como dupla para encontros noturnos.

A mando da mãe, agora Marisa vivia ligando ao pai para pedir dinheiro inventando motivos: ora a compra de livros novos ou passeios promovidos pelo colégio e outras vezes para comprar roupas de marca igual às daquelas das amigas. O pai estranhou a mudança de comportamento da filha, mas atribuiu tudo à fase de crescimento.

Do espaço, o cascão continuava a alimentar os egrégoras ruins existentes na Terra. Nela a onda de violência aumentava em todos os recantos, por mais remoto que o fosse, e as autoridades se viam impotentes para contê-la. As cadeias estavam abarrotadas.

Junior nasceu em setembro no hospital de uma cidade vizinha, o casal decidiu-se por montar uma casa na cidade ao menos até que a criança passasse a fase de recém-nascido.

- É lindo!

Romilda não deixava o bebê no berço e só quando este chorava com fome é que o entregava de volta à mãe.

Rodriguinho alegre com a chegada do irmãozinho queria saber quando ele poderia montar a cavalo. - Vou ensiná-lo a selar... e a montar também! - dizia a todo instante.

Três meses depois Vinícius resolveu voltar a morar na fazenda, o bebê era forte e o médico havia dito que afora o acompanhamento, vacinas e visitas periódicas ele não necessitava de mais cuidados. Todos preferiam passar as festas do final de ano na fazenda. Foi uma alegria entre os funcionários que ainda não haviam ido visitar o mais novo patrãozinho.

Naquele final do ano de 2015, mais ainda que nos anteriores, em toda a Grécia os ânimos estavam acirrados e a onda de violência se deflagrada poderia não ter mais fim.

Como em toda situação desse tipo ela somente precisa que alguém acenda o estopim e a explosão se forma em seguida.

Naquele dia Aahbran acordou mais cansado que de costume “Nossa, parece que nem dormi esta noite; estou um bagaço!”

Achando que um bom banho ia mudar tudo se enfiou embaixo do chuveiro tendo antes o cuidado de regulá-lo para frio. Ele ficou alguns minutos embaixo da água que corria gelada deixando sua pele avermelhada, depois saiu se enrolando em uma toalha; se olhou no espelho por uma ou duas vezes chegando à conclusão que a barba estava crescida e precisava ser cortada. Pegou o aparelho de barbear, mas no desânimo que se encontrava terminou por concluir que a barba estava bem daquela forma mesmo. “Que se dane!” Aprontou-se rapidamente para o trabalho e saiu, minutos depois entrava no banco.

Da sua mesa, posicionada quase na entrada, o gerente olhou a chegada do subalterno e concluiu de imediato que alguma coisa estava errada. Em quase dois anos de convivência era a primeira vez que via Aahbran de barba sem fazer, cabelos praticamente despenteados, e com as roupas visivelmente amarrotadas; reconhecia que essa fase ruim do rapaz vinha se agravando já há algum tempo. Vez por outra olhava na direção do rapaz acompanhando a execução dos serviços do dia; preocupado que estava pela sua eficiência naquele dia.

Do seu lado Aahbran percebeu os contínuos e incomuns olhares do chefe e chegou à conclusão que este o estava

vigiando “Não entendo, ele sempre confiou em mim!” Permaneceu com esse pensamento na cabeça durante todo o dia e nem mesmo com a insistência de Abadir saiu para almoçar.

Com esses pensamentos na cabeça, aliado ao cansaço da noite mal dormida, e à falta de motivação provocada por tudo isso, e sem a necessária concentração no trabalho, terminou por cometer vários erros que seriam impensáveis em condições normais.

A desídia no desempenho de suas funções provocou a ira do gerente do banco que estava acostumado a confiar serviços importantes, de sua responsabilidade, ao rapaz; motivo pelo qual sequer podia imputar-lhe a culpa pelos resultados desastrosos.

Ao término do dia de trabalho, o gerente, absorto em consertar e explicar à matriz as falhas durante o expediente, sequer respondeu aos cumprimentos de despedida de Aahbran.

- O chefe estava uma fera, também pudera, você cometeu erros infantis! O que está havendo com você cara? - o comentário foi feito por Abadir enquanto saíam do banco.

- Não deve ser nada disso não, erros acontecem, ele deve estar querendo meu lugar para colocar alguém de seu interesse; só isso! - respondeu de forma rude ao amigo, que preferiu ficar calado.

Nesse dia, absorto em encontrar motivos para o chefe agir daquela maneira e na ânsia de achar culpados pela sua situação atual não telefonou para Aagje e nem atendeu às insistentes ligações dela.

Quando foi dormir sua cabeça estava dolorida, sentia tonturas, as mãos estavam trêmulas e a raiva dominava todas as formas de pensamento que apareciam.

Em sonho a imagem do preto com a Bíblia na mão não tardou a aparecer, na confusão mental provocada pelas emoções do dia o negro não lhe parecia tão preto assim, vez por outra chegava a parecer branco; quase podia ver seu chefe nele.

Uma cena corria em câmera lenta, nela um jovem evangélico com a Bíblia na mão sentava em frente à mesa do gerente. O rapaz vestia um terno cinza de bom corte, gravata listrada com cinza e branco em diagonal e nó bem feito, daqueles duplos, cheios, um tipo que ainda não estava habituado a dar, por

baixo uma camisa branca, alvejada e passada com esmero; os sapatos pretos com o brilho de um espelho. Nela, o chefe sorria se desmanchando em elogios à medida que lia o currículo apresentado pelo pretendente ao emprego.

Cada detalhe era captado pelo subconsciente de Aahbran e seu corpo rolava na cama de um lado a outro. A face foi endurecendo, o cenho se franzindo por toda a testa formando sulcos até o redor da boca; palavras eram soltas ao acaso “*Malditos evangélicos!*”

Pensamentos ruins e sentimentos de raiva e ódio despertavam a todo instante as amígdalas e o córtex pré-frontal, levando-o do riso desmotivado à irritação e, em seguida, ao choro.

O incessante martelar não parava nunca “*Vai perder o emprego... vai perder Aagje... e por sua culpa; por não ter feito nada para impedir que isso acontecesse.*”

A aparente impossibilidade de frear o que viria por acontecer em instantes dava lugar a alternativas violentas, uma voz aparentemente vinda de seu interior parecia gritar “*Queime o preto! Mate os evangélicos! Eles são os culpados de tudo que está acontecendo!*”

Sem modificações naquilo que no dia seguinte seria taxado de pesadelo, mas que estaria encravado em seu subconsciente, Aahbran continuou sendo mortificado noite afora.

Acima, impregnados por impressões vindas do enorme e não tão dormente cascão estacionado no espaço vazio, os egrégoras ativos continuavam enviando a todos a eles ligados uma confusa mistura de tudo que de ruim havia sido gerado durante a Peste Negra, a Gripe Espanhola e, principalmente, os horrores dos holocaustos; e aquilo que havia sentido os que morreram e aqueles que impotentes viram acontecer. *E, começaram a se unir em torno desses mesmos pensamentos.*

CAPÍTULO 26

Na véspera de natal Aahbran chegou ao serviço ainda pior que no dia anterior: a barba por fazer desde terça-feira, o olhar cansado e um ar distante. E, inadvertidamente, usando a mesma roupa ainda mais amassada, deixando à mostra o total desleixo e até certo desrespeito à profissão e ao local de trabalho.

O gerente temendo que se repetissem os mesmos erros cometidos anteriormente proibiu a execução dos trabalhos rotineiramente entregues ao jovem, transferindo a outro funcionário esta incumbência.

Furioso e sem pensar, despojado dos afazeres que lhe conferiam o status de subgerente, muito embora não o fosse, o rapaz pediu demissão do emprego.

Sem nem ao menos telefonar foi direto para a casa de Aagje e foi recebido pela mãe da mocinha.

- Quero falar com a Aagje? Ela está?

- Sim! Mas a quem devo a honra?

- Eu sou Aahbran, com certeza ela falou de mim!

- Sim! Por favor, entre!

Quimera acompanhou o rapaz em seguida com duas estranhas dúvidas na cabeça. De um lado tinha certeza de já o conhecer, embora sem saber precisar de onde, do outro a que indicava que esse homem não correspondia aos relatos da filha “*É relaxado! Tosco!*” Foi sua primeira impressão!

- Por favor, sente-se, vou avisar minha filha!

O rapaz nada respondeu confuso com a decisão tomada pouco antes “*Pedir demissão, numa crise como essa! Idiota!*”

A mulher estranhando o silêncio foi até o quarto da filha.

- Tem um homem ai embaixo, disse que é Aahbran!

- Peça para esperar um pouquinho, vou me arrumar e já desço; obrigada!

Enquanto a moça se preparava para o encontro imprevisto com o rapaz sua mãe voltou para fazer sala ao moço.

- Ela já vem, está se aprontando!

Quimera disse sem deixar de pensar que ele devia ter feito o mesmo “*Afinal o namoro dos dois é tão recente!*” Apegada às tradições, não admitia essa total falta de formalidade por um pretendente a um relacionamento sério, principalmente quando esse vai ver pela primeira vez qualquer um dos pais da moça. Sabia que à algum tempo ela vinha se encontrando com um rapaz. Supunha ser aquele, embora nunca lhe tivessem dito um nome; afinal ainda não tinham oficializado o namoro.

Como o rapaz continuava mudo, a mulher tentou dar prosseguimento a um diálogo:

- Sua família é daqui mesmo?

- Eu nasci aqui, mas meus pais são da Ilha de Quios!

Quimera se fez pálida enquanto falava:

- Por acaso você é filho do casal Palamedes e Clímene?

- Sim! Você os conhece?

- Sim... quer dizer não... Só de nomes!

A mulher praticamente levantou em um pulo do sofá onde estava sentada e sentiu a vertigem tomar conta de seu corpo, confusa terminou por pedir ao rapaz que se retirasse:

- Eu não estou passando bem! Por favor, volte outra hora! Eu vou pedir para minha filha ligar para o senhor!

Sem nada dizer Aahbran se retirou, ademais não estava mesmo com vontade de falar com ninguém naquela hora. “Essa velha não foi com a minha cara!” Saiu resmungando, embora na verdade não desse a mínima para a opinião daquela que poderia vir a ser sua futura sogra. “*Também, não deve existir ninguém que goste de sogra mesmo!*”

Quando a filha desceu a mulher continuava sentada no sofá absorta em seus pensamentos.

- Cadê o Aahbran?

- Esqueça aquele rapaz minha filha, seu pai jamais vai aceitar uma união de vocês dois; nem eu também!

- Mas por quê? O que foi que aconteceu?

- Eu vou falar com seu pai primeiro, depois você vai ficar sabendo. Agora me prometa que não vai ligar prá ele. Promete?

- Sim! Mas eu não estou entendendo nada.

- Faça como estou dizendo, por favor.

Aagje vendo que a mãe estava branca como cera não mais insistiu, subiu para o quarto apressada para telefonar para Aahbran, queria saber o que tinha acontecido. Tentou inúmeras vezes, mas o celular somente dava sinal de desligado ou fora de área.

Aahbran não queria falar com ninguém e esse foi o motivo de ter desligado o aparelho; sabia que Aagje ligaria e não queria dar a ela a informação que havia saído do emprego. E por vontade própria, coisa inadmissível no estado em que as coisas se encontravam em seu país. Vagou sem rumo de um lado para outro até o entardecer quanto resolveu ir para casa.

Recolheu-se em seu quarto tendo o cuidado de avisar a mãe que não queria ser interrompido e manteve o celular desligado.

Por outro lado, Aagje também em seu quarto, cansada das constantes mensagens de celular desligado, resolveu ligar para a casa do rapaz.

- Alô!

- É a Dona Clímene que está falando?

- Sim!

- Dona Clímene, meu nome é Aagje, sou amiga do seu filho, ele está?

Achou melhor se identificar dessa maneira, por não saber se ele havia contado aos pais do namoro ainda mantido informal.

A simples menção do nome já fez com que um calafrio percorresse o corpo da mulher. Em instantes chegou à conclusão de ter errado, tempos atrás, em não aceitar as constantes insistências do marido para se mudarem de cidade. Sabia que a antiga parteira havia tido uma filha e que esse era o nome que eles colocaram na menina “*E se for ela?*” O medo de um relacionamento casual trazer à tona seu mais profundo segredo, fazia qualquer coisa que a ligasse àquele passado distante lembrá-la que ele não era tão passado assim; e isso lhe trazia pavor.

O silêncio fez com que a moça repetisse a pergunta:

- Ele está?

Tirada de seu transe momentâneo, Clímene respondeu indecisa:

- Quem? Meu filho... Não! Nessa hora ele ainda está no banco... acho!

Sua indecisão fez com que a moça acreditasse que Aahbran não estivesse mesmo em casa.

Por favor, quando ele chegar, pede para ligar para a Aagje. Se eu não estiver em casa vou estar no *cafenion* do meu pai.

- O *Appo...pollo?* - o medo que suas suspeitas se confirmassem fez com que Clímene gaguejasse ao pronunciar um nome para ela mais que conhecido.

- Sim! Obrigada! Foi um prazer falar com a senhora!

A moça escutou o barulho de a linha ser desligada do outro lado e nem notou que a conversa foi interrompida sem uma resposta qualquer à sua gentileza; contente que estava por agora ter certeza de Aahbran haver falado sobre ela para os pais. Em sua alegria, interpretou a reação da mulher ao nome do *cafenion* como uma lembrança ainda pouco definida; dado ao relacionamento deles dois estar sendo mantido meio na informalidade.

Sem mais qualquer dúvida sobre suas suspeitas, Clímene deixou o corpo cair no sofá onde estava sentada.

- Meu Deus! Tudo, menos isso!

Imediatamente deixou a casa rumo à fábrica de vinho do marido.

Nessa mesma hora Quimera entrava no *Kafenion Apollo* e, sem cumprimentar os empregados ou responder-lhes às saudações, subiu direto ao escritório do marido. Entrou, tendo o imediato cuidado de trancar a porta a chave; não queria de forma alguma que fossem interrompidos ou que alguém escutasse a conversa.

- A que devo a honra dessa visita tão ilustre?

Appolo iniciou o cumprimento em tom de brincadeira, referindo-se, com certeza, à total ausência da mulher durante anos ao empreendimento do casal, mas interrompeu ao ver o estado de preocupada que ela apresentava.

- Sente-se, por favor - pediu a mulher ao marido - como está seu coração? Vim falar sobre o relacionamento de Aahabran e nossa filha, ele esteve em casa há pouco.

Confundindo os sinais que a mulher apresentava, o homem, que há tempos sabia do relacionamento da filha com o rapaz, mas o escondia da mulher que, apegada às tradições, não admitia esses relacionamentos da juventude de hoje, falou radiante:

- Ele pediu a mão de nossa filha? Já? Mas não deveria ter falado com o pai primeiro? Comigo, quero dizer? Bem, não importa; o importante é a atitude - afinal não queria a filha enalhada e pulando de uma tentativa em outra; e o rapaz lhe pareceu um ótimo partido.

- Cale-se!

Ela praticamente gritou ao marido de maneira que foi ouvida pelos empregados lá embaixo, felizmente num horário de poucos clientes.

- Ele é um *Kallikantizaroi*!

Pronunciou em tom mais baixo de voz, não querendo ser ouvida por ninguém fora daquela sala; mas não sem a maneira incisiva anterior, continuando:

- Porque não me disse quem ela estava namorando? Um simples nome poderia evitar que as coisas chegassem a esse ponto. Que durassem tanto tempo.

O homem que havia se levantado para abraçar a esposa recuou alguns passos e deixou o corpo despencar na cadeira; não conseguiu soltar qualquer palavra. A simples referência àqueles seres lhe causava vertigem. Com muito custo conseguiu replicar:

- De quem você está falando - Appolo continuava sem entender - se você se refere à criança que ajudou no parto eu não sei o nome, você nunca me disse.

- Eu estava sob juramento! Se quebrasse, qualquer criança que eu fosse pegar poderia nascer morta, só vou contar agora porque não sou mais parteira. Entende?

- Sim! Acho que sim!

- Appolo... você está bem? Você está bem? Você está mesmo bem?

Repetiu insistidas vezes enquanto se aproximava do pálido esposo; preocupada com os problemas cardíacos aos quais os médicos vinham constantemente recomendando repouso e uma total ausência de preocupações e emoções violentas, coisas difíceis em seu ramo de atividade.

- Onde está o seu remédio? - perguntou enquanto revirava algumas gavetas da escrivaninha.

- Eu estou bem... tinha tomado o remédio agora pouco! Mas o que é que quer me dizer mulher?

- Aahbran é o filho de Palamedes e Clímene; o casal que eu atendi naquele tempo!

O homem passou de pálido à transparente - É a maldição! É a maldição! - balbuciou com dificuldades.

- Venha, vamos para casa, não é prudente conversarmos aqui - disse a mulher, que pela primeira vez conseguia afastar o marido de seu negócio.

Os dois desceram as escadas de braços dados e Appolo praticamente se escorava na mulher causando preocupação aos empregados.

- Algum problema patrão?

Quimera se antecipou - Nada não, ele só está precisando de um bom descanso. Assuma o comando por hoje! - deu a ordem ao gerente do local, enquanto se retirava levando consigo para casa o marido.

Não distante dali, Clímene foi direto ao escritório da fábrica que ficava um pouco afastado da linha de produção e após cumprimentar a recepcionista entrou na sala. Palamedes estava sozinho e acostumado à constante presença da esposa sequer levantou os olhos.

- Você tem que ligar para a Quimera!

- Por quê? Após tanto tempo!

- Nosso filho está se encontrando com a filha dela, a Aagje, tente saber o que a menina sabe?

O homem ficou paralisado por alguns minutos enquanto com uma das mãos coçava o queixo.

Por fim falou - Isso não podia ter acontecido! - continuou pensativo por instantes antes de continuar - Esse relacionamento não é bom para nenhum dos lados, você sabe que Appolo acha que a família foi amaldiçoada porque a mulher fez o parto de um *kallikantizaroi*, mas como você sabe disso?

- Ela ligou lá em casa agora a pouco e confirmou que o pai é o dono do Apollo. Apesar dela dizer que era uma amiga... pelo jeito pode ser algo a mais; falava com ares de apaixonada!

- Não creio que os pais dela permitiriam... a menos que não soubessem do relacionamento dos dois... igual a nós mesmos! Vou ligar para a mãe dela, tentar saber o que eles sabem sobre os jovens.

Após duas tentativas, Palamedes desistiu.

- Não atende, vou ligar mais tarde. Volte para casa e tente descobrir de nosso filho o que puder.

- Vai ser difícil, chegou com cara estranha e se trancou no quarto pedindo para não ser importunado.

- É... você pode ter razão, pode ser paixão mesmo; isso mexe com os homens. Experiência própria!

- E com as mulheres também... esquece que eu também já passei por isso!

- É... agora vá. Faça o que puder, não vamos poder mudar o que já aconteceu; se é que aconteceu alguma coisa.

- Deus me livre, nem pense nisso, Appolo seria capaz de matar a filha para não ter a sina *kallikantizaroi* de vez introduzida na sua família... um neto; quero dizer! - falou a mulher saindo mais preocupada do que quando ali chegou.

“É... ela pode ter razão.” Palamedes continuou pensativo enquanto tentava retomar a rotina diária.

Em sua casa Clímene concluiu que o filho estava dormindo e preferiu não acordá-lo “É melhor que descanse!” Pensou, sem saber que a cabeça de Aahbran àquela hora estava polvilhada por uma infinidade de pensamentos estranhos, embora alguns nem tanto, e que se o tivesse lembrado teria prestado um enorme favor ao rapaz.

“Isso não é religião... tratam a fé como se fosse uma torcida de futebol... pichadores de pensamentos... eles são uma

gangue... um braço da máfia; blasfemam, poluem nossas mentes, espalham o terror, instalaram o crime organizado no país...”

Os egrégoras se reunindo enviavam uma mistura de impressões de origens diversas amalhadas ao longo dos tempos e que o rapaz já estava assimilando como suas; nessa hora o seu poder de discernimento já estava comprometido.

Acordou de madrugada todo molhado de suor e com os pensamentos confusos. Em sua mente somente uma coisa era certa, tinha que dar um jeito no negro. Levantou quase como um autômato, pegou uma lata de inseticida no armário e um fósforo na janela perto do fogão, em seguida correu pelas ruas desertas como um doido; vestia apenas uma cueca.

Correu sem parar por ruas e ruas até que parou ao lado de um aglomerado de papelões, sacos plásticos e bugigangas diversas. Do meio daquilo tudo vinha um ronco alto de alguém que dormia. Sem titubear riscou o fósforo e o manteve na mão esquerda, na direita a lata de inseticida foi acionada liberando o gás; em instantes a chama de quase um metro de comprimento iluminou tudo à sua volta e foi dirigida para aquele material inflamável. O fogo tomou conta de tudo, enquanto o rapaz alucinado fazia movimentos em leque provocando a combustão onde esta ainda não tivesse iniciado.

Dentro, o nome de Jesus era pronunciado em meio a um contínuo acesso de tosse. Um vulto tentou sair por um dos lados mantendo a cabeça baixa e posicionando os braços à frente tentando proteger o rosto das labaredas, enquanto empurrava sacos e sacos de material plástico em chamas. O polietileno derretido grudou nas mãos formando duas tochas acesas. O jato de gás, solvente e fogo da lata de inseticida impregnou o homem que saía devido à proximidade. Encharcado de produto a queimar o vulto negro agora delineado pelas chamas correu alguns metros antes de cair fumegando.

Aahbran lançou a lata dentro das chamas e iniciou um calmo caminhar no rumo daquela forma humana exalando cheiro de carne queimada e envolta por uma densa fumaça esbranquiçada. Parou ao lado, baixou a cueca e começou a urinar por todo o corpo do infeliz procurando direcionar o jato para a área da cabeça de sua vítima.

- Jes...

O preto já próximo do desfalecimento pareceu tentar um pedido de ajuda que foi cortado pela urina lançada diretamente na boca e abafado pelos gritos histéricos do agressor que a tudo maldizia.

Transformado em vapor o *mijo* se misturava aos outros odores e impregnava o ar de um cheiro insuportável. Aahbran saiu correndo no mesmo rumo pelo qual tinha vindo momentos antes vociferando pragas entre gritos e rugidos.

Nas casas próximas, pessoas corriam de um cômodo a outro verificando se estavam bem trancados e uns e outros se armavam o mais rápido possível de uma faca que tivesse o cabo preto, todos com um único medo e uma única preocupação no pensamento “*Kallikantizaroi!*”

A polícia alertada da presença de arruaceiros não demorou a chegar encontrando o negro agonizante. Naquela hora o cheiro de urina foi tomado como um reflexo físico do próprio elemento à reação da dor e o caso foi encaminhado como *acidente doméstico*.

Aahbran voltou a seu quarto e a dormir.

Lá na fazenda, naquela noite Vinícius se manteve bastante calado e, por certo, pensativo. Cearam bem rapidamente, Rodriguinho pegou no sono bem cedo e Junior estava com um pouco de febre, o que fez com que Anne mal saísse do quarto. Preferiram deixar para comemorar o natal no dia seguinte, afora os presentes que foram entregues bem mais cedo.

Romilda, sabendo das preocupações do amigo permaneceu o tempo todo em silêncio, não demorou e ele se retirou para o quarto depois de desejar-lhe uma boa noite e pedir que velasse por Junior também, e que iria precisar de Anne naquela noite. “Tenho um compromisso inadiável no astral.” Ele falou apenas em tom informativo e ela não fez qualquer pergunta, se limitando a dizer que ficasse tranqüilo, ela cuidaria de tudo.

Anne dormia ao lado do filho. Depois de colocar a mão na testa do filhinho e ver que o mesmo não apresentava mais

sinais de febre. Vinícius deitou ao lado da mulher e se posicionou na posição de um projetor, em segundos havia partido.

“Tinha certeza de encontrá-la aqui!”

“Tinha é... eu também!” Anne olhou para Vinícius por alguns instantes voltando em seguida à sua concentração anterior.

Minutos se passaram antes que ele tomasse a iniciativa de continuar o diálogo “Às vezes venho aqui olhar o templo quando não sei exatamente o que fazer.”

“Eu sempre pensei que os magos brancos sempre soubessem o que fazer.” Ela respondeu num tom de meio desanimo.

“Agora já sabe que não, estamos longe de ser um poderoso que tudo sabe e tudo pode; quando sabemos alguma coisa é simplesmente porque nos é dado saber. Só isso!”

“O que sabemos até agora nesse caso?” Anne perguntou sabendo de antemão a resposta que viria.

“O de sempre... que vai acontecer o que precisa acontecer, e que devemos minimizar sofrimentos.”

“Impedir as perdas desnecessárias você quer dizer! Parece tão pouco... não?” Ela completou, enquanto olhava para ele, sem ter conseguido ainda afastar o desânimo da impotência que sempre se apresenta frente ao inimigo invencível.

“Não! Muita coisa pode ser salva... muitas vidas... muitas inteligências podem ser retidas nesse mundo. Nós temos muito trabalho pela frente. Vamos a Akakor, mas não assim.” Em seguida Vinícius cedeu lugar a Djou.

Em silêncio Anne abandonou sua forma permitindo a presença de Mit e ambos se projetaram a Akakor, no centro da redoma.

“Por que viemos dessa forma Vinícius? Algum motivo especial?”

“Sim e não!” Olhou carinhosamente para ela antes de continuar “A presença de Anne me desconcentra, ativa reações humanas que não estão nada adormecidas. Sinto a falta de Anne e isso não é bom no momento. Sei que é por causa do filho recente, mas mesmo assim fica difícil; não posso evitar, desculpe-me. Mit e Djou bloqueiam naturalmente qualquer instinto animal, se é que me entende.”

“Sim, comigo acontece a mesma coisa! Você está certo, é melhor assim! O que pretende fazer?”

“Vamos visitar Nibiru, o planeta vai provocar na Terra manifestações físicas em conformidade com leis precisas, quanto a isso nada pode ser feito. Mas o que quero ver é o que existe na superfície, lembre-se: *Para toda ação existe uma reação de igual intensidade e sentido contrário*. Se ele vai provocar ações na Terra sofrerá também reações iguais, vamos ver de que maneira estão se preparando para isso. Acredito que ele seja povoado e que seus habitantes possuem um alto avanço tecnológico, embora voltado para o mal; do nosso ponto de vista, quero dizer.”

“Existe mesmo ponto de vista para o mal?”

“Sim! Lembre-se que para o leão ficar sem comer é um mal que pode ser fatal e para a gazela ser comida é um mal certamente fatal, isso também depende do ponto de vista; como tudo na vida. Nossos mestres vão nos proteger ao máximo e os deles a eles. Essa será uma dupla batalha, do ponto de vista físico e espiritual, acredito que algumas inteligências deles serão transferidas para esse planeta; aquelas regeneradas, voltadas ao bem. Da mesma forma que cederemos a eles as más, as que taxamos incorrigíveis no tempo de hoje.”

“Não seria melhor deixar que isso aconteça, parece ótimo. Eles que levem os maus e nos deixem os bons, da minha parte o acordo esta selado.” Anne manifestava seu lado prático.

“Primeiro, não temos como evitar que isso aconteça. Segundo, não devemos pensar nos maus, mas sim naqueles momentaneamente maus; evitar a eles um longo sofrimento e um atraso na linha evolutiva. Nesse caso, um ciclo do planeta; um tempo de expiação, podemos dizer.”

Mit sabia ser de 3.600 anos do nosso o período a que Djou se referia, um teste bastante longo para uma nova separação do joio do trigo. Voltou a se animar, afastando dessa feita o desânimo que a tinha tomado momentos antes “Mudando de assunto, quando começa meu treinamento, afinal sete anos passam rápido; como você mesmo disse.”

“Acha mesmo que eu ainda não comecei?”

Mit entendeu o recado e procurou ser prática “Como vamos chegar até ele, a *antena* pode estar apontada para qualquer

lugar nesse momento e enquanto conversamos muda de ponto a todo instante! Não é assim?” Disse referindo-se à Lança do Destino encravada na árvore e que servia como potencializador da energia cósmica necessária ao arremesso interplanetário.

“Não vamos diretamente a ele, vamos ao planetóide no qual estive casualmente pela primeira vez e ao qual tenho voltado de tempos em tempos, ontem inclusive. Sem a antena eu não teria forças para levá-la comigo, nosso destino eu posso traçar com o pensamento. Hoje será o ponto de menor aproximação entre os dois e a força da gravidade deve atraí-lo ao encontro de Nibiru, espero.”

Se Mit ainda tivesse dúvidas do porque do não à presença de Anne, esta dúvida agora estaria se dissipando. Djou se aproximou abraçando-a e a envolvendo até que os dois formassem um só corpo, uma só mente e uma só vontade. E fossem arremessados ao espaço.

CAPÍTULO 27

“Ei, este lugar é um nevoeiro só!”

“Nuvem de gases e poeira de rocha desagregada e arrastada junto, a velocidade deve ser altíssima; sente o formigar causado quando atravessam nossa área energética?”

“Sim! Igual quando toquei nas rochas lá no Templo de Ísis, só que muito mais intensa e contínua.”

“Se estivéssemos com corpo mais denso seríamos empurrados com as partículas!” Disse Djou se referindo à forma astral de Vinícius e Anne. “Vamos subir para fora da camada, isso causa desconforto.” Continuou.

Nem bem saíram ao espaço visível Mit praticamente gritou “Vai bater!”

Vinícius ainda teve tempo de ver o enorme planeta vermelho se aproximando a velocidade imensurável e concluir que a visão era fantástica “Dissolva o corpo perispirítico ou vai ser arremessada a quilômetros dentro do planeta.” Imediatamente viu a figura de Mit desaparecer deixando em seu lugar apenas um ponto de luz, igual àquela que ele agora emanava.

Nem bem terminou a frase e a transformação, pode sentir o impacto que levantou pedaços de rocha e pó por toda a extensão visível do planeta e muito acima daquilo que podia supor ser a atmosfera local.

A onda de choque formada pelo encontro dos dois corpos celestes avançou empurrando tudo que estava solto e arrancando muito daquilo que se acreditava preso também. Rochas podiam ser vistas derretendo sem gerar fogo à volta do círculo que formou uma cratera aberta com quilômetros de extensão.

Mesmo extasiada por tudo que acontecia a sua volta Mit não pode evitar uma exclamação “Se existisse vida aqui nessa região com certeza agora não existe mais. A destruição é total!”

“Ou não existe mesmo vida ou está muito bem protegida, porque também não provocou mortes; ao menos até agora!”

“Sim! Eu também não vejo sinais de inteligências desencarnadas, se é que existem ou existiam encarnados por aqui.” Ela concordou.

Tinham a certeza de estarem sobre o solo de Nibiru onde o planetóide atraído pela força da gravidade do planeta havia literalmente se espatifado.

Naquela forma que eles se encontravam, a camada densa de poeira e gases mesmo projetada a altíssimas velocidades não impedia a locomoção e nem oferecia qualquer tipo de ameaça à segurança dos dois.

Sendo o objetivo da visita uma pesquisa sobre seus possíveis habitantes seguiram em frente em busca de qualquer indício que pudesse revelar sua existência.

Enquanto vagavam sem rumo certo pela superfície do planeta Mit comentou “Você reparou que as rochas estavam derretendo, mas não havia fogo?”

“Somente o calor gerado pelo atrito, isso deve significar que não existe oxigênio na atmosfera do planeta, ela deve ser composta de outros tipos de gases; também não vejo nenhuma forma de vida às quais estamos acostumados. Vegetação... quero dizer!”

“Você reparou que a cratera era preta, mas parecia um vulcão com fumaça vermelha? Reparou também que a velocidade de subida da nuvem formada esta diminuindo? Parando... caindo de volta ao planeta!”

“Atraída de volta!” Djou corrigiu.

“Como?” Mit estava fascinada, o planeta parecia um aspirador de pó puxando para a superfície toda partícula em suspensão; em pouco tempo sua atmosfera estava limpa.

“Magnetismo... o planeta todo deve ser um bloco de magnetita.”

“Mas ele é vermelho, você já havia dito isso antes! Como pode?”

“Hematita... note que a área do impacto está mais vermelha que as demais, isso porque a poeira é fina e os grãos menores difundem a luz vermelha!”

Mit silenciou contemplando tudo que acontecia a sua volta.

“*Isso valeria uma soma incalculável na Terra!*” Djou não pode evitar estarecimento ao constatar que os pensamentos próprios de Vinícius ainda se manifestassem nele quando naquela

forma “*Isso deve valer para meus sentimentos com Anne também!*” Concluiu preocupado, não queria que nada com referência ao mundo físico atrapalhasse sua missão.

“Aqui não existe nada!” Mit afirmou em desânimo por não estarem encontrando nada daquilo que antes tinham como certo: um planeta tomado por uma diferente ordem evolucionar. Uma ameaça do ponto de vida físico, por ser enorme e ter uma órbita que o levaria muito próximo da Terra; mas ainda uma ameaça maior do ponto de vista espiritual, por ser um planeta negativo. Mas, mesmo assim, um planeta povoado de vida inteligente, num estado tecnológico avançado. E por não ter o que esperavam encontrar! Vida!

“É... não vamos poder manter a projeção astral por muito mais tempo não. É hora de voltar!” Ele avisou de posse de um repentino pensamento que poderia elucidar o problema.

Isso dito, ambos desapareceram da superfície daquele estranho planeta.

Djou acompanhou-a retornando ao quarto onde Anne dormia. Viu quando ela deixou a forma de luz e tomou a de Mit para em seguida adotar a da Anne que tanto adorava. Acompanhou Anne se despreguiçando na cama e levantando para um copo de água antes de voltar a dormir novamente. “*É linda!*” Não pode evitar observar como homem Anne vestindo apenas shorts e uma fina camiseta regata branca sem nada por baixo. Afastou o pensamento e voltou ao Planeta X.

“*Se tem hematita tem ou teve água e se essa não está na atmosfera, só pode estar no subsolo!*” Estava crente que o segredo estava nas profundezas rochosas do planeta “*Qual em Akakor!*”

Na superfície tudo estava da mesma maneira de minutos antes e ele não esperava que fosse diferente. Havia voltado para fazer uma varredura adotando um estado pelo qual já havia passado anteriormente, mas nunca havia tentado reproduzi-lo por vontade própria e tinha quase a certeza que Mit, no atual nível de desenvolvimento, não poderia provocar aquele estranho fenômeno. *A omnipresença!*

Sabia ser este, em seu real significado, um atributo exclusivamente divino e apenas inerente ao Criador, mas

acreditava ter Esse repassado às inteligências criadas uma parte limitada desse Seu poder; a capacidade de estar presente em todos os lugares pelos quais anteriormente houvesse passado e ou apenas antevê-lo para predispor-lo como objetivo a ser alcançado.

Sabia também jamais ter estado em todos os lugares daquele planeta, mas também o sabia que nunca estivera em todos os apartamentos do hotel onde o fenômeno se manifestou anteriormente.

“O princípio é o mesmo!” Concluiu enquanto começava a expandir a consciência para todos os locais visíveis.

Agora podia ver cada montanha, cada pedra, cada grão e cada partícula ao mesmo tempo; o planeta foi aos poucos apresentando cada ponto de sua superfície e se abrindo à sua visão mostrando cada fenda e vão existentes em seu interior.

Domos e mais domos de medidas imensas, profundos, milhares de vezes maiores que o de Akakor foram sendo vistos um a um; similares, hermeticamente fechados, sem aberturas de entrada e ou saída, e escavados em rocha pura polida ao seu máximo. No interior uma população fervilhante com suas árvores e seus jardins, seus rios e lagos, suas casas e seus animais.

“New world order!”

“Devem tirar energia dos constantes impactos de meteoritos, meteoros e planetóides; só pode ser!” A noção de grandeza o lembrou de corrigir “O que eu achava ser um planetóide não passava de um meteoro!” Se referindo ao asteróide em que estavam; o que havia se chocado com aquele planeta.

Em segundos pode constatar ser um povo saudável, belo, de belezas diferentes; mas sempre o melhor das raças. O grau de inteligência podia ser medido pelo que se apresentava à vista. Nada achou de feio, fraco e, muito menos, defeituoso entre as gentes que via; e nem entre os animais ou plantas. *“Uma seleção artificial de tudo que de melhor existe!”* Não pode evitar concluir.

Observou que as cúpulas eram interligadas por *portais dimensionais* existentes em suas bordas; as pessoas para irem de um a outro simplesmente desapareciam em um domo e apareciam no outro instantaneamente. No interior deles a locomoção em solo, água ou ar era feita por veículos propelidos e repelidos por magnetismo, sendo impossível qualquer colisão entre eles; tendo

os pedestres a proteção dos comandos automatizados que impediam qualquer acidente.

Na superfície apenas atividades de projetores astrais, desses pode observar vários; em sua maioria em serviços de pesquisa e vigilância.

Não conseguiu precisar como alimentavam e realimentavam o suprimento de ar, mas o pareceu ser por portais existentes no alto dos domos.

Numa análise rápida, embora provavelmente melhorados em muito geneticamente, os animais não diferiam em muito dos existentes na Terra; entre homens e mulheres prevalecia a mesma regra, apenas com o diferencial de que a beleza estava presente em todos. *“Evolução com harmonia!”* Pensou, para rir em seguida, lembrando parecer quesito de escola de samba.

Os hábitos alimentares, a vida social e a organização eram também similares, senão iguais: *“Quando boas!”* Pode presumir notando que ali só havia do bom e do melhor.

Outdoors, banners e cartazes, juntamente com estátuas, bustos e fotos exaltavam o líder por todos os cantos. Ele, jovem, loiro, alto, forte, e olhos azuis, em tudo com roupas de bom corte e sorriso aparente; em nada lembrava Hitler, se o fosse.

“Uma organização perfeita!”

Nem bem tinha acabado de concluir quando se abriu à sua visão um novo domo. Este, diferente dos demais, parecia um enorme armazém; um portal o alimentava constantemente com os mais variados artigos. Um dos quais chamou imediatamente sua atenção *“Made in Chine”*

“Eles se abastecem na Terra: gentes... almas... tudo!”

A emoção terminou por agitar seu corpo na cama e lá na fazenda Anne dava sinais de preocupação, jamais havia visto o parceiro e agora companheiro manter a exteriorização por tempo tão prolongado; achou prudente retornar e, de fato, dormir um pouco. A mulher se tranqüilizou com a certeza do retorno do amigo e também pode dormir.

No dia seguinte Vinícius, ocupado com os problemas da fazenda, não teve tempo para comentar o assunto com Anne. E, também, não tinha a certeza de querer perturbá-la ainda mais,

preferindo ficar calado até obter mais respostas ou informações mais precisas.

Em São Paulo Raquel se viu o dia inteiro às voltas com cobradoras e, sem poder dar solução de pagamento teve que devolver algumas compras anteriormente feitas, e, por essa razão que achava humilhante, passou todo o tempo injuriando a filha e maldizendo o ex-marido e a todos que conhecia por entendê-los culpados pela sua atual situação.

Manhã de quarta-feira, na Grécia.

- Aahbran!

- Aahbran abra essa porta... você não está me ouvindo? Que cheiro horrível é esse?

O rapaz acordou com os insistentes chamados da mãe seguidos de batidas na porta do quarto.

- Já vou mãe, acabei de acordar!

- Isso eu sei, o que quero saber é que cheiro é esse?

Clímene insistia em saber sem poder identificar um misto de cheiro de urina com fumaça, chegou a suspeitar que o filho tivesse fumado um baseado no quarto; coisa que jamais viria a permitir.

- Abra já essa porta, eu quero entrar.

Continuou a mulher, sem obter qualquer resposta do filho. Ao cabo de algum tempo desistiu; esperaria o filho lá em baixo.

Aahbran notou o cheiro intragável que dominava o ambiente e a única coisa lógica que conseguiu pensar foi que havia alguma ligação com o pesadelo noturno que o havia acometido. A cueca e toda a roupa de cama estavam infestadas daquele cheiro terrível, por isso decidiu fazer uma pré-lavagem no banheiro.

“O que minha mãe vai pensar?” Chegou a questionar por instantes para depois arrematar:

- Ela que se dane, pense o que quiser!

Falou enquanto se enfiava embaixo do chuveiro. Ao cabo de alguns minutos estava com o corpo revigorado, mas a mente, tomada pelas constantes fustigações de um egrégora, impunha reações incomuns àquele jovem; ao menos o de tempos atrás.

Enquanto o rapaz não descia para o café da manhã, a mãe mesmo preocupada com o horário de trabalho do filho, não conseguia afastar o medo que dominava todo o seu ser: “*Kallikantizaroi!*”.

Radicados na cidade grande muito de seus medos haviam se perdido no tempo, mas no fundo ainda permanecia incrustada a sina da maldição kallikantizaroi; que o cheiro de urina que ainda estava por toda a casa não vinha a ajudar em nada, principalmente por acontecer durante o período do natal. Estava preocupada também com o cheiro de fumaça, até onde sabia o filho não fumava e aquele não era cheiro de cigarro comum; maconha ou charuto talvez, pois não estava acostumada a nenhum dos dois.

Aahbran desceu com uma trouxa de roupas molhadas na mão. Passou direto pela mãe com destino à área de serviços.

- Acho que bebi muito ontem no *cafenion* do pai de Aagje, estou morrendo de dor de cabeça e não vou trabalhar hoje - disse o rapaz enquanto colocava tudo na máquina de lavar.

- Deixa que eu cuido disso, sente-se e tome seu café.

Tudo indicava que o filho estava mentindo, mas em seu interior a mãe tinha explicações para tudo “*Appollo deve ter falado com ele!*” Ao mesmo tempo tentava explicar tudo como uma conversa em particular entre futuros sogro e genro “*Por isso Aagje não sabia!*” Outras, como uma comemoração particular entre homens regada a bebidas e misturada com charutos “*Só pode ser!*” Apegava-se à melhor e mais suave das opções; o fato dele ter urinado na cama era o que menos preocupava, atribuindo tudo à bebedeira. “*De fato ele está mal, melhor não ir trabalhar mesmo!*” Terminou por concluir vendo o estado que o rapaz apresentava, enquanto servia café e leite ao filho, falou:

- Coma alguma coisa, vai melhorar essa ressaca; você vai ver.

O jovem comeu quieto e voltou novamente ao quarto, enquanto a mulher decidia por adiar a conversa que teria com ele

sobre seu relacionamento com Aagje. Achou prudente que não o fosse naquele momento.

Por volta das dez horas o telefone tocou.

- Dona Clímene, sou eu Aagje, eu não consegui falar com Aahbran ontem e acabei de ligar no banco e me disseram que ele havia saído.

- Às vezes ele visita clientes minha filha, está na posição de subgerente, quer dizer, exercendo as funções *né...* você entende.

A mulher não queria aquele relacionamento, mas muito menos que qualquer moça visse o filho naquele estado; tinha medo de fofoca que viesse a denegrir a imagem dele e atrapalhá-lo em sua vida profissional.

A moça pode captar nas palavras daquela senhora o orgulho pela privilegiada condição profissional do rapaz. Indecisa, preferiu esconder que quando havia dito *saído* queria dizer se demitido; havia ligado no banco e obtivera essa informação do próprio gerente.

- Sim, eu entendo! Peça que me ligue tão logo ele retorne do trabalho, obrigada.

- Digo sim!

Clímene desligou o telefone certa de sua simpatia pela moça; embora continuasse achando ser o deles um relacionamento impossível. “*Um doce... educada, boa família... não fossem os fatos passados.*” Continuou cuidado dos afazeres da casa sem poder evitar pensar em tudo que estava ocorrendo.

Uma vez que fazia tempos que o filho não almoçava em casa durante os dias da semana, preparou receitas especiais que ele tanto adorava tendo como base o *souvlaki* e, o que não podia mesmo faltar, *mussacá*; excluiu o *Meze* como entrada, por este ser servido normalmente com *ouzo*, acreditando que por causa da bebedeira do dia anterior o filho devia querer distancia daquela bebida.

Satisfeita com a mesa servida chamou o filho para almoçar e tal não foi sua decepção quando reparou que ele mal tocou nos pratos e voltou outra vez para o quarto. Preferiu crer em indisposição “*Vou guardar, quando acordar ele come!*”

Em seu quarto, Aagje estava a procurar razões para o estranho comportamento do namorado “*Ele estava tão contente com o emprego, até esperava por uma promoção.*” No fim, chegou à conclusão que deviam ter promovido outro em seu lugar “*Mas um dia chegaria a vez dele!*” Continuou sem entender. Em sua cabeça não era concebível sair de um emprego seguro apenas por não ser promovido em um momento “*Os outros também tem vez, todos ficam esperando uma promoção.*” O fato de não ter contado para a mãe também a intrigava.

Decidiu não ir à faculdade, passaria na casa do rapaz; esperaria se preciso fosse.

Às três da tarde, sem avisar, bateu na porta e foi atendida por Dona Clímene.

- Boa Tarde! Eu falei com o Abadir e ele me disse que Aahbran veio prá casa... que não estava passando bem. Posso falar com ele?

Escondeu que Abadir havia dito que ele estava a manhã inteira em casa, para não constranger aquela senhora.

- Sim... deve ser uma indisposição... acho que bebeu muito no *cafenion* do seu pai ontem à noite - disse Clímene sem muita certeza na veracidade do que dizia, mas também por não ter qualquer outra justificativa.

Aagje sabia que ele não havia estado lá nenhuma vez depois do encontro formal, mas não fez qualquer comentário quanto ao fato. Acompanhou a mulher e sentou-se no sofá indicado.

- Vou pedir para ele descer! – Clímene avisou enquanto subia a escada para o pavimento superior.

- Aahbran... Aahbran... Aagje está lá embaixo te esperando.

- Fala para ela subir!

- Está louco esse quarto está fedendo! Desce ou eu mando mesmo ela subir – falou baixando o tom da voz.

Sem outras opções o rapaz resolver descer e falar com a moça. Sentia-se indisposto, mas não via outra opção. Em seu interior, um sentimento de amor que tentava aflorar sempre que ouvia o nome da garota, era de imediato sobreposto pelo

sentimento de ódio e de raiva que agora nutria em relação aos evangélicos; forçado que o era pelo egrégora que o dominava.

“Você não tem tempo para namoricos... tem uma missão a cumprir!”

“Vai dar moleza agora!”

“Covarde! Medroso!”

“Moleque!”

Com essa incessante repetição na cabeça, vinda não sabia de onde, mas acreditando de seu interior foi ter com Aagje.

- Oi! Falaram-me que você não está passando bem e pelo jeito não esta mesmo... está com uma cara.

- A única que eu tenho! O que você quer?

- Não precisa ser estúpido, quero conversar. Vamos sair um pouco, vista uma roupa decente e, por favor, faça essa barba; está horrível.

- É filho, sair um pouco vai fazer bem e não seja malcriado, ela só está preocupada com você – a mãe incentivou.

- Desculpem, eu não estou bem mesmo, mas vou me aprontar e já desço.

Meio a contragosto o rapaz foi trocar de roupa, tendo decidido também fazer a barba. Ao voltar ao quarto chegou à conclusão que a mãe estava mesmo certa, tudo cheirava a urina e a fumaça. Retornou pouco depois e saiu com a jovem para uma volta pelas redondezas.

Mentalmente a mãe do rapaz agradeceu à providencial visita de Aagje, agora poderia limpar e desinfetar o quarto; lavaria todas as roupas que fosse preciso, precisava desaparecer com aquele cheiro antes da chegada do marido.

- Estou sabendo que largou o emprego! - foi dizendo a moça tão logo ganharam a rua.

- Aquele fofoqueiro do Abadir não consegue manter a língua dentro da boca. Ele vai ver só!

- *Péra* aí... não tem nada a ver com o Abadir não, eu liguei no banco porque você não dava mais notícias, o gerente me conhece e me disse que você tinha pedido demissão, aliás, também disse que você estava mudado, não se concentrava mais no trabalho. Eu quero saber se é por minha causa isso tudo, pois foi só

começar o namoro e isso tudo acontece... isso tem alguma coisa a ver conosco?

- Não! Não! Eu não sei o que esta acontecendo comigo, tenho pesadelos que parecem reais, uma voz dentro de mim me mandando fazer coisas... sei lá.

- Se não é outra mulher, então eu posso te ajudar, ficar do seu lado, vamos corrigir tudo, vou falar pro meu pai falar com o gerente, eles são muito amigos, meu pai tem conta naquele banco desde que o atual gerente era contínuo; vai dar tudo certo, você vai ver.

- Tá bem, me desculpe, eu acabei te tratando mal.

- Esquece... venha, vamos falar com meu pai.

Na noite anterior o casal, pais de Aagje, havia decidido deixar de lado, por enquanto, o caso dos jovens, achando que tudo seria relegado ao esquecimento; como tantos outros pretendentes anteriores. *“Afinal já faz quase dois dias que não se vêem e não se falam!”* Mas agora tudo mudava de figura, concluiu ao ver os jovens entrarem de mãos dadas em seu escritório. Ao ser posto a par do que acontecia procurou desconversar.

- Não sei, é exagero se falar que o gerente é meu amigo, nosso relacionamento é puramente comercial. Não sei como vai reagir a um pedido desses, mas vou falar com ele; logo mais a tarde tenho mesmo que ir ao banco. Esses assuntos não são para serem tratados por telefone, vocês hão de convir comigo.

- Sim! Obrigado pai!

- Obrigado Seu Appolo!

Os jovens saíram e o homem ficou pensativo *“Quem sabe ela se desiludindo tudo não termine mais rápido!”* Instantes depois saía com destino ao banco. Iria falar com o gerente que de fato considerava seu amigo.

- Bom dia Telles!

- Appolo, veio mais cedo que de costume.

- Preciso falar com você, tem um tempinho?

- Todo tempo que precisar! Vamos fazer aquele financiamento para reforma, olha que os juros estão bem baixos e posso conseguir para você facilidades ainda melhores; o *Kafenion Apollo* tem condições especiais em nosso banco.

- Podemos ver isso depois? O assunto que me trás é outro, minha filha esta de namoro com Aahbran, um funcionário seu, parece que ele pediu demissão do emprego e quer voltar.

- Se é isso, já está resolvido!

Telles abriu uma gaveta e retirou de dentro uma carta de demissão - É só rasgar! Não enviei para a matriz, achei mesmo que ele ia mudar de idéia; esse jovem tem futuro, só deve estar passando uma fase ruim! - fez menção de entregar a carta para que Appolo mesmo a rasgasse.

Esse posicionou a mão direita aberta à frente em visível *signal de pare*, recusando obviamente a oferta, e formalizou seu pedido:

Telles... eu quero que aceite o pedido de demissão! Esse é o pedido que vim te fazer em nome da nossa amizade.

- Tanto de uma forma como de outra, não me custa muito; afinal ele pediu mesmo demissão. Também não vou perguntar por que, você deve ter seus motivos. Pode contar comigo! E quanto ao financiamento, você sabe que tenho uma cota para cumprir.

- Cem mil euros está bom prá você?

- Cem mil euros está ótimo! Amigo, você salvou a meta da agência! Obrigado mesmo! Mais alguma coisa que eu possa fazer?

- Eu trouxe algumas contas para serem debitadas, mas posso deixar no caixa.

- Eu cuido disso!

- Obrigado.

Appolo entregou o envelope apertando a mão que o amigo estendia, aproveitando para fazer um convite:

- Apareça lá no *cafenion*, está me devendo uma visita.

- Amanhã mesmo e obrigado novamente.

O empresário se retirou e o gerente ficou na mesa a sorrir, sabia que o cumprimento de metas era importante para se manter no cargo naquela cidade; adorava Lária e não queria ser transferido para outro lugar. Chamou um funcionário “Envie essa carta de demissão para a matriz.”

Passava minutos das quatro da tarde quando o telefone tocou na linha direta do escritório do *cafenion*.

- Appolo!

- Pai, falou com o Telles?

- Sim, mas ele já havia enviado o pedido de demissão para a matriz, vai ver o que pode fazer; mas não deu muitas esperanças não. Sinto muito!

- Que pena!

Pode sentir a tristeza na voz da filha e não pode deixar de sentir certo remorso; mesmo achando que agia para seu bem.

CAPÍTULO 28

Em meados de 2016 Vinícius recebeu uma visita, ou melhor, um emissário contratante interessado em uma palestra a ser proferida na China.

Isto não seria estranho se o visitante não estivesse em astral e informasse que a aula, ou aulas, como deixou claro, se o resultado fosse o esperado por seu país, seria ou seriam ministradas também em astral; logicamente para um grupo especial de pessoas indicadas por seu governo.

Até então tirando uma ou outra colocação da KGB Russa e da CIA americana, mais especificamente em telepatia e visão remota, ele não sabia de nações com interesse em experiências extra-sensoriais.

“Como pode ver senhor Vinícius, nosso país está interessado em tudo que se refira ao desenvolvimento psíquico, se é que podemos simplificar nesses termos.”

“Presumo que deve saber que atuo apenas com ficção... elementais artificiais, por assim dizer.”

“Sei que se dedica ao estudo de egrégoras, para dizer a verdade eu mesmo li seus livros, e todos os que estarão envolvidos também vão lê-los assim que fecharmos um acordo. Não preciso dizer, logicamente esperando não ser ofensivo, que o pagamento será em qualquer moeda que escolher e da forma que lhe convier.”

“Não! Não ofende de maneira alguma. Não existe falso puritanismo em minha área, que considero científica, e não encaro minhas, digamos, aptidões, como um Dom Divino; não mais, é claro, que todas as outras especialidades ditas tradicionais.”

“Melhor assim. Estou autorizado a pagar dez mil *american* dólares pela aula inaugural – independentemente do resultado - e outro tanto por cada aula acrescida; se for o caso.”

“O valor esta bem aquém do que recebo normalmente por palestra, mas acredito que saiba disso também. Porém, temos que deixar claro que fica dentro dos limites normais de minhas atuações no físico; apenas com o diferencial do meio astral. Outra coisa... não sei o nível dos participantes... só espero estar à altura deles.”

“Com certeza há de estar senhor Vinícius... são todas crianças. Deve entender que nós acreditamos que crianças, mesmo aquelas que não tenham, digamos, poderes desenvolvidos, acabam por desenvolver essas aptidões quando em presença de pessoas naturalmente psíquicas... Não sei se me fiz entender?”

“Com clareza! Ademais senhor Yong Li, sabe me dizer se uma menina, a pequena Hu Lian estará presente às aulas?”

“Agora mais do que nunca senhor Vinícius! Podes crer bicho.” Em seguida desapareceu rindo.

A conversa deles encerrou por ali, mas mentalmente ele confessou ter ficado surpreso, até então achava que as crianças super psíquicas da China não passavam de propaganda estatal; dado ao exorbitante número de 100.000 pessoas, conforme divulgado.

No dia seguinte não foi surpresa para ele encontrar um e-mail de uma empresa no Brasil pedindo um número de conta bancária para ser depositada a importância correspondente ao valor combinado, acrescido das despesas de viagem e hospedagem em hotel de luxo, com um convite formal para conhecer a matriz na China; extensivo às esposas e filhos.

Mostrou o e-mail a Anne e Romilda, as duas ficaram eufóricas.

– Mudar de ares vai bem e com tudo pago!

– Umás férias... podemos dizer assim! Não?

– Será que isso inclui a terceira mulher também... a ex... quero dizer.

– Romilda... isso eu não sei, mas a terceira filha, ou melhor, a primeira, com certeza esta inclusa. - Anne comentou.

– Certo, podem responder ao e-mail e marcar a data de embarque; por mim, tudo certo. Mas, acho melhor manter isso entre nós cinco apenas... elas têm outra vida, quero dizer, outro estilo de vida... se é que me entendem?

As duas apenas arquearam as cabeças e ele as deixou no computador que, finalmente, o tinham convencido a instalar na fazenda. E saiu pensando nas mudanças dos últimos anos: a troca de avião para um Cessna novo com 6 lugares; um hangar para guardar; ampliação da sede da fazenda; ambulatório médico; mini-farmácia; e tantas outras coisas mais. Afinal, acreditava mesmo

que dinheiro para ele não era problema e que nunca o foi. E esse também não foi o motivo dele aceitar a oferta. Estava curioso para conhecer as crianças psíquicas chinesas.

Não se podia esperar outra coisa de mulheres quando o assunto é passeio e em pouco mais de um mês todos os preparativos para a viagem estavam prontos. Vistos especiais nos passaportes, reservas, passagens e um depósito extra para despesas pessoais. Embarcaram no começo de setembro e os dez dias naquele país praticamente voaram; havia muito para se ver e mesmo que o período subisse para dez anos ainda assim não acreditavam que seria o suficiente. Retornaram sem que seus anfitriões dessem o ar da graça, o que foi um pouco frustrante para todos; à exceção das crianças.

Dias depois, já retornados às atividades rotineiras na fazenda, Vinícius tinha acabado uma exteriorização quando percebeu a presença do emissário chinês; Anne estava ao meu lado:

“Ni Hao!”

“Ni Hao!” Anne se antecipou a devolver o cumprimento.

“Ni Hao!”

“Hã... vejo que aproveitaram sua estadia.”

“Sim... podemos iniciar e encerrar a conversa em mandarim, mas todo o meio é melhor falarmos em português.

“Eu compreendo... peço desculpas pela aparência com que me apresento, por favor, entendam isso como uma vestimenta formal, eu já havia alertado meus mestres que com projetores experientes isso não funciona. Espero sinceramente que nos perdoem, não foi uma tentativa de enganá-los, durante milênios creditamos unicamente aos velhos o dom da sabedoria; hoje apenas mantemos isso como parte das tradições... quando temos por foco a vida física exclusivamente.”

“O diabo é esperto porque é velho, não porque é diabo.”

“Algo assim! Senhor Vinícius, a proposital não interferência direta na sua visita ao nosso país foi para deixá-los mais à vontade como turistas. Entretanto, entenda que tudo foi monitorado e dirigido conforme nossos objetivos mútuos, nós

agradecemos terem mantido sua visita dentro do roteiro que dispusemos a vocês; principalmente, sem incursões noturnas.”

“Em ambos os casos acredito que não poderia ser diferente, primeiro, nossa visita fazia parte de um trabalho contratado; segundo, éramos seus hóspedes... naquela ocasião.”

“Compreendo! Podemos marcar a aula inaugural para este final de semana, sete horas da manhã de domingo em meu país, aqui vinte horas do sábado, no Templo do Céu, na área vedada ao público; se estiver de acordo.”

“Para mim tudo bem, na maioria das vezes nós deitamos cedo aqui na fazenda. Então, domingo, sete horas do local do evento, Templo do Céu. Finalmente vou conhecer os pilares ornamentados e o famoso teto esmaltado, presumo.”

“E muito mais. Xie Xie”

“Xie Xie”

Anne e Vinícius haviam combinado previamente de uma vistoria geral em seus pontos de observações e isso incluía o cascão plantado sobre o planeta, Akakor e em Nibiru. Da parte dele incluiu uma visita a Marisa.

Na Grécia conturbada Aahbran e Aagje haviam deixado de se ver a algum tempo, não por falta de insistência da moça. Ele, porém, não atendia mais aos telefonemas dela e havia adotado uma vida desregrada e perigosa; abandonou os antigos amigos, arrumou novas amizades no mundo das drogas ao qual estava agora diretamente envolvido. Os pais, impotentes, nada podiam fazer a não ser acompanhar a triste decadência do moço.

A palestra foi proferida da mesma forma a que estava acostumado e praticamente com os mesmos temas, de diferente foi apenas a atenção concentrada das crianças, ao todo vinte delas,

entre as quais pôde identificar Hu Lian, desta vez em sua verdadeira aparência, uma meninazinha de não mais que 12 anos de idade; embora tenha se mantida calada e concentrada, igual a todas as demais. Não houve despedidas formais e também ele não tinha como saber se teria ou não agradado e, muito menos, se voltaria a ministrar qualquer tipo de aula àquela turma. Afinal, ele mesmo reconhecia que não tinha outro tipo de palestra preparado de antemão, com pequenas variações era uma única e sempre apresentada a grupos diferentes.

O tempo foi passando, neste período deu mais duas palestras na China para grupos diferentes, Yong Li ou Hu Lian continuava seu elo de contato.

O final de 2016 estava chegando e afora uma nota ou outra na imprensa e na internet não havia grandes comentários quanto ao fato, para a população em geral o mundo continuava da mesma maneira de sempre, um pouco mais violento é verdade, mas ainda o mesmo de sempre. Ele, ao contrário, tinha certeza que as modificações eram significativas principalmente nas atividades psíquicas.

A proximidade daquela data trouxe o assunto em pauta, foi Romilda quem primeiro tocou no assunto:

- Acreditam mesmo que vai haver alguma coisa de diferente? Isso é, quando digo de diferente quero dizer algo da proporção da extinção de vida em Marte, o fim da era dos dinossauros, o dilúvio bíblico; essas coisas! Afinal, nos dias de hoje é um pouco diferente, os cientistas não sabem o porquê desse atraso de quatro anos; mas não negam a presença de um astro vindo em nossa direção.

As crianças estavam dormindo e ficaram os três na cozinha tomando café e conversando sobre amenidades. A pergunta não refletia nenhuma preocupação em especial, até porque não a tinham de fato.

- Não acredito em datas pré-estabelecidas para grandes eventos em dois mil e dez já se previa uma nova data; este ano de dois mil e dezesseis – disse Anne.

Romilda voltou a falar:

- Verdade que eram previsões de exotéricos que não diziam o motivo dessa defasagem de data; intuição, visões, sabe lá!

- Nesse ponto eu acho que tudo já começou há muito tempo, o que me intriga é que o dito Planeta X, se é que podemos dizer assim, não tenha se feito aparente para nosso sistema solar, para os astrônomos com fotos e tudo, quero dizer. A mídia deve estar atenta e não poderiam esconder um fato dessa magnitude. Nós sabemos que existe alguma coisa lá... mas lá onde... nossas viagens em astral não permitem uma precisão de distância – Vinícius falou pela primeira vez.

- E nem sequer de lugar!

- O que quer dizer com isso Anne?

- Sim, lugar, lugar no tempo e espaço. Veja bem, ele está vindo em nossa direção a uma velocidade espantosa, quando nos locomovemos ao encontro dele o fazemos em uma velocidade que pode ser até superior à da luz, isto poderia facilmente nos locomover através do tempo.

- Ou de dimensões!

- Bem colocado Romilda... podemos ter pulado para outra dimensão, afinal, ninguém conhece o poder daquela coisa.

- A Lança de Longinus você quer dizer.

- Veja bem Anne, muitas das vezes quando recobramos a consciência em astral mal sabemos onde estamos aqui na terra, não existe propriamente um trajeto para demarcar o percurso; em real desaparecemos em um lugar e aparecemos em outro.

- Sim, apenas fatos interligados nos dão referência de estarmos tratando de um caso de nossa época ou mesmo de nosso país, quantas das vezes essas perguntas ficam sem respostas.

- Pode ser mesmo, mas como explicar todas estas referências ao estranho planeta; referências bíblicas e de povos antigos quero dizer.

- Muitas das forças envolvidas ainda são um mistério, no aspecto físico podemos dizer que estrela negra ou mesmo uma anã marrom não podem ser vistas pelos nossos instrumentos óticos atuais; no máximo pressentidas por intermédio de distúrbios ou

fenômenos interligados; esse pode ser o caso de Nibiru. E olha que estamos falando de algo grandioso e único.

- Concordo com Anne - disse Romilda - cientistas acreditam que na Via Láctea talvez se escondam trilhões de anãs marrons ou mesmo um quatrilhão delas, em resumo elas podem perfazer até noventa por cento do Universo e não podem vê-las, apenas presumir sua existência; isso sem entrarmos nas teorias das WIMPs e dos MACHOs .

- É... de fato tem muito a ser descoberto. Suponhamos que de fato se trate de outra dimensão e de algo mesmo grandioso, será que sua proximidade poderia causar distúrbios em nossa dimensão?

Vinícius deu um tempo antes de continuar:

- Fenômenos físicos, eu quero dizer!

- É possível, pois outras espécies de fenômenos têm acontecido, haja vista as emanações do egrégora.

- Isso é verdade!

- Possível senhoras, mas agora acho que é hora de dormir, ou vamos ficar horas debatendo sem conseguir entender. No momento só me interessa a realidade de outro tipo de macho. Boa noite Romilda. Vamos deitar Anne?

- Vamos sim, boa noite Romilda.

- Boa noite, vê se dormem mesmo.

- Será? - Anne respondeu sorrindo.

De fato Anne e Vinícius dormiram algum tempo depois, mas quando este adormeceu sentiu um deslocar do fantasma em velocidade vertiginosa por um túnel luminoso. Sem nada a fazer, ele aguardou calmamente o término da viagem, que terminou em uma sala desconhecida onde se encontravam outros doze projetores. Todos desconhecidos, pode avaliar de imediato. O mais velho deles iniciou as apresentações e explicações pela qual esperava, falando com sotaque carregado:

“Meu nome é Albert, os demais foram de ajuda para trazê-lo até aqui, temos certeza que conhece do procedimento adotado. Aproveitamos um descuido de seu guarda-costas, neste caso sua, que não queria atrapalhar o casal esta noite e o sono pesado de sua companheira para raptá-lo e trazê-lo para cá. Sabemos que têm visitado nosso planeta, juntamente com outras

peessoas do seu grupo. O propósito de nosso contato, além de avisar que já sabemos do meio inicial utilizado por vocês, é reclamar nosso direito sobre o artefato e tranquilizá-los para o fato de não podermos removê-lo sem perda de sua principal finalidade; temos certeza que a Lança do Destino não funciona sem um centro de concentração de energia; isso quanto aos nossos objetivos. Portanto, resolvemos aceitar o uso compartilhado, contanto que não enviemos novos projetores para cá e, uma vez que não contam com número suficiente para o processo que acabamos de utilizar e que sabemos também dominarem, estaremos tranqüilos de não sermos importunados. Gostamos de nossa privacidade e do sistema de vida que construímos aqui.”

“Vocês têm vida física aqui, como foi possível?”

“Você já deve ter visto nosso teletransporte entre domos, o princípio é o mesmo; estamos mil anos à frente da Terra em tecnologia.”

Isso para Vinícius justificava a presença de objetos produzidos na Terra, mas era até onde sua compreensão chegava. “Certo! Podemos dizer que temos um acordo, ficaremos fora de seu planeta.”

Resolveu omitir que apenas ele e Anne estiveram ali e que acertaram o planeta mais por mera causalidade, e também a condição do transporte colado que agora acreditava não conhecerem; conforme fizera com Anne, ou melhor, Mit.

“O acordo tem vantagens mútuas como vai ver, mas é mais vantajoso para vocês, para utilizarem a lança com precisão necessitariam de um supercomputador para coordenar a visada com os vários deslocamentos envolvidos; tudo com o fim de obter o horário preciso de arremesso. Existe mais de cem bilhões de galáxias disponíveis e uma infinidade de planetas, número mais que suficiente para se ocuparem em descobrimentos, e podemos ajudá-los nestas missões. Eu serei seu elo de contato e no que me for permitido poderei passar importantes informações e mesmo um mínimo nosso será muito para vocês; como eu disse estamos em um grau bastante elevado de conhecimento. No mais, temos interesse comum em evitar os danos da aproximação de nossos planetas.”

“Posso dizer que me sinto honrado, ao contrário de vocês temos uma vida de superfície, quaisquer que sejam os danos esperados por vocês eles serão sempre maiores em nosso planeta. Ademais não acredito que possam alterar a trajetória de planetas, mesmo com toda a ciência que detém.”

“É...isso não podemos mesmo, ao menos com a força necessária e no tempo que seria preciso. A natureza tem leis próprias e do nosso lado aprendemos a respeitá-las.”

“Espero que nós também aprendamos um dia! Preciso ir agora, fui deitar muito cansado e a exteriorização está esgotando meu corpo físico.”

“Fique a vontade, foi um prazer conhecê-lo.”

“O prazer foi meu.”

Nessa hora Vinícius queria apenas dormir, dessa forma voltou ao corpo físico inconsciente, com certeza teria muita coisa para conversar com Anne e Romilda no dia seguinte.

– Ei dorminhoco acorda! Acorda! Será que eu acabei com você ontem...

– Já! – ele rolou na cama de um lado a outro - parece que acabei de deitar.

– Vamos, são dez horas, tenho umas idéias prá te contar.

– E eu umas novidades! Onde esta Romilda?

– Saiu com as crianças, acho que foram até a vila, Rodriguinho queria rever os amigos e Junior, agora que começou andar quer sempre ir junto, coitada dela que tem que carregá-lo a maior parte do tempo; ele foi o primeiro a se aprontar para ir. Que novidades são estas?

– O que diria de um contato direto de primeiro grau com os alienígenas.

– Alienígenas? - praticamente gritou.

– Sim! Acho que podemos nos referir assim às pessoas do Planeta X.

– Você contou sobre esse povo, até ficamos de voltar lá - e continuou - confesso que fiquei curiosa quando me disse sobre esses *aliens* e voltei lá, mas o que vi foi somente o que já tinha contado. Acho que não me lembrei de te contar desta incursão.

– Anne, eles são perigosos, seres altamente evoluídos e dotados de conhecimentos que sequer faço idéia. No momento tenho certeza que querem nos estudar, conhecer o que sabemos, estão até dando espaço para isso. Vou contar tudo a vocês. Só que somente à noite, precisamos de Romilda para dar cobertura, você vai entender o porquê quando souber.

Quando Romilda chegou Vinícius explicou a ela que tinha um assunto para tratar com Anne e que precisava dela em astral enquanto conversavam. Ela entendeu de imediato que não estavam fazendo segredo a ela já que do outro lado estaria de alguma forma participando da conversa.

Passaram o restante do dia com as crianças e à noite, enquanto dormiam, tiveram a dita conversa reservada. Romilda se recolheu mais cedo, com as galinhas, como se diz na roça; embora neste caso fosse com as crianças mesmo. Antes combinaram que aguardariam 30 minutos e ela deveria voltar se encontrasse espões do outro lado. “Até lá vai ter que segurar sua curiosidade.” Ela riu e foi deitar-se como combinado.

Meia hora depois, como Romilda não voltou, Vinícius iniciou sua conversa com Anne sabendo que ela estava em astral escutando a conversa.

Anne escutou todo o relato com atenção.

– E foi assim, prometi que não usaríamos a antena para levar novas pessoas lá. E, até sabermos o quão poderosos são, vamos cumprir nossa parte do acordo.

– Por mais poderosos que sejam não podem nos fazer mal algum no astral.

– Lá não, mas aqui não poderemos evitar.

– Sinto pela Romilda, dessa forma não vai poder nos acompanhar.

Vinícius continuou:

– Para pensarem existir mais de nós visitando o planeta deles devem saber de você pelo menos, mais cedo ou mais tarde vão querer saber quem são as outras pessoas, uma vez que deixei vago o número delas, nessa hora forneceremos uma relação com Romilda, Alfredo e mais dois ou três nomes falsos. Enquanto isso eu tenho certeza que estão tentando descobrir quem são esses outros projetores. No momento esse segredinho faz parte da nossa

segurança. Uma pequena apólice de seguro. Por isso jamais voltaremos a esse assunto.

– Aí usaremos o transporte colado para levá-los!

– E a antena Anne, sabe que sem ela não funciona.

Mas, tudo à sua época, vamos estudá-los primeiro.

CAPÍTULO 29

Essa situação de se encontrar em um lugar estranho já estava ficando corriqueira e desta vez não via qualquer diferença, apenas o lugar não era no Brasil, isto ele tinha certeza; não conseguia ler nada das inscrições em portas de bancos e lojas.

“Olá! Meu nome é Arquimedes.”

“Alguém que fala português, não devo estar tão longe de casa assim.”

“Mais longe do que pensa, aqui é a Grécia!”

“Mais um que lê pensamentos”, pensou, enquanto olhava para um senhor de cor escura agora à sua frente; tinha se virado no rumo da voz. *“Essa não, outro egrégora!”* Raciocinei me lembrando de Ate.

“Não! Não sou um egrégora... e nem assombração... apesar de feio, tenho um corpo físico; ou o que restou dele.”

“E o que eu faço aqui?”

“Eu o trouxe para cá, mas antes de saber o porquê tenho que lhe contar um pouco da minha história.”

Vinícius lembrou que aquele transporte tinha lhe parecido estranho, pareceu que ele estava transportando o cobertor junto consigo, mas não fez qualquer comentário, por certo não queria atrapalhar a explanação do outro.

“Meus pais têm uma propriedade perto de sua fazenda e ainda moram lá, algumas vezes os visitava em astral e numa dessas vezes vi seu envolvimento com o egrégora Tião Doido, não pude evitar este seu relacionamento, mas pude ajudar em muito amenizar as consequências dessa sua experiência.”

“Eu estava errado, agradeço tudo que tenha feito.”

“Não tem o que agradecer, fazia apenas o meu trabalho. Mas, por favor, não me interrompa, temos muito a tratar e o tempo é curto.” Conferiu por instantes a atenção do outro e continuou:

“Vim para a Grécia numa dessas caravanas para evangélicos e já no desembarque senti que aqui era o meu lugar... que tinha uma missão... embora até então não soubesse propriamente o quê. Adotei o nome Arquimedes, pois foi o primeiro que me veio à cabeça, não era muito letrado em cultura

grega; Raimundo, meu nome de batismo, não soava bem neste local e nem o achava apropriado ao trabalho ao qual me dispunha. Nunca havia pregado a palavra do Senhor e nem sabia ter a mínima vocação para isso, mesmo assim iniciei um trabalho de rua não muito popular por estas bandas. Com isso atraí a ira de jovens gregos, não os culpo, estão desorientados pela perda do padrão econômico a que estavam acostumados e culpam todo e qualquer intruso a sua cultura; entendem sermos os verdadeiros culpados pela situação atual que passam. Se é que me entende?”

“Sim! Pode prosseguir.” Na verdade queria chegar logo ao ponto onde ele era envolvido nessa história.

“Esse ódio em um deles, aliado a fatos que até então preferia atribuir ao folclore local, tal como nossa Inhanga, Curupira e muitos outros, fez com que ele ateasse fogo no barraco improvisado onde eu normalmente dormia. O resultado foi queimaduras em noventa por cento do corpo e um estado de coma que perdura alguns meses. Médicos locais com interesse científico, principalmente no estudo do Fogo Selvagem, vêm mantendo-o vivo deste então.”

“Eu sinto muito!”

“Já me acostumei! Foi aí que entendi onde estava minha missão neste local e é aí que entra você nesta história. Eu já tinha alguma experiência extracorpórea como já te relatei no começo, mas nada como o estado em que esta habilidade se apresenta hoje; provavelmente pelo fato do corpo físico estar sendo mantido em coma profundo.”

“Provavelmente.” Vinicius sabia de alguns casos em experiência de quase-morte onde pessoas que sequer sabiam serem projetores obtinham poderes fantásticos nessa área.

“A partir daí passei a ter contato com um egrégora muito forte, criado através deste ódio que cada vez mais se intensifica neste país e em seu povo. Sabendo de seu trabalho com egrégoras e da aniquilação do Egrégora Ate resolvi trazê-lo a este local, usei o transporte colado, como já deve ter percebido; peço que me desculpe por esta interferência em sua vida.”

“Como consegui se utilizar dessa espécie de transporte, normalmente, embora de normal não tenha nada, é necessário o consentimento e a cooperação do outro; isto é o que

eu pensava até agora.” Fato ao qual Vinícius ainda creditava a necessidade de Akakor e da Lança do Destino.

“Como eu te disse, nesse período e com o corpo em coma, desenvolvi habilidades especiais; esta é apenas uma delas. Com o tempo e com mais vagar te coloco a par de outras delas.”

“Raimundo, ou melhor... Arquimedes... não sei como prefere ser tratado. O caso do egrégora Ate foi trabalhado em circunstancia muito especial, tínhamos um elo antigo, e atribuo a isso meu sucesso; como pode deduzir nenhuma habilidade especial.”

“Trate por Arquimedes, já me acostumei ao nome. Eu conheço os fatos, mas, convenhamos, não existem muitos especialistas quando se trata de egrégoras, portanto, não posso dizer que você é o melhor que conheço; é o único. Assim, não existem alternativas.”

“Em que estágio está o egrégora?”

“Forte o suficiente para tomar um corpo físico, acredite se quiser. Já há algum tempo adotou o nome de Eurípedes e desde então está ligado à maior parte da população. A Grécia é um barril de pólvora com o pavio aceso!”

“Dá para calcular... egrégoras adotam nomes comparativos à sua situação, nesse caso já se vislumbra a tragédia grega... agitação da alma humana, principalmente a feminina, envolvimento com problemas da sociedade, mudança de valores de tradições que devem atingir o modo de pensar e agir. E, se continuar nessa linha, austero e pouco sociável, mas amante do debate de idéias, investigações e estudos; pode ser uma alternativa de acesso.”

“É mais ou menos como se porta e reage! Você está certo!”

“Vou precisar da ajuda dos meus, por precaução; volto a fazer contato.”

Quando Vinícius pensou que fosse voltar ao merecido descanso foi tragado por um novo turbilhão que o levou à inconsciência e terminou em um lugar muito conhecido; as paredes do Templo da Irmandade não deixavam lhe dúvidas.

“Haverá sobreviventes, mas apenas os que vivem em lugares ermos e os que convivam em alta harmonia.”

Não teve tempo de ver de onde ou de quem vinha aquela voz quando se viu arrastado para dentro de uma espécie de túnel. Não chegou a perder a consciência, apenas algo como uma tonteira que não o impediu de comparar o local como uma mangueira de luz meio bamba que ia de algum ponto da Terra a um lugar qualquer no infinito. Terminou cuspidor em um domo juntamente com mercadorias e pessoas de diversas etnias. Imediatamente adotou a forma de Djou e, em seguida, a de apenas um ponto de luz. Observou pessoas carregando coisas e outras instruindo os que chegavam. Estas últimas, em sua maioria crianças, tinham apenas um ponto em comum: eram o que se pode considerar as mais belas dentre suas raças. Continuou observando.

“Vão para a luz! Vão para a luz!”

Os que davam as ordens indicavam um local iluminado em um canto do domo, as que obedeciam apenas andavam em fila indiana até o local indicado. Uma a uma iam desaparecendo naquele ponto. Resolveu aderir ao grupo e sem recompor a forma se dirigiu ao local indicado. Uma rápida aceleração e estava em um domo gigantesco, infinitas vezes maior que Akakor, mas com a mesma estrutura. Foi aí que percebeu que nem todos tinham um corpo físico, em sua grande maioria eram apenas espíritos desencarnados, mas todos obedeciam às ordens sem vacilo ou questionamento.

“Com certeza pensam estar no céu ou outro lugar semelhante segundo suas crenças!”

Tinha a certeza de estar em terreno ocupado pelo inimigo e todo cuidado era pouco; sabia que nem a singularidade da forma lhe garantia a completa segurança; mesmo involuntariamente estava bisbilhotando em Nibiru. Resolveu voltar para casa e descansar um pouco.

No outro dia, à noite, após os meninos irem dormir, convocou uma conferência a três; Romilda ficaria novamente de prontidão no astral.

– Como vocês podem ver, há uma transferência em massa de coisas e gentes para Nibiru. Antes da minha saída pude notar que depois de retirado toda coisa material do domo menor, o de recepção, ele foi iluminado por uma luz azul forte; o barulho lembrava o de uma máquina de solda quando o eletrodo fica preso.

“Podem estar transferindo energia para lá?”

“Isso é terrível!”

Romilda ficou pensativa enquanto completava o próprio raciocínio.

“Uma enorme transferência de energia, qualquer que seja o tipo desta, implicaria em transferência de massa e isso desestabilizaria o planeta!”

Quando retornou pediu que Anne a rendesse na condição de vigilante e depois explicou sua teoria:

- Vinícius, uma transferência maciça de energia pode estar ligada à alteração da órbita deles, podem estar se preparando para escapar para os confins do universo; e eu não sei o que isso pode representar para nós; para a Terra quero dizer.

- Como isso poderia ser?

- Já ouviu falar em cônicas? Planetas ou outro objeto submetido à ação exclusiva da gravidade tem como órbita uma daquelas figuras. Se a resultante das energias é negativa o objeto permanece confinado ao sistema, se for nula ou positiva não. Vamos saber a quanto tempo fazem isso, a Terra tem sofrido mudanças significativas nesses últimos tempos; principalmente de noventa e nove para cá.

- Sim, eu sei. Coloco isso em minhas palestras.

- Pois é... Teoria Relativista... Física Quântica... Einstein... Intercambio entre massa e energia... Em resumo, a relação entre a energia e o momento obriga que um sistema diminua antes a sua e somente depois o outro pode aumentar a dele; Lei da Conservação da Energia. É real que a energia pura pode se propagar no espaço na forma de campo.

- Acha isso importante para um objeto grande como a Terra?

- Principalmente por essa razão!

- Sabe que tipo de energia pode ser essa?

- Sei lá, você falou em luz visível... em ser arrastado junto com elas... podem ser fótons. Já se fala em usá-los como meio de propulsão para um veleiro solar. Não compreendo bem essas coisas e nem sei se existe algum *expert* nesse tipo de assunto; eu pelo menos não conheço nenhum.

- Bom, acho que não vai adiantar saber se é uma coisa ou outra, sabemos que existe alguma coisa; e é sobre isso que devemos trabalhar. Uma coisa eu não entendo, se de fato a Lança do Destino tem alguma coisa a ver com isso, porque temos relatos da passagem de Nibiru na antiguidade; ela só foi instalada em meados de mil e novecentos.

- A conexão pode ser mais antiga, mas de uso moderado; apenas potencializado pela antena e intensificado de lá prá cá. Você mesmo disse que as catástrofes têm aumentado vertiginosamente.

- É... os índices são alarmantes... os números não mentem!

Do outro lado Anne assumiu a forma de Mit e desapareceu por alguns segundos, quando voltou a reaparecer estava branca; como se Mit pudesse se tornar ainda mais branca. Acordou em estado de vigília e ainda no quarto chamou os dois:

- Vinícius... Romilda.

Os dois cessaram imediatamente a conversa e correram para o quarto.

- Alguém? Algum bisbilhoteiro?

- Pior... um cordão de prata... um cordão umbilical ligando os dois planetas!

- Como é isso? - Romilda e Vinícius falaram ao mesmo tempo.

- É isso que ouviram a Terra esta ligada a Nibiru por um cordão de prata, semelhante ao que liga um corpo físico ao corpo astral. E o ponto de ligação é Akakor.

- Porque eu nunca o vi? Por que nenhum de nós nunca o viu? - quis saber Romilda.

- Eu também não tinha visto até agora, é invisível para a matéria grosseira do corpo perispirítico. Mesmo como Mit só pode vê-lo porque estava iluminado de uma estranha luz azul.

- Mit?

- Explique sobre Mit para ela Vinícius.

- Bom... Anne pertence a uma classe elevada de...

- Não precisa falar mais nada, eu já havia notado!

Não tendo feito perguntas a seu respeito, Vinícius se viu desobrigado a dar explicações desta natureza; preferiu voltar ao assunto centro da conversa.

- A Terra esta gestando um filho?

A pergunta demorou a fazer efeito nas duas mulheres. Quando finalmente caiu a ficha foi Romilda que respondeu:

- É isso, eles não o viam... sensitivos o pressentiam!

- E associavam tudo a catástrofes naturais periódicas coincidentes com a passagem do planeta.

- Sim! Havia, com certeza, uma desestabilização causada pelo vampirismo de energia, afinal ele estava sugando nosso planeta.

- E continua, você quer dizer; mas com muito mais voracidade. O que nos leva a crer que agora será muito pior!

- Muito, muito pior!

- Vamos parar por aqui senhoras. Da próxima vez incluímos Alfredo e podemos tratar do assunto a três.

- Sim! Alfredo será contratado como guarda costas!

- Não vejo alguém melhor. Vamos dormir então.

Romilda, você esta nomeada como Chefe de RH; providencie a contratação – Vinícius sorriu enquanto terminava - eu e Anne temos o que comemorar essa noite... aqui na Terra mesmo; bom serviço.

No dia seguinte Romilda os colocou a par da conversa que teve com Alfredo dizendo que no começo ele ficou meio bravo por ter sido excluído até aí, mas agradecido por ter sido lembrado e aceitou o encargo com prazer.

Teriam uma nova conferência logo mais à noite, desta vez três aqui e um do outro lado; todos sabiam que precisavam das emoções físicas para decidir um assunto ligado diretamente à vida física.

Vinícius aproveitou a folga de horário para inteirar as duas sobre Arquimedes e o problema na Grécia.

- Então fica assim, em seguida à nossa pequena conferência, que deve ser breve, nos encontramos no astral para sabermos a opinião de Alfredo. Depois, vou aproveitar para visitar Arquimedes e pedir para ele transportá-las para lá, infelizmente nenhum de nós é habilitado para esse transporte. Vamos todos

conhecer o Egrégora Eurípedes. Hã... espero que as duas se comportem... nada de agarra-agarra com o homem; ele esta em coma irreversível – terminou em tom de brincadeira.

A excitação com os dois assuntos fez com que o dia demorasse a passar. Todos sabiam que Arquimedes, dada a condição do corpo físico, ficava exteriorizado cem por cento do tempo e seria fácil contatá-lo. E o foi!

Nem bem Vinícius deitou e se viu projetado em um hospital da Grécia, na ala de tratamento intensivo e ao lado de um corpo deitado ligado a múltiplos aparelhos; em pé, num canto, Arquimedes.

“Pensei que não ia voltar nunca.”

“Pelo jeito não podemos ter prioridades desse lado da vida; ou não somos nós que as escolhemos.”

“Não entendo!”

“Deixa prá lá. Mas aqui estou e antes de qualquer coisa preciso de um taxi para trazer duas damas e um rapaz até aqui. Estão lá em casa.”

“Tudo bem! Preto e liteireiro... bem uma ova; era só o que me faltava. Acho que tenho que ensiná-lo como se faz senão vou virar escravo de liteira pro resto da vida.” Acenou e desapareceu em seguida.

Duas viagens de Arquimedes e uma de Vinícius que transportou Anne e lá estavam os cinco reunidos em volta da cama.

“Nunca tive tanta visita assim... acho que nem no meu enterro vai ter tanta gente. Mas, vamos lá... ao egrégora e a Eurípedes.”

Pouco acima da cidade uma forma gigantesca e bizarra: humanóide, negro e peludo, orelhas de burro, patas caprinas e cascos eqüinos; olhos vermelhos que pareciam brasas.

“Meu Deus, que figura é essa?” Anne não pode evitar o comentário.

“Kallikantizaroi!” Afirmou Arquimedes “Lendária figura da credence local, promove anarquia e desordens.”

“Só a forma já assusta, não precisava fazer mais nada.” Arrematou Romilda.

“Mas faz! E muito! Acompanhe e verão.” Ato contínuo Arquimedes se dirigiu ao egrégora falando em grego.

“E aí Eurípedes... trouxe uns amigos para conhecê-lo.”

“Lá vem você de novo e pelo que vejo trouxe reforços, você não me teme porque não é daqui e não me conhece, e pelo que posso ver eles também não; não consigo entender o idioma, igual ao seu quando não pensa em grego. O que querem?”

“Conversar!”

“Sobre o que? O que acontece aqui não é da conta de vocês estrangeiros... vocês só trazem desgraça.”

“O que estão conversando?” Quis saber Vinícius.

“Nada demais, apenas apresentei vocês como amigos. Ele fala em grego e em alguns outros idiomas, mas acredito que português não; a comunidade de língua portuguesa aqui é pequena e acredito que apenas sofrem os efeitos da crise local sem interferir.”

“Arquimedes, você me disse que ele esta forte o suficiente para tomar um corpo humano. Acredita mesmo que isso seja possível?”

“Sim! E por sinal ele já o tem. O nome é Aahbran, um jovem a quem se credita ser um Kallikantizaroi, a título informativo o mesmo que me ateou fogo; isto já numa fase de domínio quase completo do egrégora.”

“Esta me dizendo que ele controla o corpo do jovem?”

“Sim! E mais, acho que ele pode se transportar por inteiro para o corpo de Aahbran. Em outras palavras, se tornar humano; apenas no sentido físico da palavra é lógico.”

“Vinícius existem relatos de egrégoras em corpos humanos, sob condições desconhecidas; é verdade.” Lembrou Romilda.

“Então, o que aconteceu entre você e o rapaz deve ser seu elo com o egrégora, acho que podemos explorar isso; consegue provocá-lo para uma transferência para o corpo do rapaz.”

“Não sei, nunca tentei. Não acho correto!”

“Você pediu ajuda, ao menos faça o que estou pedindo; tente pelo menos.”

Arquimedes começou a falar em grego:

“Eurípedes, eu sei que você pode se transferir para o corpo de Aahbran, que tal fazer isso agora, afinal você sempre fala isso, mas nunca provou que pode fazê-lo.”

“Poder eu posso, mas não quero. Não tenho que provar nada. Mas... pensando bem, posso apresentar Aahbran para esta moça linda aí do seu lado.” Apontou para Anne.

“Ela vai conosco, tem minha palavra.”

“Você não entendeu, você me quer em um corpo físico, também quero que ela esteja da mesma forma; matéria com matéria. É assim ou nada!”

“O que ele disse?” Notando o ar de contrariedade de Arquimedes, que mantinha a cabeça abaixada e balançando, Vinícius quis saber.

“Ele concorda, mas quer que Anne esteja presente.”

“Tudo bem, diga que concorda.”

“Você não entendeu, quer que ela esteja no corpo físico.”

“O quê?”

“Pegar ou largar Vinícius, mas é um campo inexplorado; pode ser perigoso.”

“Vamos ganhar tempo, diga que concordamos, mas que ela mora longe daqui e vai demorar um pouco.”

Arquimedes repassou a informação em grego e se despediu em nome de todos.

Combinamos um novo encontro em outra ocasião e partimos.

Já na fazenda, continuamos todos exteriorizados para podemos manter a companhia de Alfredo e passamos a tratar desse problema e daquele que tinha ficado pendente; Nibiru.

O próprio Alfredo resolveu começar:

“Quanto a Nibiru, eu vou pensar melhor sobre tudo e volto a fazer contato.” Depois continuou:

“Quanto ao Egrégora Eurípedes, não sei se o assunto é para ser tratado dessa maneira, afinal vai depender de uma viagem à Grécia.”

Aproveitei a deixa de Alfredo e decidi:

“Acho que podemos começar por uma análise de risco. Não sabemos qual é a intenção do egrégora e nem sabemos se vai cumprir sua parte no acordo. Afinal, não é uma viagem daqui até a esquina e temos muitos assuntos em andamento; e pior, tudo demanda certa urgência. De minha parte deixamos isso de lado até sabermos o que de fato e de prático vamos fazer lá.”

“Bom... o chefe disse, está dito. Boa noite Alfredo.”

“Boa noite Romilda. Anne, Vinícius.”

CAPÍTULO 30

Nunca a dificuldade de conciliar o tempo necessário com o disponível se apresentou tão apertada.

Veza por outra Vinícius divagava entre uma e outra coisa sem chegar a um consenso.

Noites seguidas sem conseguir concentração em um objetivo claro só vinha complicar ainda mais a questão.

Foi numa dessas vezes que ele teve um sonho, nele Vinícius estava no Templo da Irmandade pensando sobre o caso do egrégora grego enquanto uma cena de destruição tomava conta de cidades: terremotos, maremotos, tsunamis, guerras, saques e toda a sorte de catástrofe e violência.

Ainda no sonho ele via o egrégora, desta vez na forma humana de Aahbran comandando rebeliões, greves, depredações e, pior, centenas e centenas de pessoas aderiam a ele e sob seu comando a turba enraivecida passou a dominar a cidade, o país, os países vizinhos e continuava avançando.

As adesões eram aos milhares, em seguida milhões, atingindo em pouco tempo bilhões de pessoas enraivecidas e descontroladas.

Acompanhou a formação de um egrégora de proporções nunca vista ser alimentado por pessoas de toda parte do planeta e em seguida a fusão entre todos os egrégora malignos e a sua juntada ao cascão no espaço.

O novo ser agora tomou a forma de uma mão ensangüentada apertando o planeta qual se esmagasse um tomate podre. Na verdade, o Egrégora de Sangue controlava o planeta.

Artefatos nucleares explodiam por todos os cantos do globo, os poucos sobreviventes, que se matavam uns aos outros, agora se resumiam a uns poucos desesperados por comida sendo dizimados por pestes e doenças.

Ao final, Vinícius pode ver apenas uns poucos focos isolados de comunidades rurais vivendo quase na idade da pedra, ainda lutando com paus e pedras.

Em seus pensamentos se via impotente para deter a tragédia:

“O problema não tem solução!”

Foi aí que uma voz, vinda não se sabe de onde, disse:
“Todo problema tem solução Vinícius!”

Ele tentou localizar de quem era aquela voz, olhando de um lado a outro, enquanto ela continuava:

“Mesmo que seja a solução final!”

Em instantes apareceu um machado em suas mãos. Vinícius ficou por instantes apenas olhando para o estranho instrumento. Não era uma ferramenta de cortar lenha e sim uma arma usada em decapitações na idade média. O sonho acabou e ele pareceu ter entrado em sono profundo.

No outro dia ele não conseguia qualquer concentração no trabalho, a figura do machado o perseguia por todo lado. Resolveu não fazer qualquer comentário sobre o assunto. Para desviar os pensamentos começou a pensar em sua involuntária visita a Nibiru, procurou focar detalhes que por certo haviam escapado à sua percepção: do cordão mencionado por Anne pode rever o brilho de luz azulada; uma área de influência com vinte ou trinta quilômetros de altura e um diâmetro de mais ou menos um metro.

Nesse vagar acompanhou Anne que chegava de um passeio caminhando de mãos dadas com Junior, o menino quando o viu na varanda soltou a mão que se agarrava à da mãe e correu ao seu encontro ainda com passinhos meio inseguros.

Aquela visão praticamente abriu uma nova perspectiva em sua mente, com o menino nos braços foi ao encontro da mãe dele.

- Anne, lembra o que disse quando viu o cordão ligando os planetas?

- Sim! Disse que parecia o cordão prateado! Mas o que isso tem a ver?

- Não! O outro termo que usou.

- Que parecia um cordão umbilical. Qualquer mãe pensaria isso.

- Lembra o que eu disse?

- Sim! Que a terra estava em gestação!

- Pois eu estava errado! Nibiru está em gestação!

Romilda que se aproximava ouviu parte da conversa e acrescentou:

- Lógico, Nibiru é 280 vezes maior que a Terra e, pelo que se pode concluir, tem um ciclo evolutivo mais avançado. O que o levou a pensar assim?

- Espere eu conferir uma coisa. Anne, você lembra as medidas do cordão que viu?

- Medidas eu não lembro, mas era como um tubo uniforme rumo ao espaço.

- Sem área de influência do cordão?

- Sim! Nada que lembrasse esta condição, eu me lembraria.

- Pois por uns trinta quilômetros acima de Nibiru ele tem mais ou menos um metro de diâmetro!

Depois disso as duas concordaram que ele tinha razão, a Terra era o feto.

Romilda estava introspectiva, ficou assim até estarem sentados na varanda; Junior havia ido para o quarto, agora de mãos dadas com Rodriguinho.

“O corpo da mãe esta absorvendo o feto!”

“Inverteram o fluxo de energia!”

“E potencializaram com a lança!”

Chegaram à conclusão que eles tinham pressa, agora acreditavam que aquele futuro não era muito distante; com isso seus prazos para resolverem esse problema também encurtavam.

Na noite seguinte Arquimedes fez contato, tinha tido as mesmas visões futurísticas, e, segundo ele, viu caos em todos os lugares do globo ao final daquele ano. Disse ter uma noção quase precisa da data, pois havia visto o enterro de seu corpo. Sabia agora também que os médicos haviam colocado um tempo limite às suas pesquisas: 31 de dezembro de 2016.

“Qualquer coisa que formos fazer temos que fazer agora!”

Vinícius acordou com aquilo na cabeça.

- Anne, que tal visitarmos a Grécia?

- E eu? Estou fora dessa é.

- Não! Romilda, você fica aqui com as crianças.

Explicou a Anne seu plano de provocar a total interiorização do egrégora Eurípedes em Aahbran.

- E fazer o quê?

- Confie em mim.

Os planos para a viagem incluíam a saída do Aeroporto Internacional de Guarulhos e haviam decidido que viajariam uns dois ou três dias antes. Queriam um tempo para ver Marisa e saber como as coisas estavam se desenrolando por lá.

Após fazerem o *check-in* de hospedagem foram visitar Marisa e Raquel. Enquanto as mulheres conversavam, ele e a filha andaram alguns minutos pelo pátio do prédio. Conversam sobre estudos, situação financeira, vida amorosa e uma infinidade de outras coisas. Vinícius ficou de estudar um aumento no valor da pensão e um valor para algumas coisas que ela queria comprar. No mais, não achou nada de perturbador.

Quando voltaram para o hotel Anne falou que estava preocupada com as duas e que o comportamento delas foi ensaiado. Ela sabia da política de não interferência de Vinícius e respeitava; por essa razão, se tinha decidido checar tudo no astral nada disse.

Saíram duas vezes os três; Anne, Marisa e ele. Compraram presentes, algumas coisas que Marisa disse estar precisando e retiraram algum dinheiro para deixar com a menina; na verdade uma bela moça.

O *comitê de recepção* na Grécia foi um grupo de manifestantes e acharam que seus planos para visitaçãõ a alguns pontos turísticos estariam comprometidos.

Estavam enganados e por dois dias passearam livremente por Lárissa. Foram ao hospital e obtiveram, indiretamente, a confirmação de que os aparelhos que mantinham Arquimedes vivo seriam mesmo desligados no final do ano; na verdade as palavras do médico foram de que o estado clínico se agravava dia a dia, fariam o impossível, mas duvidavam que sobrevivesse até o final do ano. Agradeceram pelos procedimentos adotados para com um conterrâneo e deixaram um cartão para os

informarem se ele viesse a falecer, deixando claro que aprovavam tudo que fosse feito para ele ser mantido com vida; não faltou o até *enquanto há vida há esperança*.

Arquimedes, Anne e ele combinaram que promoveriam o encontro entre Aahbran e ela logo ao escurecer, o local escolhido foi uma praça erma nas cercanias da cidade.

Ele comentou que não seria problema porque o egrégora já sabia de presença deles em Lárissa e que Eurípedes tinha total controle sobre o rapaz; com certeza o levaria até o local marcado.

Precisavam ter certeza da completa interiorização, por esta razão Vinícius ficaria em astral com Arquimedes e voltaria ao físico quando isso ocorresse.

No entender de todos, nesta hora os laços que uniam o egrégora às pessoas seriam rompidos e não voltariam a ser religados uma vez que isso demandaria uma emissão de vontade das pessoas ligadas a ele.

Os outros dois não sabiam o que Vinícius pretendia fazer com Aahbran, ele era um risco tão grande quanto o egrégora ou ainda maior; seria um ser humano capaz de empregar o mal em todas as suas formas. Ele, por seu lado, tinha uma decisão tomada: a alternativa do diabo.

Anne aprendeu com Arquimedes a pronúncia correta em grego tanto do nome Aahbran, bem como do endereço que diria ao taxista; um local residencial próximo à praça do encontro. Em astral percorreram o caminho que ela faria para chegar até lá e escolheram o ponto exato para onde ela deveria se dirigir quando encontrá-lo. Infelizmente não localizaram o rapaz para que ela o visse; Arquimedes fez uma pequena descrição.

No horário combinado estava na praça escolhida, não precisou andar muito, do condomínio até ali não eram mais que duas quadras. Anne vestia um traje esportivo semelhante ao que havia se apresentado em astral e mantinha o cabelo solto.

Quando chegou um jovem esperava por ela.

- Aahbran?

- Sim! Você é muito mais bonita neste mundo das cores.

Não sem certo susto com a excelente pronúncia em português, mas também com a original forma de galanteio; Anne simplesmente agradeceu. Não tinha como saber se o egrégora havia se transferido por completo. Precisava ganhar tempo até a chegada de Vinícius.

- A noite na Grécia é uma beleza!

- Sim, nos orgulhamos de nosso clima.

Anne ficou pensando que o rapaz à sua frente, gentil, bem arrumado, coerente na fala, nada tinha a ver com o drogado que esperava encontrar; porém, não fez qualquer comentário. Convidou o rapaz para andarem pela praça enquanto conversavam.

Minutos depois Vinícius chegou ao local por um caminho diferente do percorrido pela esposa e foi ao encontro do casal.

- Acho que seu segurança esta chegando.

- É um amigo!

- Pensei que fosse seu marido.

- Não somos casados de verdade, se é que me entende.

- Mas não deixa de ser seu marido.

- É! Isso é verdade! - lembrou ter escondido o fato por não saber que emoção despertaria em Aahbran, ou em Eurípedes; na verdade não tinha certeza de quem estava com ela naquele momento. A excelente dicção em português e os assuntos variados a estavam deixando confusa.

- Boa noite! – disse Vinícius se aproximando.

- Boa noite! - respondeu o rapaz, evitando a mão que lhe era estendida.

- Anne, você pode voltar ao hotel, Aahbran e eu temos muito que conversar.

O rapaz não fez qualquer comentário. Antes de sair do astral Vinícius acompanhou a total transferência de Eurípedes para o corpo de Aahbran; um feixe de luz que levou alguns segundos para se dissolver no astral enquanto praticamente iluminava o corpo em terra. Arquimedes e ele estavam certos da completa interiorização; Aahbran agora era Eurípedes e Eurípedes era Aahbran.

Anne caminhou rapidamente até desaparecer no rumo do conjunto residencial.

Carregar um machado seria impossível, mas o serviço deveria ser completo para dar certo; de acordo com os planos anteriormente arquitetados por Vinícius e Arquimedes.

Assim que o rapaz começou a caminhar à sua frente uma lâmina de aço brilhou por alguns segundos nas mãos de Vinícius. Em seguida, um movimento de braço à frente do pescoço de Aahbran, um deslocamento de puxar de um lado para outro, e um corte apareceu até atravessar a traquéia e a jugular. Não houve gritos ou gemidos apenas um baque do corpo ao chão.

“Sistema mongol! Prático quando a vítima se sujeita ou não sabe o que vai acontecer.”

Vinícius pensou enquanto rasgava algumas roupas do morto, aproveitando para limpar a faca. Desferiu vários chutes em algumas partes do corpo e vasculhou os bolsos à procura de objetos e documentos; nada foi encontrado. Num canto afastado da praça enterrou a faca no chão até o cabo e depois fez pressão com o pé até que desaparecesse por completo. Confirmou não existirem outras pessoas no local e voltou caminhando para o hotel; não queria o testemunho de um taxista.

Logo mais à noite Arquimedes comunicou que Eurípedes voltou ao espaço, fraco, semi-inconsciente; quase um cascão solto no espaço. Confidenciou que sua missão estava terminada e que agora poderia morrer em paz.

No dia seguinte uns noticiários davam o caso como um típico caso de latrocínio e que a vítima devia ter lutado com o assaltante, outros, que era um acerto de contas entre traficantes; dada a vida pregressa da vítima. Todos aconselhavam que não se reagisse em casos de assalto e lembravam a onda crescente de violência que assolava o país.

Anne e Vinícius embarcaram de volta para o Brasil no dia seguinte e não voltaram a falar sobre esse episódio.

Viagem longa, o cansaço, as emoções, tudo levou a um sono ainda a bordo do avião que os trazia para casa.

“Você é meu braço estendido na terra!”

A estranha voz do Templo da Irmandade apenas completou:

“Ainda há muito por fazer.”

No dia seguinte lembrava essas palavras e dos fatos acontecidos na Grécia apenas como parte de um sonho; suas preocupações de fato se concentravam na ligação entre a Terra e Nibiru.

Na noite daquele mesmo dia, sentiu que foi outra vez levado ao Templo da Irmandade, lá um misto de sonho e realidade apresentava uma mulher que havia dado à luz, mas ainda estava ligada à filha. Embora a criança não fosse velha, também não era uma recém nascida e a situação lhe causava sofrimento; em uma espécie de transe viu a criança ser eviscerada e esquartejada quando a mãe foi embora a arrastando pelo cordão umbilical. Quando Vinícius saiu do transe as duas ainda estavam lado a lado e um tronco apoiava o cordão, novamente um machado medieval apareceu em suas mãos. Ao acordar ainda se lembrava do golpe certo que havia separado as duas e de ter acompanhado a mãe ir embora até desaparecer na escuridão da noite. O bebê ficou livre e bem; não corria mais o risco de ser destruído pela mãe.

No dia seguinte Romilda informou que uma estranha nave em forma de disco transportou homens armados a Akakor e que agora eles estavam acampados na superfície próxima ao Angelinzeiro. Informou também que ela pegou uma *carona* naquela espécie de nave e que eles têm mesmo uma base na Antártida e um domo artificialmente construído estava diretamente ligado ao de Akakor. Completou dizendo:

- Eles têm um complexo sistema de teletransporte ligando os dois portais, semelhante ao que vocês contaram existir em Nibiru.

- Romilda, você tem que transportar Anne e eu para lá; ainda bem que Arquimedes nos ensinou essa forma – resumiu Vinícius.

- De qualquer maneira, Vinícius e Anne, eu não sei se vivemos em um buraco negro, mas com certeza a Terra está ligada a um. Essa Ponte de Einstein-Rosen deve ser destruída, ou será o fim do nosso planeta.

- A Romilda pode ter razão Vinícius, eles podem estar transferindo tudo que lhes é importante e todos os seus para Nibiru; abandonando o barco.

- É isso aí! Igual nos navios afundando.

- Os ratos são os primeiros!

Uma visita a Akakor bastou para ver a superfície tomada por forças mercenárias, homens bem armados e que se podia dizer bem treinados; temiam uma operação por terra para retirar o artefato sacro.

A ida deles à Antártida confirmou estarem em fase final de transferência de tudo e todos para Nibiru.

Enquanto relembrava todos os fatos passados, não pode evitar pensar em Hitler e concluir:

“Ele organizou tudo daqui, aquilo foi apenas o Comitê de Honra; não tinham necessidade de ir a Akakor. Um corpo velho não lhe era de valia alguma; lembrou do jovem dirigente em Nibiru.”

Vinícius agora tinha a certeza do que precisava fazer, e fazer urgentemente. Sabia também que precisava de ajuda, só não sabia onde buscá-la.

“Ou sei!?”

Naquela mesma noite entrou em contato com Hu Lian, explicou em detalhes tudo o que sabia; o que vinha acontecendo, o que temia acontecer e o que precisava ser feito. Aceitou mostrar tudo a ela e a mais alguém se fosse necessário.

“Não há nada que eu possa fazer a não ser passar a frente essas informações. Em nosso regime não posso me furtar nem a isso, mesmo que me pedisse agora para não fazê-lo; eu tenho!” Disse a garota.

Na noite seguinte Hu Lian apareceu acompanhada de mais duas pessoas, projetores experientes; se pode notar. Vinícius mostrou Akakor, os poderes da lança, transportou-os um a um a Nibiru, à base na Antártida; fez um relato completo do seu plano para cessar a interferência externa

Menos de uma semana depois Hu Lian voltou com seus anteriores acompanhantes que nunca quiseram se identificar. Foi um deles que falou:

“Precisamos de um alvo físico sobre o local, um alvo identificável; impossível uma operação desta natureza sem alguma coisa concreta. Há de convir conosco que não podemos fazer mira em uma árvore; não na Amazônia. Precisamos de um objeto metálico por sobre as árvores!”

“Um pequeno avião serviria?”

“Sim! Mas não preciso dizer que na verdade ele será o alvo.”

“Eu tenho um avião, posso pilotá-lo e ficar sobrevoando o local.”

“Não vai sobreviver a uma explosão nuclear senhor Vinícius.”

“Isso não importa!”

No dia e hora combinados, Vinícius mandou encher os tanques do Cessna, o que foi estranhado por alguns funcionários já que havia dito ir apenas a Tucuruí; como de praxe. Mas ninguém disse nada.

O vôo era longo, mas ainda pode pensar que mais rápido com este avião do que com o antigo. “Cem quilômetros a mais por hora ajuda bastante.”

As coordenadas que ele tinha inserido no GPS foram praticamente precisas. Dois ou três sobrevôos e ele estava certo de estar sobrevoando o angelinzeiro; voava o mais rente possível às árvores e fechava o círculo ao máximo em cima do alvo. Sabia ser impossível ver qualquer movimentação lá embaixo; a densidade da floresta encobria tudo. Acima e ao longe viu uma esteira de condensação numa trajetória inclinada vindo veloz em sua direção; foi tudo que pode ver.

Ao entardecer as moças estavam preocupadas com a falta de contato com Vinícius.

- Já era para ter chegado, se fosse dormir por lá devia ter avisado.

- O celular está desligado ou fora de área.

O noticiário da noite trazia informações da aeronáutica ter abatido uma aeronave de traficantes sobre uma região erma e desabitada dos céus da Amazônia.

Por traz dos bastidores um pedido formal de desculpas do Governo Chinês por um míssil avariado que precisou ser sacrificado sobre a Amazônia brasileira, justificando que o artefato nuclear foi detonado por acidente; ainda, que o mesmo tinha sido

disparado acidentalmente de um submarino em manobras de treinamento. Na mesma missiva o Governo Chinês pedia autorização para enviar peritos em descontaminação radiativa e assumiam total responsabilidade sobre possíveis danos ambientais e materiais causados a terceiros. Pedia sigilo absoluto sobre o caso e oferecia compensações significativas na área comercial.

No dia seguinte o desaparecimento da aeronave foi comunicado às autoridades que prometeram investigar e mantê-las informadas.

Romilda foi a Akakor e quando viu o tamanho da destruição pode ligar um fato a outro. Em sua cabeça responsabilizava os *nazis* por tudo.

“Mas o que Vinícius estaria fazendo aqui com o avião?”

Lembrou de ele ter completado os tanques antes da viagem.

Anne não se conformava de Vinícius não ter contado o que tinha em mente, mas sabia que ele obedecia a ordens superiores; ela também.

Em poucos dias o relatório da aeronáutica informava que traficantes haviam seqüestrado o avião e que os tripulantes resistiram à interceptação. Sem ter como saber que Vinícius estava a bordo um caça da força aérea havia abatido a aeronave. Que os corpos já haviam sido resgatados da área dos destroços e o corpo de Vinícius seria entregue em caixão lacrado, dado o estado em que tinha sido encontrado; lamentavam pelo *incidente* e que os soldados agiram no estrito cumprimento do dever legal.

- Lamentam pelo incidente. - disse Romilda.

- Por algum motivo não interessa a eles divulgar os verdadeiros fatos e nem a nós que os verdadeiros motivos sejam apurados. Vinícius sabia o que estava fazendo! Só não sei como ele conseguiu isso, aquilo foi uma explosão nuclear; só que não existe nenhuma nota a respeito disso.

- Corpos, que corpos... Vinícius estava sozinho, temos certeza disso; isso foi dito apenas para validar a versão deles. Com certeza vão nos entregar um caixão vazio ou com uns restos de corpo qualquer dentro.

- Seja como for vamos receber, chorar um pouquinho, e enterrar. E com ele o assunto também. Estamos conversadas?

- Certo Anne, não se fala mais nisso. Explicamos para as crianças que o pai morreu em um acidente aéreo e pronto.

- Vamos comunicar Raquel e pedir que mande Marisa para o enterro.

Anne agora era uma pessoa prática e do outro lado Mit sabia que agora estava na condição de mago branco. Sua vez tinha chegado e o que a preocupava era saber que havia sido informada poucos tempo depois de Vinícius; seu tempo também estava acabando. Olhou para Romilda por alguns instantes e não pode evitar que os olhos enchessem de lágrimas enquanto falava:

- Não se esqueça que eu te disse que você iria criar meu filho.

- Nunca esqueci aquilo... esquece... você ainda vai viver muito.

Abraçou a amiga sem muita certeza do que dizia.

A chegada de Marisa foi uma benção para Rodriguinho e Junior que sentiam muito a falta do pai. A menina parecia mais adulta, reagiu bem à perda, e se prontificou a ficar com as crianças enquanto elas cuidavam dos preparativos; afinal havia os funcionários, comerciantes e fazendeiros vizinhos que compareceriam ao enterro.

Vinícius seria enterrado na cidade vizinha, o corpo já tinha sido entregue pelas autoridades naquela cidade.

Elas estavam na varanda conversando com alguns funcionários quando escutaram um estrondo vindo do interior da casa.

- Isso foi um tiro! - falou um dos presentes.

Anne correu para dentro e ao entrar no quarto viu Rodriguinho caído ensanguentado, Marisa tinha nas mãos a espingarda de dois canos que Vinícius usava para caçar.

- Surpresa em me ver Anne?

- Aahbran? Eurípedes?

Marisa sorriu enquanto resmungava alguma coisa em grego e apontava a arma para Junior.

- Não! - Anne entrou na frente do garoto e recebeu a carga de chumbo à altura do peito.

Anne estava agonizante, quando os demais entraram no aposento já não conseguia falar; morreu em seguida.

Marisa com voz chorosa de criança apenas dizia:

- Eu não sei o que aconteceu... eu não sei o que aconteceu...

- Tirem a arma da mão dela - gritou Romilda.

- Não oferece mais perigo, os dois cartuchos foram disparados.

Um dos funcionários, Salgado, parceiro de caçadas e pescarias de Vinícius caminhou lentamente até a menina enquanto procurava acalmar a mocinha:

- Foi um acidente! Dê-me a arma menina.

Pegou a arma e com os braços no ombro da garota que chorava muito continuou:

- Armas são perigosas meu bem, não devia ter mexido nela - parecia chorar cada palavra.

Romilda pegou Junior no colo, o garotinho estava bem, embora assustado; pareceu esquecer o filho ensanguentado.

- Tragam um médico.

- Não temos médicos aqui dona Romilda e mesmo que tivéssemos, essa é uma espingarda calibre doze, exatamente porque são necessárias doze esferas de chumbo puro do diâmetro do cano para atingir uma libra de peso. Ninguém resiste aos ferimentos dessa arma nessa distância.

Romilda ficou pálida, balbuciou algumas palavras que ninguém entendia:

- Calibre 12... 12... 12... 12 esferas... 12 esferas.

Tinha se lembrado do estranho sonho de Vinícius.

No astral Mit se encontrou com Djou e conversavam calmamente enquanto andavam espaço a dentro:

“Rodrigo foi para um plano superior; será que o veremos logo?”

“Quando ele quiser; o contato tem que ser de lá para cá. Você sabe!”

“Sim! Folguei em ver que o que restou de Eurípedes abandonou Marisa e voltou para a Grécia.”

“Eu também!”

“Mas ainda está lá! Os gregos que se cuidem!”

“As demais coisas na Terra não melhoraram muito!”

“Se houvesse uma união de egrégoras seria pior!”

“Mas o cascão ainda está lá em cima!”

“Quem está vivo que se cuide!”

“Falando em vida, acho que nos roubaram alguns anos de vida física, não eram sete anos o tempo de um mago branco.”

“Sim! Mas contam o tempo deste lado... e nós avançamos no futuro quando fomos a Nibiru.”

“Deixa prá lá! Uma coisa interessante, Rabolu o chamava de Hercobulus, e dizia que a única forma da humanidade se salvar do cataclismo seria se libertar dos defeitos psicológicos e *da projeção astral consciente* e foi exatamente isso que evitou o pior.”

“É! Trocando de assunto, não sei como engoliram aquela dos *chinas* de descontaminação do solo; eles só queriam encontrar a Lança do Destino.”

“O governo não tinha como saber!”

“Agora, com ela em mãos, eles dominarão o mundo... ela esteve nas mãos de todos os conquistadores.”

“Dominariam de qualquer forma, a lança só vai acelerar o processo!”

“Espero que eles saibam o que estão fazendo.”

“Ei!!! Eles quem cara pálida... você não viu no futuro que eu estou para nascer chinesa.”

“Bom... resta-me o consolo das probabilidades... tenho pelo menos uma chance em cinco de nascer chinês também.”

“É isso aí! Vamos torcer para nos encontrarmos, mas relacionamento físico só se um for homem e outro mulher, acho que não tenho tendência homossexuais; ou tenho?”

“Sei lá! Nem eu sei!”

“O que fazemos agora?”

“Nada! Aguardamos a próxima missão!”

“Encarnação você quer dizer?”

“Não é a mesma coisa!”

E desapareceram na imensidão do espaço.